

D E V O Y
INTUERI
livro 2

PAULA VENDRAMINI



ME
MODO
Editora

2ª edição



EDITORA MODO – 2016
SELO LUMUS

INTUERI
2ª Edição

PAULA VENDRAMINI

Copyright © 2014 by Paula Vendramini

Título: Intueri

Linha literária: Ficção Juvenil

seriedevoy.com.br

[contato: celebriant@gmail.com](mailto:celebriant@gmail.com)

Designer da capa: André Siqueira

Revisão: Roxane Norris

Versão e-book: Lhaisa Andria

2ª edição em 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

Aparecido Toledo Melchiades – CRB1-2353

2. ed.

Vendramini, Paula

Devoy 2 / Paula Vendramini. - 2. ed. - Campo Grande, MS : Modo, 2015.

ISBN 978-85-8405-059-8

1. Ficção brasileira. I. Título.

15-28965

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

09/12/2015 10/12/2015

Todos direitos desta edição reservados à

MODO Editora - Rua Guatemala, 376, Jacy - Campo Grande - MS

e-mail: comercial@modoeditora.com.br

www.modoeditora.com.br

“Cada vez que você faz uma opção está transformando sua essência em alguma coisa um pouco diferente do que era antes”.

C.S.Lewis

Agradeço a minha família, sem ela esse livro não estaria aqui.

Aos meus amigos alternativos selecionados, sempre presentes e onipresentes também.

*Aos leitores que sempre me incentivaram a continuar, principalmente Maíra e Guilherme
(TL).*

E a todos que leram o livro um e vão ler esse, boa leitura!

SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo 1 – A mulher na neve

Capítulo 2 – Algo para viver

Capítulo 3 – A história da Oculta

Capítulo 4 – A Base

Capítulo 5 – O poder da *Intueri*

Capítulo 6 – O sentimento estranho

Capítulo 7 – A energia em potencial

Capítulo 8 – A batalha em Sol Poente

Capítulo 9 – A volta

Capítulo 10 – O homem perfeito

Capítulo 11 – A marca maldita

Capítulo 12 – A viagem

Capítulo 13 – O resgate de Saori

Capítulo 14 – O Manuscrito

Capítulo 15 – A resposta de Saori

Capítulo 16 – A assassina

Capítulo 17 – O Escolhido

Capítulo 18 – O início do plano

Prólogo

Ano 580 da Era dos Justos.

Sua vila já não era mais segura. A guerra começava a estender suas sombras sobre o que lhe era familiar. Sabia o que eles queriam e sabia que não conseguiria esconder os Manuscritos por muito tempo. Não ali. Estava receosa. Seu medo maior era a certeza de que eles não queriam somente possuir o que ela estava guardando. Aquelas pessoas queriam destruí-los, apagar sua existência, liquidar toda a esperança...

Correu até encontrar a cabana que procurava, segurando suas vestes para ninguém notá-la. A noite estava escura, com a lua completamente obscurecida, nunca um bom sinal. Bateu levemente na porta, esperando com ansiedade. Aquilo era importante demais. A porta se abriu com um gemido baixo, mas a pessoa estava ali a esperando.

— Você viu, também, não foi? — perguntou, ao ver a expressão da mulher à sua frente.

— Sim. — ela anuiu, pedindo que entrasse na casa.

A mulher era jovem, com no máximo vinte anos. Tinha cabelos brancos, sempre

disfarçados por um véu. Era uma menina silenciosa, que cuidava de seu mundo e apenas dele. Viera para aquela vila há pouco tempo, mas Kalina sabia que podia confiar nela. Morava com seu irmão mais novo, de quinze anos, e eram orfãos. Pelo que ela soubera, eles fugiram de uma vila afastada dali, mas também em Priori. Esse era o máximo de informação que ela permitia que os outros soubessem a seu respeito, e apenas Kalina sabia do seu maior segredo: o poder *Intueri*, como ela própria.

As duas se sentaram no sofá de couro gasto, encarando uma a outra com preocupação. Kalina já não era tão jovem, beirava os cinquenta anos, e não tinha mais a mesma disposição. Pela corrida até a casa da mulher, sentia-se cansada.

— Kalina. — ela murmurou, dando um sorriso triste — Teremos que partir, não é mesmo?

— Sim, Aaminah. A partida é inevitável! — murmurou, sentindo o desânimo invadi-la de uma forma terrível — Eu estou há anos nessa jornada, com o Manuscrito em minhas mãos. Estou cansada.

— Eu entendo... Eles descobriram sobre você, então? — perguntou ela, baixinho — Era sobre isso que aquela visão se tratava?

— Sou a única *Intueri* em meio a milhares de pessoas diferentes! — respirou fundo,

encarando os olhos azuis da jovem – Ajudo essa vila há quase dez anos... Eles me achariam em algum momento.

— Eu também sou! – resmungou Aaminah, inquieta.

— Fale baixo! – grunhiu Kalina, irritada – Ninguém além de mim sabe disso... E ninguém mais saberá.

— Do que está falando? – perguntou Aaminah, aproximando-se.

— Como eu lhe disse, a partida é inevitável, mas eu não vou partir. – ao ver a expressão de choque e compreensão de Aaminah, deu um sorriso indulgente – Você sabia que carregaria o fardo consigo.

— Eu... – ela abriu a boca sem saber como continuar – Não sei se consigo, Kalina. É uma grande responsabilidade.

— E você está apta. Será a Protetora dele, até achar outra pessoa apropriada para cuidá-lo.

Aaminah anuiu, completamente terrificada. Kalina sorriu e abraçou aquela garota, que tanto lembrava sua filha Milena, morta há muito tempo no massacre de sua vila. Balançou a cabeça, dispersando pensamentos tristes. Precisava ajudá-la, pois sabia a importância que Aaminah e seu pequeno irmão teriam com os *Intueris*.

— Isso é delegado aos *Intueris* desde sempre! Como lhe contei, não está completo.

Mas tente compreendê-lo. – respirou fundo, sentindo sua *Intueri* agir e lhe informar o caminho – Agora, você tem um caminho a seguir... E eu vou lhe guiar.

Capítulo 1 – A mulher na neve

Ano 612 na Era dos Justos

Um dia depois, na Base dos Rebeldes.

As Montanhas Azuis pareciam brilhar naquele fim de tarde. A neve estava caindo com mais intensidade naquele dia do que em todos os outros na última semana. O vento frio passava sibilando entre as árvores secas e traziam consigo todo o gelo que podiam carregar. O céu estava pesado e escuro, provocando uma noite precoce que parecia durar para sempre. Sempre quisera se sentir em paz, e dificilmente aquilo acontecia com ele, então estava aproveitando, o máximo que podia, o silêncio e a beleza que presenciava. Desde que saíra de sua cidade natal, Cancrec, para a Base Anciã nas montanhas, sentia certa liberdade, apesar de isso não impedir o martírio de sua consciência pelos seus desejos inquietos.

Jean respirou fundo e levantou-se, dando um leve aceno com a cabeça para o guarda do posto de observação. Não havia dormido nada na noite anterior e esperava poder descansar assim que acabasse a reunião com os Anciões, mas não conseguira chegar perto de sua cama. Sempre que parecia livre, surgiam mais coisas a serem feitas. E assim, lá

estava ele novamente, quase ao pôr-do-sol invisível pela neve, no posto de observação norte.

Ultimamente sua *Intueri* estava impossível de aguentar, mostrando-lhe algumas coisas muito estranhas, coisas que nem Aaminah conseguira explicar. Em muitas das visões ele relembrava a conversa dele e da anciã, no dia que ela o convenceu a vir para a Base e, então, tudo virava um borrão com imagens desconexas.

Pegou-se, então, pensando no que ela lhe falara naquela noite, há muito tempo. Sua vida até aquele momento havia sido muito difícil. Ser um *Intueri* e crescer em um mundo onde os Ocultos dominavam era complicado. Quando Aaminah o encontrou, contou-lhe coisas que nem mesmo ele sabia, explicou muitas outras e convidou-o a se juntar aos conhecidos Rebeldes. Não que houvesse sido fácil para ela convencê-lo, mas a mulher tinha um dom muito poderoso e suas palavras geralmente se concretizavam. Então, por seus próprios olhos, resolveu ver se aquilo realmente acontecia. Até aquele instante, passado oito anos daquela conversa, algumas coisas ainda não se haviam concretizado, mas não estava tão preocupado assim. Quanto mais tempo demorasse, melhor para ele.

Resolveu, então, verificar os arredores antes de poder finalmente ser dispensado de suas obrigações. Sua vontade era dormir e não acordar até o outro dia, mas alguma coisa dentro dele estava se remexendo inquieta, e com aquilo seria impossível pegar no sono. De

repente, sem conseguir se conter, ele correu até os estábulos e pegou seu cavalo, Hagen.

Ouviu o guarda gritar para Jean parar, que aquilo era suicídio, mas não lhe deu ouvidos. Mesmo agora, no meio da tempestade e comprovando por si mesmo, não podia voltar atrás, precisava continuar. Enfrentava o vento, a neve e a falta de luz, tentando convencer a si mesmo de que não estava fazendo uma loucura. Mas uma certeza maior do que seu bom senso o impulsionava a seguir em frente, mesmo que não soubesse aonde chegaria.

Uma rajada mais forte o fez cobrir o rosto com os braços, e, por um momento, perdeu a direção e Hagen tropeçou em algo, caindo em um declive e deslizando sem conseguir se conter até parar.

Aquilo decididamente fora o bastante! Daria meia-volta e retornaria para a Base, sem se importar se sua *Intueri* gritasse em protesto. Mas, assim que se colocou em pé, a inquietação em seu estômago aumentou e ele apurou seus sentidos, fechando os olhos e mergulhando em seu poder. Sentiu uma vibração estranha no ar e abriu os olhos, sabendo exatamente onde olhar. Alguns metros ao sul de onde estava, conseguiu distinguir, entre a tempestade, o que parecia ser uma trilha de roupas.

Rapidamente, subiu em Hagen e fez com que se aproximasse e, chocado, percebeu que não era somente uma trilha de roupas, mas sim, uma *pessoa*. Havia uma pessoa

morrendo na neve, e a sua *Intueri* dizia que era preciso salvá-la imediatamente.

A mulher estava coberta com uma leve camada de neve, fazendo-o pensar que ela não devia estar há muito tempo ali. Aproximou-se mais, sentindo seu estômago revirar novamente, para verificar se ela estava morta. Estava caída de lado, com metade do rosto virado para o lado das Montanhas, e não se movimentava. Sentindo uma urgência sem explicação, ele colocou o dedo indicador e médio no pescoço dela e sentiu seu pulso fraco e irregular, e a respiração estava tão lenta que ele mal a sentia. Sua boca e as extremidades estavam azuladas, e a pele levemente acinzentada. A mulher estava a um passo da morte. Sem pensar muito bem, pegou-a no colo, colocou-a em cima de Hagen e saiu galopando para a Base.

Hagen sempre tivera um bom preparo para corridas, mas correr na neve no meio de uma tempestade, e carregando duas pessoas, sendo uma delas um peso inconsciente, fazia com que o cavalo bufasse com o esforço. Entretanto, ele parecia sentir a urgência de seu cavaleiro, e se esforçava cada vez mais ao ver o posto Oeste se aproximar. Não sabia se estava fazendo a coisa certa, levando uma desconhecida para dentro da Base tão bem guardada dos Anciões, mas sua *Intueri* nunca lhe decepcionara. E, naquele momento, o que tinha que fazer era salvar aquela mulher de qualquer maneira.

Assim que passou pelas sentinelas, amarrou Hagen em uma pilastra e pegou a mulher

no colo, correndo desenfreadamente pelos corredores de pedra, sem nem olhar para os lados. A enfermaria usada como hospital era mais perto do posto Norte e um pouco longe de onde ele estava, mas não conseguia parar de correr. Tinha um ótimo físico e com certeza aquela corrida não seria um obstáculo. Porém, quando olhou novamente para a mulher sentiu seu estômago arder: ela parecia cada vez mais pálida, e forçou-se a correr mais rápido. Não tinha aprendido *Speede* (não se esforçara tanto, sempre achara que *Levita* era muito mais interessante), mas naquele instante se lamentou de não o ter feito. E se não conseguisse chegar a tempo?

Avistou então a enfermaria e deu um último impulso em sua corrida, entrando pela porta da frente quase sem conseguir parar. A recepcionista encarou-o e levantou-se assim que viu o que ele trazia nos braços, apontando para a emergência.

Colocou-a na maca que os auxiliares lhe indicaram e, rapidamente, a única *Curare* da Base aproximou-se da jovem. Apesar da juventude aparente, Phoebe Lynx era a *Curare* mais experiente que conhecera, principalmente quando se tratava de emergências. Respirando fundo, ele cruzou os braços, sentindo suas mãos suarem. Esperava que Phoebe conseguisse salvar aquela mulher, ou sua *Intueri* nunca o perdoaria.

Phoebe inspirou fundo, começando a examinar a jovem desacordada, e percebeu que

ela estava com a vida por um fio. Sua respiração estava muito fraca, na iminência de parar. Seu pulso era quase que imperceptível, seu coração estava arritmico e suas pupilas dilatadas. Rapidamente chamou sua equipe:

— Rápido, ela está com hipotermia grave, o coração pode parar a qualquer momento! Precisamos aquecê-la!

Os auxiliares da *Curare*, já acostumados com casos de hipotermia na montanha, retiraram as roupas da jovem e a cobriram imediatamente com um tecido escuro, e por cima colocaram um cobertor, guardando os pertences da moça em uma bolsa. Outros buscavam encontrar uma veia para colocar a infusão que havia sido solicitada.

— Doutora, não é melhor aquecermos ela rapidamente? – perguntou um jovem auxiliar, preocupado com a paciente.

— Não. Ela pode ter uma arritmia letal se fizermos isso.

— Estamos correndo a infusão doutora. – falou outro auxiliar.

Assentiu levemente com a cabeça, sentindo seu corpo tensionar. Continuava a averiguar os dados vitais da jovem. Os aparelhos dali eram muito mais simples do que os existentes em hospitais no mundo de fora, mas isso não a preocupava, pois sabia que o conhecimento e as habilidades que ela havia adquirido, aliadas ao seu dom, superavam as máquinas. Enquanto a examinava viu algo que a assustou, e rapidamente puxou as cobertas

da paciente até cobrir seu pescoço.

— Quem é essa jovem, Jean? – perguntou para o homem sentado em uma cadeira e parecendo transtornado, recuperando o fôlego – Eu nunca a vi no meio dos nossos.

— Eu *nom* sei, apenas a encontrei lá *forra* e a *trrouxe*. – ele falou, parecendo perceber algo – O que está acontecendo?

Phoebe olhou novamente para a paciente, inquieta. Ela estava morrendo.

— Ela já não tem mais energias para lutar. Preciso agir rápido!

Retirou suas luvas de proteção e colocou as mãos sobre a pele da face da jovem. Sempre vira seu poder como um dom, na verdade, mais que isso, como uma vocação que lhe foi confiada e que havia jurado usá-la apenas para salvar vidas sem distinção. Naquele momento, esse juramento estava sendo testado. Não importava quem era a jovem mulher à sua frente, pois ela estava morrendo e precisava de ajuda. A pele da paciente estava gelada e Phoebe sentiu que a energia da vida estava esvaindo-se muito rapidamente.

Concentrou-se, e seus sentidos aguçaram-se. Neste momento, era como se tudo ao seu redor parasse e sua mente procurasse onde as peças do quebra-cabeça não estavam se encaixando. Seus olhos viam as tênues linhas que ligavam cada parte do corpo, sua mente percebia precisamente onde aquele fluxo de vida estava sendo interrompido pelo frio extremo. Percebia quais os órgãos que estavam sendo afetados e sabia que eles precisariam

ser aquecidos; mais que isso, precisaria restabelecer a força vital e calar a dor naquele corpo que estava entrando em colapso.

Colocou sua mão direita sobre seu próprio coração e buscou a sensação que já sentira tantas vezes. Percebeu a energia em seu corpo aumentar, cada molécula, cada átomo de suas células vibravam, e, como pequenos rios de energia azul, tal como água, seu poder fluiu por seu braço e sua mão esquerda, e atingiu a face da jovem desacordada. Sentiu a energia da vida percorrendo os órgãos da paciente, emaranhando-se e pulsando em suas veias. O coração voltou a bater forte, sua pele ficou corada novamente, embora suas extremidades ainda estivessem frias. Mas a jovem ainda estava inconsciente: podia sentir que aquele corpo estava profundamente machucado e, ao mesmo tempo, era muito forte e talvez pudesse resistir, se sua alma permitisse. Havia dor. Essa dor estava dilacerando-a fora do alcance do seu poder, pois o espírito daquela jovem era ferido e quebrado, e nada poderia curá-lo além dela mesma.

Sentiu muito frio e suas pernas ficaram fracas. Instantaneamente foi amparada por dois dos seus auxiliares. Respirou fundo enquanto suas sensações voltavam ao normal, e agradeceu assim que conseguiu se por em pé. Todos seus auxiliares já estavam acostumados a esse “efeito colateral” dos *Curares*. Esse era um dos motivos que fazia com que fossem um alvo fácil se participassem de uma batalha, pois sempre ficavam indefesos até se

recuperarem completamente do uso do seu poder.

Foi até o lavatório e lavou as mãos e o rosto, e, assim que se secou, voltou até a jovem, encarando-a. Ela estava respirando normalmente e seus dados vitais melhoraram, mas seu estado ainda era preocupante. Agora, provavelmente estava travando uma luta dentro de si, algo que Phoebe não poderia ajudá-la.

Ela sentiu-se pesada de repente, como se uma sombra de medo estivesse apertando seu coração. Puxou o cobertor até quase cobrir a face da paciente. Preparou um medicamento, negando a ajuda de um dos auxiliares e infundiu na veia da jovem.

— Isto vai garantir que você não acorde por algumas horas. — ela sussurrou para sua paciente, passando gentilmente a mão nos cabelos dela.

Não sabia exatamente o motivo, mas gostara daquela mulher. Apesar de não ter *Intueri*, viver em um mundo onde existiam muitos deles fazia com que os outros poderes crescessem, e sentia que aquela mulher não havia chegado até ali para fazer mal aos Anciões. Percebeu que Jean aproximou-se e se colocou na frente da moça, obrigando Phoebe a olhá-lo.

— Ela vai *ficarr* bem?

— Sim... — Phoebe falou — Agora está descansando.

— O que *nom* está contando, Phoebe? — ele falou, aproximando-se da médica com

severidade – O que está acontecendo?

— Acho melhor você chamar os Anciões imediatamente, Jean.

A sala onde a paciente se encontrava estava toda fechada com cortinas. Dois guardas foram colocados do lado de fora, impedindo o acesso de qualquer pessoa não autorizada. Já estava quase amanhecendo quando Aaminah chegou e estava agora ao lado de Phoebe, examinando a paciente.

— Eu me assustei quando vi a marca, Aaminah, mas ela estava morrendo! – sussurrou Phoebe, preocupada.

— Ninguém está julgando você, Phoebe. – Aaminah encarou-a com seus olhos azuis e deu um sorriso gentil – Tenho certeza que você fez o que era correto aos seus olhos, e isso é o suficiente para mim.

Phoebe sentiu seu rosto ficar vermelho e olhou novamente para a paciente. Iria sobreviver, e era aquilo que importava. Aaminah encostou levemente a mão na testa da mulher e seus olhos se desfocaram. Um esgar de dor passou pelo seu rosto e, antes que a médica pudesse ver o que tinha acontecido, ela se sentou na cadeira ao lado da cama com a feição preocupada.

— O que aconteceu? – a médica aproximou-se, tomando o pulso da mulher nas

mãos.

— Phoebe, ela está morrendo. — falou ela, apontando para a maca.

Aconteceu tão rápido que ela não pensou duas vezes. Os aparelhos apitaram e Phoebe correu, chamando sua equipe. Uma linha reta se desenhcou em um dos monitores. O coração dela tinha parado.

Capítulo 2 – Algo para viver

Estava caminhando há horas. Aquele lugar era cinzento, e ao mesmo tempo tinha um brilho estranho que fazia com Celebriant sentisse seu corpo pesar. Percebeu que havia uma longa fila de pessoas à sua frente, todas elas cinzas e sem vida, como ela própria, que seguiam para uma luz forte e bonita, ao longe. Sem compreender muito bem onde estava, levantou o olhar e encontrou dois olhos dissonantes com aquele espaço.

Uma mulher estava parada ali, com cabelos longos que quase tocavam o chão, e tão brancos que brilhavam naquele lugar cinzento. Seus olhos eram de um azul cintilante e a encaravam diretamente, fazendo com que ela parasse de andar, sentindo a necessidade de olhá-la. Parecia extremamente jovem, e ao mesmo tempo havia uma aura de conhecimento, poder e maturidade nela, que imediatamente fez com que Celebriant sentisse vontade de fugir dali.

— Você não quer viver por que, menina?

— Quem é você? – ela falou, e sua voz saiu arrastada e acabada, exatamente como ela estava se sentindo.

— Alguém que estava esperando sua chegada.

— Chegada? Eu estou partindo, de preferência para não mais voltar! – ela grunhiu, sentindo-se irritada com a intromissão e querendo continuar a andar como as outras pessoas.

— Não faça isso! – ela falou tão gentilmente que Celebriant sentiu vontade de chorar – Não desista de algo que ainda nem começou... Eu posso ajudar você!

— Eu já desisti da vida há muito tempo.

Ela mal terminou a frase e um abismo negro se abriu em suas costas. Olhou para a mulher, e ela pareceu compreender a intenção que se passava na cabeça de Celebriant, e esticou o braço, horrorizada.

— Não! Por favor!

Balançou a cabeça negativamente e jogou-se de costas, sem nem olhar novamente para aqueles olhos azuis. A queda parecia infinita e Celebriant queria continuar caindo. Se aquilo fosse morrer, ficaria feliz. Pelo menos, estava em paz. Enquanto caía mais e mais na escuridão, viu a mulher de cabelos brancos desaparecer na borda do abismo, e então fechou os olhos, permitindo que a escuridão finalmente a envolvesse.

Subitamente sentiu um solavanco estranho, como se duas mãos segurassem seu corpo na queda e parou de cair. A luz ofuscava seus olhos, mesmo fechados. O verde, brilhante e quente, enchia seu corpo de luz, e ela se sentiu bem pela primeira vez, leve e feliz. Não se mexia, mas sentia algo roçando levemente em sua mão e um vento morno passando pelos

seus cabelos, e abriu os olhos devagar. Estava deitada. O que roçava em sua mão era grama, verde e macia. Que lugar era aquele? Não fazia nenhum sentido, mas sentia-se bem. Ali era um lugar tão calmo e sereno que em seu íntimo sabia o que havia acontecido: estava morta.

Sentou-se lentamente, sentindo cada músculo mover-se com leveza e olhou para o lugar à sua volta. Era um extenso gramado verde, que desaparecia no horizonte. O sol brilhava no alto e não havia uma única nuvem no céu azul-anil. Deu um sorriso ao reconhecer o lugar: era o campo da árvore que via em suas visões, e agora finalmente poderia vê-lo de perto.

Levantou-se e notou que estava com um vestido branco e solto, uma roupa totalmente confortável e simples, algo que ela nunca usara na vida. Estava descalça e sorriu, procurando sua árvore naquele campo imenso. Seus olhos pararam em algo que parecia uma estátua, onde deveria estar sua árvore. Sentiu uma emoção indescritível e correu, alcançando o homem parado ali e abraçando-o com força.

Erik estava radiante. Suas roupas, também brancas e simples, brilhavam no sol, fazendo com que o sorriso dele se acentuasse com tanto brilho. Em seu pescoço estava pendurado o colar que dera para ela antes de morrer. Celebriant sentiu seu próprio rosto molhado de lágrimas e não o soltou, fazendo com que ele desse uma gargalhada.

Como Celebriant sentira falta dele! Sabia que agora não sentiria mais. Não

precisava mais se culpar por tê-lo matado, pois ele estava bem e feliz. Levemente, ele empurrou-a, fazendo-a encarar seus olhos tremendamente castanhos.

— Também estou feliz em vê-la, Celi! – ele sorriu e seus olhos se tornaram mais profundos – Mas, apesar de querer que fique, tenho que perguntar: o que faz aqui?

— Oras, não sei. E isso importa? Estou livre! – sorriu também, soltando-se dele e dando uma risada – Nunca me senti assim! Quero ficar aqui!

— Mas não é sua hora, Celi. – ele segurou o braço dela levemente, fazendo-a encará-lo.

— Eu decido quando é minha hora, e não quero mais viver! – afirmou, sentindo o tom mimado de suas palavras morrerem ao olhar de Erik – Eu não quero mais, Erik. Dói demais. É tanta dor que não posso mais suportar!

— É claro que você suporta! – ele deu uma risada marota – Você é a pessoa mais forte que eu já conheci!

— Isso é uma mentira deslavada, Erik! – riu – Sou uma covarde e fraca! Estou fugindo da vida porque não quero mais sofrer! Quer alguém mais inútil do que eu?

— Não seja tão pessimista, Celi. Você vai superar isso. Seu destino ainda não foi cumprido.

— Eu não quero saber de destino! – apontou o dedo para ele – Da última vez que eu

ouvi isso de você, no fim, tive que matá-lo!

— Mas esse era meu destino, Celi! – ele balançou a cabeça, como se tivesse falando com uma criança – Quando você se jogou no abismo, fui eu que a segurei... Eu nunca deixaria você desaparecer na escuridão. Seu destino é bem maior do que morrer dessa forma! Sim, há muita dor pela frente, Celi, tantas maiores que essa... E ao mesmo tempo, tantas felicidades! Há tanto a descobrir e crescer agora...

— Não quero mais viver. – ela grunhiu, virando-se de costas para ele.

— Me desculpe, Celi, mas você não pode morrer. – ele sussurrou e abraçou-a por trás.

Ouviu um zumbido muito agudo e estranho, algo que não pertencia à calma daquele lugar. As mãos de Erik aproximaram-se de seu coração e, antes que pudesse protestar, uma sensação terrível se apossou dela. Sentiu seu corpo se curvar num arco para cima, como se uma linha invisível a puxasse. O mundo brilhante e lindo sumiu e ela se viu em uma maca de hospital. Estava acima do corpo, olhando a batalha travada pelas pessoas que tentavam salvá-la, e então voltou subitamente ao campo verde.

Erik estava novamente na frente dela, sorrindo gentilmente, enquanto Celebriant chorava sem parar.

— Faça-os parar! Eu não quero voltar!

— Celi, minha amiga, – ele aproximou-se e abraçou-a, beijando sua testa e limpando suas lágrimas – posso, então, lembrar uma coisa?

— O que quiser, desde que eu não sofra mais.

— Você ainda me deve uma promessa.

Celebriant o encarou, chorando ainda mais.

— Não, Erik. – balbuciou, finalmente – Eu não consegui salvar seu pai, eu...

— Não era do meu pai que eu estava falando.

Celebriant abriu a boca em choque e sentiu-se empalidecer.

— Co-como?

— Eu sei que vai fazer um bom trabalho lá, vivendo! – ele encarou-a, as lágrimas escorrendo de seus olhos como pérolas transparentes, mas estava sorrindo – Eu te pedi para me matar, e agora lhe peço para viver! Eu sei que meu egoísmo fez com que você morresse por dentro... O que pedi foi muito egoísmo, mas ambos sabemos o quanto isso foi importante! O quanto isso lhe ajudou a chegar onde está! Volte Celi, e cumpra a promessa que me fez! Quero lhe implorar, se preciso, mas viva! Por favor, viva...

Novamente, a dor veio. Uma visão que sempre teve apareceu novamente. Viu um Erik mais jovem e sorridente, algo que nunca compreendera muito bem. E, então, o próprio Erik aparecia do lado dele, dando um cascudo na cabeça do Erik-menino, chamando-o de

irmão.

Phoebe aproximou-se de Aaminah, que estava sentada do lado de fora da enfermaria, e jogou-se do lado dela na cadeira, exausta. A mulher estava com a cabeça encostada na parede, os olhos fechados e os longos cabelos brancos presos em uma grande trança. Travara uma batalha para salvar a moça, e depois de alguns minutos de pânico, finalmente conseguiu.

— O que foi aquilo? – a médica perguntou, fazendo com que a mulher abrisse os olhos.

— Não foi erro seu, Phoebe. Ela quis morrer... Ela está bem agora?

— Ela está de volta e parece bem, mas ainda não vai acordar. O que está acontecendo?

— Você chegou a sentir a dor que se passa nessa mulher. – Aaminah suspirou, parecendo mais velha do que realmente era – Ela está destruída e acha que a única solução para seu desespero é a morte. Acredito que ela tenha passado por tantas provações, que morrer lhe trará paz. Quando eu toquei nela, ela se jogou para morte assim que lhe pedi para não morrer. Simplesmente se atirou num abismo negro e sem vida! – ela respirou fundo, parecendo acalmar-se – Fico feliz que alguém conseguiu salvá-la!

Phoebe sentiu seu coração se apertar.

— Então, não tem salvação? Eu terei que trazê-la de volta quantas vezes, até que ela morra de vez?

Aaminah encarou-a profundamente e aproximou-se, passando a mão fina nos ombros dela.

— Não há necessidade de se torturar por isso. Não é uma escolha que nós podemos fazer por ela. Se ela voltou agora, talvez tenha encontrado algum sentido para sua vida, e tenha desistido de morrer.

— E o que eu faço, então? Deixo-a morrer na próxima vez? – pediu, sentindo a voz embargar e os olhos encherem de lágrimas.

— Não se torture, minha querida. Há esperança, pois ela voltou. – Aaminah abraçou-a, dando um sorriso tão gentil que a médica sentiu mais lágrimas escorrerem – Faça o que seu coração mandar, e tudo estará certo.

— Mesmo ela sendo... – limpou o rosto no jaleco, dando uma fungada – Bem, o que vamos fazer quanto a isso?

— Uma Oculta aos cuidados dos Anciões... Isso seria uma história e tanto! – ela deu um sorriso um pouco amargo e balançou a cabeça em negação – Não vamos falar nada a ninguém, Phoebe. Antes de qualquer coisa, preciso conversar com Aahbran e Jean. Agora,

peço que chame Zandra aqui. Apesar de eu já ter uma ideia do poder dessa jovem, preciso ter certeza.

Zandra chegou o mais rápido que pôde na enfermaria. Assim que se aproximou de onde lhe disseram que a mulher estava, percebeu que havia dois guardas ali de prontidão. Eles abriram a cortina, deixando com que entrasse, e encarou-os desconfiada. Guardas? Na enfermaria? A paciente deveria ser uma criminosa ou alguém muito importante. Curiosa, ela apressou-se em entrar no quarto. Aaminah e Phoebe estavam de pé ao lado da paciente e deram um sorriso ao vê-la. Zandra sempre se sentia bem na presença das duas mulheres, pois eram pessoas fantásticas. Além de muito talentosas e com poderes extremamente evoluídos, eram muito compreensivas. Havia passado por um tempo de tanta dor que não poderia imaginar-se enfrentando aquele período sem a ajuda de Aaminah e Phoebe.

Balançou a cabeça levemente, espantando qualquer pensamento a respeito do que acontecera. Sentia-se mal só de lembrar que nunca mais o veria. Sua vontade maior era de ter ido junto com ele.

- Zandra, – Aaminah aproximou-se, falando baixo – preciso de ajuda.
- Claro.
- Preciso que use seu *Taksa* e veja quais são os poderes dessa jovem. – ela

apontou a paciente em cima da cama.

— Essa é a jovem que Vandreisen trouxe ontem para dentro da Base? – perguntou, olhando-a com curiosidade.

— Sim.

Percebeu que as duas estavam muito silenciosas e preocupadas, mas não pareciam que iam falar sobre aquilo. Respirou fundo e aproximou-se. A paciente estava pálida e sem vida, e parecia que havia sofrido bastante para chegar naquela situação. Sem esperar, esticou as mãos em cima da jovem, e encarou-a profundamente. Tinha algo muito estranho nela. Não sabia exatamente o que era, mas iria descobrir. Colocou uma mão em cada lado da cabeça dela e entrou em transe.

Subitamente a sala desapareceu, e o que buscava era o poder da jovem moça. Pulsante e lilás estava uma grande estrela de cinco pontas, o símbolo do poder da *Intueri*, mas, ao lado dele, pulsava também algo vermelho e brilhante, algo com que nunca se deparara em toda sua vida. Seu símbolo era uma serpente de fogo e emanava uma energia muito potente. Viu morte e tortura, e uma grande habilidade para lutas. Chocada, voltou a si com um balanço da cabeça e encarou Aaminah.

— Ela tem dois poderes. – sussurrou Zandra, fazendo com que Phoebe se aproximasse – E um deles é algo que eu nunca vi em toda minha vida. Existe um poder de

morte?

— Um poder de morte? – Aaminah aproximou-se da mulher, parecendo curiosa, e tocou a mão dela, fazendo com que seus olhos ficassem desfocados por um instante.

— Aaminah? – chamou Phoebe, assim que os olhos da anciã voltaram ao normal.

— Interessante. Que ela tinha dois poderes eu já imaginava... Mas vocês conseguem imaginar alguém com poderes opostos? – ela deu um sorriso para Zandra e segurou a mão dela – Desculpe a falta de informação, mas realmente preciso ir para casa e conversar com Aahbran. Prometo explicar melhor assim que eu compreender exatamente o que essa moça está fazendo aqui. Com licença.

E Zandra viu, confusa, Aaminah deixar a sala sem mais explicações.

— O que houve aqui, Phoebe? – perguntou, completamente desnorteada. – O que significa isso?

— É uma longa história e algo que os Anciões devem decidir. – ela passou as mãos no rosto, dando um suspiro cansado – Quer um chá? Acho que vamos precisar.

Capítulo 3 – A história da Oculta

Aaminah estava ciente de tudo o que significava aquela jovem ali dentro, mas não conseguia conter sua *Intueri* enquanto percorria as ruelas da Base. Seu coração martelava no peito e sua mente girava em pequenas visões, com as quais já estava acostumada, mas que naquele instante só a preocupavam. Fazia algum tempo que sentira a vinda dela, mas nunca imaginara que ela seria uma Oculta.

Procurando agir normalmente, deu um sorriso para uma senhora que terminava de varrer o lado de fora de casa e virou para a direita, tomando a direção de sua casa. Devia se controlar. Havia esperado aquilo há muito tempo e, se parecesse alarmada, arruinaria tudo. Resolveu desviar sua mente do que pensava, olhando em volta.

Todas as casas da Base eram construídas com as pedras retiradas do interior da montanha, e todas elas eram iguais: tinham um ou dois quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro e eram retangulares, com apenas um piso como telhado. Ali dentro não sofriam alterações climáticas; então, a casa era uma questão de privacidade, conforto e, principalmente, aquecimento. Sua casa ficava numa parte mais alta da Base, e fora uma das

primeiras a ser construída, por ela e seu irmão mais novo.

Virou a última esquina e começou a leve subida até a habitação, e percebeu que alguém a aguardava do lado de fora. Aproximou-se de Aahbran e notou o quão preocupado ele parecia estar. Com certeza ele soubera de algumas novidades com Jean, mas Aaminah sabia o que realmente o preocupava. A segurança de todos os moradores da Base dependia dele, e, se alguém havia conseguido chegar até lá, seu poder devia estar com alguma falha e estaria pondo todos em risco. *“Sempre preocupado com sua família”*, pensou Aaminah, sentindo um ar gelado. Cobriu-se melhor com seu casaco, e aproximou-se do irmão.

— Vamos entrar Aahbran, estou congelando.

A sala estava iluminada com o fogo da lareira, e Aaminah sentou-se no sofá em frente ao fogo, deixando seus pés e mãos mais próximos para esquentarem mais rapidamente. Aahbran sentou-se ao seu lado, em silêncio, e encarou o fogo com um olhar perdido.

— Jean me contou que temos uma visitante na enfermaria. — ele olhou para baixo, pensativo — Quem é essa mulher? É seguro para nós mantê-la ali?

— Acho que há mais do que simplesmente uma mulher perdida nas Montanhas, Aahbran. — respirou fundo, sentindo-se ansiosa — Ela tem a marca dos Ocultos.

Aahbran abriu a boca, chocado demais para falar.

— Estou ciente do perigo, Aahbran, mas tenho algo maior para você. – suspirou e encarou o irmão mais novo, que parecia horrorizado com a atitude dela – Hoje eu a toquei pela primeira vez. O que vi me deixou perdida e confusa, e ela não queria conversar. Assim que tentei me comunicar com ela, a garota se jogou num abismo negro e teve uma parada cardíaca.

— Ela morreu então? – ele pareceu aliviado ao pensar na hipótese, e Aaminah balançou a cabeça, negando.

— Não. Por alguma razão sobreviveu, apesar de ter dito, com toda sua força, que queria morrer.

Seu irmão passou a mão pelo rosto, completamente aturdido.

— Como ela chegou aqui, Aaminah? Como uma Oculta chegou tão perto de nós?

Aaminah sentiu a frustração de Aahbran e deu um sorriso. Ele já não era mais um menino, mas seu poder lhe dava a aparência que preferisse. Como sempre se sentiu jovem, Aahbran parecia um menino de doze anos, com os cabelos brancos rebeldes espetados para cima. Naquele instante, ele estava tão preocupado e frustrado que seu poder amenizou um pouco, fazendo-o parecer ter sua própria idade, quase cinquenta anos.

— Acalme-se, Aahbran, eu ainda não terminei. Ela sabia como chegar aqui. Tinha o mapa de todas as entradas e sabia exatamente onde cada vigia estava! – ela levantou a mão

ao ver que ele iria falar – Ela tinha tudo isso, não em um papel, mas em sua cabeça e memória.

— Isso é impossível, Aaminah! – ele levantou-se chocado e fechou os olhos em concentração.

— Não há necessidade disso, meu irmão, ouça-me! – ela levantou-se também e segurou o rosto dele nas mãos – Seu *Bloqueio* permanece intacto.

— Mas como? – ele balançou a cabeça, ainda sem compreender nada.

— Tenho uma ideia de quem contou para ela, e imagino por que ela está aqui.

— Aaminah... O que está pensando? – disse ele, com um tom de desaprovação na voz – Ela é uma Oculta! Temos que nos livrar dela, ou trancafiá-la antes que ela acorde!

— Foi Terêncio Otto quem lhe contou.

— Como? – Aahbran arregalou os olhos em pavor – Mas ele ainda está vivo?

— Acredito que não, mas antes de morrer ele mostrou a Base para ela.

— Céus... – o homem começou a andar de um lado para o outro, irritado – Terêncio deveria estar sem condições de segurar o segredo... Dez anos preso e sendo feito de Oráculo por aquele tal Imperador! – os olhos de Aahbran arderam em fúria – E essa mulher conseguiu o acesso até aqui!

— Não! – Aaminah sentiu seu poder subir e emanar por ela, e Aahbran finalmente

se acalmou – Deixe-me falar e pare de parecer um menino!

Aahbran encarou-a, ainda parecendo furioso, mas sentou-se novamente, balançando a cabeça. Seguiu-o e sentou-se também, segurando as mãos do irmão, suplicante. Ele precisava entender. Abriu a boca para falar, mas ele não a deixou continuar.

— Isso não é algo que possamos decidir sozinhos, Aaminah. Marcarei uma reunião extraordinária com os Anciões, o mais rápido possível.

Aaminah suspirou e aproximou-se do irmão, dando um sorriso gentil.

— Não quero brigar com você, meu irmão, mas dessa vez eu tenho certeza!

— Eu já tive essa certeza e ela foi quebrada, lembra? – ele deu um suspiro amargurado e encarou-a com pesar – Agora, espero que sua certeza seja melhor do que a minha.

No meio da escuridão, ouviu um barulho constante e esquisito, que nada tinha a ver com o que Celebriant lembrava. Seus olhos pesavam muito e sentia-se inteira sobrecarregada, como se tivesse uma tonelada em cima dela. Devagar, conseguiu abrir os olhos e rapidamente seu instinto despertou. Puxou os braços e eles não acompanharam o movimento: estava algemada na cama.

O pânico a dominou. Tinha certeza que estava nas mãos de Nicholas e havia sido

algemada para não fugir novamente. Ou ele a tinha internado em algum hospital para que pudesse ter total acesso a ela. Mexeu os braços e as pernas, sem muita força graças ao seu estado, e ouviu o tilintar das algemas contra a cama de ferro. Seu coração estava aos saltos e não sabia o que faria. Se realmente tivesse sido capturada por Nicholas, todo seu trabalho teria sido em vão, inclusive a morte do pai de Erik. Ainda por cima sua garganta ardia como nunca.

Respirou fundo e então percebeu que alguém entrara na sala onde ela estava. A mulher era linda: tinha longos cabelos negros, presos num rabo-de-cavalo alto, olhos azuis e um corpo que demonstrava ser exercitado constantemente. Suas roupas eram de algodão cru e pele, e vestia botas que pareciam ser de pele também. Percebendo que ela a olhava, a mulher parou, encarando-a com desconfiança, e Celebriant viu algumas imagens surgirem em sua mente: a mulher com alguém, parecendo imensamente feliz, e então uma notícia e muita dor. Sem compreender, desviou os olhos dela, e então a encarou novamente, perguntando:

— Quem é você?

Tentara ser educada, mas falhou miseravelmente. Não sabia o motivo, mas percebia que a antipatia da estranha por ela era evidente. Celebriant também não simpatizara nem um pouco com ela, mas antes que a morena pudesse retrucar, outra pessoa entrou na sala. Com

jaleco branco, uma mulher ruiva se aproximou dela assim que a viu acordada.

— Bom dia. Meu nome é Phoebe Lynx e sou a médica que esteve cuidando de você. Como está se sentindo?

Sentiu todo o peso sumir. Aquela recém-chegada tinha uma energia doce e muito forte, algo que nunca sentira por ninguém, exceto sua irmã, Saori. Seus cabelos eram longos e ruivos, presos em um rabo-de-cavalo. A médica começou a examiná-la, e então percebeu que Celebriant ainda não havia respondido sua pergunta.

— Você está ouvindo?

— Sim. – resmungou Celebriant com a voz rouca, e a médica encarou-a mais profundamente.

— Está se sentindo bem?

— Minha garganta arde. – respondeu, depois de pigarrear um pouco.

— Sim, você estava entubada até agora a pouco, então pode sentir esse desconforto por mais algumas horas. Nada que não melhore logo.

— Entubada? Por quê?

— Você chegou aqui morrendo por hipotermia e teve uma parada cardíaca, então tivemos que entubá-la.

Celebriant encarou a mulher, completamente perdida. Ela morrera? Ao ver sua

feição de espanto, a ruiva sorriu.

— Não se preocupe com os detalhes técnicos, você está bem.

A médica continuou examinando-a, parecendo feliz com o que fazia. Celebriant olhou em volta, ainda sem compreender onde estava.

— Onde estou? – perguntou finalmente, fazendo as duas mulheres se entreolharem, preocupadas.

— Vamos chamar alguém para conversar com você. – a médica falou, abrindo a cortina que envolvia sua cama e fazendo com que a morena saísse – Voltamos logo. Não se preocupe.

E, sem dizer mais nada, deixaram Celebriant sozinha ali. Olhando melhor em volta, percebeu que não era uma sala, mas sim um biombo que envolvia sua cama e mais um pouco de chão. Sua *Intueri* estava calma e serena, algo que não acontecia quando estava perto dos Ocultos, mas mesmo assim estava temerosa. Quem era a pessoa que queria conversar com ela?

Quase dez minutos depois, a médica voltou acompanhada de outra mulher. Assim que seus olhos se encontraram com os dela, Celebriant sentiu algo se remexer violentamente em seu estômago, e sua mente foi preenchida com a visão de estar caindo em um abismo negro e, acima dela, via essa mulher encarando-a.

Sentiu que estava sendo levantada e viu que Phoebe havia arrumado sua cama de forma que ficasse sentada, mas ainda algemada. Então seu coração aqueceu-se por dentro e finalmente percebeu: estava no meio dos Rebeldes! Conseguiu! Parecendo perceber o que Celebriant pensava, a mulher, com os cabelos brancos presos num coque e os olhos azuis profundos, aproximou-se da cama. Apesar da cor de seus cabelos, Celebriant imaginava que a mulher tinha uns cinquenta anos, pois não parecia tão velha.

— Menina, como é seu nome?

— Celebriant... – respondeu, mas estancou no meio da frase.

Não conseguia se imaginar sendo uma Devoy. Os Devoy faziam parte dos Ocultos, e ela já não era mais um deles. Com certeza eles teriam visto a marca no seu ombro direito, e agora as algemas fizeram completo sentido. Uma Oculta no meio dos Rebeldes seria considerada prisioneira. Sentindo-se mais leve, ficou encarando a mulher, pedindo, em pensamento, para que seu sobrenome não fosse necessário por ali.

— Phoebe, você poderia nos deixar a sós? – ela falou de repente, dando um sorriso para a médica.

Sem pestanejar, a ruiva saiu, e Celebriant sentiu-se totalmente deslocada.

— Celebriant, meu nome é Aaminah Ollest. Você sabe onde está?

O tom de voz, gentil, mas firme da mulher a deixou desnorteada. Já havia a visto em

alguma visão? Tudo o que acontecera era ainda muito nebuloso e quase não compreendia o que houve, mas aquela mulher, com certeza, já vira em algum lugar. Encarou-a e respondeu, incerta:

— No esconderijo dos Rebeldes?

— Vejo que você é uma Oculta mesmo. – ela falou sem qualquer tom em sua voz.

— Não sou uma Oculta! – Celebriant grunhiu, sentindo-se mal por ter aquela marca em seu ombro – Ou melhor, eu era um deles, agora...

A mulher esticou sua mão, com a palma virada para cima, dando um sorriso gentil.

— Conte-me, menina. Quero saber como você chegou aqui.

E então, Celebriant segurou sua mão.

Como uma sequência, Aaminah viu o trajeto de Celebriant até chegar à Base. Seu coração apertou quando a viu conhecendo Erik e, principalmente, ela sentiu lágrimas rolarem abundantes do rosto da jovem ao ver a morte dele. Viu também seu grande amigo, Terêncio, ser cremado com dignidade por aquela jovem, que, mesmo sem saber exatamente o que fazer, seguiu sua *Intueri* até chegar ali, passando muitos dias em viagem, até perder a consciência.

Assim que soltou a mão dela, viu que ela virou o rosto para o outro lado, ainda

chorando. Aaminah sentiu sua *Intueri* explodir dentro de si: havia sido concretizado. Aquela era a pessoa que esperara. E, incrivelmente, seus dois poderes faziam um grande sentido.

Pegou um lenço de seu bolso e limpou o rosto dela, que agradeceu. Não chorava mais, mas ainda estava com um esgar de dor e fúria no olhar.

— Uma vida um pouco movimentada demais, não? – comentou, ao ver que ela não falara nada.

— Não posso dizer que eu nunca quis ser uma Oculta. – ela disse, sem esperar que a mulher entendesse – Tudo o que eu conhecia era aquilo, não fazia sentido minha *Intueri* ser contra! – ela respirou fundo, parecendo mais furiosa – E então apareceu Erik. Ele me ensinou tanto, me mostrou tanto... E, no fim, graças ao Oculto, tive que matá-lo. E, quando o pai dele mostrou o meu caminho, eu não conseguia mais. Já não era mais uma Oculta, e aquilo não era para mim.

Aaminah sentia cada palavra da jovem percorrer seu corpo e sabia que eram reais. A menina não era mais uma Oculta, mas como convencer os Anciões a aceitá-la? Como convencer pessoas como seu próprio irmão, que perdera parte da família por conta dos Ocultos, que aquela não era mais um deles?

— Eu tenho que conversar agora com os Anciões, Celebriant, mas prometo voltar

logo, e terminaremos nossa conversa.

Ela fez um aceno leve com a cabeça e fechou os olhos, parecendo muito triste.

O que seria dela agora, não fazia ideia. Seria uma prisioneira? Era para isso que viera ali? Para sair de uma prisão e entrar em outra? Respirou fundo, sem querer mais pensar. Aquilo estava sendo menos torturante do que mentir o tempo todo para o mundo, mas tinha feito o que lhe fora destinado.

As cortinas se moveram e abriu os olhos, preocupada, mas quem entrou no local era a médica, encarando-a com doçura. Naquele momento pôde observá-la melhor: ela tinha os cabelos vermelhos, seus olhos eram verdes e seu rosto era em forma de coração. Celebriant sentia-se bem perto dela e arriscou encará-la de volta.

— Está tudo bem com você? – ela perguntou ao ver que a encarava.

— Sinto meus dedos queimarem.

— Eles estão queimados. – ela sorriu, aproximando-se e segurando sua mão, mostrando-as – Graças à hipotermia suas extremidades estão machucadas, mas nada que não melhore com o tempo.

— Espero que sim. É uma sensação incômoda.

— Qualquer coisa, eu estarei aqui do lado e é só me chamar, certo?

Celebriant fez um sinal afirmativo com a cabeça e viu a médica sair, dando um aceno com a mão antes de fechar as cortinas. Fechou os olhos novamente, sentindo-se cansada. Nunca achou que entrar em suas memórias a faria sentir-se daquele jeito, mas deveria ter imaginado. Já tinha visto o que um ataque constante à mente poderia fazer a alguém e sentiu um arrepio percorrer sua espinha ao lembrar-se do pai de Erik. Ele passara dez anos sob o domínio do Imperador, sofrendo para guardar seu segredo para ela e, naquele momento, não sabia como compensaria esse fato. Ele a salvara de uma vida condenada, mas o que faria a partir dali?

O que pareceu segundos depois, as cortinas abriram novamente e ela percebeu que cochilara. Três pessoas entraram e fecharam a cortina atrás de si. Aaminah aproximou-se dela e deu um sorriso.

— Vim apresentar-lhe duas pessoas. — ela apontou para um menino de cabelos brancos, que deveria ter no máximo doze anos, mas era alto o suficiente para ser um adulto — Esse é Aahbran, meu irmão.

O menino apenas encarou-a profundamente, sem dizer uma palavra, e Celebriant então sentiu um solavanco no estômago. Aquele menino não era um menino, e era muito poderoso. Não era o mesmo tipo de poder que Aaminah emanava, mas era algo tão profundo quanto. Piscou algumas vezes, tentando sair do transe e encarou novamente Aaminah, que

ainda a olhava com um sorriso nos lábios.

— E esse é Jean Michael Vandreisen. — ela apontou o outro homem, que tinha longos cabelos castanhos, presos em um rabo-de-cavalo, e os olhos mais estranhos que ela já vira: nem verdes, nem castanhos, algo entre os dois e totalmente... Furiosos. Apesar disso, a beleza do homem era inegável.

Mas porque aquele homem sentia-se furioso? Assim que seus olhos se encontraram, sentiu a onda de um incômodo terrível passar-lhe pelo estômago, e queria que não tivesse que ficar perto dele, pois tinha uma energia difícil de digerir. Voltou sua atenção ao presente quando Aaminah tocou sua mão.

— Nós conversamos agora com os Anciões e tomamos uma decisão ao seu respeito. As mãos de Celebriant começaram a suar e sentiu seu coração arder no peito de tão forte que ele batia.

— Você ficará entre nós, não como uma prisioneira, mas também não terá toda sua liberdade até provar que quer ser uma de nós. — ela olhou para seus companheiros, parecendo preocupada — Mostrei toda sua história a eles, e chegamos a um acordo: você vai morar com Phoebe, a médica, que irá explicar-lhe tudo o que puder. Mas há uma condição.

Celebriant encarou a mulher e sentiu suas pernas começarem a suar.

— Qual?

— Há algo dentro de você que todos nós tememos e não conhecemos... — era Aahbran falando, e sua voz era firme e forte: definitivamente não parecia a voz de um menino — Um poder de morte.

— *Kassan* — disse, respirando fundo — O nome do poder é *Kassan*.

O homem dos olhos estranhos encarou-a com desconfiança, e pareceu reconhecer o nome do poder. Celebriant compreendia que seu poder era raro, e que as pessoas que sabiam sobre ele o consideravam um mito. Ele olhou para Aaminah, que instantaneamente abriu a boca em choque.

— Um poder raro? Foi extinto? — perguntou ela, chocada.

— Não foi extinto. Sobraram duas famílias, e foram unidas para... — sentiu-se enjoada, mas respirou fundo e continuou — Terem filhos *Kassan*.

Procriação era a palavra que queria dizer, mas não conseguia imaginar-se falando isso. Tornaria mais intensa e insuportável a realidade. Os três pareciam absortos em pensamentos e não falaram mais nada, mas Celebriant não conseguia ficar em silêncio, aguardando.

— Qual é a condição? — ela falou, fazendo com que Aaminah a encarasse.

— Bloquear seu poder de *Kassan*.

— Você quer dizer bloqueá-lo para sempre? — Celebriant sentiu-se mais enjoada.

Apesar de sua *Intueri* ter conflitado contra aquele poder desde sempre, não conseguia se imaginar sem ele. Era como tirar uma parte dela, arrancar-lhe um pedaço.

— Para sempre? – repetiu, olhando para Aaminah, chocada.

— Isso depende de você. – falou Aahbran, aproximando-se dela – Não há um meio de destruir o poder de uma pessoa, a não ser matando-a. Não vou matar você e nem retirar o seu poder, vou apenas bloqueá-lo... Até vermos que você não é um perigo para nós. Então, com seu poder de morte bloqueado, poderá circular na Base, contanto que não saia dela sem estar acompanhada.

Ela respirou fundo e encarou os olhos azuis do menino, sentindo seu coração se apertar.

— E se eu não quiser bloqueá-lo?

— Será nossa prisioneira, com direito à cela desconfortável e tudo o mais. – ele disse, sem demonstrar qualquer sentimento.

Celebriant não sabia qual era a pior decisão a tomar. Se tornar uma prisioneira não era a intenção dela, mas bloquear seu poder de *Kassan* também era complicado. Não conseguia se imaginar sem a defesa que o poder de morte naturalmente lhe dava, mas entre os dois, a escolha era óbvia.

— Tudo bem. – ela suspirou e encarou Aahbran – Bloqueie.

Aahbran aproximou-se dela e colocou as mãos sobre sua cabeça. Uma luz prateada começou a emanar de suas mãos e, então, tudo escureceu.

Capítulo 4 – A Base

Aaminah estava sentada em uma cadeira ao lado da maca de Celebriant, com o rosto entre as mãos. Sua preocupação estava longe de cessar. Não que ela não confiasse em seus instintos, mas aquilo estava cada vez mais preocupante. Pensara que o Conselho dos Anciões resolveria algo menos drástico, mas no fim, sua decisão foi muito chocante para ela. Esperava aquilo porque, afinal, a menina, antes de tudo, era uma Oculta, mas o que ela mostrara fazia um grande sentido também. Por que eles não acreditavam nela? Nunca fizera nada para prejudicar a vida na Base! Talvez pensassem que ela já estava ficando senil.

Deu um suspiro e olhou para Celebriant, que começara a se remexer inquieta na cama. Se eles realmente quisessem poderiam tê-la matado, e Aaminah estava contente por ela ao menos estar viva. De repente, Celebriant deu um grito de pavor e sentou-se na cama, assustada. Seus olhos estavam vidrados e sua respiração ofegante. Confusa, a menina encarou-a com olhos interrogativos. *Então funcionou*, pensou, incomodada, ao ver os olhos dela virarem castanhos.

— Como está se sentindo, Celebriant? – perguntou, com a voz gentil.

Ela pareceu pensar na pergunta por alguns instantes, e então olhou-a novamente com

aquele olhar perdido.

— Quem é você?

Aaminah suspirou e a olhou com cuidado, tocando sua mão com doçura.

— O que você lembra, menina?

Celebriant fechou os olhos, concentrada, mas os abriu em menos de um segundo, parecendo confusa.

— Pouca coisa, eu acho. – resmungou ela, com o olhar perdido – Acho que sei seu nome... Aaminah? – ela sorriu ao ver que acertara – Alguns outros também, mas são vagos, não consigo visualizar seus rostos. O que aconteceu comigo?

— Você sofreu um acidente. Perdeu-se nas Montanhas e quase morreu por hipotermia.

— Oh. – ela piscou os olhos, mas não pareceu se lembrar daquele fato também – Não me lembro de nada.

— Está tudo bem... – Aaminah deu um aperto gentil na mão dela – Bom, eu só estava esperando você acordar. Apesar de não se lembrar de muita coisa, a médica vem conversar com você.

— Acho que não faço a mínima ideia de onde eu moro e o que eu sou. O que é aqui? Onde eu moro?

— É a nossa Base, mas não se preocupe. Logo você vai saber do que se trata. —

Aaminah sorriu, ajudando Celebriant a se levantar e passando roupas quentes para ela.

As cortinas se abriram assim que a menina terminou de se vestir e Phoebe entrou, parecendo tão preocupada quanto Aaminah. Assim como ela, a médica não concordara com o que fora feito, mas perderam na votação do Conselho, portanto, só teriam que acatar.

— Está se sentindo bem, então? — a médica perguntou.

— Sim.

— Bom... — Aaminah retomou a palavra — Agora, Phoebe vai levá-la até a casa dela para que você possa se instalar. — e então, aproximou-se e abaixou sua cabeça para que somente elas duas pudessem ouvir — Seja bem-vinda, Celebriant.

Aaminah sentiu o reconhecimento de algo que não compreendia. Celebriant conhecia aquele olhar. Era o mesmo que alguém muito importante lançava quando estavam juntas. Sentiu um aperto no peito tão grande que se segurou para não chorar. Abriu a boca para falar com a jovem, mas percebeu que não saiu som nenhum. Celebriant, olhando em volta com admiração, parou de repente e encarou-a, um tanto tímida e parecendo não perceber o que se passava dentro dela.

— É que... — ela olhou para as mãos, tentando formular o que dizer — Qual é o meu sobrenome? De onde eu vim?

Aaminah olhou para cima pensando em algo, e então se aproximou dela novamente.

— Não sabemos muito. — informou, enquanto Phoebe a ajudava a colocar o casaco quente — Mas seu nome é Celebriant Ollest.

Phoebe encarou-a com um olhar de agradecimento e deu um sorriso a Celebriant, que parecia um pouco mais feliz agora.

— Bom, agora deixarei vocês duas, pois tenho coisas a resolver. Ah, Celebriant. — a menina a encarou — Sempre haverá alguém com você, para ajudá-la. Como Phoebe é nossa médica, não é sempre ela que terá condições de estar com você o tempo todo, então você... Vai conhecer Jean Vandreisen, que estará sempre por ali, certo?

— Hum... Certo. — ela deu de ombros.

— E vou chamá-la até minha casa essa semana, pois quero ajudá-la a conhecer melhor sua *Intueri*.

— Eu sou *Intueri*! — a menina sorriu, parecendo feliz por se lembrar de algo — Isso eu me lembro!

— Sim, eu imaginava. — Aaminah sorriu e olhou para Phoebe — Se precisar, Phoebe, me chame. Sabe onde me encontrar.

A médica deu um aceno com a cabeça e voltou a ajudar Celebriant a colocar as luvas e a touca. Dando um sorriso preocupado, saiu da sala, deixando uma jovem sem

memórias para trás.

Phoebe estava achando muita graça na forma como a *nova* Celebriant encarava as coisas. Parecia interessada em tudo, mais leve e muito mais divertida. Quando percebeu o que o Conselho desejava fazer, sentiu um frio percorrer-lhe a espinha. Bloquear as memórias de alguém era algo que nunca havia visto, mas também não culpava o Conselho pela decisão. Celebriant era um perigo para eles ali dentro, e se a população soubesse que uma Oculta estava infiltrada na Base... Não queria nem pensar no pânico.

Olhou novamente para Celebriant e deu um sorriso. Ela estava com roupas de algodão cru e pele, algo que, pelo jeito, ela nunca teria usado no seu passado, e parecia muito confortável com aquilo. Segurava sua bolsa com os poucos pertences, sem parecer muito curiosa sobre o que havia dentro. Estava sem o peso de suas memórias, e, conseqüentemente, sem o peso que ela chegara ali. Não sabia até que ponto aquele bloqueio era ruim, ao ver a menina tão interessada.

— Essas pedras todas são daqui de dentro mesmo? – ela perguntou, passando a mão em todas as pedras das casas e parando de pouco em pouco para pegar uma delas do chão.

Phoebe deu uma risada ao vê-la tão interessada e começou a explicar. A Base com certeza era um lugar muito diferente de tudo aquilo que ela já tinha visto. Todo o lugar era

feito de pedra: as ruas eram todas de minúsculas pedras ladeadas por pedras maiores. As casas eram blocos grandes de pedra unidos por cimento, e seu telhado era de algo que parecia uma lâmina de pedra. As janelas não tinham vidros, mas todas as pequenas casas continham uma cortina para seus inquilinos terem privacidade. Na frente de algumas casas crianças brincavam com pedras coloridas, atirando-as longe para ver quem conseguia atingir uma pedra de cor branca.

— Parece um jogo muito interessante! – Celebriant comentou, admirada com as crianças.

— Ah sim... Não é somente um jogo. – explicou – As crianças mais jovens devem conseguir habilidade e precisão para aprenderem, futuramente, a lutar.

— Lutar? – ela pareceu perdida e Phoebe balançou a cabeça.

— Não se preocupe com isso. Só lembre-se que isso é como um treinamento divertido para essas crianças.

Celebriant pensou alguns minutos e então olhou para o teto, ficando novamente assombrada, e Phoebe sorriu novamente. Era como uma criança: tudo era desconhecido para ela.

— Aqui era uma montanha oca. Não todo esse espaço, mas pelo menos grande parte dele. Tudo o que você vê construído por aqui foi feito pelos pedaços de pedra da montanha,

para conseguirmos abrir mais espaço para a Base.

— Vocês construíram isso tudo? – ela parecia mais chocada do que admirada.

— Sim. – respondeu, feliz pelo interesse dela – Bem, grande parte disso. Quando acharam esse local, ele já era um grande espaço oco dentro da montanha. Nós apenas o aumentamos. Há algumas ruínas também, algo que não sabemos de que tempo é, mas que já estavam ali quando chegamos por aqui.

Caminharam por mais algumas casas e continuaram pelo caminho da casa da médica. Todo ele era iluminado, não por lâmpadas elétricas, mas por tochas, que estavam dispostas em todo o lugar, o que deixou Celebriant muito interessada. Apesar de ter sua memória bloqueada, ela com certeza sentia a diferença de morar em uma casa com energia elétrica e, provavelmente, nunca havia visto tochas sendo usadas daquela maneira rústica.

— Essa iluminação toda vem somente das tochas? – ela perguntou, mostrando a iluminação dali.

— Não. – deu um sorriso, apontando algumas pequenas brechas no “teto” da Base – Está vendo aquelas brechas lá em cima? É por onde entra o sol. Temos algo como um jogo de espelhos. Há um grande espelho pegando luz do sol lá fora, e esse espelho passa a luz para o outro e dessa forma temos luz do sol aqui dentro. Até temos uma horta graças a essa invenção de Aahbran. Ele é muito inteligente.

Celebriant ainda encarava o local, admirada, e então sua feição fechou por alguns instantes.

— Eu não entendo... – ela resmungou de repente, parando de caminhar – Agora me sinto uma intrusa.

— Como? – Phoebe parou ao lado dela, encarando a menina sem compreender.

— Não sei bem quem eu sou, mas... É tudo tão igual que me sinto um corpo estranho aqui. Toda a Base. – ela continuou, ao ver que Phoebe parecia cada vez mais assustada – Tem uma energia, sabe? Eu a sinto. Mas eu não estou inclusa nessa energia. Eu sou uma intrusa.

— Isso não é verdade! – Phoebe aproximou-se, segurando a mão dela e voltando a caminhar – Não se lembra de muita coisa, e aqui é um lugar completamente estranho para você. Vai ver como logo vai fazer parte dessa *energia*.

— Se você diz... – ela deu de ombros e continuou olhando interessada pelas ruas que passavam, mas ainda com o olhar carregado.

O que com certeza deveria ser um mundo que se repetia para Celebriant, fazia completo sentido para Phoebe, que virava várias vezes e passava pelas casas sem nem se confundir. Apesar de tudo parecer igual, a médica sabia que cada área da Base era ladeada por pedras de formatos diferentes. Assim era muito fácil achar onde se queria ir. Alguns

minutos depois, ela parou na porta de uma das casas, dando um sorriso para Celebriant.

— Bom... Essa é minha casa.

Sua casa era composta por dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro. Tudo muito simples e engenhoso. Por dentro, era também feito de pedra, mas, assim que entraram na casa, Celebriant correu para a lareira com um suspiro de alívio.

— Eu estou morrendo de frio e isso é uma lareira! Podemos acender?

— Claro! – Phoebe apontou para as lenhas – Pegue algumas e coloque-as dentro da lareira que eu já acendo.

Celebriant obedeceu prontamente e ajudou Phoebe a acender o fogo, parecendo agradecida ao esquentar suas mãos. Reparou que as pontas dos dedos dela ainda estavam queimadas pelo frio, mas estavam menos preocupantes do que antes. Ao ver que o rosto da menina se contraiu por alguns instantes, pensativo, perguntou:

— Está tudo bem?

Ela piscou, meneando a cabeça em um sim.

— Apesar de eu não me lembrar de nada, eu sinto que estou em um lugar completamente diferente, algo que eu não conhecia mesmo antes de vir para cá... – os olhos dela encontraram os seus, preocupados – Eu não morava aqui, não é mesmo?

Phoebe não queria mentir para ela e Aaminah concordara que mentir não iria ajudar,

pois alguma hora Celebriant faria sua *Intueri* funcionar, e aquilo já estava acontecendo. Percebeu que ela estava confusa, e respondeu:

— Não, não morava. – disse, e então disfarçou, mostrando o quarto no final do corredor – Ali será seu quarto agora. Era do meu irmão, mas agora ele não mora mais aqui. Logo você o conhecerá.

Celebriant pareceu animada e entrou no quarto que iria usar. Tinha apenas uma cama e uma pequena mesa, que seu irmão usava para estudar quando morava ali. Havia também uma pequena estante abarrotada de livros e anotações. Phoebe percebeu que a menina parou no meio do quarto, encarando tudo com um olhar triste.

— O que houve?

— Por que estou me sentindo tão solitária? – ela encarou Phoebe, não mais triste, e sim, enraivecida – Eu não gosto de me sentir assim.

Phoebe conseguia compreender como a menina se sentia: sua *Intueri* estava trabalhando, lhe mandando impressões e sensações diversas, e, como ela não entendia o contexto, sentia-se completamente perdida.

— Você não está só, pare de criar besteiras na sua cabeça! – sorriu, segurando a mão dela – Venha, vamos preparar o jantar.

— Hum... – Celebriant acompanhou-a, ainda confusa – Não é uma boa ideia colocar

alguém desmemoriado na cozinha. As coisas podem sair queimadas ou sua casa destruída.

— Eu acho que não vai fazer mal você cortar os legumes para a sopa. — Phoebe riu — Mas tenha cuidado para não se cortar. Eu sou médica, mas estou de folga hoje, não quero ter que correr com você para a enfermaria ou algo assim.

— Esperemos que não! — Celebriant falou, dando um sorriso cínico e fazendo-a rir.

Aproximou-se de seu fogão a lenha e o acendeu. Assim que o fogão finalmente esquentou, colocou uma panela grande com água para ferver. Celebriant aproximou-se de sua fruteira e pegou alguns legumes, parecendo muito interessada no que fazia. Depois de alguns minutos, percebeu que ela parara de cortar e encarava o refrigerador de pedra curiosa.

— É um refrigerador, sim. — falou Phoebe, dando um sorriso — Aqui não temos muitas pessoas com o poder de *Energia*, e que possam suportar toda essa Base, portanto, usamos refrigeradores feitos de pedra com muitas camadas de gelo por dentro. Assim conseguimos resfriar nossos alimentos. A única parte da Base com energia é a enfermaria, e temos uma caldeira para a água do banho. — contou, mas ao ver que a menina continuava meio perdida, continuou — Corte mais alguns tomates.

Quase uma hora depois, a sopa que Celebriant ajudara Phoebe a fazer estava pronta, e as duas jantaram sentadas no sofá de pele.

— Então, vocês não comem carne por aqui? – Celebriant perguntou, ao ouvir Phoebe falar sobre os animais dali.

— Não, não aqui pelo menos. Moramos numa parte muito fria para criação de animais. As peles vêm de outra Base e cultivamos a maioria do que comemos.

— Outra Base? – ela perguntou, comendo mais uma colherada de sopa.

— Sim, temos algumas espalhadas pelo mundo, três principais. – ao ver a expressão confusa dela, sorriu – Precisamos sobreviver. O mundo para nós é mais difícil... Algo que eu lhe explicarei melhor com o tempo. Mas aqui fica a maior parte da população que não é nem Guerreira e nem Tecnóloga. Todos aqui são a população geral dos Rebeldes. E também é, geralmente, onde os Anciões vivem.

— Anciões? São os mais velhos?

— Chamamos de Anciões, não porque são mais velhos, mas sim mais experientes e com espírito de liderança. São aqueles que lideram nossos Guerreiros durante uma batalha. Por isso aqui é chamado de Base Anciã.

— Hum... Então eles são quase generais de guerra, esses Anciões?

Phoebe olhou para Celebriant, sentindo um arrepio percorrer-lhe a espinha. Aahbran havia dito que a memória dela estava bloqueada e que, se ela recuperasse, demoraria muito tempo para acontecer. Mas, se ela estava sem memória, como podia fazer uma conexão

daquelas? O conhecimento dela não fora bloqueado completamente e ela sabia de muita coisa ainda. Talvez não demorasse tanto assim para a menina recuperar completamente sua memória.

— Mais ou menos. — respondeu, suspirando — Existem as ordens a serem cumpridas, pois o que seria de uma população sem leis? Mas não existem pessoas que quebram a lei, pois todos que vivem conosco vieram de bom grado, fugindo dos Ocultos e seu Império.

— Ocultos? São eles que os prendem nas Bases?

— Como vou explicar... O Oculto não quer o nosso bem. Achrom que somos um problema. E, por conta deles, nos escondemos.

Phoebe voltou para sua sopa, não querendo prolongar o assunto. Sabia que aquilo aconteceria, mas não queria entrar em muitos detalhes.

— Isso não parece muito legal... — Celebriant comentou, preocupada — E... Quanto à questão financeira? Como conseguem suprimentos e coisas assim?

— Como eu disse, temos nossa própria fabricação, e o que fabricamos, nós distribuímos para as outras Bases, e elas fazem o mesmo conosco, de maneira que não falta muita coisa. Claro que podem acontecer problemas e não recebermos nossa parte, mas todos somos um time, então quase tudo funciona sem problemas.

Celebriant parecia um pouco aturdida com tantas informações e voltou para sua sopa, terminando-a em seguida. Phoebe percebeu quão perdida ela estava, e então se levantou e segurou na mão dela.

— Já terminou de comer, então vá deitar, Celebriant. Seu dia foi cheio, e amanhã vai ter muito mais informações para digerir.

Sem questionar, Phoebe a viu guardar seu prato na cozinha e ir se deitar. Logo depois, viu que a menina estava completamente adormecida e suspirou. Aquilo fora apenas o primeiro dia.

Celebriant encarava uma menina de cabelos castanhos curtos e olhos malévolos. Ela falava muitas coisas, mas não conseguia compreender seu significado. Ao lado dela havia uma menina de longos cabelos negros e olhos fixos, esperando sua reação. Quando abriu a boca para perguntar quem eram, sentiu uma dor de cabeça tão forte que caiu no chão, e então se levantou da cama com um susto.

A sensação era de que não havia dormido. A iluminação parecia não se ter modificado, e Celebriant estava encharcada de suor. Assim que conseguiu se acalmar, sentiu um cheiro de lavanda e percebeu que vinham dos lençóis da cama. Levou-o ao rosto e cheirou um pouco mais, sentindo-se acalmar. Ainda estava ofegante. O sonho era

completamente estranho para ela, mas ao mesmo tempo conhecido. Não fazia ideia do que significava, mas não queria pensar muito no assunto. Todas as vezes que se lembrava de alguma coisa e não conseguia organizar em sua mente ficava com muita dor de cabeça.

Resolveu se levantar e foi até o banheiro lavar o rosto. Ao se olhar no pequeno espelho encarou uma pessoa completamente estranha. Seus cabelos estavam um pouco desgrehados e opacos, e percebeu que estava muito pálida. Ao ver o chuveiro ao seu lado abriu-o de leve e sorriu ao sentir que a água escorria quente pelos seus dedos. Pegou uma toalha limpa, deixou-a do lado do chuveiro e começou a tirar a roupa. Com surpresa percebeu que havia um desenho no seu braço, perto do ombro direito. Examinou-o, curiosa, mas não conseguiu lembrar-se o que significava. Deu de ombros e enfiou-se debaixo da água quente.

Depois de tomar banho foi até a cozinha sem saber o que fazer. Já havia percebido que Phoebe não estava em casa e não sabia como deveria agir, mas estava com fome. Viu que havia duas maçãs suculentas em cima da mesa e pegou uma delas, abrindo a porta da casa para comê-la ali fora.

A porta da casa se abriu e Jean levantou-se instantaneamente. Estava esperando havia algumas horas a garota acordar e imaginou que ela deveria estar bem cansada. Apesar

de saber que ela estava completamente sem memórias, sentia-se estranho perto dela. Aproximou-se ao perceber que havia sido notado e falou:

— Meu nome é Jean Michel *Vandrreisen* e estou aqui *parra* acompanhá-la.

— Então, você é quem Aaminah havia falado. – ela disse simplesmente, lançando-lhe um olhar indecifrável.

Ele não estava gostando nada de servir de babá para aquela menina, mas não tinha escolha. Os Anciões haviam sido unânimes em escolhê-lo para a função e não queria decepcioná-los.

— *A senhorita prrecisa* de alguma coisa?

— Não. – ela falou, mordendo a maçã com vontade.

— Hoje está *livrre*. – ele levantou as sobrancelhas em ironia – *Nom querr passearr?*

— Acho que um passeio seria bem-vindo, se eu pudesse passear com alguém mais simpático.

Jean encarou-a, incrédulo. Aquela garota insolente! Virou-se de costas sentindo uma fúria começar a crescer dentro dele. Não deixaria que a menina o tirasse do sério. Como se ela fosse muito *interessante* de se conviver. Não passava de uma garotinha sem memórias. Sentiu que ela respirou fundo e aproximou-se dele.

— Interessante é a última palavra com a qual eu me descreveria também. — ela bufou e mostrou a Base — Então me leve para passear, Vandreisen!

Ele finalmente olhou para ela, completamente confuso. Havia falado aquilo em voz alta? Surpreso, respirou fundo, tentando se acalmar. Precisava controlar seus nervos perto daquela garota ou acabaria falando demais.

— Vamos, então? — ela encarou-o longamente, esperando que a guiasse.

Suspirou e começou a caminhar, esperando que ela o seguisse. Estava cansado e sua *Intueri* não estava ajudando-o a dormir. Naquela última noite tivera um sonho com aquela garota desmemoriada, em que ela explodia em fogo e ele corria dela sem parar. Não era comum ele ter sonhos assim, e não fazia ideia do que significava, mas já percebera que a presença dela faria somente com que se incomodasse. Quando resolveu olhar onde ela estava, Celebriant estava do seu lado, caminhando em silêncio.

Foi guiando-a pelas ruelas, sem saber exatamente o que deveria mostrar. Ela não se lembrava de nada e nunca conhecera a Base propriamente dita, então, isso não faria muita diferença. Era só caminhar com ela até que se cansasse, e então a levaria de volta para a casa de Phoebe.

Chegaram ao centro da Base, onde uma grande clareira fora construída, e era o único lugar onde nasciam plantas. Havia muitas árvores e flores do clima frio com um chão

coberto por grama. Mesmo sendo um lugar frio o sol chegava até ali por meio dos espelhos posicionados em toda a Base. A horta comunitária ficava do lado e, do outro lado, ficavam as ruínas aonde geralmente ninguém ia, além das crianças. Elas gostavam muito de brincar ali, e ele sempre achava graça em como elas se divertiam explorando algo tão antigo.

— O que é aquilo? – ela perguntou, interessada.

— Ruínas. *Nom* sabemos do que é, mas ouvimos *histórrrias* que sejam dos nossos *ancestrrais* Rebeldes, pois quando chegamos aqui elas já estavam assim há muito tempo.

Ela olhou para a clareira novamente, curiosa, e Jean fez o mesmo, sentindo-se deslocado. Ali era o ponto de encontro de crianças e adolescentes quando não estavam treinando ou nos seus afazeres, e era um lugar que Jean evitava a qualquer custo. Não gostava muito de conversar com outras pessoas, pois sempre fora mais fechado. Sua vida não era algo que gostaria que viesse à tona.

As crianças brincavam, correndo de um lado para o outro e rindo, e ele percebeu que Celebriant encarava tudo aquilo com um olhar perdido.

— Assustada? – perguntou, ao ver que ela nem piscava.

— Poderia dizer admirada. – ela falou, encarando-o e mostrando as árvores – Não há nenhuma árvore ou verde por todos os lugares onde andei ontem, e aqui é tudo tão bonito... Essa é a horta que a Phoebe comentou?

— A *horrrta* está um pouco mais a *frrente*. Aqui é um *lugarr* de *encontrro*, quase como um *parrque*.

— E isso tudo nasceu por causa dos espelhos?

Jean apenas balançou a cabeça em afirmação e ela abriu a boca novamente, admirada. Percebeu então que alguém vinha na direção deles e a expressão de Celebriant se modificou. Ela parecia extremamente confusa, como se conhecesse aquela pessoa e ao mesmo tempo estivesse chocada ao vê-lo. Jean concentrou-se, mas percebeu que ela não se *lembrava* de nada, mas sim sua *Intueri* que trabalhava formidavelmente.

Ário veio acenando para Jean, desde que o vira até chegar perto dos dois. O Escolhido, como era chamado o menino sem poderes e que tinha um destino pré-traçado, era alguém muito feliz e animado. Adorava estudar e se esforçar, algo que sempre deixava Jean feliz quando deveria dar aulas para ele. O menino então encarou Celebriant profundamente, e estendeu sua mão para ela apertar, parecendo muito feliz.

— Seja bem-vinda! Qual é o seu nome?

Celebriant ficou olhando para a mão do menino, parecendo incrivelmente enjoada. Jean não estava compreendendo de onde vinha aquele sentimento da garota, e nem o porquê de ela conseguir sentir aquilo, mesmo sem memórias, mas algo lhe dizia que era algo além de sua compreensão.

— Meu nome é Ário, Ário Otto. — o menino continuava com a mão estendida, dando um sorriso que a fez empalidecer mais ainda — E o seu?

— Olá, *Árrio*. — murmurou Vandreisen, tentando distrair o menino antes que Celebriant vomitasse nele.

— Olá Jean! — o menino desviou um pouco a atenção dela e apertou a mão de Vandreisen — Vim cumprimentar a nova moradora.

— *Entom*, você já sabia dela?

— E quem não sabe? Até porque sua corrida até a enfermaria com ela no colo não passou tão despercebida pelos moradores.

Jean sentiu os olhos castanhos da garota cravarem nele, em uma pergunta silenciosa. Pelo jeito ela não lembrava que fora ele quem a salvara. Sentiu-se embaraçado ao vê-la encarando-o daquele jeito, mas Ário colocou-se então na frente dos dois, dando um sorriso de orelha a orelha para Celebriant.

— Você é muda?

Ela piscou e balançou a cabeça negativamente, dando um suspiro e fazendo Jean segurar uma risada. Ário era sempre tão sincero que chegava a ser engraçado. Ela, então, apertou a mão do menino e deu o que deveria ser um sorriso, mas que saíra algo parecido com espasmo muscular para Jean.

— Meu nome é Celebriant Ollest.

Olhou para ela, estranhando. Ollest? Bom, aquilo deveria ser obra de Aaminah. Provavelmente mentira sobre o sobrenome dela para que não soubesse de muita coisa.

— Eu já ouvi esse sobrenome! – murmurou Ário, espantado, fazendo Celebriant dar um sorriso.

— Eu não me lembro de muita coisa, mas também acho um sobrenome estranho.

— Ah. – ele deu um sorriso e aproximou-se do ouvido dela com a mão em concha e sussurrou algo, olhando atentamente para Jean enquanto falava.

Celebriant deu um sorriso irônico para o menino, assim que ele terminou o que tinha para dizer, e deu uma piscada com o olho.

— Gostei de você. – ele falou, acenando – Venha me ver mais vezes! Tchau, Jean!

E, dando um aceno um tanto exagerado, ele voltou para a clareira e se juntou aos outros. Apesar de parecer que iria ter um algum tipo de surto quando viu o menino, Jean sentiu que algo dentro de Celebriant parecia ter mudado. Estava com o ar mais alegre e feliz, o que o fez desconfiar. Teria que ficar sempre de olho naquela garota.

Capítulo 5 – O poder da *Intueri*

Dois meses depois.

Aaminah estava sentada com um livro no colo quando Aahbran entrou na casa parecendo exausto. Naquele dia ele havia ido até o extremo da montanha para verificar se o *Bloqueio* dele estava intacto e, pelo que podia sentir do irmão, ele não encontrou nada de errado no seu trabalho. Um menino de doze anos transformou-se em alguém mais velho assim que sentou no sofá quente e esticou as pernas na direção do fogo.

— Tudo certo, então? – perguntou Aaminah, assim que o irmão se acomodou.

— Se você pergunta do *Bloqueio*, sim, tudo certo. – ele resmungou, parecendo um velho amuado.

— Então, não encontrou nenhuma explicação lógica nesses dois meses de como Celebriant encontrou o caminho da Base e passou por todos os bloqueios?

Ele encarou-a severamente e balançou a cabeça, irritado.

— Não vamos falar disso, Aaminah, eu não quero brigar com você.

— Aahbran, não seja infantil. Eu sei que foi para isso que você quis ir verificar todos os acessos à Base. Claro, depois de passar esses meses tentando descobrir outras falhas.

— Então, se você *sabe*, não tem porque eu te responder.

Deu um sorriso indulgente e fechou seu livro, chamando a atenção do irmão.

— Phoebe me contou que Celebriant tem pesadelos todas as noites.

Aahbran encarou-a seriamente.

— Que tipo de pesadelos? – ele finalmente perguntou, preocupado.

— Lembranças, nada muito palpável. Diz que se lembra de algumas pessoas que pareciam fazer parte de sua vida, mas nada que consiga decifrar. Não sabe de nomes, nem nada. Seu sobrenome continua sendo Ollest e nada sabe de onde veio.

— Sim, eu fiquei sabendo sobre essa sua brincadeira com nosso sobrenome. – ele grunhiu, voltando os olhos para o fogo e parecendo exasperado – Eu a bloqueei há dois meses e ela já está dando sinais de recuperação! Como isso é possível?

— Eu não sei, mas vou descobrir. A partir de amanhã vou trazê-la aqui mais vezes na semana, para explicar-lhe como funciona sua *Intueri*.

Aahbran encarou-a, resabiado.

— Aaminah...

— Eu não vou ajudá-la a recuperar a memória, se é isso com o que se preocupa. — Aminah pôs o livro de lado e encarou o irmão firmemente — E quanto à recuperação de sua memória, eu acredito que não vá demorar mesmo muito tempo para que a recupere completamente.

— Isso não vai acontecer! — ele grunhiu, parecendo agora um homem de vinte anos — Ela vai recuperar sua memória quando eu quiser!

— Eu já lhe disse o que eu penso, Aahbran. — murmurou Aminah calmamente, recostando-se no sofá e fechando os olhos — Não sei exatamente o que vai acontecer, mas assim que ela recuperar suas memórias, ficará muito brava. E, então, as coisas serão feitas do meu jeito.

— Tenho certeza de que não haverá necessidade. E se ela realmente for... — ele suspirou — Bem, se ela for, saberemos, certo? Agora me deixe descansar. Estou morto.

Aminah abriu os olhos e respirou fundo. Aquela ideia de bloquear as memórias de Celebriant não fora boa, mas ela sabia quanto era necessária para sua aceitação. Se a menina realmente fosse quem esperava, queria poder ajudá-la a fazer seu trabalho e, no dia seguinte, iria começar.

Celebriant pareceu surpresa, mas contente ao ver que era Aminah quem a esperava

do lado de fora, ao invés de Jean. A *Intueri* de Aaminah lhe mostrou claramente que o encontro diário dos dois não estava sendo muito apreciado pela menina, e por isso ela ficara feliz ao lhe encontrar. Deu um sorriso assim que ela se aproximou, fazendo com que ela sorrisse também.

— Hoje sou eu quem vai ficar com você. – disse Aaminah, ainda sorrindo – Quero que você aprenda algumas coisas sobre seu poder.

Ela pareceu muito excitada, e seguiu-a pelas ruas de pedra parecendo uma criança, contando tudo o que fizera naqueles dias. Deveria estar se sentindo um pouco solitária. Aaminah sabia que Jean não gostava de conversar, e, ele, sabendo quem ela realmente era, ficava ainda mais reservado. Deu um sorriso ao se lembrar do que falara para Jean quando o trouxera para a Base, e era bem provável que todo esse mau humor perto de Celebriant se devesse àquela conversa.

Levou-a até sua casa e a fez sentar no tapete de pele que tinha no chão. Depois de se esquentarem na lareira e com um chá quente, Celebriant ficou silenciosa e pensativa. Percebendo que a menina queria conversar com ela, mas não sabia como começar, Aaminah resolveu ajudá-la.

— Está tudo bem, Celebriant?

Ela pareceu um pouco incomodada e sua feição ficou estranha.

— Eu estou tendo alguns sonhos estranhos.

Aaminah sentiu seu corpo estremecer. Phoebe comentara isso com ela, mas a menina não sabia disso.

— Estranhos como?

— Eles parecem fragmentos, mas nunca consigo entender nada. Será que estou recuperando minha memória?

— É possível... – Aaminah comentou, aproximando-se dela – Mas não se incomode com isso, Celebriant. Hoje quero que se concentre em outra coisa: vou ensinar sobre sua *Intueri*.

Ela pareceu esquecer seus sonhos e olhou-a interessada.

— Primeiramente, preciso que você compreenda que os poderes, em geral, são iguais para todos os que os recebem. Um *Speede* tem sempre os mesmo poderes que outro *Speede*. A *Intueri*, entretanto, se trata de sentidos aguçados, mas principalmente trabalhar com o sexto sentido. Portanto, por mais que pensemos que todos os *Intueris* são iguais, eles não são, pois tudo que se refere ao poder é relacionado com sensações e sentimentos. E tem outra diferença: nós temos a possibilidade de evoluir nosso *Intueri* de formas diferentes. Há três tipos de evolução para o poder. A primeira é a *Intueri* voltada para a profecia, que é o meu tipo de poder.

“O *Intueri* voltado para a profecia tem visões, vislumbres e, por vezes, profetiza o futuro. São poucos os que têm a *Intueri* voltada somente para esse tipo hoje, mas, há muitos anos atrás, era o mais forte entre os três. Como todo *Intueri*, nossa intuição é aguçada, mas relativamente maior que a dos outros”.

A menina pareceu pensar um pouco, compreendendo o que havia sido dito, e Aaminah ficou em silêncio. Por um instante lembrou-se de quando tivera a visão envolvendo Celebriant e agora, que a via em sua frente, lhe parecia fazer mais sentido do que nunca.

— Eu não me lembro de ter visões. Somente os sonhos, mas eles devem ser a respeito das minhas memórias, não é?

— Bem possível... Mas, deixe-me continuar, e já explicarei sobre sua *Intueri*. O segundo tipo de *Intueri* é o voltado para a luta. Você conheceu Jean, não foi? – Celebriant acenou em afirmação – Ele tem esse tipo de poder. Um dia você pode pedir para ele lhe ensinar alguns golpes. Não sei se sabe, mas ele é o Instrutor da Base. Jean ensina os interessados a lutar, desde crianças, tendo o poder *Intueri* ou não. Bom, o *Intueri* com esse tipo tem a possibilidade de mover o ar a sua volta com a mente e consegue usá-lo para lutar. Tem também a possibilidade de ser telepata e conseguir pressentir os movimentos do adversário, e inclusive ouvir seus pensamentos quando for muito evoluído.

— Isso parece interessante! — ela exclamou — Mas não quero que Vandreisen me ensine alguma coisa.

Aaminah deu um sorriso e afagou o rosto dela.

— Não o julgue tão severamente. — respirou fundo e olhou para Celebriant — Agora, o último tipo de poder de *Intueri* é uma mistura dos dois anteriores. Hoje, os *Intueris* são escassos, e os que existem moram entre os Rebeldes. O número deles é reduzido, portanto não posso afirmar, mas você deve ser a única com esse tipo de poder hoje.

— Eu tenho os dois? — ela perguntou, confusa — Mas não sei lutar.

— Isso é algo que vejo com minha *Intueri* em você. Mas não se preocupe, Celebriant. Você pode decidir se deseja aprender os dois ou um só, mas acho que você pode ir com calma nesse momento. O que quero explicar é que, mesmo que você tenha os dois, às vezes é mais difícil desenvolvê-los ao mesmo tempo. Portanto, eu vou ajudá-la a desenvolver sua *Intueri* voltada para profecia, se você quiser.

— Eu quero aprender... Mas não compreendo nada, Aaminah. — ela deu um suspiro cansado — Será que é por que eu não sei nada da minha vida?

— Sim, é provável... — deu um sorriso e segurou a mão de Celebriant entre as suas — Mas não pense nisso. Agora feche seus olhos.

A menina fechou os olhos e Aaminah fez o mesmo, vendo o mundo de imagens e sons

que não conseguia captar com os olhos abertos. Sua *Intueri* funcionava perfeitamente. Via Celebriant à sua frente, uma aura lilás brilhante, e, ao fundo podia ver seu poder de *Kassan* bloqueado por uma luz prateada. Percebeu que Celebriant arfou e começou a suar.

— Celebriant? – perguntou, ainda de olhos fechados.

— Eu... Consigo vê-la. E não só você. Toda a Base e as pessoas e...

— Isso é o que a *Intueri* faz, Celebriant. Podemos sentir cada pensamento ou sentimento das pessoas a nossa volta. Podemos sentir sua energia.

— Mas isso é loucura! – ela se remexeu, não parecendo confortável – É muita coisa!

— Nesse momento, ao meu lado, sua *Intueri* se potencializa, pois nos conectamos por estar tão próximas. Sozinha, você verá que não conseguirá alcançar isso. Pelo menos não sem muito treino. – sorriu ao sentir o espanto dela – Depois que você aprender bem, pode recusar as sensações indesejáveis ou o que não quer ver. E também aprende a ver o que quiser. É só praticar. É quase como uma meditação, mas você não deixa somente sua mente limpa, mas sim a abre para tudo o que puder ver. É assim que começamos a desenvolver nossa *Intueri*, e ela pode nos trazer muitas coisas, como lhe expliquei antes.

— Prever o futuro me parece algo duvidoso.

— Bem, é incerto. Mas, ao mesmo tempo, temos um destino, mesmo que não

acreditemos nisso. Temos uma missão para ser realizada aqui, portanto, nossa vida gira em volta desse destino.

Aaminah sentiu que Celebriant tremeu.

— Não gosto da palavra destino.

— Então, use outra.

Celebriant deu uma risada leve. Aaminah lembrou-se da conversa que tivera com Phoebe há dois meses e pôde perceber que a menina ficara muito mais *feliz* sem suas memórias. Toda a dor havia sido escondida de si mesma. E não sabia se era bom vê-la feliz daquela forma ou ruim, por imaginar o que ela faria quando recuperasse suas memórias.

— Agora, abra seus olhos e tente trazer esse mundo que você vê de olhos fechados para o mundo de olhos abertos.

Aaminah abriu seus olhos e o mundo parecia muito mais colorido. Cada objeto transpirava uma aura e Celebriant brilhava, seus olhos encarando aquele mundo, admirada.

— Já sumiu! – ela comentou, curiosa – Isso é normal?

— Sim. Vai demorar um pouco até você aprender a controlar esse fenômeno, mas prometo ensinar muito mais. – deu um sorriso e Celebriant sorriu também – Sei que parece não fazer sentido tudo o que eu lhe expliquei, mas prometo que fará. E você vai poder evoluir seu poder, assim como eu.

— Mal posso esperar!

Celebriant fechou os olhos novamente e empalideceu. Aaminah se aproximou dela em tempo de segurá-la e não deixá-la cair no chão. Antes que pudesse deitá-la, ela acordou surpresa.

— O que aconteceu?

— Você usou sua *Intueri* de uma forma que provavelmente nunca usou. Isso gasta energia. Agora deve descansar.

— Hum... Certo. – ela murmurou incomodada.

— Quero que você treine isso. Aos poucos, para não ter mais esse tipo de reação. Quanto mais praticar, melhor vai se sair.

Ela acenou em afirmação e sentou-se sozinha.

— Muito bem. Na nossa próxima aula vou ensinar muito mais. Agora não quero forçar muitas informações para você. – levantou-se, ajudando Celebriant a ficar de pé – Venha, vamos passear um pouco. Contaram-me que hoje estaria muito bonito na clareira!

Alguns dias depois.

Ário estava na clareira, conversando com Ulisses, quando viu ao longe Celebriant se aproximando. Sentiu um calor gostoso no peito, algo que não podia descrever. Era algo

como um fogo brando, algo doce e ao mesmo tempo dava a sensação de querer estar por perto. Sentia a mesma coisa quando estava perto do seu irmão, há muito tempo atrás, e não conseguia resistir: toda vez que ela aparecia, corria para sua direção. Ulisses falava algo com ele que parecia importante, mas ao vê-la mais próxima, pediu desculpas e foi em direção de Celebriant e Jean, que a acompanhava com a mesma cara emburrada de sempre.

— Olá, Celebriant!

Ela deu um sorriso um pouco encabulado, mas pareceu um pouco feliz por ele ter ido falar com ela. Ário viu que Ulisses havia seguido-o e estava ao seu lado agora, um pouco confuso, esperando uma apresentação. Lembrou-se de que ele não havia conhecido ela antes, e se apressou em apresentá-los.

— Ulisses, essa é Celebriant. Ela veio lá de fora quase morta, e agora está bem! Não é muito bom?

Ulisses segurou uma risada ao ver que Celebriant estava quase rindo também. Sentindo-se bem em fazê-la querer rir, resolveu que ficaria por ali mesmo, conversando com ela. Ela parecia tão deslocada! Quase sentiu pena dela, mas sabia que pena não era um sentimento bom.

— Está se adaptando bem aqui, Celebriant? – perguntou Ulisses.

— Estou sim... – ela respondeu, sentando-se em um banco mais próximo da clareira

e sendo seguida por Ulisses.

— Que bom!

Ao ver os dois sentados juntos, Ário sentiu-se subitamente estranho. Achava que não era uma boa coisa ficar, já que os dois pareciam bem. Olhou para a clareira e viu que alguns amigos faziam sinais para que fosse até lá, e sem esperar muito virou-se para os dois e falou:

— Eu já venho!

E deixou os dois sozinhos.

Ulisses viu Ário se afastar dos dois e deu um sorriso para Celebriant, que retribuiu, parecendo completamente perdida. Havia ouvido falar da mulher que Vandreisen trouxera quase morta, mas ainda não tinha tido a chance de encontrá-la. Nos últimos dois meses tivera que viajar para a Base Guerreira, para ajudar em um treinamento, e voltara há pouco tempo. Quando chegou, porém, não teve como não sentir curiosidade sobre a garota, já que Ário não parava de falar nela. Achara graça ao ver que ele estava encantado com uma mulher mais velha, mas agora, ao vê-la, percebeu que ela deveria ter no máximo dezoito anos e era jovem. E muito bonita, por sinal.

— Ário não para de falar em você. – comentou, olhando o rosto dela se abrir em um

sorriso.

— Ele é um menino muito falador.

— E isso é a palavra de alguém que não vive com ele! – levantou as mãos para o céu, exasperado – Quando eu falo ninguém acredita.

— Você é o... O pai dele?

— O pai? – sorriu, e mostrou a aparente diferença entre os dois – Não... Eu só cuido dele.

Ela pareceu pensar alguns minutos, e então sussurrou:

— Ele não tem família?

— Tinha. – contou, incerto se deveria falar com ela sobre isso sem ter consultado Ário, mas ela pareceu realmente interessada e continuou – Seus pais e irmão morreram.

— Eu sinto muito. – ela olhou para o outro lado, parecendo subitamente mais pálida.

— Está tudo bem?

— Sim. Só estou um pouco enjoada, nada demais.

Ela estava completamente pálida, e Ulisses fechou a boca, não sabendo o que falar. Olhou para trás e viu que Vandreisen estava parado há alguns metros deles, parecendo totalmente indiferente e entediado. Ela percebeu quem ele olhava e ele viu o rosto dela se

fechar.

— O que foi?

— Muito... – ela respirou fundo, parecendo pensar bem na palavra que usaria –

Antipático.

Ele deu uma risada baixa. Gostara dela. Era misteriosa e muito diferente de todas as mulheres que conhecera até então. Não sabia exatamente porque ficou interessado, mas já fazia muito tempo desde que seu coração fora despedaçado. Achava que aquilo era estranho: querer passar mais tempo com alguém.

— Você está na casa da Phoebe, não é? – perguntou depois de algum tempo, ao ver que ela não parecia mais tão pálida.

Ela encarou-o profundamente, fazendo com que seu coração palpitasse. O que estava acontecendo com ele? Sentiu suas orelhas ficarem vermelhas e olhou para o outro lado, fingindo procurar onde Ário estava.

— Sim... – ela falou finalmente, dando um leve sorriso – Agora percebi que você é muito parecido com ela. Você deve ser o irmão dela, não é?

— Sou! – sorriu também, sentindo-se menos envergonhado – Está gostando daqui?

— Para alguém que não tem a mínima noção de como era sua vida antes dessa, estou gostando bastante.

Ulisses havia esquecido que ela não se lembrava de nada do que acontecera antes de chegar à Base, e se sentiu um pouco constrangido. Que belo jeito de conversar com uma garota, lembrando-a que não sabia sobre sua vida.

— Logo lembrará, você vai ver.

— Você é muito simpático! – ela falou, empalidecendo novamente tão rápido que achou que ela vomitaria em cima dele – Mas agora eu tenho que ir.

E, sem esperar que ele falasse qualquer coisa, ela levantou-se e saiu. Ulisses percebeu que Vandreisen logo a seguiu, e os dois desapareceram pela rua de pedra. Um pouco decepcionado e não sabendo exatamente porque se sentia assim, resolveu que logo faria uma visita para sua irmã.

Havia uma árvore muito bonita. Ela crescia sem parar, transformando-se cada vez mais em um ser humano. Sem compreender, Celebriant aproximou-se e encostou-se àquele ser humano em formação e os olhos castanho-claros da árvore a encararam docemente.

— Sabe o que são os Escolhidos? – a boca da árvore falou, fazendo com que ela se afastasse, terrorizada.

Não, ela não fazia ideia do que eram os Escolhidos, mas aquilo deveria fazer algum sentido. O problema era que não conseguia pensar muito bem. O ser humano que se formava

era uma mistura de árvore e de um humano, e aquilo estava completamente assustador.

— Você vai ver logo... — a boca continuava a falar, deixando-a apavorada.

— Eu não quero ver! — ela gritou, remexendo-se para fugir daquela árvore horrenda.

E, então, sentiu seus cotovelos baterem em algo duro e frio e arfou com a dor. Havia caído da cama. Viu que Phoebe estava na porta do quarto, encarando-a com preocupação.

— Eu estou bem, Phoebe, pode voltar a dormir. — resmungou, massageando os cotovelos e encarando a médica.

— Estou vendo.

— Não seja tão protetora! — resmungou, vendo que Phoebe a encarava com um olhar divertido.

— Quer conversar sobre o que te fez cair da cama?

— Foi só um pesadelo!

Sua *Intueri* cutucou seu estômago, e Celebriant a ignorou. Sabia que não era só um sonho. Tinha algo a ver com sua vida antes de perder a memória, apesar do sonho não fazer nenhum sentido para ela. Phoebe ainda a encarava com um olhar divertido e ela deu um sorriso mal-humorado.

— Certo, Phoebe, eu vou voltar a dormir.

— Quer que eu coloque seu colchão no chão? Assim a queda é menor!

Celebriant não resistiu e jogou um travesseiro na médica, que começou a rir, e jogou o travesseiro de volta. Alguns minutos depois, Phoebe pediu uma trégua e mandou-a dormir, como uma irmã mais velha faria.

Deitou-se novamente na cama, mas o sono lhe fugira completamente. Uma árvore humana. Os Escolhidos. O que aquilo tinha a ver com qualquer coisa? Respirou fundo e fechou os olhos, concentrando-se da forma como Aaminah explicara. Qualquer momento a sós que conseguia, Celebriant estava treinando sua *Intueri*. Não havia tido muitos progressos, mas sempre tentava. O mundo com seu poder a deixava estática, captando cada detalhe que seus olhos nus não conseguiam ver. Longe de Aaminah, percebeu que não conseguia ver tanto com sua *Intueri*, e lembrou-se de que perto dela seus poderes se conectavam. Apesar de a mulher explicar que aquilo era para evoluir seu poder e deixá-lo mais forte, Celebriant sentia em seu íntimo que deveria usar aquilo de uma forma diferente. Não comentou com ela, obviamente, mas tinha que tentar usar sua *Intueri* para recuperar sua memória.

Com os olhos fechados, sentiu a presença cor-de-rosa de Phoebe no outro quarto, já dormindo em um sono pesado. Voltou para sua própria aura, de cor lilás-prateada. Algo lhe dizia que aquele prateado não lhe pertencia, e, então, concentrou-se em retirar aquilo. Mas

sua força pelo jeito não era suficiente: nem chegara a alterar o brilho do prateado. Aquilo era muito estranho. E, então, algo lhe atingiu como um soco.

Viu, como se fosse uma tela gigante, um homem com cabelos negros até os ombros e olhos incrivelmente azuis. Sentiu-se apavorada com sua visão, e abriu os olhos instantaneamente sem compreender. Aquele homem... Quem era ele?

Capítulo 6 – O sentimento estranho

Um mês depois

Ulisses estava fazendo o café da manhã quando Ário levantou-se, ainda extremamente sonolento com seus cabelos despenteados e os olhos cansados, como se não tivesse dormido a noite inteira.

— Ário, que horas você foi dormir ontem?

— Cedo, Ulisses. – ele bocejou – O problema foi o dormir.

— Pesadelos?

— É... Mais ou menos. – ele pareceu pensar e disse, finalmente. – Eu ando tendo alguns sonhos estranhos, só isso.

— Sonhos estranhos?

— É. – o menino balançou a cabeça, parecendo perdido. – Algo que eu nunca tive. E eles não me deixam dormir! Eles ficam me atormentando e então, quando eu vejo a Celebriant, simplesmente acaba, e eu não consigo mais dormir.

Ulisses parou o que estava fazendo e encarou Ário, com um olhar duvidoso.

— Como é?

Ele pareceu perceber o olhar que o homem lhe lançava e jogou os braços para cima, exasperado.

— Eu sei! Você vai dizer que eu a vejo nos meus sonhos porque estou apaixonado por ela, mas isso não é verdade! São coisas completamente diferentes! — o menino resmungou, olhando para o chão envergonhado assim que terminou de falar.

Reprimiu um sorriso. Sim, achava que Ário estava apaixonado por Celebriant de tanto que falava dela, e por isso andava sempre a procurando. Apesar de tudo, Ulisses também sentia vontade de revê-la. Acabou vendo a garota algumas vezes, apenas de passagem, e conversaram amenidades. Na verdade, ela sempre estava acompanhada, ou de Vandreisen, ou de Aaminah, e acabara não tendo tempo e espaço para iniciar uma conversa mais longa. Mesmo sabendo que a garota estava sem memórias e um pouco perdida, ela sempre era simpática com ele, e Ulisses gostava bastante de conversar com ela.

— Eu não disse nada. — falou finalmente, voltando a mexer na cozinha.

— Mas pensou, admita! — ele bocejou longamente ao ver que Ulisses não lhe respondera. — Eu estou bem, apenas com sono. Tudo bem para você se eu dormir mais um pouco?

— E seu treino?

— É amanhã. – ele falou, parecendo menos animado.

— Então pode ir dormir.

Ário saiu da cozinha e foi para seu quarto, fazendo com que Ulisses começasse a rir baixinho. Aquele garoto era alguém muito querido para ele, como seu irmão mais novo, e vê-lo ter sua primeira paixão era algo engraçado.

— Ei, sabe o que eu estava pensando?

Ulisses deu um pulo de susto e encarou o garoto, que voltara sorrateiramente para a cozinha.

— O que, Ário?

— Vamos jantar com a Phoebe e Celebriant essa semana! Sei que a Phoebe vai trabalhar só de tarde a semana inteira, e teremos as noites livres. O que acha?

Dando um sorriso maroto, Ulisses olhou para o menino, que ficara subitamente vermelho.

— Vou conversar com ela, então. – concordou, finalmente.

— Seria legal, só isso! – ele resmungou, incomodado – Estou com saudades.

— De quem? Da Celebriant?

— E da Phoebe também. – ele mostrou a língua, soltando outro longo bocejo em seguida – Agora vou dormir. Se eu não acordar, posso contar com você?

— Claro, Ário. Vá descansar.

Dessa vez, Ulisses ouviu o ranger da cama onde o menino dormia e logo depois os leves roncos de um sono profundo. Não pôde negar que a ideia de Ário havia sido muito interessante. Havia visitado a irmã uma única vez naquele mês, e acabara vendo Celebriant de relance. Dando um sorriso pegou um prato e foi comer seu café da manhã sentindo-se muito bem.

Enquanto repassava mentalmente o que faria naquela manhã, lembrou-se de que teria treinamento naquela semana inteira com Vandreisen, sobre algumas questões de lutas e táticas de guerra para iniciantes. Ultimamente o treinamento estava cada vez mais puxado, e Ulisses percebeu que aquilo era algo mais do que simples exercício. Algo estava acontecendo, mas desta vez ele não seria o último a saber.

Seu humor começou a vacilar, entretanto, não podia deixar-se abater. Apesar de Vandreisen ser sempre antipático, o problema entre eles dois era mais do que aquilo. Ulisses não gostava dele por sua arrogância e estupidez. Sempre que participavam de treinamentos ele fazia questão de mostrar que sabia mais, que era mais experiente e que Ulisses não era ninguém. Pelo menos era como se sentia perto dele.

Respirou fundo e balançou a cabeça, espantando os pensamentos. Iria, assim que pudesse, ver sua irmã, e sentia que, quando visse Celebriant, seria um grande estímulo para

não perder o bom humor.

Celebriant estava andando a esmo pelas ruelas da Base. Já era tarde, mas não conseguiu dormir. Seus últimos sonhos haviam sido piores que pesadelos, e não queria mais vê-los. Já não sabia exatamente o que havia sido em sua vida, mas não tinha certeza se queria recuperar a memória e descobrir. Havia sonhado naquela noite com a marca tatuada em seu braço, e não gostara do que vira. Sua vida parecia ter sido nada agradável. Sabia que precisava conversar com Aaminah assim que a visse, e provavelmente poderia vê-la ainda naquela semana, mas também estava em dúvida se poderia contar a ela.

Percebeu que chegou à clareira e que estava vazia àquela hora da noite. Sentou-se em um dos bancos, deitando a cabeça até se encostar. Estava uma noite mais fria que o normal e Phoebe ficara presa na enfermaria com alguns casos de resfriados fortes, e ela estava solitária demais naquela casinha. Apesar de saber que não deveria perambular sem a presença de alguém, precisava ficar sozinha. Toda aquela história de perda de memória e seus sonhos nada reveladores estavam deixando-na inquieta e exausta. Já fazia mais de três meses que acordara naquela enfermaria e já duvidava que fosse recuperar sua memória. De repente, sentiu a aproximação de alguém e levantou a cabeça no mesmo instante. Alguém se aproximava dela e, quando a luz de uma das tochas iluminou a pessoa, pôde reconhecer o

irmão de Phoebe, Ulisses Lynx.

Os dois ficaram se encarando por alguns instantes e, então, Celebriant levantou as sobrancelhas, inquieta, o que o fez rir.

— E então... O que está fazendo por aqui? Sozinha? – perguntou ele, parecendo um pouco desconfortável, mas animado.

— Nada. – respondeu ela, um pouco seca demais.

Ele pareceu travar e encarou seus próprios pés.

— Hum... Desculpe, não queria chateá-la. Eu vou embora, então!

Lynx fez menção de sair, mas Celebriant, sentindo-se desconfortável com o que iria fazer, segurou o braço dele. Ele olhou para ela sem entender, mas ela não tirou os olhos do chão.

— Não vá, Lynx. Fique. Você é uma ótima companhia, ao contrário de mim. – disse, fazendo o possível para não encará-lo.

— Hum... Pode me chamar de Ulisses, se quiser. – ele falou de repente, fazendo com que ela o olhasse também.

— Ulisses. – murmurou, desviando o olhar.

O homem sentou ao seu lado parecendo feliz. Não sabia o motivo, mas também se sentia feliz. Nos poucos momentos que o vira, ele sempre fora gentil e solícito, e tinha um

sorriso de tirar o fôlego. Não fazia ideia do motivo, mas ficava inquieta e nervosa do lado dele, sem saber exatamente o que fazer. Os dois ficaram um longo tempo em silêncio, apenas olhando a clareira. Celebriant pensou por alguns instantes como seria o lado de fora daquelas Montanhas, e se ela se lembraria de algo ao pisar lá. Sentia suas mãos suarem e seu corpo se enrijecer, e estava um pouco apavorada com todas aquelas sensações. Parecendo resolver algo, Ulisses levantou-se e deu um sorriso lindo para ela.

— Venha. Quero mostrar uma coisa!

Rapidamente, ele segurou a mão dela e a puxou. Celebriant sentiu seu fôlego desaparecer e, quando se deu conta, estavam na entrada Oeste da Base. Ele havia usado sua *Speede*, o poder de rapidez.

— Desculpe, mas eu queria chegar rápido. – ele sorriu alegremente para ela.

Sem falar mais nada, ele continuou puxando-a para o lado de fora. Celebriant estava começando a ficar desesperada. Mesmo estando ali há três meses, sabia que não podia sair. Aquilo era dito sempre, pois poderia se perder.

— Ulisses! – falou, mas ele não pareceu ouvir e ela falou mais alto – Ulisses, eu não posso sair!

— Você não vai sair, vai só ficar na porta. – ele continuou andando e puxando-a, o que a fez sentir as pernas tremerem – Venha!

Assim que alcançaram o posto da área Oeste, Lynx mostrou o que o animava, e Celebriant arfou. O céu estava incrivelmente estrelado ali, e a lua cheia iluminava o posto, deixando-os banhados pela sua luz. Perdeu-se olhando o céu, sentindo-se bem e, o que era muito estranho, sentindo-se *livre*. Apesar de tudo, ventava muito naquele lugar e estava muito frio. Acolheu-se no seu casaco sem conseguir se mexer, quando percebeu que Ulisses a encarava com uma seriedade que ela achou que o deixava muito bonito.

— Sabe de uma coisa? – falou ele de repente, olhando mais intensamente para ela – Você fica muito sombria assim, na luz da noite. Dá até medo.

Apesar de se sentir desconfortável com o olhar dele e seus pensamentos a respeito disso, Celebriant não pôde conter o sorriso.

— Está com medo de mim, Ulisses?

— Não é bem isso... – ele pareceu encabulado, o que a fez começar a rir – É que você fica bonita assim.

Ela sentiu-se empalidecer. Apesar de não ter sua memória, sentia que aquela sensação era nova para ela. Parecia que havia milhares de borboletas no seu estômago, que nada tinham a ver com sua *Intueri*. Um pouco chocada e sem saber o que fazer virou-se na direção da Base olhando para tudo, menos para os olhos negros dele.

— Obrigada pelo elogio, Ulisses, mas eu tenho que dormir agora. Boa noite. – e,

sem dizer mais nada, Celebriant saiu o mais rápido que pôde, deixando Ulisses parado no posto Oeste.

Não queria ter saído daquela forma, mas não sabia o que estava acontecendo. Aquela sensação diferente a apavorara mais do que qualquer coisa, e resolveu que não ficaria para esperar a continuação.

Na sua corrida desabalada para a casa de Phoebe, não percebeu direito o caminho que seguia. Quando resolveu olhar para ver onde estava, reconheceu a casa de Aaminah, iluminada mesmo àquela hora da noite. Conseguia ouvir que havia alguém conversando com ela, em um tom não muito agradável. Aproximou-se lentamente, tomando o cuidado para não ser notada. Não queria ouvir a conversa dos outros, mas apesar de todo o bom senso que tinha, sua curiosidade foi às alturas quando ouviu seu nome ser pronunciado.

— Acho que você está preocupado demais com ela. — a voz de Aaminah estava calma e serena.

— Eu *nom* estou *prreocupado*! — o homem grunhiu, parecendo nervoso — Eu só *nom* vejo nenhuma ligação com o que me disse, Aaminah!

— Você está tentando entender algo que nem aconteceu, Jean. Não seja tão ansioso. — a voz dela agora parecia até divertida.

— Eu *nomquerro* mais acompanhá-la. Acho que meu *deverr* a respeito dela está

terrminado.

Percebeu, mesmo naquela distância, que ele sentia raiva dela. Muita raiva. Algo que ela não conseguia decifrar. Mas por que ele falara dela daquela forma? Por que aquele homem sentia tanta raiva dela? Celebriant ficou, no mesmo instante, com um ódio imenso daquele idiota.

— Realmente, acho que não há mais necessidade de acompanhá-la. Se não quiser, não precisa mais vê-la.

— *Obrrigado*, Aaminah. — a voz dele saiu agradecida, o que a fez sentir ainda mais ódio.

— Mas lembre-se, Jean: às vezes encontramos nosso destino quando tentamos fugir dele.

Percebeu a tempo que Vandreisen estava saindo e escondeu-se. Viu que o homem saiu batendo os pés, pelo jeito sem nem responder a afirmação de Aaminah. A casa ficou silenciosa e Celebriant sentiu finalmente uma vergonha abatê-la. Correu dali, agora seguindo para a casa de Phoebe.

Quando se afastou o suficiente tentou compreender o que ouvira na casa de Aaminah.

Não gostava daquele Vandreisen, sempre vira o quão antipático e fechado ele era com as outras pessoas, e, com ela, não era muito diferente. Mas toda aquela raiva que ele sentia era algo que não conseguiria esquecer. A partir do dia seguinte não iria mais acompanhá-lo. Eles nem conversaram direito no tempo em que conviveram e, mesmo assim, ele falava dela daquela forma! Irritada e sentindo-se mal por ser *excluída* do convívio de alguém, respirou fundo. Se ele não queria sua companhia, ela também não iria querer a dele.

Uma semana depois.

Ulisses caíra no chão pela décima vez naquele dia, sentindo suas orelhas avermelharem com a raiva. Vandreisen estava treinando os aspirantes a Guerreiros, que seriam enviados às bases de treinamento assim que estivessem em condições. Ele só não estava em uma dessas bases porque aceitara cuidar de Ário, mas Vandreisen não perdia a chance de humilhá-lo por não estar no meio da ação como Ulisses queria. Sempre que precisava ensinar algo, o homem o chamava para *ajudá-lo* com suas demonstrações, o que sempre significava que ele iria se irritar com o instrutor.

— Como eu disse, vocês devem *serr* rápidos e eficientes em *defenderr* sua mente e seu *corppo* de ataques. — ele deu um olhar sinistro para sua plateia - *Agorra*, quem *querrtentarr* me *derrotarr*?

Sentiu seu rosto ficar vermelho novamente e levantou-se muito irritado. Que presunção! Como se ele fosse o mais forte da Base e Ulisses uma mosca que acabara de derrotar. Já fizera o treinamento e poderia muito bem lutar, mas o homem sempre usava de artifícios para ganhar, e um deles era seu poder. Percebeu, então, que alguém se prontificara ao pedido e estava caminhando até o centro da clareira, parecendo disposto a aceitar o desafio de Vandreisen. Sentiu seu corpo sumir ao ver quem era.

Celebriant tinha chegado há pouco tempo na clareira, mas fora o suficiente para ver o que estava acontecendo.

Havia acabado de voltar de uma manhã de treinamento com Aaminah, e estava sentindo sua cabeça arder, tamanho fora a complexidade das técnicas que a mulher lhe ensinara. O tanto de informação que recebera de uma só vez parecia ter aberto sua cabeça em duas. Estava com um pouco de medo do que andava vendo com essas técnicas, mas não tinha certeza se deveria contar a sua nova tutora sobre suas ideias a respeito delas.

Vandreisen estava no centro da clareira com muitas pessoas em sua volta. Quando se aproximou, viu que ele explicava algo, e que Ulisses estava de pé ao seu lado parecendo um pouco irritado. Vários adolescentes, inclusive Ário, estavam ali, a maioria prestando absoluta atenção no que o homem dizia, enquanto alguns o encaravam com tédio. Era a

primeira vez que via ele assim, lecionando. Provavelmente era um treino e, curiosa, ela aproximou-se. Quando se sentou para prestar atenção no que ele falava, os dois homens começaram a lutar.

Ulisses até tentava se esquivar dos golpes rápidos e intuitivos de Vandreisen, mas o homem era muito mais forte e experiente do que ele. Seus movimentos eram leves e ao mesmo tempo carregava um tom de ironia, o que fez o peito dela arder de raiva. Percebeu que Vandreisen estava lutando com Ulisses com intenção de humilhá-lo publicamente. Ele não gostava de ninguém, isso era um fato, mas aquilo era realmente necessário? Toda aquela humilhação? Sem contar que aquela sensação que tinha por Ulisses a fazia sentir uma obrigação urgente de salvá-lo.

Assim que Vandreisen derrotou Ulisses pela décima vez, ouviu-o perguntando se mais alguém gostaria de lutar contra ele. Sem pensar duas vezes, levantou-se, andando na direção do centro da clareira. Ulisses a encarou surpreso, mas desviou o olhar e encarou Vandreisen. Seus olhos não se desgrudavam, e, naquele instante sentiu-se *poderosa*. Alguma coisa dentro dela era capaz de derrotá-lo, e seu corpo pareceu confirmar aquilo como uma onda gigante de raiva.

E, de repente, Vandreisen começou a andar na direção dela e Celebriant fechou os olhos. Pôde ver toda a clareira de uma forma diferente, algo como uma fumaça branca, e

cada pessoa como um ponto colorido e borrado no meio dela. Concentrou-se no ponto esverdeado que reconheceu como sendo seu oponente, viu que ele vinha rapidamente em sua direção e desviou-se. Não sabia como lutar, pois não se lembrava de ter lutado algum dia, mas seu corpo parecia saber. Cada golpe que ele mandava, ela conseguia desviar, assim como os ataques físicos, que seu corpo defendia e atacava com a destreza que deveria ter.

E então, começou a ver. Várias imagens se formaram em sua mente enquanto seu corpo se defendia e sentiu-se penetrar em seu próprio cérebro. Sua memória estava ali, escondida atrás de algo branco e denso, e sua *Intueri* brilhava com intensidade também, mas algo mais queria brilhar. Algo que nem ela sabia explicar, tamanha a potência que aquilo emanava. Aquilo pulsava com violência atrás da bolha branca, como se quisesse explodi-la.

Sentiu que Vandreisen se aproximava e abriu os olhos. Algo como uma linha de vento vinha em sua direção, e ela levantou os braços em forma de cruz, sentindo que algo deveria acontecer, mas nada aconteceu. O golpe acertou-a em cheio na barriga e voou alguns metros longe, caindo no chão de terra. O que fora aquilo? Olhou para seus braços que ainda mantinham a forma e sentiu-se confusa. Seu corpo lhe dizia que aquilo deveria ter funcionado.

Mas *o quê exatamente* deveria ter funcionado?

Viu uma mão esticar-se por cima dela, oferecendo-lhe ajuda, e surpreendeu-se ao ver que era a mão de Vandreisen.

— Me *perrdoe*, *senhorrita*, *nom querria* machucá-la.

Atrás dele viu que Ulisses se aproximava, sem saber que reação ter. Não querendo parecer antipática, aceitou a mão do homem e levantou-se, limpando suas roupas sujas de terra. Encarou Vandreisen, que parecia sentir-se orgulhoso por tê-la derrotado, mas ao mesmo tempo irritado e confuso.

— Da próxima vez, não deixarei que me machuque. – respondeu, sorrindo com cinismo.

Ele fechou a cara e virou-se para sua plateia, mandando que todos fizessem pares e treinassem com ele. Ulisses apareceu instantaneamente do seu lado, encarando-a com preocupação.

— Por que você foi se meter com ele? – ele sussurrou, acompanhando-a para fora da clareira.

— Porque ele é um grosso e estúpido, e só faz aquilo para te humilhar! – encarou-o, sentindo o rosto esquentar com a raiva – Por que você deixa que ele faça isso? É tão injusto!

Ulisses não respondeu, apenas abaixou a cabeça e continuou andando do lado dela.

Bufando, ela parou no meio do caminho ao perceber que ele sorria.

— Por que está sorrindo? Eu disse algo errado?

— Não... – ele respirou fundo, tentando parar de sorrir, mas falhando miseravelmente – Você luta muito bem! Por pouco não derrubou Vandreisen!

— Ah... – não pôde evitar sorrir também. – Eu ando treinando minha *Intueri* com Aaminah, e estou melhorando.

— Aquilo não era somente sua *Intueri*! – Ulisses olhou-a, excitado – Você parece que teve treinamento de guerra! Será que você não era da Base Guerreira?

Por alguns segundos os dois se olharam, ainda sorrindo, e Celebriant empalideceu. Ulisses ficou mais perto, passando a mão suavemente em seu rosto. Os dois se aproximaram e seu coração pulava no peito ao ver os olhos dele tão próximos dos seus. Mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, ouviram uma voz, ao longe, chamando por ele. Como se houvessem levado um choque, os dois se afastaram e Vandreisen apareceu do lado deles. No mesmo instante, Celebriant sentiu a onda de preocupação que invadia a Base e tremeu involuntariamente.

— Lynx, chame *Petrry* e corram até a casa de *Aahbrran*.

— O que está acontecendo? – ele perguntou, ficando tenso no mesmo momento.

— Acabei de *receberr* o código *verrmelho*. Seja rápido.

Um lampejo de susto e ao mesmo tempo de adrenalina pareceu surgir nos olhos de Ulisses, que rapidamente encarou Celebriant, preocupado.

— Chame Ário e vá para casa de Phoebe com ele, e não saiam de lá! Eu converso com vocês depois, mas, por favor, faça o que eu digo!

E, sem mais explicações, ele correu para o lado oposto de onde Vandreisen acompanhava mais três garotos, deixando uma Celebriant totalmente perplexa para trás. Piscando um pouco, viu onde Ário estava e foi até ele. Algo muito errado estava acontecendo.

Capítulo 7 – A energia em potencial

Aaminah tomou conhecimento antes de todos, e já estava no portão de entrada quando os visitantes chegaram. Seu coração estava apertado, e ela sabia que eles traziam más notícias. Até porque geralmente não se encontravam, a não ser em casos de emergência. Duas macas vinham à frente do grupo, sendo carregadas por Guerreiros. Assim que se aproximaram, Aaminah os orientou para levarem as macas até a enfermaria, e seus olhos se prenderam nas duas pessoas ali presentes.

Meehiel era um homem enorme. De tamanho e músculos, ele tinha tamanha força que poderia esmagar qualquer coisa que quisesse. Ele era um bom exemplo de como o poder *Intueri* era totalmente válido em uma batalha quando usado daquela forma. Seu cabelo era curto e baixo, que ficava mais marcado pelo seu rosto quadrado e escuro e seus olhos negros como a noite. Era um homem tanto temido quanto amado por suas legiões, e todos os que queriam se tornar um Guerreiro eram mandados para a Base em Cliop, onde Meehiel os treinava dia e noite para batalhar contra os Ocultos.

Quem o acompanhava era uma menina pequena, que parecia ainda menor perto de Meehiel. Sua idade deveria ser no máximo catorze anos, mas aquilo era algo que não

conseguiram acertar plenamente, pois a menina não tinha pais. Aaminah a conhecia bem, mas fazia muitos anos desde a última vez que a vira. Já havia previsto sua volta, graças ao que revelara a ela quando se conheceram. Apesar de todos os anos que passaram, a menina mantinha a mesma forma pequena e o olhar sério e despreocupado. Todos conheciam pelo menos seu nome: Seanna Wila. Era a técnica mais formidável e inteligente entre os chamados Rebeldes. Obviamente que a primeira visão da menina deixava qualquer um assustado, por sua pouca idade e tamanho, mas assim que percebiam seus dons, o susto dava lugar à admiração e respeito.

A Base Tecnológica fica localizada nas Montanhas Vermelhas, do lado do país de Egort, e era a mais escondida de todas as Bases. Lá se faziam experimentos e máquinas, geralmente tentando visar o maior conforto às Bases. E, apesar do trabalho de anos desenvolvidos por lá, foram daquela pequena garota as descobertas genéticas que envolviam os poderes. Por isso Aaminah a considerava uma pessoa tão extraordinária.

— Aaminah! – falou a voz grossa e forte de Meehiel, apertando firmemente sua mão – Imaginei que saberia de nossa chegada.

— Meehiel! – murmurou, apertando a mão dele e virando-se para a menina, apertando sua mão também – Muito prazer em revê-los! O que está acontecendo?

— Chame Aahbran e Vandreisen. Quero os melhores para discutirmos isso. É uma

situação crítica, Aaminah. Precisamos da cooperação de todos.

— Certo. – resmungou, sentindo seu peito se apertar mais – Vamos atrás deles.

Celebriant já tinha feito o jantar, e ela e Ário estavam em silêncio. O menino não parecia muito preocupado com o que acontecera, o que não fez ela se sentir melhor. Podia sentir que a atmosfera da Base se modificara. A preocupação concentrada era tão grande que não poderia ser algo pequeno.

— Ário, – perguntou com cuidado – o que é o código vermelho?

O menino estava comendo o arroz que ela fizera e encarou-a com a boca cheia. Assim que conseguiu engolir, deu um sorriso encabulado, mas ao mesmo tempo feliz.

— Então, é disso que se trata? Um código vermelho? É por isso que estamos aqui?

— Bom, foi isso que eu ouvi o Vandreisen dizer.

— Se realmente for um código vermelho, não há porque se preocupar. – ele voltou a comer – O problema não é um ataque direto à nossa Base, e sim, ataque externo a uma das Vilas Amigas.

— Vilas Amigas?

— É. – ele encarou-a incrédulo, ao ver que ela não compreendera – Eu não acredito que o Jean não fala nada para você! Logo você, que precisava lembrar as coisas! – ele

comeu mais uma garfada de arroz e pareceu pensar por alguns segundos, balançando a cabeça, incrédulo – Bom, ele sempre foi antipático com as pessoas.

Celebriant sorriu com o desabafo de Ário. Ele parecia sinceramente preocupado por ela não saber coisas tão simples quanto códigos, e sua ideia a respeito de Vandreisen era a mesma que a dele.

— Isso me deixa aliviada, Ário, saber que mais alguém concorda comigo. – ela deu um sorriso cínico e aproximou-se dele, curiosa – Então, vamos lá! Quero uma aula desses códigos.

— Bem, eu não poderia dar essa aula porque o que eu sei é o básico. Quem sabe é o Jean, mas já que ele não te ensinou, bem... Eu posso tentar. – ele falou, levantando um dedo para cada código que dizia – Preto para ataque direto à Base, Amarelo para possível explosão, Verde é ataques com agentes contagiosos e coisas assim. Tem código para sequestro e tudo o mais, mas eu sempre achei a teoria, um problema. Gosto de aprender a me defender!

— Hum... E quanto as Vilas?

— Ah, sim. – o menino colocou o prato de lado, completamente concentrado no que falava para ela – Bom, nós somos autossuficientes a maior parte do tempo, mas acontece de perdemos uma grande colheita ou nossas peças de pele se extraviarem pelo caminho. E, com

isso, temos algumas Vilas em vários países, e elas nunca são próximas de qualquer Base nossa. Essas Vilas nos ajudam com suprimentos e avisam de uma possível emboscada, coisas assim. Algo como um amigo lá fora, por isso se chamam Vilas Amigas. Geralmente são vilas pequenas, para não chamar a atenção dos Ocultos.

— Então, uma dessas vilas está sendo atacada? – Celebriant aproximou-se mais, quase sussurrando – Por isso esse desespero todo?

— Eu não entendi mesmo. – o menino estava quase sussurrando também – Geralmente os Guerreiros cuidam dessa parte; há pelo menos vários deles em cada Vila Amiga. Nós nunca interferimos diretamente em uma batalha, a não ser que ela seja grande demais para qualquer um. Somos uma equipe de reforço. Todos aqui nessa Base têm treinamento de luta e sabem como se defender. – ele respirou fundo e encarou-a, excitado – Treinamos desde pequenos para sermos melhores que os Ocultos e vencê-los! Eu, pelo menos, sempre fui assim, mas nem todos têm esse afinho com o treinamento e preferem ficar por aqui, onde a ação é menor e pode ser que nem respondam ao chamado se houver uma guerra.

— Mesmo se for para defender onde vocês todos moram? – Celebriant encarou-o, chocada.

— Isso é de cada um. E nem todos têm vontade de sacrificar o próprio pescoço

para salvar os outros... Eu vejo, sabe? – ele pegou o prato dando mais uma colherada e voltou a falar, encarando Celebriant – Eu vejo vários deles fingirem se interessar no treinamento, mas nunca passam das fases iniciais. Eles poderiam evoluir, mas não querem.

— Mas você quer. – ela afirmou, fazendo-o lançar um sorriso.

— Quero mostrar quem eu sou pelo que faço. – ele disse, parecendo um pouco irritado.

Pôde sentir, naquele momento, uma profunda dor vinda dele. Por mais que Ário fosse apenas um menino, aquilo era muito forte. Sentindo-se intrometida, mas não conseguindo se segurar, perguntou:

— Ário, eu posso perguntar algo pessoal?

O menino encarou-a e baixou os olhos, envergonhado.

— Olha, se é pelo que o Ulisses acha, não tem nada a ver!

— Ulisses? – perguntou, sem entender.

— É! Eu não estou apaixonado por você! – ele revirou os olhos e suas bochechas avermelharam – O Ulisses sempre tira conclusões precipitadas e não vê o panorama geral, entende?

Celebriant começou a rir, fazendo com que Ário a olhasse desesperado.

— O que foi agora? O que eu fiz?

Ário ainda estava com um olhar perdido, sem compreender o motivo do riso, e ela também não saberia como explicar. Estava prestes a perguntar sobre aquilo que Ulisses lhe dissera sobre os Escolhidos, mas já não sabia se queria fazê-lo. Ário era sempre espontâneo e divertido, e não queria lembrá-lo do que ele era. Não naquele momento.

Como o garoto parecia estar começando a se desesperar por não saber o que fazer diante da reação dela, para o que lhe parecia ser um assunto complicado, tentou se controlar.

— Tudo bem, Ário. Não era sobre isso que eu ia conversar, mas é bom saber que você não está apaixonado por mim.

— Isso! – ele pareceu aliviado – Eu me sinto bem ao seu lado. Como se você fosse... – ele engoliu em seco – Uma irmã mais velha.

Celebriant sentiu seus ossos gelarem. Algo naquela frase a fez sentir que faltava um pedaço de sua vida. Algo que precisava preencher. Mas, antes que pudesse definir qualquer coisa, a porta da casa se abriu e Phoebe e Ulisses entraram, ambos parecendo exaustos.

— Olá a vocês! – Ulisses falou, jogando-se no sofá – Eu preciso de comida, tem alguma disponível?

— Tem na cozinha, seu preguiçoso. – respondeu Phoebe, antes que Celebriant pudesse falar.

— E então? – Ário perguntou, curioso – O que está acontecendo para todo esse alarde?

— Os Ocultos estão atacando uma Vila Amiga... – falou Ulisses, levantando-se e indo a cozinha pegar a comida ao ver que ninguém se dispôs a fazê-lo.

— Mas por que estão nos metendo na briga?

— Parece que o Oculto mandou muita gente para lá, Ário, e estamos em desvantagem. – falou Phoebe, sentando-se ao lado de Celebriant e encarando o menino – Querem nossa ajuda, e nós ajudaremos. Sem contar que há muitos feridos que virão para cá.

— Eu quero lutar, Ulisses! – Ário falou, levantando-se num salto.

— Não dessa vez, Ário. Você ainda é jovem demais. – a voz dele soou firme na cozinha.

— Eu não acho isso! Eu já tenho catorze anos!

— E eu tenho vinte anos, qual a diferença entre nós dois? – Ulisses voltou para a sala, sentando-se do outro lado de Celebriant e comendo vorazmente.

— Você é mais feio do que eu! – rebateu Ário, fazendo o que parecia ser um bico e sentando-se no sofá novamente.

— Então você vai também, Ulisses?

Ela não queria que aquilo soasse estranho, mas não pôde evitar. Estava preocupada com Ulisses e não queria que nada de mal acontecesse com ele. O homem pareceu perceber o tom de voz dela e abriu um sorriso.

— Fico feliz por sua preocupação, mas não há com o que se inquietar. Estaremos bem! E eu estarei lutando, finalmente! Sabe há quanto tempo espero por isso?

— Eu deveria imaginar, mas, mesmo assim estou preocupada. – comentou Celebriant em um muxoxo.

— Não há com o que se preocupar. – ele repetiu, sorrindo – Vamos acabar com os Ocultos e trarei um pedaço deles para você!

Phoebe soltou um grunhido de insatisfação e Ário começou a rir.

— Claro, Ulisses! – sorriu Celebriant, não resistindo a brincadeira – Traga sim, mas me avise para eu não comer alguns dias antes, e preparar alguns acompanhamentos!

Ulisses aproximou-se dela e apertou sua mão com doçura antes de recomeçar a devorar a comida. Sentindo-se muito envergonhada, abaixou a cabeça, mas Ário e Phoebe não pareceram perceber o que o homem havia feito. Não sabia exatamente o motivo, mas não se sentia bem com a ida de Ulisses para a batalha. Sua *Intueri* lhe dizia que podia perdê-lo rápido demais.

Assim que os dois irmãos terminaram de comer e Ário puxou Phoebe para conversarem sobre a possibilidade de ele ir lutar, tentando convencê-la, Celebriant e Ulisses ficaram sozinhos no sofá, completamente em silêncio. Por alguns instantes, ele olhou fixamente para ela e, em seguida, se levantou, com as orelhas um pouco vermelhas.

— Hum... Celebriant?

— Sim? – encarou os olhos dele, sentindo seu coração pular.

— Eu posso conversar com você? – ele segurou sua mão e indicou o lado de fora da casa.

Sem conseguir abrir a boca, ela meneou a cabeça em um sim, fazendo com que Ulisses a puxasse pela mão. A noite estava gelada e, mesmo ali dentro, eles podiam sentir que uma nevasca cobria o lado de fora. Celebriant puxou a gola do casaco com uma das mãos, ficando feliz que a outra estivesse coberta pela mão de Ulisses.

Os dois começaram a conversar sobre assuntos aleatórios. Ulisses contou de como estava empolgado para lutar e há quanto tempo não tinha essa oportunidade. Celebriant deixou que ele falasse, pois se sentia completamente retraída ao andar com ele de mãos dadas. Sua *Intueri* lhe dizia que aquilo nunca acontecera, e a sensação era no mínimo apavorante e diferente. Quando se afastaram um pouco da casa de Phoebe, o homem parou

no meio da rua, colocando-a de frente para ele. Sentindo um arrepio que nada tinha a ver com o frio, Celebriant tentou se controlar.

— Eu... Queria fazer uma pergunta.

— Então faça. – murmurou em um fiapo de voz.

— Eu sei que a gente não se conhece direito e que você não lembra quem é... Mas eu gostei de você desde nossa primeira conversa e... – ele encarou-a e falou de uma vez – Você quer ser minha namorada?

A mente de Celebriant girou e ela sentiu que perdeu toda a pouca cor que tinha no rosto. Por alguma razão imbecil, a *Intueri* dela tentava mostrar uma lembrança, mas estava completamente ofuscada por algo prateado, que forçava a mente dela a esquecer. Era, ao que parecia, alguma memória a respeito daquele sentimento por Ulisses. E, juntamente com o pedido do homem, aquilo deixou-a completamente estática.

Ao ver sua feição, Ulisses ficou completamente vermelho e sem jeito e soltou-a, dando um passo para trás e parecendo transtornado.

— Você não quer? – ele passou as mãos no rosto, muito triste – Me desculpe, eu...

Celebriant saiu de seu devaneio e percebeu que o homem achava que aquela reação era uma negativa à pergunta e segurou a mão dele de novo, se aproximando e fazendo o possível para sair de sua confusão mental.

— Não é isso! – conseguiu tirar a imagem da lembrança bloqueada de sua mente e tentou sorrir – Eu quero!

Ulisses ouviu aquilo e parou de se martirizar, tentando compreender o que se passava. Então, Celebriant sorriu de uma forma que a fez sentir seu coração se abrir. Sabia, no fundo, que era seu primeiro sorriso de verdade, e disse, novamente:

— Eu disse que quero ser sua namorada, Ulisses.

Com dois passos ele cobriu a distância que os separava e beijou-a apaixonadamente. Celebriant sentiu o mundo parar, e, com o tanto de emoções passando por ela naquele instante, não conseguiu pensar em mais nada.

A sala de reuniões da Base nunca esteve tão cheia. Além de Meehiel e Seanna, também estavam Aahbran, Jean, Phoebe e mais quatro Anciões, aguardando os recém-chegados começarem a falar. Assim que todos se ajeitaram, Meehiel levantou-se e começou:

— Todos devem estar se perguntando o que estamos fazendo aqui e porque pedimos ajuda. Antes de falar, preciso que a chefe Wila fale um pouco sobre o que ela está construindo.

Ela se levantou (apesar de não parecer ter mudado muito a sua altura) e colocou os longos cabelos negros para trás. Ajeitou os óculos em seus olhos castanhos e empertigou-se.

Apesar de Seanna ser conhecida, muitas pessoas ainda sentiam-se incomodados com a presença da garota, e algumas pessoas se remexeram inquietas ao ver seu rosto indiferente e sem expressão.

— Meu nome é Seanna Wila e eu sou a responsável pela Base Tecnológica. Durante todos esses anos fazemos pesquisas e experimentos, visando o bem-estar dos nossos. Nossa última invenção, e acredito ser a mais demorada delas, é o Gerador de Energia. Os Ocultos conseguem sua energia através de pessoas com o poder de *Energia*. – ela respirou fundo antes de continuar – Como nem todos sabem, vou explicar como esse poder funciona: eles captam a energia dos seres vivos, principalmente seres humanos, que desperdiçam todo dia energia vinda do movimento de seus corpos. Nosso corpo é energia, ele carrega em si movimentos que a geram, algo que os Ocultos descobriram e usam para abastecer seu mundo com conforto.

“Eles descobriram também que nem toda a energia que um ser humano lança em volta dele é produtiva, e as nomearam como positivas e negativas. Algo que os portadores do poder de *Energia* ainda estão tentando compreender cem por cento, fazendo o máximo para captar apenas as positivas. Sabendo disso, eu decidi criar uma máquina que fizesse o mesmo que vários portadores: captasse as positivas e as transformasse em energia elétrica. O único problema foi que isso não seria possível sem alguém com o poder de *Energia*.

Então, resolvemos levar nossa máquina para uma das Vilas Amigas, onde há alguns jovens portadores desse poder, que ainda não haviam sido recrutados para o governo”.

Ela tomou um gole de água e continuou.

— Eu sempre soube, por experiência própria, que toda a descoberta científica pode ser utilizada para o lado errado, e sabia que com essa máquina não seria diferente. O Gerador de Energia capta o poder da pessoa que está nela e o potencializa, fazendo exatamente o que a pessoa pode fazer, mas no mínimo triplicado. A minha ideia é gerar energia para as Bases não precisarem mais de tochas ou outras técnicas para obter luz. E, então, levamos a máquina aos poucos à Vila e, quando suas peças estavam todas lá e a máquina estava pronta para ser montada, fomos atacados.

Meehiel aproximou-se de Seanna e pigarreou, assumindo a explicação.

— Alguém passou a informação que os Rebeldes estavam criando algo contra os Ocultos naquela Vila, pois eles mandaram e continuam mandando um contingente muito grande de soldados para lá. Temos muitos Guerreiros, mas não tenho certeza se podemos vencer sem ajuda. Por isso estamos aqui. Precisamos de mais pessoas para nos defender. E precisamos de uma enfermaria eficiente para poder receber nossos feridos, que não espero ter mais, mas que em uma batalha desse tamanho, é provável termos.

— Alguma pergunta? – concluiu Seanna Wila, encarando-os por cima de seus

óculos.

— Quais são as prioridades, Meehiel? – perguntou Aahbran, preocupado.

— Tirar todos os civis e nossos Guerreiros de lá a salvo. Quanto à máquina, já discutimos sobre isso, Seanna e eu, e decidimos tentar retirá-la de lá sem danos e em pedaços, como ainda está. Alguns pedaços menores dela já estão aqui ou a caminho, mas a maior parte ainda está lá.

— Se essa máquina cair nas mãos dos Ocultos, estaremos dando uma grande arma de destruição para eles! Deveríamos destruí-la imediatamente! – exclamou Naara, uma das Anciãs, parecendo muito nervosa.

— E perder todo o meu trabalho? – perguntou Seanna, indignada.

— Não foi algo que você construiu? – Relinde, outro Ancião, encarou a tecnóloga com preocupação – Você não tem os projetos com você? Não poderia construir a máquina novamente?

— Eu poderia. – ela suspirou, olhando para o horizonte – Mas seriam anos perdidos nesse projeto.

— Estamos aqui discutindo sobre a tal máquina e não pensamos nas vidas das pessoas que estão lá, esperando nossa decisão! – opinou Hugo, outro Ancião, indignado – Devíamos destruir a máquina e trazer a população da vila para cá!

As vozes de repente se alteraram, e Aaminah não conseguiu mais distingui-las. Todos estavam falando ao mesmo tempo e tentando expor seus pontos de vista. Aahbran, então, se levantou e pigarreou, mas ninguém prestou atenção nele. Sem se incomodar, ele falou em um tom de voz tão forte que fez todos se silenciarem imediatamente.

— Estamos aqui para discutir como pessoas civilizadas e não brigar! – ao ver que tomou a atenção para si, abaixou o tom de sua voz – Vamos chegar a uma conclusão que seja boa para ambas as partes.

— Eu posso sugerir algo, Aahbran? – perguntou Meehiel, continuando a falar quando Aahbran acenou afirmativamente – Eu sugiro que nossa prioridade seja transportar a população da vila para cá em segurança, trazer os feridos e evitar maior derramamento de sangue, mas, enquanto os Guerreiros fazem essa parte, os Tecnólogos vão organizando a máquina para ela ser transportada. Faremos o possível para transportá-la a salvo, mas se isso estiver no caminho de salvarmos mais vidas, vamos destruí-la.

— Acho uma boa sugestão. – comentou Aahbran, encarando todos os presentes – Então salvaremos a população e os nossos, e, se conseguirmos, trazemos a máquina, do contrário, vamos destruí-la. Alguém tem mais algo a acrescentar? – todos pareceram concordar – Então, eu e Jean vamos preparar os Guerreiros aptos. Phoebe... – ele virou-se para a médica, que se levantou – Quero que monte a melhor equipe médica para receber

possíveis feridos e que ajeite uma das alas da enfermaria somente para isso. O restante, quem quiser pode ajudar onde melhor lhe convier. Mas devemos ser rápidos, se queremos chegar logo para ajudar a Vila Sol Poente.

Aaminah deu um sorriso ao ver todos seguindo as ordens de seu irmão, sem nem pensar duas vezes. Meehiel e Aahbran eram muito parecidos e tinham um espírito de liderança muito grande. Seu irmão sempre fora um grande Guerreiro e líder desde pequeno. Talvez fosse por isso que ela acreditara que tudo o que passou se aplicava a ele. O Escolhido precisava de alguém com dois poderes ao seu lado e, a princípio, seu irmão parecia a escolha ideal. Mas então sua *Intueri* lhe mostrara a visão, e Aahbran não gostara nada de saber da verdade.

Respirou fundo e olhou em volta, vendo a movimentação. Sua *Intueri* tinha certeza que conseguiriam resgatar a Vila com sucesso, mas não sem algumas perdas. Quando lutavam com o Oculto, eles atacavam para matar, e nem todos os Guerreiros eram tão rápidos ou experientes para conseguir sobreviver.

Todos foram dispensados aos seus afazeres e ela continuou ali, sentindo sua *Intueri* agir. Aquilo estava se formando como vira há alguns anos atrás, e queria que se concluísse da maneira apropriada. Alguém tocou seu braço de leve e ela assustou-se ao ver Phoebe encarando-a com um sorriso.

— Preocupada?

— Estava perdida em pensamentos. Esse tipo de reunião me lembra muitas coisas.

— ao ver a médica dar um sorriso cansado, segurou suas mãos – Quer ajuda com a enfermaria?

— Claro. – ela deu um suspiro – Eu espero que tudo dê certo.

— Eu tenho certeza que sim! – falou, confiante.

Phoebe sorriu novamente e se afastou, deixando-a sozinha. Sentiu que alguém a olhava fixamente e virou-se, encarando os olhos castanhos de Seanna, que se aproximava discretamente. Assim que as duas se encontraram, saíram juntas, caminhando em silêncio pelas ruelas da Base. Aaminah sabia exatamente o que se passava na cabeça de Seanna e segurou sua mão, de forma compreensiva.

— Entendo sua frustração, Seanna, mas isso não é o fim.

— Eu estava tão próxima... – ela disse, e então ficou um pouco em silêncio – Você acha que eu consigo trazer a máquina até aqui?

— Não tenho ideia, Seanna.

A tecnóloga suspirou, parecendo um pouco irritada.

— A minha vida estava quase arrumada, Aaminah! Eu estou tentando desesperadamente cumprir a meta de minha vida!

— Nem sempre as coisas se resolvem da forma que esperamos. — sorriu ao ver a irritação da garota — Agora vá com Meehiel. Ele precisa de sua ajuda.

— Espero que você esteja certa! — ela murmurou, ainda contrariada — Espero mesmo.

Aaminah ficou olhando Seanna desaparecer nas ruas da Base e respirou fundo. Não era somente o destino de Seanna que estava sendo completado. Seu próprio destino se formava em sua mente, deixando-a mais tranquila. Aquele era o caminho pelo qual deveria seguir para alcançar seu destino.

Quase toda a população da Base estava na clareira para se despedir dos Guerreiros que iriam lutar na Vila Sol Poente. Celebriant, ao lado de Ulisses, segurava sua mão com força e sentia seu coração apertar dentro do peito. Não queria que ele fosse. Algo dentro dela estava implorando para que impedisse o homem de ir para a Vila, mas sabia que não poderia. Ulisses estava muito feliz de ter sido escolhido para ir lutar, e estava se sentindo finalmente reconhecido. E, por mais que seus desejos egoístas tentassem se sobrepor, não poderia fazer isso com o namorado.

Ao ver Aaminah ao fundo, ajudando com os preparativos, Celebriant lembrou-se da conversa que tivera com a mulher na noite anterior e sentiu que ainda estava um pouco

nervosa. Queria também ir lutar contra os Ocultos, mas Aaminah foi categórica. Ela não poderia sair de dentro da Base, e, se quisesse ajudar, deveria ficar com Phoebe para curar os feridos, que não seriam poucos. Já imaginava que essa seria a resposta da Anciã, mas tinha esperanças de que precisassem de todos que queriam ajudar. Ela realmente queria ajudar... E ficar ao lado de Ulisses.

Ário também estava ali, um pouco emburrado por ser muito novo para lutar. Reparando um pouco melhor, Celebriant pôde perceber que muitos adolescentes da mesma idade também estavam decepcionados por não poderem ir. Sem saber exatamente porque, Celebriant sentiu uma raiva imensa lhe arder no peito. Desde pequenas aquelas crianças eram treinadas para, um dia, lutar contra um opressor forte e poderoso, que eles não sabiam se seriam capazes de destruir. Sem perceber, estava sentindo tanto ódio dos Ocultos quanto todos daquela Base.

Quando Meehiel aproximou-se do meio da clareira e falou algumas palavras de confiança para a população, Celebriant percebeu que Ulisses soltara sua mão. O homem deu-lhe um abraço apertado e um beijo leve na boca, sorrindo feliz.

— Não fique preocupada e ajude Phoebe. — falou ele, soltando-a e se afastando um pouco.

— Não se machuque, Ulisses. — pediu de repente, fazendo-o dar uma leve risada.

Antes que ele pudesse responder, alguém apareceu nas costas do homem e Celebriant olhou para uma mulher muito bonita, de longos cabelos negros e olhos tão azuis quanto o céu. No mesmo momento, sentiu uma antipatia tão grande por ela que quase voou em seu pescoço.

— Celebriant, essa é Zandra Petry. – falou Ulisses, mostrando a moça bonita – Ela vai conosco para a batalha!

A mulher encarou-a com um ar superior e fez um aceno com a cabeça. Sem querer ser mal-educada, Celebriant retribuiu o aceno, sentindo uma tensão sem explicações se formar entre ela e a mulher. Parecia que já a havia visto em algum lugar, mas não sabia onde. E, pela forma como aquela morena olhava para Ulisses, viu algo que somente sua *Intueri* parecia sentir, e aquilo a deixou completamente irritada.

— Não se preocupe comigo! – Ulisses falou, dando um último aceno e andando ao lado de Zandra para fora da Base, juntamente com todos.

Sentindo seu coração se apertar, e um pouco de raiva pela forma como Zandra caminhava ao lado de Ulisses, virou-se e foi para a casa de Phoebe, sem nem esperar Ário. Sua raiva sem explicações bombeou seu peito e forçou sua mente ao máximo para não repassar aquela cena em sua mente. Se quisesse falar com qualquer um de uma forma amigável nos próximos dias, precisava ficar um pouco sozinha e ter certeza do que estava

sentindo.

Capítulo 8 – A batalha em Sol Poente

Todo o lugar estava tão silencioso que nem mesmo os animais ousavam se mexer. Aquele tipo de silêncio desconfortável, como se algo estivesse se aproximando e nada pudesse pará-lo. Todas as casas estavam escuras e não se via ninguém nas ruas. Parecia uma vila abandonada. Uma das casas minúsculas da vila, que não destoava desse cenário, era a entrada que apenas os moradores e os chamados Rebeldes conheciam.

Ali, embaixo da casa de três peças de madeira estava um caminho sinuoso por debaixo da terra, que levava ao que era o esconderijo de todos os sobreviventes dos últimos dias: o lugar onde estava escondida a máquina dos tecnólogos, aquela que poderia ajudar a todos os Rebeldes a terem uma vida mais confortável. Mas, além disso, era uma máquina que poderia ser usada para fins malévolos. E era por causa dela que Naile estava ali, praticamente enterrado, com muitos feridos e totalmente incapaz de pensar.

Naile era o homem considerado responsável pela Vila Sol Poente, aquele que negociava com os Governos e, principalmente, os mantinha vivos. Sua descoberta sobre como o Governo realmente funcionava o deixou perplexo e, por não concordar com a política dos Ocultos e acabar conhecendo alguns Rebeldes, uniu-se a eles, fazendo o

máximo para proteger a população da vila e ajudar os Rebeldes a se esconderem e obterem tudo o que era necessário. Nunca houvera problemas, mas ele sempre esperara esse dia chegar. Estava cansado de ter sempre que fingir ser um adorador dos Ocultos e suas ideias absurdas.

Há quase uma semana, os Ocultos, os chamados peões, por serem mais fracos, atacaram a Vila com a intenção de encontrar a máquina que os Rebeldes escondiam ali. Todos os habitantes se recusaram a falar onde estava, e então eles começaram a atacar. Naile conseguiu enviar a maioria das crianças, mulheres e idosos para um esconderijo, até que pudessem se organizar e levá-los para uma Base. E o número dos homens e Rebeldes que ficaram ultrapassou o poder dos Ocultos, e eles precisaram chamar reforços, que, incrivelmente, chegaram muito rápido. Sem esperar ter que lutar com tantos, muitos de seus colegas morreram ou foram gravemente feridos. Os outros que ainda resistiam lutaram até a chegada dos Guerreiros, e estes conseguiram expulsar os Ocultos.

Desde então, há dois dias, a vila estava silenciosa. Ninguém ousava se mexer, apenas esperando. Sabiam que logo chegaria o reforço dos Ocultos e estariam perdidos. Nenhuma vila havia conseguido ficar tanto tempo lutando, e eles com certeza estavam ficando irritados. Mais Guerreiros chegariam a qualquer momento e Naile era o único que estava com esperanças de vencer. Não tinha *Intueri*, mas sempre tivera seus sentidos

aguçados. Sabia que conseguiriam. E pedia para que seus instintos estivessem corretos.

Seanna guiou os Guerreiros até a entrada para onde sua máquina ficava escondida. Apesar de toda a adrenalina a sua volta, seu coração batia normalmente. Mesmo com todos os anos que passara na Base Tecnológica, seu controle não mudara. O silêncio estava tão grande na Vila, que parecia estar deserta. Mas sabia que sua máquina estava bem, juntamente com os sobreviventes dos primeiros ataques, pois os Ocultos ainda não haviam chegado. Ainda havia chances de arrumar sua vida.

Assim que a viu, o vigia apontou uma espada na direção deles e todos pararam. A espada fazia parte do corpo do homem e era feita de um material brilhante. Ele se aproximou, e Seanna pôde notar que aquilo parecia ser feito de energia. Absolutamente maravilhada e quase esquecendo de que estavam em batalha, ficou admirando aquela capacidade, sem ouvir o que Meehiel conversava com eles. Todos, então, rumaram para a pequena casa e ela apressou-se em segui-los.

Começou, então, a ficar um pouco irritada. Seus estudos e toda sua vida foram baseados em ajudar a população dos conhecidos Rebeldes a terem mais estrutura e força para lutar contra os Ocultos. Sempre que um de seus inventos acabava destruído ou em mãos erradas, sentia-se inútil. Mas aquela máquina era mais do que importante: era seu destino.

Dessa vez iria lutar, e, quem sabe, esse sentimento de inutilidade sanasse um pouco.

O lugar onde a máquina era armazenada estava ocupado com tanta gente. Os moradores da Vila que ficaram e mais alguns Guerreiros, estavam ali e deram um sorriso de alívio ao vê-los chegar. Um deles, um homem negro e muito alto, aproximou-se de Meehiel, apertando sua mão.

— Meehiel, que bom vê-los.

— Aqui estamos, Naile. Como estão as coisas desde nossa saída?

— Quietas, a ponto de nem os animais se mexerem. – ele respirou fundo, preocupado – É muito provável termos visitas mais fortes desta vez, mas de acordo com informações, receberemos daqui a uma ou duas semanas. A intenção desse grupo é não haver falhas... Portanto, precisamos estar preparados.

— Reúna todos aqui. Precisamos formular um plano e quero todos presentes. – Meehiel procurou-a pela sala e fez um sinal para onde a máquina estava.

Compreendendo que ele queria conversar com ela a sós, Seanna aproximou-se e os dois caminharam juntos e em silêncio, desviando-se dos que estavam se arrumando para a reunião. Assim que viu as peças principais da máquina, sentiu-se desolada. Seus ajudantes e estudantes haviam feito todo o trabalho de empacotá-la para transporte sem ela, para que pudesse ir a Base Anciã e passar as informações necessárias. O que eles puderam carregar

já havia sido levado, mas a maior parte ainda estava ali. Sua intenção sempre fora levá-la até a Base, e lá colocá-la em prática, mas todo o conhecimento e trabalho poderiam ser perdidos se não conseguissem tirá-la dali.

— Sei o quanto está preocupada, Seanna, mas precisamos tirar todos daqui a salvo.

— Meehiel falou, assim que eles ficaram mais afastados — Você ouviu o que Naile disse?

— Sim.

— Aaminah me avisou, antes de sairmos, de que travaríamos uma batalha muito difícil.

Subitamente curiosa, Seanna encarou o amigo.

— O que ela disse exatamente, Meehiel?

O homem fez o possível para afastá-los ainda mais, para que somente eles dois ouvissem.

— Os Ocultos que vêm para a vila são do Alto.

— E você acha que não somos capazes de vencê-los? — Seanna perguntou, sentindo uma estranha explosão de raiva surgir dentro dela — A luta é algo sem sentido e absurdo, mas as Bases treinam noite e dia contra essas peças estragadas do nosso mundo. Iremos ganhar!

— É claro que iremos, disso eu não tenho dúvida, Seanna. — ele pareceu pensar

bem no que ia dizer e encarou-a – O problema é conseguir tirar sua máquina a salvo.

Ela abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Queria muito tirar a máquina dali, mas não poderia fazer com que as pessoas naquela sala dessem a vida por algo que ela poderia construir novamente.

— Eu tenho um plano e espero que tudo dê certo. — ele segurou os ombros dela, dando um sorriso — Vamos conversar com todos e eu explicarei melhor.

E, sem dizer mais nada, ele puxou-a pelo braço e acomodou-a em uma das cadeiras vagas. Sentindo-se incomodada, Seanna respirou fundo e prestou atenção, tentando amansar uma inquietação nada natural. Meehiel postou-se à frente de todos e começou a falar:

— Estamos aqui hoje, para tentarmos salvar a máquina de Seanna Wila. O plano é simples: Vandreisen e eu formamos o grupo de ataque com quem mais se prontificar. Teremos o grupo de transporte do equipamento, que ficará protegido por Aahbran, e mais uma grande escolta, mas a maioria irá para o ataque, para distrair os Ocultos que estão chegando.

Houve um murmúrio de aprovação nos presentes, que sorriram com a ideia de luta iminente. Meehiel, porém, continuou sério e chamou a atenção de todos.

— Não se enganem, colegas. Os que vêm agora são do Alto, portanto, teremos mais trabalho para enfrentá-los. Muitos podem não sobreviver, como em toda a batalha, mas nós

temos um ideal e algo para salvar. Então, mãos a obra!

Duas semanas depois.

Ulisses estava excitado e sentindo a adrenalina passar por seu corpo como uma cachoeira de água quente. Assim que Meehiel chamou todos para subirem a superfície, pois os Ocultos estavam muito próximos, sentiu que alguém estava ao seu lado e encarou Zandra.

A mulher estava do seu lado desde que saíram da Base, e Ulisses estava gostando da companhia. Eles costumavam se falar mais antigamente, mas, desde a morte de Erik, nada foi igual. Então, naquelas duas semanas que passaram escondidos e aguardando, Zandra parecia muito contente, e ele estava feliz por isso.

— Preparado para matar alguns Ocultos? – ela brincou, mexendo os braços e parecendo se alongar.

— Estou meio enferrujado, mas espero destruir todos que aparecerem na minha frente!

Ela deu uma risada, jogando seus longos cabelos para trás, fazendo com que Ulisses parasse para admirar sua beleza. Lembrou-se da primeira vez que a vira e foi incapaz de conter um sorriso. Sempre fora muito bela e teimosa, por isso chamava a atenção de muitos homens, mas ele nunca conseguira tanto a atenção dela como agora. Ouviram, então,

Meehiel chamando todos para se dividir entre os grupos, e os dois se postaram no lado do ataque. Assim que todos se organizaram, começaram a caminhar.

Quanto mais se aproximavam da saída, o silêncio ia tomando conta de todos, até que não se ouvia nada além dos passos. Alguns Guerreiros que estavam em guarda já haviam informado que pessoas se aproximavam da Vila. Ficaram de guarda, enquanto os tecnólogos retiravam a máquina por partes, mas não precisaram nem ajudá-los, pois um deles tinha o poder *Stonix*, (ouvira um deles falar) que podia mover o metal e os carregava como se fossem plumas.

Viu, à frente, Vandreisen e Aahbran dando instruções de batalha para os mais próximos. Pôde perceber que, em volta da casa e de todos os que estavam ali, o ar parecia se mexer e pequenos borrões apareciam. Era como se estivessem dentro de uma bolha.

— Ulisses, você está vendo isso? – Zandra sussurrou ao seu lado.

— O quê?

Zandra apontou para os borrões e ele afirmou com a cabeça.

— São oscilações do poder de Aahbran. – ela continuou sussurrando – Parece que Aahbran vai acompanhar a máquina, para poder ilusioná-la.

— Então, é isso o que o outro poder de Aahbran é capaz de fazer? Eu só conhecia o *Bloqueio*!

— Eu já sabia, pois já lutei várias vezes com ele. — Zandra contou, dando um pequeno sorriso e fazendo seus olhos brilharem — Nem os Ocultos o subestimam, pois sabem do que ele é capaz. Se vierem os grandes hoje, com certeza será um espetáculo à parte vê-lo lutando.

Os dois se calaram assim que viram o pedido de silêncio de Aahbran. Ulisses colocou-se a postos e deu um sorriso para Zandra. Chegara o momento.

Jean estava na frente de batalha ao lado de Meehiel. Escondidos por toda a extensão da Vila estavam vários Guerreiros, dispostos a atacar de surpresa um grupo conhecido entre os Ocultos como os Exterminadores, como seus informantes haviam passado. Era um dos grupos de elite do Oculto, e só saíam com um único objetivo: o extermínio absoluto.

Ao longe, ouviu os primeiros sons de batalha, e viu Meehiel avançar para onde os sons começaram. Correu atrás, sentindo seu coração bater e suas mãos tremerem com o poder. Sua *Intueri* estava maravilhosamente treinada para a batalha e ele queria destruir quantos Ocultos pudesse. Virou na primeira rua à esquerda, sentindo que deveria ir por ali. Desviou-se do golpe da espada do inimigo tão rapidamente que o homem até ficou perdido por alguns instantes, mas logo recuperou o senso de direção e voltou a atacá-lo.

Logo apareceram mais dois Guerreiros e quatro Ocultos, lutando ao seu lado. Jean

se desviou de outro golpe do homem, fazendo-o perder sua espada, e o atingiu em cheio no peito com uma lança de ar. Deu um sorriso e voltou-se para o próximo. Ele amava lutar.

Ulisses estava lutando com um Oculito há um bom tempo, e não conseguia se livrar dele. Sua *Spedee* e sua agilidade confundiam o adversário, mas não o suficiente para que ele se deixasse enganar. Então, resolveu usar seu poder de uma forma diferente, e começou a correr em volta do homem, até ver que ele estava quase sufocando sem oxigênio e, sem que ele esperasse, quebrou seu pescoço.

Olhou em volta e viu Zandra ao longe, matando o último Oculito com quem lutava. Ao ver que ele a olhava, ela aproximou-se dando um belo sorriso.

— Acho que estou ganhando de você! – ela falou, mas seus olhos se moveram até alguém que se mexia do outro lado, em uma casa de madeira destruída.

Os dois aproximaram-se com cuidado. Era o chefe da vila, Naile, muito ferido, mas ainda vivo. Ele havia sido cortado na perna com o que parecia ser algo muito pontiagudo e sangrava. Zandra foi buscar algo para que pudessem amarrar o corte e fazê-lo parar de sangrar, mas Ulisses sentiu uma aproximação e virou-se.

Ao longe, vinha alguém. Parecia caminhar nas nuvens, de tão calmo que eram seus passos. Ulisses levantou-se, e a mulher percebeu que ele estava ali. Ela tinha longos

cabelos negros e vestia-se com a roupa de luta dos Ocultos. Sua marca brilhava em seu braço direito e tinha olhos tão frios que Ulisses sentiu-se esfriar por dentro. Sem pensar duas vezes, preparou-se para atacá-la, mas a mulher parou a alguns metros de distância dele e o encarou, dando um sorriso malévolo.

— Onde está o que estão escondendo, *verme*? — a voz dela era firme e fria como seus olhos.

Ulisses nem se deu ao trabalho de respondê-la. Partiu para cima dela com seu *Spedee*, correndo para destruí-la. A mulher desviou-se dos golpes com uma grande facilidade, mas não se abateu. Os Ocultos do Alto geralmente tinham uma habilidade incrível, mas nada que não pudesse ser superado. Ela encarava-o com desdém e indiferença, sem se mostrar sequer cansada. De repente, a mulher lançou o que parecia ser uma bola de fogo nele, mas que passou muito longe para pegá-lo. Vendo uma chance de acertá-la, correu até a bola de fogo e chutou-a com um movimento de ar, graças ao seu poder. A mulher conseguiu se desviar, mas não sem queimar uma parte do seu braço. E isso fez com que, finalmente, ela percebesse que tinha um adversário.

Dando um sorriso de desdém, ele voltou a correr na direção dela para acertá-la novamente, mas ela foi muito rápida, acertando-o em cheio na barriga e jogando-o contra a casa de madeira em ruínas. Antes que pudesse se levantar, ela ergueu os braços para o céu e

ele viu uma grande bola de fogo descer tão rápido que não pode se defender. A bola de fogo o acertou em cheio.

Zandra estava tentando achar algo nas proximidades com que pudessem transportar Naile quando ouviu um barulho que parecia ser de uma bomba. Vendo que vinha da direção onde havia deixado Ulisses, correu o mais rápido que pôde, sentindo um zunido embaralhar seus ouvidos.

Atrás das árvores, pôde ver que havia uma mulher ali. Era uma Oculta, com suas vestes negras e a marca tatuada no ombro direito. Ela estava se aproximando de algo no chão e, ao se dar conta do que era, sentiu seu corpo travar. Ulisses!

Pressentindo o pior, Zandra correu. Assim que foi percebida pela inimiga, começou a ser atacada por golpes de fogo, mas não revidou. Precisava salvar Ulisses, antes que a mulher terminasse de matá-lo. Isso, se ele não estivesse morto.

Conseguiu segurar o braço de Ulisses e, finalmente, a mulher percebeu o que Zandra estava tentando fazer. Em volta dela começaram a aparecer grandes focos de energia, que trovejavam entre si. Sabendo que não conseguiria escapar se aquilo a atingisse, Zandra correu na direção dela, dançando em zigue zague e fazendo o máximo para distraí-la. Assim que a preparação do golpe foi concluída, a mulher lançou-os e errou por muito pouco.

Enquanto ela colocava-se novamente, para formar os focos de energia, Zandra conseguiu alcançá-la. Rapidamente puxou sua espada e virou-se para acertá-la. A Oculta, num reflexo, virou-se para se proteger e Zandra encostou sua mão no braço dela.

Seus sentidos se aguçaram, e então ela viu: o poder que havia naquela mulher era um poder de morte. Vermelho e pulsante, mas muito maior e mais poderoso do que o que havia visto em Celebriant, no dia em que Aaminah pedira que revelasse os poderes da jovem. Antes que pudesse ver mais foi jogada para o lado, onde Ulisses ainda estava caído, rolando pelo chão de terra. A Oculta, parecendo irritada por quase ter sido atingida, novamente criou os focos de energia, e, antes que Zandra pudesse se levantar, a mulher lançou o poder.

Colocou seus braços em cima do rosto para se defender, mas viu algo fechar sua visão. Ulisses estava de pé na frente dela e o golpe acertou em cheio nele, fazendo-o cair instantaneamente.

Sentiu seu mundo revirar num redemoinho. Chocada demais, não havia se mexido, mas percebeu que a Oculta agora criara uma serpente de fogo, e iria lançar em Ulisses, provavelmente para terminar de destruí-lo. Reunindo todas as suas forças, ela levantou-se e colocou sua espada em posição de defesa. A serpente veio em sua direção e se enrolou na espada e em seu braço, deixando uma marca profunda de queimadura. Ainda presa pela

serpente, viu que a Oculta se aproximava lentamente. Antes que chegasse à metade do caminho, porém, alguém apareceu ao seu lado e, em um segundo, os dois largaram a luta e correram para o lado oposto. Demorou alguns segundos para perceber que estava livre da serpente de fogo, e então se aproximou do corpo de Ulisses, certa de que não o veria com vida. Começou a chorar, sentindo toda a sua dor crescer com as lágrimas.

— Zandra...

A voz saiu tão baixa que pensou que estivesse sonhando, mas ao ver o rosto de Ulisses viu seus olhos negros abertos, olhando fracamente para ela.

— Oh, céus! Ulisses! – exclamou, surpresa demais e tentando limpar as lágrimas – Eu vou salvá-lo, vou levá-lo para Phoebe e ela vai curá-lo!

— Você me salvou. – ele resmungou, dando um sorriso meio bobo – Fico feliz.

— Seu idiota! Por que você se colocou na minha frente? – grunhiu, segurando o rosto dele com as duas mãos e tentando fazê-lo ficar com ela.

— Porque você merece viver, oras. – ele suspirou e deu outro sorriso – Obrigado... E, então, Ulisses fechou seus olhos.

Seanna e a equipe de transporte já estavam longe da Vila quando Aahbran sentiu a aproximação de alguém. Era rápida, portanto haviam sido descobertos. Mesmo protegidos

pelo poder de *Bloqueio* dele, sabia que não iriam conseguir transferir a máquina a tempo. Ele encarou-a e ela respirou fundo, fazendo um aceno com a cabeça. Então, ele mandou que todos se defendessem, pois iria retirar o escudo de proteção.

Havia pelo menos dez Ocultos ali em volta deles. Assim que Aahbran retirou o escudo de proteção, os Guerreiros saltaram para cima de seus oponentes, não deixando chance para que eles atacassem a máquina. Os tecnólogos seguiram Seanna, que tentava afastá-los o máximo possível da batalha, mas os Ocultos avançavam cada vez mais, e eles não estavam conseguindo detê-los.

Seanna olhou para Aahbran ao longe, vendo o homem lutar. Três Ocultos estavam em sua volta e o homem bloqueava todos os ataques que recebia, e contra atacava, assim que o Oculto se distraía com seu *Bloqueio*. Então ele usou o *Illuniom* de uma forma que ela nunca havia visto: por alguns momentos, todos os Ocultos em volta dele ficaram presos em alguma alucinação que ele criou, sem poderem se movimentar. Então ele matou todos em um golpe só. Um pouco chocada, Seanna não percebeu que dois Ocultos se aproximavam de seu grupo e, assim que os viu, já era tarde demais.

— Aahbran! — exclamou, defendendo-se do primeiro Oculto, que mantinha duas espadas nas mãos, manejando-as com eficiência.

O homem acenou de longe e correu em sua direção. Seanna livrou-se do Oculto com

as espadas, mas pôde ver, ao longe, que mais Ocultos chegariam. Infelizmente, eles precisavam destruir a máquina antes que os Ocultos pusessem suas mãos nela.

— Precisamos destruí-la! – disse, assim que Aahbran chegou ao seu lado. – Preciso que nos bloqueie.

— Tem certeza?

Respirando fundo, afirmou com convicção, sentindo a raiva crescer-lhe no peito. Não queria destruir sua máquina, mas se não o fizesse, os Ocultos iriam pegá-la. Correu até onde os tecnólogos defendiam a máquina e puxou um deles, um menino pequeno e loiro, o único que parecia tranquilo no meio da confusão, e que tinha o poder *Stonix*.

— Narian, preciso de sua ajuda.

— É uma pena que vai ter que destruí-la. – ele falou, encarando-a com olhos tristes.

Seanna segurou a mão do menino e viu Aahbran criar uma cúpula em volta deles, fazendo-os desaparecer aos olhos dos Ocultos.

— Rápido, Seanna. Não aguentarei muito tempo. – ele pediu, concentrando-se completamente em mantê-los a salvo, até que a mulher conseguisse destruir a máquina.

A tecnóloga fechou seus olhos em concentração e sentiu o *Bloqueio* de Aahbran, como seu poder fluía, e agarrou aquilo, controlando-se para não sugar toda a energia do homem. E então, fez a mesma coisa que ele: criou uma cúpula, desta vez englobando

somente a máquina e olhou para o menino.

— Pode começar.

O menino fechou os olhos e, então, subitamente os abriu. Não eram mais verdes e sim brancos, e seu corpo inteiro brilhava com o poder. Seanna sentiu seu peito se abrir como em flor e receber as ondas do poder do menino, catalisando-as e transformando-as em algo muito maior. As ondas entraram na cúpula onde estava a máquina e uma onda de calor muito grande saiu dela, fazendo com que Seanna tivesse que respirar fundo para não sufocar. Percebeu que Aahbran a encarava abobado, já empalidecendo, e pediu então que ele retirasse a proteção, pois queria que os Ocultos vissem o que eles estavam fazendo.

Todos os Guerreiros se reuniram em volta de onde estava a cúpula, ajudando a defendê-la. Havia muitos Ocultos em volta, que pararam subitamente ao perceberem o que acontecia. Seanna viu, ao longe, dois Ocultos se aproximando, e sentiu seu coração bater rapidamente. Aqueles dois não eram simples Ocultos, mas sim o sucessor do Imperador e sua esposa.

Retirou, então, a outra cúpula, encarando Aahbran e pedindo com o olhar que ele se afastasse. Assim que ele começou a andar para trás, a pequena cúpula se abriu, revelando as partes da máquina derretendo pelo calor das ondas que Seanna catalisava do menino e, então, a máquina se dissolveu, e Seanna e o menino desapareceram.

Os Ocultos começaram repentinamente a atacar e Aahbran viu ao longe uma mulher de longos cabelos negros, que se aproximava dele correndo. Respirando fundo, ele jogou seu primeiro ataque, visando pegar os Ocultos que lutavam a sua volta. O *Illuniom* os atingiu em cheio, deixando-os parcialmente submersos no mundo ilusório, e seus oponentes puderam matá-los. A mulher, então, levantou os braços para cima, fazendo que um mar de fogo surgisse sobre os pés dele. Correu então para o lado contrário, tentando se desviar do chão de fogo, quando uma labareda saiu de dentro da terra e acertou em cheio seu braço esquerdo.

Deu uma olhada para o ferimento resultante e viu que era grave, mas não o suficiente para se desesperar. Respirou fundo e, sentindo a dor pulsando em seu braço, Aahbran criou um escudo com seu *Bloqueio*, para depois correr na direção onde Seanna deveria ter seguido. Ele adoraria lutar contra aquela mulher, mas não poderia deixar os tecnólogos desprotegidos. Olhou em volta e viu que os Ocultos que restavam eram eliminados ou feridos por seus oponentes e não pôde deixar de sorrir. Aquela fora a primeira vitória em muitos anos de luta.

O início do fim de um império de terror.

Capítulo 9 – A volta

Celebriant respirou fundo e voltou a ajudar Phoebe com os feridos.

Aaminah havia afirmado que a batalha terminara e que os feridos estavam sendo todos transportados para a Base pelo seu grau de ferimento, portanto, os primeiros que iriam chegar estariam em estado crítico. Ela não compreendia muito bem sobre medicina, mas sabia o quanto era complicado para Phoebe e sua equipe conseguir dar conta de todos os que viriam.

Era noite quando os primeiros feridos chegaram. Phoebe e sua equipe, com apoio de Celebriant, estavam dando seu máximo para salvar a todos, mas dois já haviam morrido em suas mãos. Phoebe, apesar de desconcertada, continuava a atender os que chegavam, sem nem sair para tomar água.

Assim que conseguiram reanimar um homem que tivera parada cardíaca e colocá-lo em observação em outra sala improvisada, Celebriant voltou para a entrada da enfermaria, aguardando. Naquele momento eles estavam chegando aos poucos, pois provavelmente tiveram que se desviar do caminho para não serem seguidos. Levantou-se assim que viu, ao longe, uma maca correr em sua direção. Seu coração imediatamente apertou ao ver quem

empurrava a maca e, sem compreender o porquê, correu até a mulher.

Era Zandra Petry que empurrava. Lembrava-se dela muito bem na partida para a batalha, conversando com Ulisses. Sentira uma pontada inexplicável de ciúmes naquele dia, e agora não conseguia compreender o motivo. Não que tivesse medo de perdê-lo para ela, apesar de a mulher ser incrivelmente bonita, mesmo descabelada e pálida, mas sua *Intueri* lhe dizia que aquela batalha seria um problema para o relacionamento dos dois. Assim que a alcançou, seus olhos não conseguiram se fixar em mais nada além do rosto pálido, sujo de fuligem e cheio de sangue do ferido.

— Ulisses! – sussurrou, chocada ao finalmente perceber o quanto de sangue ainda escorria do seu corpo.

— Ele precisa de atendimento! – a mulher grunhiu, fazendo seus cabelos negros balançarem.

Celebriant sentiu seu peito se apertar terrivelmente, mas segurou sua ira contra aquela mulher mal-educada e forçou-se a encarar Ulisses. Apesar de nem a conhecer direito, não conseguia gostar de Petry, mas naquele momento Ulisses era mais importante. Tomou a maca de suas mãos e correu para dentro da enfermaria, em direção à sala de cirurgia. Sabia que Phoebe estaria lá, arrumando tudo para mais um paciente. Só que, dessa vez, o paciente era seu próprio irmão, muito ferido.

Assim que cruzou a porta da sala, percebeu que Petry ainda a seguia. Que mulher mais intrometida! Mas não havia tempo para se incomodar.

— *Ulisses!* – a voz de Phoebe saiu num grito sufocado – Céus, Celebriant, preciso de sangue para transfusão! E chame outro médico!

Celebriant assentiu e pegou Petry pelo braço que não estava machucado, com intenção de puxá-la para fora da sala, mas sua visão ficou turva e viu, como em um campo de batalha, uma mulher de longos cabelos negros e olhos puxados encarando-a. Conhecia aquela mulher: era a que mais aparecia em seus sonhos, mas não fazia ideia de quem era. Sua visão sumiu tão rápido quanto veio e percebeu que Petry a encarava com ódio.

— O que pensa que está fazendo?

— Você não pode ficar nessa sala. – respondeu Celebriant, praticamente arrastando a mulher para fora.

— Me solte, eu sei andar sozinha! – ela gritou, soltando-se e caminhando para fora.

Celebriant viu Petry sentar-se em um dos sofás da sala de espera e correu para buscar o que Phoebe precisava. Sua cabeça zunia com a adrenalina, mas dentro dela seu coração a corroía. Não podia imaginar a ideia de perder Ulisses. Passara um bom tempo, desde que acordara naquela Base, e sabia o quanto ele era importante para Petry, somente pela forma como os dois se tratavam. Apesar de tudo, gostava muito do namorado e achava

que ele era alguém que valia a pena. Naquele momento, porém, precisava desesperadamente salvá-lo, nem que fosse a última coisa que faria, portanto, esqueceu seus ciúmes e voltou a ajudar Phoebe.

Após uma complicada cirurgia e muito sangue, Phoebe conseguiu salvar seu irmão. Ele estava em uma sala separada na enfermaria e Celebriant ia toda hora verificar seus sinais vitais. Ulisses se mantinha em coma induzido e Phoebe lhe disse que ainda não sabia se o irmão sobreviveria sem sequelas. Depois da cirurgia, a médica precisou recuperar suas forças e descansou uma hora, mas, mesmo quando ela voltou, ainda podia perceber que ela carregava uma dor insuportável presa em seu peito.

Petry também não saía da enfermaria. Aaminah veio no dia em que ela chegara e pediu que Phoebe cuidasse da queimadura de seu braço, levando-a em seguida para tomar um banho e descansar, mas no dia seguinte, muito cedo, Zandra estava ali, com o braço enfaixado e incomodando os enfermeiros para saber notícias do estado de Ulisses. Celebriant sentia uma raiva crescente lhe subir no peito toda vez que a via, implorando por notícias, como se fosse alguém muito importante para ele.

Os feridos continuaram a vir, cada vez em número menor, até que os últimos Guerreiros chegaram, acompanhados de Vandreisen, Aahbran e mais um casal que ela não

conhecia, mas que deviam fazer parte das outras Bases.

Aahbran parecia ferido, mas recusou-se a ser tratado até que falasse com Aaminah. Depois disso, Celebriant o recebeu na porta da enfermaria com Aaminah empurrando-o, mas o homem parecia extremamente incomodado em ser tocado por ela e resolveu deixar que os outros fizessem o trabalho. Só o havia visto algumas vezes, e não compreendera muito bem porque ele não gostava dela, mas não fez perguntas. Talvez houvesse sido somente impressão.

Aaminah levou um susto quando viu o estado do braço de seu irmão assim que ele entrou em casa. Chocada, abriu a boca para perguntar o que ele estava fazendo ali e porque não havia passado na enfermaria, mas o irmão não deixou que ela falasse:

- A máquina foi destruída.
- Eu imaginei. – Aaminah falou, encarando o braço do irmão – Como?
- Seanna Wila a destruiu de uma forma que eu não compreendo.
- Como assim? – perguntou, curiosa.
- Eu conheço pouco da história dela e não sei qual é seu poder, mas eu a vi usando o mesmo *Bloqueio* que eu usei... E, por mais estranho que pareça, eu sentia o poder sair de mim. – ele encarou Aaminah, sério – Isso é normal?

— Ela não tem um poder definido... Por conta do que ela passou, não sabemos como será a evolução dele, mas ela não o machucou, certo? – ele negou – Portanto, ela está conseguindo se controlar. Creio que está tudo certo.

— Ela usou o *Bloqueio* para segurar a máquina dentro do campo de energia e, com um outro garoto, derreteu a máquina... No fim, ela conseguiu bloquear todos os tecnólogos e correr dali enquanto eu lutava.

— Seu braço?

Aahbran encarou a irmã e ela sentiu seu ódio. Viu, então, a cena de batalha onde o irmão fora ferido e compreendeu subitamente porque ele precisava tanto falar com ela antes de se cuidar.

— Eu sei o que o incomoda, Aahbran. Ela não é igual à irmã.

— Mas tem o mesmo poder que ela! – ele exclamou, irritado – Veja o que ela fez no meu braço, e isso porque só pegou uma parte do golpe! Entende por que temos que controlar o poder da garota?

— Eu não quero discutir isso agora. Vou levá-lo para a enfermaria.

Sem deixar que o irmão se soltasse, Aaminah levou-o, sentindo algo incomodá-la. Celebriant não demoraria a recuperar seu poder e suas memórias, e Aahbran já estava sentindo isso, mas não havia nada que eles pudessem fazer naquele momento. A decisão fora

tomada e aplicada, só restava a eles aguardar o desfecho.

Uma semana após a chegada de Ulisses, ele finalmente foi tirado de seu coma. Celebriant, Phoebe, dois enfermeiros e Petry, que implorara para estar ao lado dele, estavam ao lado da maca quando ele acordou. Ulisses abriu os olhos, parecendo confuso e extremamente pálido, mas ao ver a irmã deu um grande sorriso.

— Olá, irmão... – ela sorriu, vendo seus sinais vitais e olhando para os aparelhos – Como está se sentindo?

— Como se tivesse sido jogado do alto de uma montanha. – ele resmungou, rouco, mas ainda sorrindo – Quanto tempo estou aqui?

— Uma semana.

Ele pareceu pensar um pouco, e então seus olhos se encontraram com os de Petry, que estava um pouco afastada, mas totalmente visível.

— Obrigado. – ele falou, dando um sorriso que fez os olhos dela encherem-se de lágrimas – Por tudo.

— Sem problemas. – a morena falou, aumentando seu sorriso e se aproximando dele, parecendo esquecer que havia outras pessoas na sala.

E então, Celebriant sentiu sua visão ficar turva e tudo se transformou num

redemoinho de cores, até estar no que parecia ser a vila da batalha. Havia muitos corpos em volta, e Ulisses estava ao lado de uma casa destruída. Ao longe, ela viu Zandra, que parecia ter acabado de terminar uma luta. Viu os dois se entreolharem e sorrirem, esse mesmo sorriso que via naquele momento.

Balançou a cabeça e voltou ao quarto, onde os dois já não se encaravam e a médica conversava com Ulisses, tentando verificar se não havia mais nada que pudesse fazer. Celebriant ainda estava um pouco afastada, perdida. Deveria se aproximar e falar com ele? Quando havia decidido sair, e estava virando-se para a porta, ouviu seu nome.

Ulisses estava com a mão esquerda esticada – a outra havia sido quebrada e estava engessada – para ela, dando um sorriso de tirar o fôlego. Celebriant se aproximou e segurou sua mão, fazendo com que Petry os encarasse longamente e saísse do quarto, parecendo nervosa. Os dois enfermeiros, empurrados por Phoebe, saíram aos tropeços do quarto, enquanto a médica fechava a porta, dando um sorriso de orelha a orelha.

— Como está se sentindo? – falou finalmente, sentindo-se bem pela primeira vez, desde que ele acordara.

— Estou bem, Celebriant, pare de se preocupar.

— O que aconteceu, Ulisses? – perguntou, segurando a mão dele com carinho – Como você se feriu desse jeito?

Ele encarou-a longamente e respirou fundo, parecendo irritado.

— Eu estava ajudando um ferido. Estava uma loucura, Celebriant. Não estávamos perdendo, mas ninguém estava ganhando, tampouco. E então...

Ele parou e respirou fundo, e então Celebriant sentiu um leve choque segurando a mão dele. Sua visão novamente a engolfou. Ainda pôde ouvir a voz dele ao fundo, narrando o que acontecia, mas não precisava. Estava dentro da memória dele, revendo tudo o que acontecera. Ulisses estava de costas, quando pareceu sentir alguém se aproximar. Viu, ao longe, uma mulher, de longos cabelos negros e olhos puxados, chegando. Seu estômago revirou tão forte que teve que se segurar para não vomitar. A mulher até falara algo, mas não conseguiu prestar atenção. Viu Ulisses partir para cima dela, lutando, e, de repente, conseguiu acertá-la. Em instantes um golpe atingiu-o com força e foi jogado do outro lado do terreno, acertando em cheio a cerca de madeira da casa. E, então, viu a mulher levantar os braços para o céu e algo caiu de lá como uma bomba em cima de Ulisses.

Nesse momento, antes que ele perdesse a consciência, Celebriant pôde ver Ulisses usando suas últimas energias para salvar Zandra de um golpe de eletricidade que o acertou em cheio. A mulher dos olhos negros estava virada de lado, com uma grande marca tatuada a mostra em seu braço direito. Tentou identificá-la, mas da mesma forma que veio, a visão se foi, e Ulisses a encarava com o que parecia ser receio.

— Está tudo bem, Celebriant?

— Sim. – resmungou, forçando-se a encará-lo e sorrir – Fiquei um pouco chocada, só isso. Fico feliz que você esteja a salvo agora.

— E tudo isso por causa da Zandra. – ele disse, parecendo cansado – Se não fosse ela, eu não estaria aqui.

Seus olhos ainda encaravam Ulisses, mas não conseguia se concentrar no que ele dizia. Tudo se voltava para aquela mulher dos cabelos negros, e Celebriant não tinha certeza se queria saber mais sobre ela. Assim que ele finalmente dormiu, ela afagou a cabeça do namorado com carinho e saiu, deixando-o descansar.

Algumas semanas depois, Celebriant acompanhou Ulisses até sua casa, juntamente com Ário. Ele conseguia caminhar com apoio, pois sua perna ainda doía, seu braço ainda estava enfaixado e algumas queimaduras maiores ainda precisavam de atenção diária. Apesar de querer cuidar de seu irmão, Phoebe precisava continuar atendendo seus pacientes. Ela sugeriu, então, que Celebriant cuidasse do irmão e que, durante esse tempo, eles ficassem na casa onde Ário e Ulisses moravam. Mesmo desconfortável com a idéia de ficar morando sozinha com o homem, Phoebe a tranquilizou, achando que seu desconforto se devia a Ário.

— Ário já é grande e vai entender. — ela falou, dando um sorriso satisfeito — Ele pode passar esses dias na minha casa. Você é a única que confio para cuidar do teimoso do meu irmão.

Naquela noite em que Ulisses voltara para casa, Phoebe resolveu organizar um jantar para comemorar a melhora de seu irmão e Celebriant estava ajudando-a. Estava se sentindo muito bem por estar ali. Phoebe pediu que ela buscasse alguns tomates na pequena despensa atrás da casa e, quando voltou, percebeu que tinha mais alguém lá. Parou na porta, tentando ouvir a conversa no interior. As vozes estavam misturadas e não conseguiu ouvir nenhum nome específico, portanto, respirou fundo e entrou. A visita era Zandra Petry e ela estava sentada ao lado de Ulisses, conversando animadamente, fazendo com que seu estômago doesse de raiva.

— Zandra veio jantar conosco! — falou Ário, parecendo contente — Não é o máximo?

Celebriant deu o que deveria ser uma tentativa de sorriso, assim que a mulher a encarou. Não gostara nem um pouco da surpresa, mas sabia que Ulisses gostava dela, então a cumprimentou:

— Olá, Petry.

— Ollest.

Tentando não demonstrar todo seu desconforto com a situação, foi até a cozinha ajudar Phoebe com a comida. Petry aparecera esporadicamente no hospital, enquanto Ulisses esteve internado e ela estava por lá, mas Celebriant soubera que a mulher gostava de aparecer para ver seu namorado toda vez que ela saía. Não que estivesse preocupada em ser traída ou algo do gênero, mas não gostara de Petry e tinha maus pressentimentos toda vez que a via.

Estava relutante em jantar com eles e não ser uma pessoa simpática, mas tudo correu normalmente. Algo dentro dela ainda ardia e a devorava, mas era uma ótima mentirosa. E, apesar de tudo, todos se divertiram muito, principalmente com Ário, que sempre a fazia rir com suas piadas sem sentido. Quando Ário carregou Phoebe para a casa da médica, e Petry finalmente fora embora, Ulisses perguntou se ela poderia ajudá-lo a deitar um pouco, pois ele estava cansado. Assim que o colocou na cama, Ulisses encarou-a e deu um sorriso que a fez sentir borboletas surgirem no estômago.

— Acho que estou sendo um problema para você, não é? – ele disse de repente, fazendo-a pestanejar um pouco, sem entender.

— Como? – perguntou, continuando a arrumar as cobertas, desconfortável.

— Não estou sendo um namorado muito agradável. – ele continuou, sorrindo e segurando sua mão – Sente-se aqui um pouco.

Sentindo-se empalidecer e um nó crescer em sua garganta, sentou-se. Não sabia exatamente o motivo, mas ficara imediatamente nervosa.

— Você está bem? Parece meio pálida.

— Estou um pouco nervosa. – confirmou.

Ele deu uma risada e segurou suas duas mãos.

— Está nervosa por quê? Sou seu namorado, não sou?

Sem conseguir abrir a boca, ela fez um aceno com a cabeça e tentou sorrir para ele.

— Estou sendo boba.

Ulisses, então, levantou o tronco e segurou-a pela nuca com a mão saudável, beijando-a. Sentiu uma explosão tão grande dentro dela que o chão sumiu dos seus pés, e, deixando-se levar pela primeira vez na vida, abraçou-o e continuou a beijá-lo. Aquilo parecia muito bom. Ela *queria* ser a namorada dele. Se isso era gostar de alguém, ela entendeu porque todos procuravam o amor de sua vida.

Fazia quase um mês que estava na casa de Ulisses, cuidando dele. Sua cabeça se fixara tão profundamente em ajudar seu namorado a se curar, que não teve visões e muito menos arroubo de memória naqueles dias. Ulisses não precisava mais de apoio para caminhar, seu braço já estava sem a tipóia e suas queimaduras não ofereciam mais riscos.

Apesar de ter ficado quase o mês inteiro na função de enfermeira, passara ótimos momentos com o namorado. No começo, ele ficara um pouco emburrado por não poder sair muito da casa, mas logo seus movimentos estavam menos doloridos e ele pôde dar caminhadas esporádicas.

Celebriant tinha ido até a enfermaria, conversar com Phoebe e pegar algumas frutas na horta comunitária. Quando estava quase chegando à casa de Ulisses, ouviu uma risada leve, e então sua voz.

— Espero que algum dia todos eles sejam exterminados. Não existe um Oculto que seja bom. – comentava ele, contente.

Sem querer ser intrometida, desviou o caminho para entrar pela porta de trás da casa, mas Ulisses a viu.

— Celebriant! – ele chamou, fazendo com que ela se virasse – Venha até aqui!

A sensação de borboletas no estômago, que sempre tinha quando o via, voltara, mas estava ofuscada. O que aquela Petry tinha tanto que ficar atrás dele? Tentando não parecer tão patética, fingiu um sorriso animado, fazendo com que Ulisses retribuísse, achando que ela gostara da surpresa. Aproximou-se, sentindo uma irritação apossar-se dela, percebendo finalmente que o ciúme estava corroendo-a de uma forma terrível. Sentia-se pequena e insignificante ao ver o olhar de Petry e não gostava daquilo. A mulher sempre tinha um olhar

superior e frio, mas o que mais incomodou Celebriant naquele momento era a proximidade que ela estava com Ulisses. Seus corpos estavam tão próximos que poderia jurar que eles estavam abraçados instantes antes de ela se virar. Sua *Intueri* nunca a enganara e, naquele momento, percebeu que havia sim algo entre os dois, e que seus ciúmes eram totalmente válidos.

— Zandra veio me ver! – ele deu um sorriso feliz, nem percebendo a tensão entre as duas.

— Sim, eu vim. – ela disse, lançando lhe um sorriso frio – Estávamos conversando sobre o quanto odiamos os Ocultos.

— Que bom. – Celebriant falou, sentindo a secura em sua voz.

Ulisses encarou-a estranhamente, mas não conseguia mais se controlar. Estava com raiva daquela mulher, que ficava ali, tentando se mostrar uma amiga fiel, quando Celebriant percebia o quanto ela gostava do seu namorado. Não era uma simples amizade e, por mais que doesse para ela, sabia que aquilo poderia ser correspondido em um piscar de olhos. Era somente Ulisses querer, que se apaixonaria por aquela mulher... Isso, se já não estivesse.

— Foi um prazer vê-la novamente, Petry. – falou, sentindo seu sarcasmo e sua ironia invadir cada palavra que dizia – Assim que você terminar sua conversinha, Ulisses, sua irmã mandou mais um pouco da pomada.

Sem nem olhar para trás, e sabendo que Ulisses percebera o modo como tratara Zandra, virou-se e foi até a cozinha, sem nem esperar resposta. Sua irritação zumbia em seus ouvidos e começou a guardar as coisas que trouxera. Logo depois, ouviu a porta da frente se abrir e Ulisses estava na cozinha, olhando fixo para ela. Fingindo que não o vira, Celebriant continuou o que estava fazendo até que ele a chamou:

— Celebriant.

— Ah, você está aí. – tentou sorrir, evitando olhá-lo nos olhos e mostrar quão irritada estava.

— Não gostei do jeito que você tratou Zandra. – ele falou subitamente, fazendo-a parar e encará-lo – Ela é... Uma pessoa maravilhosa.

— O jeito que eu a tratei? – Celebriant fingiu uma expressão incrédula – Eu não fiz nada demais! Eu só a cumprimentei.

— Não precisa fingir, eu senti a ironia em suas palavras! – ele não tirou os olhos dela, um instante sequer, e suas orelhas se avermelharam – Acho que você andou demais com o Vandreisen, pois está agindo como ele.

Sentindo mais raiva ainda por Ulisses colocar o idiota do Vandreisen, que também não gostava dela, no meio da conversa, largou o que fazia e encarou o namorado com todo seu ódio.

— Ela fica em cima de você como um animal em cima de comida! — exclamou, sentindo-se avermelhar com a raiva — Como você quer que eu me sinta?

— Ela é minha amiga! — ele grunhiu, com as orelhas vermelhas — E salvou minha vida! O que significa que, se não fosse por ela, você nem me teria aqui.

Celebriant não encontrou uma resposta para superar aquela verdade. Sabia que estava sendo uma grande idiota ciumenta, mas percebera que Zandra também não gostava dela. O problema era que Ulisses estava defendendo a mulher com tanto fervor que seu coração congelou. E, lutando contra sua *Intueri*, que tentava mostrar-lhe os sentimentos de Ulisses, virou-se de costas para ele.

— Me desculpe. Acho que... Eu estou indo para casa de Phoebe.

Por um instante achou que sentiria a mão quente e confortável de Ulisses na sua, pedindo que esperasse e que ele sentia muito. Mas o homem não veio atrás dela. Respirando fundo e controlando as lágrimas, pegou suas coisas e correu para a casa da médica, sentindo-se um lixo.

Não dormira nada naquela primeira noite na casa de Phoebe. A médica não estava em casa e muito menos sabia que ela estaria ali. Ário estava dormindo quando ela chegou, portanto, Celebriant deitou-se no sofá. Levantou-se, sentindo sua cabeça zunir, e percebeu

que ainda estava escuro. Não querendo ficar muito tempo parada para não pensar demais, ela decidiu ir até a enfermaria ajudar Phoebe e contar que voltara a dormir na casa dela. Sabia que a médica estava com muitos pacientes sob sua tutela e não conseguia deixá-los sozinhos um minuto que fosse.

Comeu uma fruta e vestiu-se, saindo pela porta da frente, apressada. Dobrou a rua em direção à enfermaria e percebeu que havia alguém seguindo-a. Incomodada, virou-se e viu Vandreisen, andando apressado em sua direção. Revirando os olhos, Celebriant continuou a caminhar, fingindo não ouvir o homem chamá-la. Naquele último mês o vira apenas de relance, nunca precisando conversar diretamente com ele. Aquilo a deixara bem aliviada e, ao vê-lo se aproximar mais dela, blasfemou pelo seu azar.

Desde que houve a batalha na Vila, Vandreisen não a seguira mais. Ele já estava ausente antes, mas nunca mais o vira, mesmo com todos os dias que passara na casa de Ulisses. Celebriant já sabia se movimentar pela Base e não havia mais motivos para ser seguida por aquele homem antipático. Ao ver que ele a alcançara, sem dar sinais de que iria sair, parou de caminhar abruptamente e o encarou.

— Ei! – ele exclamou – Eu estava chamando você, *senhorrita*!

— Não reparei. – comentou, fingindo prestar atenção nas ruas – Eu realmente ainda preciso de escolta para andar na Base?

— *Nom* sou sua escolta.

Incomodada, encarou-o com ironia.

— Então, por que me segue?

— *Querria saberr porrque nom* está mais na casa de Lynx. – ele falou, não parecendo nem um pouco incomodado por estar se intrometendo; pelo contrário, ele transbordava alegria.

Ela apenas o encarou, mas algo em sua mente se ativou. Apesar de sua feição estar mais irônica e amena do que todas as vezes que o vira, seu rosto mostrava todo seu cansaço e abatimento, e as olheiras embaixo dos olhos eram grandes e escuras. Sua visão ficou turva e viu outro rosto no lugar daquele, um rosto extremamente parecido com o de Ário, mas com o mesmo cansaço e abatimento. Percebeu que o homem à sua frente falara alguma coisa, mas estava tão presa naquela lasca de memória que não prestou atenção.

— *Nom* vai me *responderr*? – ele repetiu, ao ver que ela não escutara.

— Você parece saber qual é a resposta, então por que eu preciso respondê-lo?

Ele encarou-a profundamente com seus olhos esverdeados carregados de ironia e Celebriant sentiu-se intimidada. Algo naquele homem não estava certo. Ele era antipático e

irritante, e, ao mesmo tempo, parecia que prestava atenção em cada gesto ou movimento que fazia, como se esperasse que o atacasse a qualquer momento. Porém, naquele instante, vislumbrou algo completamente diferente, mas não soube identificar o que era e ficou um pouco assustada.

— Agora posso continuar meu caminho ou você precisa me incomodar mais?

— *Nom, erra* somente isso. – ele falou, dando um pequeno sorriso.

Celebriant respirou fundo, controlando sua ira interna e virou-se, caminhando na direção da enfermaria. Não gostara do tom que o homem usara, como se soubesse mais do que falava. Assim que começara a caminhar, ouviu vozes que se aproximavam rapidamente. Virou-se, então, para ver de onde vinham e viu alguém, amarrado e muito machucado, sendo trazido por Aahbran e o homem grande que vira antes da batalha da Vila, e que deveria ser de uma Base diferente. Vandreisen aproximou-se dos três e ela viu que, atrás deles, mais alguns Guerreiros os seguiam com armas em punho. Para completar a cena estranha, estavam Aaminah, com seus longos cabelos brancos presos em uma trança no alto da cabeça e Petry, também com os cabelos presos e parecendo extremamente aflita.

O homem amarrado levantou os olhos e focou nela. Celebriant sentiu seu estômago se revirar e pensou que vomitaria ali mesmo. Uma visão dela vestida como a mulher de

cabelos negros que atacara Ulisses – com roupas negras e um olhar prepotente que não parecia pertencer a ela –dominou-a e logo desapareceu. Percebeu que o homem não tirara os olhos dela desde que a vira, e seu olhar transmitia tanto ódio como surpresa.

— **Você!** – ele gritou de repente, no momento em que passou ao seu lado.

Aahbran e o outro homem pararam por um momento, parecendo um pouco chocados por ouvir a voz do prisioneiro. Vandreisen, instantaneamente, pôs-se à frente dela e os outros Guerreiros seguiram seu exemplo, parecendo receosos que ela pudesse ser atacada. Petry e Aaminah também pararam, um pouco mais afastadas. Seus olhos não desgrudaram dos olhos dele, ainda sem compreender, quando ele deu um sorriso de escárnio.

— Então você veio para cá, sua traidora! – ele começou a se remexer vigorosamente, provavelmente tentando se soltar, mas o homem e Aahbran o seguraram, e os outros Guerreiros continuaram onde estavam, perplexos – **Traidora!** Esses Rebeldes idiotas sabem quem você é? Uma Oculta! – ele falou isso e olhou para todos presentes – Vocês sabiam? – ele começou a rir e olhou para Celebriant – Você é uma vergonha para os Ocultos! Eu deveria matá-la!

— Cale a boca! – grunhiu o homem ao lado de Aahbran, dando um soco na cabeça do prisioneiro, que desmaiou instantaneamente – O homem está delirando. Vamos, Aahbran.

Todos ficaram em silêncio, parecendo não ter ouvido aquilo. Aaminah tocou no ombro de Aahbran e ele levantou o prisioneiro e voltou a andar, carregando-o para o outro lado. Sem conseguir respirar, Celebriant olhou para a marca no ombro direito do homem, que parecia brilhar e sentiu seus sentidos sumirem. A compreensão de algo maior a sugou e ela ficou estática, sem saber o que fazer.

Capítulo 10 – O homem perfeito

Dois meses antes.

Zandra estava caminhando pelas ruas da Base, sozinha, sentindo um peso em seu peito difícil de digerir. Há muito tempo que não se sentia assim, desde... Balançou a cabeça, sentindo-se pior ainda. Resolveu sentar em um dos bancos afastados da clareira. Apesar de terem perdido muitas pessoas na batalha da Vila Sol Poente, somente uma delas importava e estava em estado grave na enfermaria: Ulisses. Apesar de ele já estar acordado e ela ter visto isso com seus próprios olhos, sabia quão delicada era sua situação.

Respirou fundo, sentindo as memórias aparecerem sem parar em sua cabeça. Voltou a um passado um pouco distante e lembrou-se perfeitamente do dia em que conhecera o grande amor de sua vida, e aquilo nunca iria mudar. Os dois amigos eram inseparáveis, Ulisses e Erik, mas quando Zandra os viu, teve certeza que Erik era o homem perfeito para ela.

Desde pequena fora treinada pelos seus pais, agora moradores de outra Base, longe demais para se verem com frequência, para lutar contra os Ocultos. E isso acontecia com todas as crianças e adolescentes da primeira Base Guerreira, onde os chefes de combate

coordenavam maravilhosamente. Sua vida sempre fora devotada a aprender técnicas e formas de poder derrotar um Oculto num piscar de olhos. Mas tudo mudou quando a pequena Base foi atacada.

Nunca houvera massacre tão grande, e Zandra fora mandada para a Base Anciã, separando-se dos seus pais e, por motivo de segurança, não voltando para lá. Era uma adolescente arredia e difícil, e nunca gostara de muita conversa, por isso gostara da liberdade que obteve ao ficar distante de seus pais. Mesmo com a saudade, aos poucos se acostumou à nova vida e não queria mais voltar para a outra Base. Por ser muito bonita, muitos garotos tentaram se aproximar dela, mas o único que finalmente prestou atenção, muitos anos depois da chegada à Base, se chamava Erik Otto.

Ele sempre fora gentil e compreensivo. Desde o primeiro momento, os dois se apaixonaram e engataram um romance muito bonito. Zandra sonhava com o dia em que se casaria e poderia lutar ao lado dele como sua mulher. Durante quatro anos eles ficaram juntos, sempre a par do que acontecia do lado de fora e a espera de eles poderem lutar. Mas tudo mudou quando Erik descobriu onde seu pai era mantido refém.

Erik lhe contou em uma noite fria, no meio da clareira, sobre como seu pai estava sendo maltratado pelo Imperador dos Ocultos e como ele deveria pôr um basta naquilo. Mas, para isso, ele deveria sair da Base e fazer o possível para adentrar nesse mundo

impenetrável, e conseguir retirar seu pai de lá vivo. Zandra não aceitou a proposta e sugeriu que eles arrombassem o lugar onde ele estava preso, mas o homem fora irredutível. Sabia que deveria ir, e aquilo a deixou arrasada.

Um dia antes de ele partir, Zandra entregou-lhe um pequeno colar, com um pingente de madeira em formato de coração onde suas letras, *Z e E*, estavam gravadas. Ela sentiu lágrimas escorrerem do seu rosto ao lembrar do ex-namorado sorrindo. O sorriso dele sempre fora grande e bonito, e sua risada geralmente ecoava pela Base, deixando-a constrangida.

— *Eu não merecia isso, mas obrigada! – ele disse, sorrindo e segurando o colar – Usarei isso enquanto estiver vivo!*

— *Não fale dessa forma! – ela resmungou, ainda chorando – Você não vai morrer!*

— *Não, não vou. – ele deu outro sorriso e a beijou ternamente – Espero vê-la em breve.*

Mas quatro anos se passaram, e as notícias dele foram ficando cada vez mais escassas. Nesse meio tempo, porém, Ulisses tornou-se seu grande amigo, aquele que podia ficar horas conversando e não se cansar. Zandra sempre soube que ele mantinha sentimentos além de amizade por ela, mas nunca pôde retribuí-los. Sabia que um dia Erik voltaria e

seria feliz com seu homem perfeito.

O mundo desabou quando lhe contaram sobre sua morte. Não sentia mais vontade de viver e por pouco não tentou o suicídio. Ulisses ficou ao seu lado o tempo todo, e mesmo sabendo que teria que tomar conta de Ário, ele não saiu de perto dela enquanto ela não melhorou. Phoebe lhe passara sedativos e calmantes, mas não tomara nenhum deles. Não queria mais nada.

Depois do choque e tristeza pela morte do namorado, Zandra ficou com raiva. Queria matar o assassino de Erik com suas próprias mãos. Nunca quiseram contar-lhe como foi sua morte ou quem foi o assassino, mas sabia que um dia iria descobrir.

Apesar de tudo, o apoio de Ulisses fora fundamental para passar pelo processo de luto. Mesmo sendo, muitas vezes, nada além de uma mulher chorosa e depressiva, ele conseguiu reerguê-la. E então, não conseguia mais vê-lo sem lembrar-se de Erik. Começou a evitá-lo toda vez que o via e, finalmente, eles pararam de se falar.

Porém, a mudança dentro dela já estava feita. Sentia falta dele o tempo todo, queria conversar e passar tempo, mas não tinha coragem de se aproximar e pedir desculpas. Sabia que havia sido terrível com um homem que a ajudara desde sempre, mesmo sentindo algo por ela que não conseguia fazer desaparecer.

O único problema foi que ela demorara tanto para perder o orgulho bobo que sentia,

que logo veio alguém e roubou Ulisses. Aquela estranha, vinda de fora, era agora oficialmente a namorada dele, e Zandra sentia-se injustiçada.

Alguém se aproximou dela e tirou-a de seus pensamentos. Era um homem, na faixa dos trinta anos, com longos cabelos negros e olhos de um tom parecido com violeta, mas um pouco mais claros. Zandra limpou as lágrimas que rolaram de seu rosto e encarou-o com frieza.

— Zandra... Zandra Petry?

— Sim. – grunhiu, irritada pela interrupção – Quem é você?

— Meu nome é Ivan Loures. Desculpe-me por incomodá-la, mas eu precisava agradecê-la.

— Me agradecer? – perguntou, tentando lembrar-se de onde o conhecia.

— Sim. Você me salvou naquela vila e eu não tenho palavras para expressar meu agradecimento.

— Eu não me lembro de você. – murmurou, ainda sem compreender.

— Eu acredito que não. Fui um dos feridos que você ajudou a transportar, logo no começo da luta. Um dos Ocultos me machucou seriamente e foi você quem me encaminhou para cá. Obrigado! – ele falou, fazendo uma pequena reverência.

Zandra continuou olhando para o homem, abobada. Sabia que havia ajudado várias

peessoas na Vila, mas não gravara o rosto de ninguém, e aquilo a deixou momentaneamente constrangida.

— Bom, de nada. Somos do mesmo time, então, não há de quê.

O homem deu um sorriso encabulado e se afastou um pouco dela.

— Não queria incomodá-la, mas precisava agradecer. De onde eu vim não estava acostumado com as pessoas serem gentis comigo, ou então se importar em olhar para mim.

O homem parecia querer conversar, e Zandra sentiu que seria rude não dar continuidade.

— Você não morava naquela vila?

— Sim e não. Eu nasci ali, mas como tenho um poder de *Energia* desenvolvido, eu trabalhava para os Ocultos, em Lander. Ou era isso que eles pensavam.

— Você morou em Lander? – exclamou, subitamente interessada.

— Sim. – ele falou, aproximando-se e sentando no mesmo banco que ela – Eu morei lá tempo suficiente para me infiltrar e poder passar informações aos Guerreiros.

Zandra deu um pequeno sorriso, sentindo-se incomodada. Não que não gostasse do homem, mas conversar dessa forma com alguém que conhecia há alguns minutos a fazia sentir-se invadida.

— Eu estou incomodando, não é? Desculpe-me! – ele levantou-se rapidamente,

parecendo ter lido os pensamentos dela.

— Oh, não é você! – disse, tentando acalmá-lo – Eu é que estou um pouco nervosa hoje.

— Tudo bem. – ele sorriu novamente – Deixamos essa conversa para outro dia.

— Sim, isso parece melhor! – deu um pequeno sorriso para ele, tentando mostrar que gostaria de revê-lo, mas provavelmente não conseguindo.

— Certo. Então voltamos a nos falar, Petry. Agradeço imensamente ter salvado minha vida.

— Não foi nada. – despediu-se, torcendo para que ele saísse logo.

Parecendo compreender que ela não queria conversar, ele acenou e saiu da clareira deixando-a sozinha novamente. Apesar da interrupção, Zandra ficara feliz. Fora a segunda pessoa naquele dia que a agradecera por estar viva. Claro que o agradecimento de Ulisses a tocara muito mais, mas no momento em que ele viu Celebriant, o homem esqueceu completamente dela. Sentindo o ciúme corroê-la, decidiu que iria vê-lo naquele instante.

Foi até a enfermaria o mais rápido que conseguiu. Quando chegou lá estava ofegante, mas precisava conversar com Ulisses. Sabia que ele tinha sentimentos por ela que eram de muito tempo e que, com certeza, não sumiram somente porque ele conhecera aquela mulher. Ainda havia algo que ela poderia fazer para tê-lo, e teria que tentar.

Phoebe não estava na enfermaria, e poucos enfermeiros rondavam os corredores. Depois que todos os feridos chegaram e muitos haviam sido liberados, o movimento diminuía pela metade. E graças a isso, Zandra conseguiu chegar até o quarto onde Ulisses ficava, tranquilamente. Abriu a porta, sem ter muita certeza se o que estava fazendo era correto, mas quando pensou em desistir ouviu a voz de Ulisses e se aproximou.

Ele estava dormindo, mas parecia resmungar no sono palavras desconexas. Assim que se aproximou o suficiente para ver seu rosto, seus olhos se abriram e ele lançou o braço para cima dela. Assustada, Zandra se afastou, e foi então que Ulisses percebeu o que havia feito.

— Me perdoe, Zandra! – ele exclamou, esticando a mão para que ela segurasse – Eu estava dormindo e, de repente, você apareceu e eu pensei que... Céus, eu nem sei o que pensei!

Zandra se aproximou dele, dando um sorriso e colocando sua mão junto à dele.

— Pensou que eu era uma Oculta querendo matar você? – riu ao ver a feição culpada dele – Eu não estou chateada!

— Oh, que bom! – ele disse sorrindo, e então apertou mais a mão dela – Mas o que está fazendo por aqui?

— Eu... – encarou os olhos negros dele e sentiu um calafrio percorrer lhe a espinha.

Agora que estava ali, ela não fazia a mínima ideia do que dizer. Comoalaria sobre algo tão doloroso? Apesar de ser um sentimento bonito que poderia nascer entre os dois, ainda era doloroso, porque Erik estava sempre presente entre eles, como um fantasma. Isso provavelmente era culpa dela, que não conseguia esquecê-lo. Mas, naquele momento, queria mudar e amar Ulisses. E queria que aquilo fosse recíproco.

— O que foi, Zandra? Você está bem?

Respirando fundo e tomando coragem, Zandra aproximou-se de Ulisses e beijou-o. Sentiu seu corpo tremer e sua respiração tornar-se ofegante, e, felizmente, seu beijo estava sendo retribuído. Mas, no que pareceu levar um minuto, sentiu os braços de Ulisses se contraírem e ele a afastou.

— Ulisses?

O homem encarava o chão, parecendo extremamente encabulado. Sem saber o que fazer, Zandra sentiu um nó se formar em sua garganta.

— Zandra, eu... – ele engoliu em seco e encarou-a – Eu estou com Celebriant, e realmente gosto dela. Me desculpe, mas eu não posso retribuir...

— Mas, Ulisses! – deu um sorriso amarelo e aproximou-se dele novamente – Eu sei que você gosta de mim! Por que continuar se enganando?

— Não estou me enganando... Eu suprimi tão bem meus sentimentos por você que

nem sei mais onde eles estão... – ele olhou para baixo, sem encará-la – Me desculpe, mas não posso fazer isso com Celebriant.

Zandra sentiu toda sua impetuosidade sumir e seu coração transformou-se em gelo. Sentindo vergonha por ter agido daquela forma, abaixou sua cabeça e encarou Ulisses, que parecia não saber qual seria sua reação. Queria esbofeteá-lo para ver se ele acordava! Por um instante ele deixou-se levar, como tinha certeza que ele queria fazer, mas então ele lembrou-se de Celebriant. Será que ele estava mesmo tão apaixonado por ela como ele dizia, ou aquilo era mais sua consciência pesando?

— Me desculpe, Ulisses! – resmungou, afastando-se – Eu estou muito confusa, mas... Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós.

— Não! – ele tentou sorrir, mas pareceu mais um esgar de dor – Eu também não quero isso.

— Certo! Então, nós estamos entendidos! – fez o possível para dar um sorriso sincero e apertou a mão dele – Então, eu dou uma passada aqui amanhã para ver como você está!

— Espero você amanhã, então.

Fez um aceno leve com a mão e saiu, sentindo um ódio corroer cada parte do seu corpo. Aquela mulher estava sempre em seu caminho! Sentia que algo nela não estava certo.

Lembrava-se do primeiro dia em que a viu acordada e sentiu a mudança. Aquela que acordara não era a mesma que passeava pela Base como se pertencesse a ela. Houve uma mudança nela, e Zandra, naquele momento, sentiu que se descobrisse quem ela realmente era, poderia solucionar seu problema com Ulisses.

Zandra estava sentada na clareira novamente, depois que todos haviam ido dormir. Desde que beijara Ulisses no meio da noite, não conseguia tirar a ideia de descobrir quem fora Celebriant Ollest (sobrenome de Aaminah, como descobriu) antes de chegar à Base. Havia conversado com várias pessoas envolvidas na chegada dela, mas ninguém falava nada do que já não soubesse: fora encontrada quase morta do lado de fora por Vandreisen, e então havia sido salva por Phoebe.

Naquelas semanas que se passaram, tentou fazer uma retrospectiva sobre o que acontecera nas noites que se seguiram a chegada dela. Ela estava algemada na cama, um procedimento padrão, já que mesmo que não fosse uma inimiga, poderia ser um infiltrado. Estava também com uma personalidade muito diferente quando acordara a primeira vez e falara com Zandra. Sentia que algo não batia.

Viu, então, se aproximando dela, o homem que salvara na Vila Sol Poente. Não estava com vontade de conversar, mas sabia que já havia o expulsado da última vez de uma

forma muito rude. Resolveu que conversaria com ele. Quem sabe a conversa não seria produtiva?

— Olá! – ele falou, não se aproximando muito, mas fazendo uma reverência – Posso me sentar?

— Claro! – disse, tentando parecer amigável – Me desculpe pela outra noite. Eu estava um pouco nervosa.

— Não se preocupe, eu compreendo. – ele abaixou os olhos envergonhado – Não quero ser um incômodo para você.

— E não é. – afirmou, tentando parecer legal.

Os dois ficaram alguns minutos em silêncio, e subitamente Loures falou:

— Você parece meio triste.

— É, pode-se dizer que sim. – resmungou e encarou-o pela primeira vez, desde que o vira.

O homem tinha um rosto diferente daqueles que estava acostumada a ver. Era um rosto redondo e achatado, seus olhos eram um pouco mais amendoados do que o normal (o que deixava aquele tom de violeta surpreendentemente mais forte) e seus lábios eram grandes e vermelhos. Tentando desviar-se daqueles olhos, percebeu que ele também não parecia muito alegre e resolveu mudar o alvo da conversa.

— Você também não parece muito feliz. Algum problema?

— Não é isso... – ele finalmente se sentou, parecendo incomodado – Eu estou bem aqui. Mas as lembranças me corroem... – ele suspirou antes de continuar – Hoje eu passei o dia me lembrando de um grande amigo meu.

— Pela sua expressão, eu não acredito que ele esteja vivo.

— Não. – ele virou o rosto para o outro lado – Eu vejo sua morte como uma luz para eu continuar a lutar, sabe? Às vezes, me lembro de suas brincadeiras e dou risada, sozinho! É um pouco frustrante.

Zandra sentiu como se cada palavra dele reverberasse em seu corpo e sua alma. Aquilo era o mesmo que sentia toda vez que se lembrava de Erik. Um misto de simpatia e compaixão invadiu-a e deu um sorriso acolhedor.

— Eu sei como se sente. – segurou um nó que se formara instantaneamente em sua garganta.

— Sabe? – ele finalmente a encarou, fazendo seus olhos violeta brilharem – Então, deve ter perdido alguém assim, não é?

— Sim... Alguém muito importante.

— Dói demais! – ele concordou, aproximando-se dela – Principalmente quando se sabe que aquilo poderia ter sido evitado...

— O que aconteceu com seu amigo? – perguntou, subitamente curiosa.

— Trabalhávamos na mesma casa, como empregados de uma família considerada poderosa dos Ocultos, e ele foi... Foi morto por eles.

— Meu amigo também... Foi morto pelos Ocultos.

— Mesmo? – ele disse, lançando lhe um olhar inconformado – Até quando perderemos pessoas queridas por causa deles?

— Eu me pergunto a mesma coisa todos os dias. – pensou um pouco e resolveu falar aquilo que pensava desde a morte de Erik – Eu espero um dia poder matar o assassino do meu amigo com minhas próprias mãos!

— Eu também! – ele deu um pequeno sorriso ao ver a expressão dela.

Eles estavam muito próximos, e a expressão dos dois deveria ser idêntica. Apesar de tudo, seu coração pertencia a Ulisses e não queria dar falsas esperanças ao homem. Afastou-se um pouco e deu um sorriso compreensivo.

— Bem... Agora eu tenho que ir. Já está tarde! – levantou-se ao ver que a conversa estava tomando um rumo pessoal demais – Nos falamos mais vezes, Loures!

— Com certeza! – ele sorriu e levantou-se, fazendo uma pequena reverência para ela. – Até mais!

Zandra acenou para o homem, afastando-se. Apesar de gostar de ver alguém que se

sentia da mesma forma que ela, não queria entrar em muitos detalhes. Aquilo era algo do qual não estava preparada para falar. Nem com Loures, nem com ninguém.

Dois meses depois.

Uma sombra movia-se rapidamente entre as ruelas da Base. Era noite e não havia ninguém a vista, o que era muito bom. Não queria que ninguém visse aonde iria e o que iria fazer. Com certeza não iriam aprovar.

A pequena prisão da Base estava sempre cercada de vigias desde que o prisioneiro havia sido trazido. Aahbran e Meehiel haviam saído da Base há dois dias com um aviso de Aaminah, de que alguém estava se aproximando deles, e provavelmente era um Oculto. Zandra estava com Aaminah no momento e acabou acompanhando-a. Encontraram o homem muito próximo de onde o *Bloqueio* de Aahbran o confundiria, mas ele parecia saber exatamente aonde ir. Assim, o prenderam e o trouxeram para dentro da Base, mas o homem não havia falado nada desde que chegara. A não ser pela sua cena com Celebriant.

Havia algum tempo que estava incomodada pela forma como a mulher chegara à Base. Vandreisen a encontrara semimorta nas proximidades e a trouxera para dentro. As duas vezes em que a vira, quando estava na enfermaria, lembrava-se de ter notado um ar de superioridade nela, algo que a fizera odiá-la instantaneamente. Porém, depois que saíra da

enfermaria, seu olhar e seu jeito mudaram. Havia alguma coisa errada. E aquele Oculto iria ajudá-la a entender.

Zandra juntara algumas coisas em sua cabeça e chegara a algumas conclusões. Quando viu o poder da Oculta com quem lutara, percebeu que era o mesmo de Celebriant, mas com intensidades diferentes. Porém, ao perguntar a Aahbran sobre Celebriant e seu poder estranho, ele dissera que era um poder considerado extinto para ele, até conhecê-la. Se aquele poder de morte que vira nela era mesmo algo raro, como vira a mesma coisa naquela Oculta com quem lutara?

Sempre sentiu que havia alguma coisa errada com a chegada da moça. Parecia ser uma prisioneira quando a encontrara as duas primeiras vezes, uma desacordada, e a outra, assim que acordou pela primeira vez. Em seu primeiro encontro, ela apenas foi levada até a enfermaria para verificar os poderes da jovem, e quando viu que eram dois poderes, sendo um deles de morte, ficou muito assustada. O grande problema nessa história toda era que ela havia visto o mesmo poder de Celebriant na Oculta com quem lutara, com a diferença de que, na Oculta, o poder era muito mais evoluído e forte.

Pela manhã havia ido até a prisão e conversado com um de seus colegas, combinando um horário onde ninguém estaria por perto. Não queria que ele desconfiasse, portanto, disse que era um interrogatório autorizado, pois, de acordo com o que soubera, ele

quase não falara, e a única vez em que falou foi na sua chegada. O homem não desconfiou e combinou um horário bem tarde, e assim que chegou à prisão, a recebeu e encaminhou-a para dentro. Mostrou onde era a cela do prisioneiro e lhe deu a chave, saindo novamente e deixando-a sozinha no corredor. Respirando fundo e dando um sorriso de triunfo, caminhou em direção à cela.

O homem estava sentado em uma cadeira, amarrado e muito mais machucado do que da última vez que o vira, quando chegou à Base. Ele havia passado por dois dias de interrogatório com Aahbran e Vandreisen e ela sabia quão persuasivos eles podiam ser. O único problema foi que, mesmo com toda a tortura, ele não explicou como encontrara a Base. E era por esse motivo que planejara isso: precisava descobrir quem aquela mulher foi, e o que estava fazendo ali.

Assim que entrou na cela o homem encarou-a. Ele fez uma cara de ironia, mas não conseguiu esconder o assombro em seu rosto. Ele estava apavorado. Com certeza dois dias de tortura o deixaram muito fácil de lidar.

— Você me subestimam! – ele grunhiu, dando um sorriso dissimulado – Acredita mesmo que eu vou falar só porque você é mais bonitinha?

— Quem me subestima é você, seu inútil! – grunhiu também, aproximando-se dele e mostrando uma pequena faca afiada.

Ele encarou-a seriamente, mas não pareceu temer mais do que já estava. Respirando fundo, Zandra encarou-o e perguntou:

— Diga-me, de onde conhece Celebriant Ollest?

— Não conheço nenhuma Celebriant Ollest.

— Não conhece? – deu uma risada e aproximou a faca do pescoço dele – A primeira vez que você falou dentro dessa Base foi para falar dela! Lembra? A mulher que você apontou como traidora?

— Mas o sobrenome dela não é Ollest! – ele falou, assustado pela forma como ela se aproximara – É Devoy!

— Então a conhece! – falou, triunfante – Quem é ela?

— Você por acaso é surda? – ele riu – Eu já disse.

Zandra segurou o dedo mindinho dele e colocou a faca tão rapidamente que o homem chegou a tentar colocar o corpo para trás, mas a única parte que conseguiu mover foi sua cabeça. Assustado, ele encarou-a nos olhos e ela soube que conseguiria tirar tudo dele. Por isso esperara que os outros o torturassem antes. Sabia que ele falaria qualquer coisa depois de dois dias, preso e torturado.

— Agora me responda ou eu vou cortar pedaços de você até você morrer!

— Ela é uma Oculta! – ele disse, assustado – Eu nunca cheguei a vê-la muitas

vezes, mas eu vi quando ela recebeu a marca.

— Sabe o que ela está fazendo aqui? – cortou um pouco o dedo dele, fazendo um filete de sangue escorrer entre seus dedos.

— Ela fugiu no dia do casamento com o sucessor do Imperador e desapareceu! – ele começou a chorar e falar muito rápido – Foi dada como morta alguns dias depois, quando encontraram grande quantidade de sangue dela em cima de um cavalo, provavelmente usado para a fuga! Mas ninguém nunca teve certeza se realmente fugiu ou se foi sequestrada! Até hoje! – ele abriu os olhos e pareceu perder um pouco do medo – E agora, espero que ela esteja fazendo vocês sofrerem!

— Calado! – gritou, dando uma bofetada no rosto do homem – Você sabe mais alguma coisa sobre ela?

— Não, não sei de mais nada! – ele voltou a ter o olhar amendontrado.

— Então vou lhe dar um aviso! – falou, aproximando a faca novamente do pescoço dele e fazendo um pequeno corte – Se você não der as informações que meus colegas virão perguntar hoje pela manhã, eu juro que voltarei à noite e cortarei cada pedaço seu. Você escolhe!

Sem nem olhar para trás, Zandra deixou o homem e fechou a cela. No momento em que seu colega a viu, abriu as portas da prisão e ela entregou-lhe as chaves.

— Não se preocupe em comentar com Aahbran sobre minha visita, pois vou falar com ele agora mesmo! – deu um sorriso que fez o homem ficar encabulado – Ele tem muita informação, mas hoje não consegui tirar tudo. Deixarei um pouco da diversão para meu colega!

O homem deu uma pequena risada e pediu que ela não se preocupasse. Zandra acenou e virou de costas, sentindo sua feição fechar-se em ódio. Aquela maldita Oculta! Aahbran saberia quem ela era? Percebeu que começara a clarear lentamente e resolveu esperar o dia nascer para ir falar com o Ancião. Mas, antes, precisava tirar suas dúvidas com certa mentirosa.

Capítulo 11 – A marca maldita

Fazia uma semana que Celebriant e Ulisses não se falavam. Aquilo já era o suficiente para ela se incomodar, mas havia algo mais. Aquela sensação de aperto no peito não diminuía nem um pouco e sentia-se cada vez mais incomodada. Alguma coisa estava errada e não era a respeito de Ulisses. O problema era aquele prisioneiro.

Não conseguia tirá-lo de sua cabeça. Por que ele havia falado daquele jeito com ela? E, principalmente, por que ela tinha uma marca igual à dele tatuada no braço direito? Uma marca dos Ocultos? Decidiu, então, enquanto pensava no sofá da casa de Phoebe, que iria rever as coisas que vieram com ela do lado de fora. Não tivera curiosidade de ver seus pertences com medo do que veria, mas, naquele momento, não tinha mais escolha.

A pequena mochila continha apenas uma muda de roupas e um pequeno colar com as letras *Z* e *E* gravadas nele. Curiosa, ela pegou o objeto com as mãos, tentando ver se ele lhe mostrava algum filamento de memória, mas nada aconteceu. Aquilo era algo que pertencia à sua última vida, e, portanto, resolveu usá-lo. Quem sabe suas memórias voltassem?

Completamente distraída, ela foi ajudar Phoebe a cozinhar o jantar. Começou a cortar alguns legumes enquanto pensava sem parar no que estava presenciando em sua vida.

A médica a chamou de seu devaneio, de repente, segurando sua mão. Percebeu que ela evitara que, por pouco, se cortasse com a faca. Apesar de ver os lábios dela se mexerem, não conseguia se concentrar no que a médica dizia e apenas anuiu, sem jeito. Com certeza, a mulher sabia que Ulisses não falava com ela há dias e devia ter percebido que alguma coisa havia acontecido, mas como Celebriant estava silenciosa e incomodada, pareceu não querer mais incomodá-la. Phoebe pediu, então, que ela fosse buscar um pouco de trigo na despensa atrás da casa, o que acatou instantaneamente.

Não sabia exatamente o motivo daquele silêncio, mas não queria conversar. Será que Phoebe sabia sobre a marca também? Se ela sabia, Aaminah também deveria saber. E por que eles a aceitariam ali dentro? Desde que acordara ali na enfermaria, nunca comentaram sobre sua marca ou o que ela significava, mas sempre ouvia todos da Base falando sobre os Ocultos e o que eles faziam. Principalmente, ela ouvia o que Ulisses dizia sobre os Ocultos. Por que eles deixariam alguém com a marca dos Ocultos ali dentro? Tudo bem que ela perdera a memória e poderia nunca se lembrar, mas e se realmente fosse uma Oculta e estivesse ali para destruí-los? Sentiu seu estômago remexer, incomodado, e abriu a despensa.

Começou a pegar um dos sacos de trigo quando sua visão ficou turva e, de repente, estava em outro lugar. Lembrava muito uma arena de terra, circular, e havia muitas pessoas

em volta. Eram todos Ocultos, podia ver a marca brilhando no ombro direito de cada um deles. Ela não queria fazer aquilo. Estava implícito em cada parte do seu corpo que aquela dor nunca seria sanada se ela fizesse. Mas fez. E quando ouviu o baque do corpo de alguém bater no chão de terra batida, gritou. Viu o colar que colocara no pescoço cair em seus olhos, vindo exatamente daquela cena. Com pavor, abriu os olhos com seus gritos e percebeu que estava no chão. Olhou em volta, assustada. Prestou atenção por alguns segundos para ter certeza que a médica não ouvira aquilo, mas nada parecia se mexer. Olhou então para o colar que pendia de seu pescoço e sentiu um enjôo tão forte que quase vomitou.

Tentando se recuperar, respirou fundo. Seu peito ardia horivelmente, e, naquele momento, teve certeza: ela matara alguém. Sentiu-se mais enjoada e massageou o peito dolorido, não obtendo sucesso algum, e levantou-se do chão com os sacos de trigo, voltando para a casa de Phoebe com uma decisão: precisava colocar sua mente em ordem.

Matara uma pessoa! Mesmo o sentimento lhe dizendo que não era aquilo que queria fazer, tirar a vida de alguém era algo que nunca pensaria. E se estivesse ali a mando dos Ocultos, com a missão de exterminar aquela Base? Precisava sumir dali antes que recuperasse sua memória. Assim que entrou na casa, Phoebe encarou-a estranhamente e pegou os sacos de trigo de sua mão.

— Não está se sentindo bem? — ela perguntou, largando o trigo no balcão e pegando

sua mão.

— Uma dor de cabeça e um pouco de enjôo. Eu só preciso tomar um pouco de ar. — o enjôo aumentou consideravelmente — Se importa se eu ficar um pouco ali fora?

— Claro que não. Sente no banco do lado de fora que eu já vou examinar você. Só preciso lavar as mãos.

— Certo. — resmungou, livrando-se da médica e saindo da casa.

Não se sentiu nada bem em mentir para a mulher, mas também não queria assustá-la. Se ela soubesse o que Celebriant faria, com certeza não a deixaria sair. Assim que fechou a porta atrás de si, começou a correr. Precisava ficar longe dela. Se já matara alguém, não queria nem imaginar o que poderia fazer se suas memórias voltassem. Se fosse mesmo uma Oculta infiltrada, o que faria?

Quando já havia parado de correr e estava andando a esmo pelas ruas da Base, sentiu a aproximação de alguém. Com o coração aos saltos, não quis nem parar para ver quem era e continuou, torcendo para que não fosse ninguém conhecido. Porém, assim que virou para uma rua mais escura, alguém segurou seu braço e o virou com grosseria, imobilizando-a no mesmo instante.

— Mas o que pensa que... — Celebriant começou a falar, e então percebeu quem era — Petry?

— O que está fazendo sozinha a essas horas da noite, Ollest? — ela deu um sorriso de escárnio — Ou deveria chamá-la de *Devoy*?

Celebriant encarou-a, confusa, ainda tentando se livrar do aperto da morena.

— Como?

— Não se faça de sonsa, garota! Eu sei quem você é! — ela virou Celebriant de frente para ela e segurou-a pelos braços rudemente — O que está querendo aqui? O que você está planejando?

Sua *Intueri* deu um salto em seu estômago, fazendo-a perder a força nas pernas. Petry sabia algo sobre ela!

— Do que você está falando, Petry? — perguntou cautelosamente.

— E ainda se faz de otária! — ela grunhiu e aproximou-se mais dela, soltando um braço e apontando o dedo em riste para seu rosto — Escute aqui, sua Ocultinha nojenta! Eu quero saber: o que você quer aqui?

— Ocultinha? — repetiu, sentindo o baque das palavras derrubar sua firmeza.

O que Petry sabia sobre ela? Encarou a mulher e tentou formular uma pergunta que não a deixasse mais irritada, mas ela não pareceu perceber. Petry segurou com força o casaco que ela vestia e o puxou, fazendo com que fosse retirado à força.

— O que está fazendo, sua louca? — Celebriant tentou se soltar, mas a mulher a

segurava com firmeza e muito ódio.

— Vou provar para todos que você é uma Oculta! — e, num puxão, ela rasgou a manga de sua blusa do braço direito, fazendo sua marca parecer brilhar naquela escuridão.

Petry ficou estática por um minuto, compreendendo a amplitude do que sabia. Um pouco chocada por ter sido exposta daquela maneira e sem saber direito o que fazer, Celebriant encarou-a e grunhiu:

— Como você sabia? — perguntou, quase implorando — O que você sabe sobre mim?

Se não fosse sua *Intueri* lhe dar um aviso, teria levado um soco. Rapidamente, conseguiu se desviar do primeiro golpe que a mulher tentara acertar, mas o segundo veio logo em seguida. Não sabia exatamente o que fazer, mas novamente seu corpo agiu por conta própria. Defendeu-se de todos os golpes que ela tentava acertar, mas não sabia se conseguiria por muito tempo. O ódio que a mulher sentia pulsava no ar, e toda essa energia era jogada para seus braços e pernas, na tentativa de acertá-la.

Petry avançou novamente e Celebriant, mesmo com seu corpo a defendendo, não conseguiu escapar por muito tempo. Quando percebeu, estava engalfinhada com a mulher, e, com um pouco de esforço, conseguiu se livrar dos seus braços e virou-se para sair, mas ela foi com as unhas diretamente em seu rosto. Desviou-se o mais rápido que pôde, mas não foi

o suficiente, pois a mão dela enroscou em algo que nem lembrava mais que usava: o colar que encontrara em sua mochila.

O rosto da mulher contorceu-se e, de repente, Celebriant foi engolfada por uma imagem vinda dela: Petry, um pouco mais jovem, entregando um colar para um homem muito parecido com Ário. E, tão rápido quanto apareceu, a visão sumiu, e o que viu a sua frente foi um rosto totalmente desfigurado pelo ódio. A mulher se jogou em cima dela tão rapidamente que desta vez não pôde se desviar, e as duas foram para o chão.

Sentiu os socos e chutes que a mulher acertava nela, e estava lutando tanto quanto sua agressora para tentar se defender. O mundo rodava a sua volta e não sabia mais onde estava seu corpo, na ânsia da mulher em machucá-la. Respirando fundo, deu um impulso com as pernas e a jogou longe, dando tempo somente para se levantar e se defender dos golpes que Petry jogava com toda a força que tinha. Celebriant podia ver um brilho negro em volta da mulher tomada pela fúria.

Antes que ela pudesse acertá-la novamente, porém, Celebriant aproveitou o estado de desespero dela e conseguiu acertar um soco em cheio no seu rosto, fazendo-a cair no chão. Um pouco chocada com sua força e atitude agressiva, mas sentindo-se completamente no direito, olhou para a morena caída e sentiu uma raiva crescer-lhe no peito. Não sabia quem era nem o que estava fazendo ali, mas a única pessoa que sabia a resposta era alguém

que não a daria.

Petry levantou-se num salto, parecendo odiá-la mais ainda por causa do soco certo em seu olho, que já começava a ficar roxo, mas foi contida por dois braços fortes. Vandreisen olhou para Celebriant com sua marca de Oculta exposta, mas não pareceu se preocupar com aquilo. Seu olhar buscava o da mulher enfurecida, indagando o motivo da briga.

— *Petry*, contenha-se! – ele grunhiu ao ver que ela ainda encarava Celebriant com ódio e se debatia em seus braços – O que está acontecendo aqui?

— Essa mulherzinha é uma Oculta, Vandreisen! Olha a marca dela!

— Eu sei disso. – ele afirmou, fazendo com que Petry parasse de se debater e o encarasse.

Celebriant também o olhou com incredulidade, sentindo-se naquele momento como uma idiota. Até o Vandreisen sabia sobre ela... Por que então não lhe contaram nada? Porém, antes que pudesse indagar, uma voz masculina preencheu o local.

— Como assim, você *sabe disso*?

Celebriant olhou instantaneamente para quem chegara junto com Vandreisen e seu coração parou. Ulisses a encarava com olhos tão frios que fizeram seu coração parar. Sem pensar duas vezes, virou-se de costas para os três: Vandreisen, ainda tentando segurar uma

Petry enfurecida e Ulisses, que ainda a olhava com frieza e ódio. Sentindo uma dor atingi-la no peito, começou a correr.

Suas pernas reclamaram pelo esforço excessivo, mas o que mais dificultava sua fuga eram as lágrimas que corriam livremente pelo seu rosto. Ela era uma assassina, uma Oculta e alguém que não deveria estar ali. Iria fugir enquanto apenas Ulisses a encarava daquela forma... Pois não suportaria ver aquele olhar novamente.

Avistou a saída Oeste e forçou-se a correr, mas havia alguém parado no portão. Sentindo suas pernas perderem a força, viu o olhar que estava tentando esquecer. Além de frios, os olhos de Ulisses estavam cheio de lágrimas e raivosos, e encaravam a marca no braço direito dela. Celebriant, instantaneamente, sentiu toda a dor e decepção que emanavam do homem e tentou esconder a marca, puxando um pouco sua blusa, mas não conseguiu. Naquele momento, porém, Ulisses virou-se para o lado, claramente mostrando a saída, e todo seu mundo caiu.

- Ulisses... – sussurrou, sentindo suas forças desaparecerem.
- Não me chame pelo nome, *Oculta*.
- Ulisses, me escute! – suplicou, sentindo suas lágrimas voltarem com toda a força.
- Não. Escute você. Desapareça dessa Base. Eu não suporto nem mais olhar nesse

seu rosto falso! – ele exclamou, fazendo com que suas orelhas avermelhassem – Desapareça! E faça o favor de não ser salva por mais ninguém.

Celebriant sentiu seu peito se abrir, como se tivesse uma grande ferida ali. Mas não era somente a dor pelo que Ulisses dissera, e sim, parecia que algo estava prestes a explodir. Sua *Intueri* parecia gritar em seus ouvidos para que ela corresse, ou iria ferir alguém. Algo como fogo estava percorrendo suas veias. Um calor subiu-lhe pela face, e sentiu-se avermelhar. Estava tentando se acalmar, mas algo dentro de si estava se movimentando de uma forma que nunca havia sentido, ou pelo menos não lembrava.

Voltou a correr o mais rápido que pôde e não olhou para trás. Passou pela entrada Oeste, ignorando os gritos do guarda do posto e sentiu o frio da neve sob sua bota e em seu braço nu, mas continuou sem prestar atenção em nada mais. Seu corpo parecia em chamas e começou a sentir dores terríveis. Algo muito horrível iria acontecer, e ela precisava estar bem longe da Base. Quando parecia que finalmente estava se distanciando, percebeu que alguém a seguia e virou-se. Não queria olhar novamente para o rosto decepcionado e raivoso de Ulisses, mas os olhos que encontrou não eram negros, e sim esverdeados.

— O que você quer, Vandreisen? – grunhiu, sentindo sua cabeça arder em dor.

— *Nom vai fazerrdiferença se a senhorita fugirr!* – ele falou, um pouco ofegante pela corrida.

— Não vai? – gritou, sentindo as dores triplicarem – **Como não? Eu não quero isso!**

Estava sentindo seu corpo gritar em desespero. Já não conseguia mais prestar atenção em nada, de tanto que sua cabeça zunia. Algo como fogo percorria cada parte de seu ser e não agia por si.

— Ele está *morrrto*, *Celebrriant*, e nada disso vai *mudarr* se você *fugirr*!

— Quem está morto, seu idiota? – tentou continuar, mas caiu no chão com a dor.

— *Errik* Otto!

— **Nãoooo!!!** – gritou, desesperada, agachando-se na neve e fechando seus ouvidos

– **Pare!**

E então ela viu o corpo de Erik bater no chão, sua amizade, seu pedido, a entrega do colar e todos os momentos que passara com ele. Percebeu que estava gritando, e viu que Vandreisen se aproximara dela e estava agachado também, levando a mão até ela. Novamente percebeu aquele sentimento estranho vindo dele, algo que não combinava com o homem, mas que parecia muito real para ser mentira.

— Me deixe, Vandreisen! – gritou, batendo na mão dele e levantando-se para correr

– **Suma! Eu não quero machucá-lo!**

Seu corpo ardia tão violentamente que não conseguiu dar mais do que dois passos sem cair novamente. Mas levantou de novo e continuou, tentando ao máximo correr, fugir, sumir. Sentiu um gosto amargo subir em seu peito e queimar sua boca, seus sentidos entraram em uma convulsão de dor e agonia como se fossem estilhaçar-se. O fogo clamava por seu espírito e queria tomar vida em seu corpo. Seus braços e pernas tremiam e as lágrimas corriam quentes e febris pelo seu rosto. Parecia que uma serpente de fogo caminhava por sua coluna, queimando cada parte de suas costas com suas chamas, e seu estômago parecia carregar uma pedra muito pesada. Percebeu que Vandreisen corria atrás dela e virou-se para ouvir o que ele dizia, pois, por algum motivo, ele estava ali para ajudá-la e, naquele momento, aquilo era incompreensível para ela. Por que ele estava ali, afinal?

— *A senhorita é o que é...* – ele falava e, se não estivesse tão perdida em sua dor, ela conseguiria sentir o que ele estava tentando passar – e eu...

— **Eu sou o que sou?** – gritou, alucinada, não o deixando terminar – **Eu sei o que sou! Uma Oculta maldita!** – não conseguiu mais se conter e caiu na neve, dando socos de ódio e dor no chão gelado.

E então Celebriant sentiu como se seu estômago houvesse sido arrancado. Não havia

sido uma dor física, mas algo tão profundo quanto se fosse. Suas memórias voltaram de uma forma feroz, fazendo com que encostasse seu rosto na neve. Uma dor muito grande apossou-se do seu peito, uma dor de perda e angústia. E então ela o viu: Erik. Ela matara Erik! E, do lado dele aparecera outra pessoa, alguém que estava contando com ela e até agora só recebera o silêncio: Saori.

Um turbilhão de imagens começou a surgir e não conseguia mais se concentrar. Sentiu-se tão quente quanto se estivesse em um incêndio e conseguiu abrir os olhos. Viu que Vandreisen ainda estava ali parado, encarando-a com terror. E, apesar de sentir seu *Kassan* dominá-la e exigir que o matasse, usou do restante de suas forças para gritar com ele:

— **Vandreisen, corra!**

Não conseguindo mais resistir, Celebriant entregou-se àquela onda de força que saía de dentro dela e tudo ficou escuro.

Jean já havia visto quase todo o tipo de poderes e energias, mas o que emanava daquela garota era fora do normal. Não estava compreendendo o que acontecia ali, e sua *Intueri* estava implorando que ele a salvasse novamente. Ele deveria chamar Aahbran para conter aquilo?

Olhou para a garota e seu corpo se retesou. Em volta dela havia algo como bolas de

fogo, que a cercavam como um escudo. O corpo inteiro dela brilhava com o que pareciam ser serpentes de fogo. Inclusive seus cabelos estavam brilhando com a luz vermelha que emanava. E o que era aquela força? Ele nunca havia sentido tamanho poder destrutivo em alguém, a não ser em Ocultos poderosos. Mas aquela garota era uma Oculta. E, pelo que estava vendo, uma Oculta poderosa. Ainda estava encarando-a, pensando em como poderia detê-la, quando seus olhos castanhos o encararam com uma intensidade que machucou lhe o estômago.

— **Vandreisen, corra!**

O grito dela foi tão desesperador que ele perdeu-se, dando um passo para trás e sentindo seu corpo agir por conta. Não podia correr.

— Isso mesmo... – a voz que falou com ele era mais metálica e dissonante, mas saía da boca de Celebriant – Corra ou eu mato você.

E então compreendeu: seus sonhos, aquele que fugia de uma Celebriant em chamas, se tratavam daquele momento. A garota estava libertando seu poder e ele a dominou. Sentindo sua *Intueri* gritar, virou-se e correu o mais rápido que suas pernas o permitiam. Viu a entrada da Base a alguns metros, e então sua *Intueri* o avisou e ele se abaixou. Uma das bolas de fogo não o acertou por pouco, mas também quase acertara a entrada Oeste da Base.

Mandando todas suas energias para Aaminah, concentrou-se na mulher, implorando por ajuda. Não poderia entrar na Base com Celebriant daquele jeito. Ela iria destruir tudo, simplesmente para matá-lo. Sentindo uma raiva invadi-lo, pensou que, se ela realmente queria aquilo, então Jean iria ajudá-la. Virou-se na direção dela com a intenção de lutar e assustou-se: aquela não lembrava Celebriant, a não ser pelo seu corpo. Seus olhos estavam em chamas, seu corpo brilhava em uma intensidade vermelha e seus cabelos pareciam serpentes de fogo. Com seu choque, Celebriant aproveitou e mandou uma bola de fogo e, antes que pudesse se defender, o poder acertou-o em cheio. Sentiu-se desaparecer na dor, mas se jogou em um monte de neve, o que diminuiu a força do fogo, acabando apenas chamuscando sua roupa e pele.

Levantou-se o mais rápido que pôde e viu que a garota agora tinha seus olhos castanhos e suplicantes.

— **O que você pensa que está fazendo? Eu não quero matar você!**

Sentindo-se ao mesmo tempo chocado e, por alguma razão bizarra, feliz, finalmente entendeu o recado. Deveria correr e fugir dela, pois o poder que a dominava era forte demais para que ela pudesse segurá-lo. Enquanto conseguia recobrar a consciência, estava tentando salvá-lo. E, dessa forma, correu, sem nem olhar para trás, até que foi lançado por algo que parecia ser uma explosão gigantesca. O barulho e a força foram tão fortes que

sentiu toda a montanha tremer com o abalo. Quando atingiu o chão, já não enxergava nada além da escuridão.

Capítulo 12 – A viagem

Aaminah estava sentada em seu sofá com os pés próximos da lareira para poder se esquentar. Sua *Intueri* passara o dia inteiro tentando avisar de algo que estava para acontecer, mas nunca fora tão evasiva como naquele momento. A cada segundo buscava novas informações, mas nada era palpável. Incomodada, remexeu-se no sofá, tentando se conectar a alguma parte da Base e descobrir o que poderia estar acontecendo, quando seu irmão entrou na sala fazendo-a perder toda a concentração. Ele secava os cabelos brancos com uma toalha e sentou-se ao lado dela, parecendo completamente relaxado.

— Irmã! – ele falou, finalmente prestando atenção nela – Está bem? Parece um fantasma.

— Alguma coisa está acontecendo na Base, Aahbran.

O irmão, instantaneamente, colocou-se de pé e encarou-a mais profundamente.

— O que está dizendo, Aaminah?

— Estou dizendo que algo está errado e...

Seus olhos se esbugalharam e sua boca abriu-se, tamanho foi seu espanto com a visão que a dominara. Jean estava tentando conter uma Celebriant enfurecida e não iria

conseguir, sozinho, lidar com ela. Assim que voltou de sua visão, levantou-se num salto, correndo até seu quarto e sendo seguida pelo seu irmão.

— O que houve? – ele exclamou, mas ao ver que ela se vestia rapidamente, começou a fazer o mesmo – Céus, Aaminah, não me deixe louco!

— Aahbran, vamos até Meehiel e Seanna. Precisaremos de ajuda, como eu sempre suspeitei! – disse, puxando seu irmão assim que ele terminou de pôr o sapato e carregando-o para fora da casa.

— É um ataque? – ele perguntou, correndo ao seu lado.

— Isso é algo que você provocou, meu irmão! – falou, encarando-o com veemência – Algo que você e os idiotas dos Anciões não ouviram quando eu predisse! – ao ver a confusão em seus olhos, continuou, ríspida – Nesse exato momento, Jean está lá fora, tentando sobreviver a uma Celebriant dominada por seu *Kassan*!

— Como? – ele parou de correr abruptamente, ainda mais confuso – Como assim?

— Não temos tempo para conversar! Jean precisa de nós!

Aahbran assentiu e os dois correram pela Base para conseguir chegar até o local onde Meehiel e Seanna estavam hospedados, e Aaminah sentia seu coração bater descompassado no peito. E se não chegassem a tempo? Iria Celebriant matar Jean? Porém,

assim que viraram a esquina da casa onde deveriam chegar, ouviu o que parecia ser uma explosão e tudo tremeu, fazendo-a cair no chão. Olhou para o lado e viu que o irmão colocara as mãos na cabeça e a apertava com força, gritando muito.

Tão rápido quanto veio, o tremor passou, fazendo com que várias pessoas saíssem de suas casas para verificar o que havia acontecido. Ao ver que Meehiel e Seanna estavam se aproximando deles, virou-se para o irmão para chamá-lo, mas ele estava deitado no chão.

— Aahbran? – aproximou-se, encostando sua mão no ombro dele e ofegando com o susto.

— O que houve? – murmurou Seanna, assim que os alcançou.

— Não faço ideia, Seanna, mas precisamos ir para o lado de fora da Base! Ei, você! – gritou, ao ver que uma das enfermeiras de Phoebe estava ali perto – Corra até a enfermaria e peça para Phoebe ir o mais rápido possível para o portão Oeste! **Agora!** – a mulher saiu correndo e Aaminah virou-se para outra pessoa – E você pode, por favor, levar Aahbran para a enfermaria?

O homem assentiu e pegou Aahbran, como um boneco, no colo, e saiu correndo. Aaminah fez o mesmo, em direção ao portão Oeste. Algo estava muito errado. Por que Aahbran desmaiaria? O que aquela explosão significava? Qual era a relação entre ela e

Celebriant? Viu que ao seu lado estavam Meehiel e Seanna, ambos correndo sem necessitar de explicações.

Assim que saíram pelo portão Oeste, seu coração parou. A neve em volta da entrada da Base estava derretida e o chão coberto de cinzas. Várias árvores pareciam ter sido pulverizadas com a explosão e muitas delas ainda pegavam fogo, lançando fumaça em volta deles.

— Céus, o que aconteceu aqui Aaminah? – disse Meehiel, segurando a mão da Anciã.

— Eu acredito que poderei explicar isso depois... Agora precisamos ajudar Jean.

— Jean? Onde ele está? – o homem tentou ver pela parede de fumaça, mas não conseguiu enxergar nada.

— Seanna... – Aaminah encarou a mulher com olhos suplicantes – Você consegue usar *Speede*?

A pequena menina apenas acenou afirmativamente com a cabeça e segurou a mão de Aaminah e Meehiel, correndo o mais rápido que sua habilidade permitia. Ao norte de onde a explosão parecia vir, sentiu uma pequena vibração e apontou o local para a colega, que parou.

Jean estava com suas roupas chamuscadas e parecendo muito ferido. Seanna logo correu para a entrada oeste, dando as coordenadas para Phoebe e voltou até ali. Esperaram alguns minutos até a médica chegar ao local, acompanhada de mais alguns enfermeiros. Sentindo sua *Intueri* novamente colocar uma visão em seus olhos, Aaminah virou-se para o lado oposto de onde Jean estava e encarou Seanna. A mulher assentiu e puxou-os novamente, seguindo na direção onde a *Intueri* de Aaminah apontava com ferocidade.

Antes que pudessem chegar perto do local da explosão, eles tiveram que parar. Havia uma cratera gigantesca ali, que ainda ardia em chamas. No centro dela, estava o que parecia ser uma pessoa deitada, imóvel.

— Oh, céus! Celebriant! — exclamou, e, ignorando o calor que emanava da cratera, desceu correndo até a menina.

Ela não aparentava ter nenhum machucado, mas não se mexia. Sua blusa estava rasgada, expondo seu braço direito com a marca dos Ocultos. Sentiu um breve vislumbre do que poderia ter acontecido e suspirou, irritada. Seanna e Meehiel vieram atrás dela para dentro da cratera, sem compreender o que estava acontecendo. Aaminah segurou a cabeça da menina com delicadeza, sentindo-se terrificada.

— Ela está quebrada. — resmungou Seanna, fazendo uma pequena careta — Pelo menos estava até a explosão.

— Não está mais quebrada? – perguntou Meehiel, encarando a amiga com olhos profundos – O que isso quer dizer, Seanna?

— Quer dizer que ela está consertada, oras. Não tem mais parte defeituosa.

— Então, ela recuperou sua memória e seu poder! – sorriu Aaminah, compreendendo Seanna e segurando a mão de Celebriant – Precisamos levá-la para dentro.

Com a ajuda de Meehiel, conseguiram tirar Celebriant daquela cratera chamejante e a levaram para a enfermaria. Enquanto um dos enfermeiros cuidava da menina, sentou-se em um banco, completamente absorta em seus pensamentos. Sua *Intueri*, tão travada até pouco tempo, simplesmente lhe lançava milhares de informações. E, finalmente, ela percebeu que o principal aviso de tudo aquilo era que seu destino estava finalmente traçado. Respirou fundo e sorriu.

Phoebe encarava Aaminah com apreensão. Assim que prestou os primeiros socorros a Celebriant e foi constatado que a jovem apenas dormia de exaustão, elas não sabiam o que fazer. Três Anciões, que não participaram da confusão, estavam do lado de fora, aguardando uma posição da médica para saber se poderiam prender a moça.

— O que vamos falar para eles? – sussurrou Phoebe, nervosa.

— Pode deixar comigo. – falou Aaminah com firmeza – Agora eles irão me ouvir!

Deu um pequeno sorriso para a médica e saiu do quarto, que era guardado por vários Guerreiros. Os Anciões ainda estavam ali e Aaminah fez um sinal para que eles a seguissem. Precisava falar primeiramente com Jean para saber a extensão do ocorrido, mas não fazia ideia se ele conseguiria falar ou se ele estaria acordado. Portanto, falaria primeiramente com o irmão, que desmaiara, e Phoebe não encontrara nada que justificasse aquilo.

Aahbran estava sentado em sua maca, tentando visivelmente sair dali. O irmão nunca gostara de hospitais e fazia o máximo para não precisar deles.

— Que bom que você chegou, Aaminah. Que tal dizer a essas enfermeiras que eu estou bem?

— Eu não sou uma médica, meu irmão. – disse, pedindo aos Anciões que a seguissem que se aproximassem – O motivo de eu estar aqui é sobre algo mais sério que sua fobia de hospitais.

— Eu quero saber o que faremos com aquela moça! – explodiu Relinde, um dos Anciões que a acompanhara, nervoso – Só a deixamos ficar porque tínhamos certeza que ela nunca desbloquearia aquele poder maldito!

— Isso que aconteceu é somente culpa de vocês. – declarou Aaminah, fazendo com que os presentes a encarassem, abobados – O que foi que eu disse naquela reunião?

— Mas... Será possível, Aaminah? – perguntou a Anciã Naara, parecendo finalmente acreditar na mulher.

— Vocês vão duvidar novamente de mim? – perguntou, encarando o irmão diretamente nos olhos e fazendo-o se encolher um pouco com a intensidade – Eu avisei! Naquele dia eu disse a vocês que ela desbloquearia a memória, mas vocês não me ouviram. Eu disse quem ela era e o que estava fazendo aqui, pois eu vi isso com meus próprios olhos! Agora, as coisas serão feitas do meu jeito, como eu já havia previsto.

— E o que você pretende fazer, minha irmã? – Aahbran finalmente falou, parecendo temeroso – Será que ela não vai querer se vingar de nós?

— Eu tenho certeza que não, Aahbran, ela não é assim.

— Mas, até termos essa certeza, acho melhor colocá-la em uma cela. – disse Hugo, preocupado.

— Eu concordo, Aaminah. – murmurou Naara, colocando a mão no ombro dela.

— Ela saíra de lá a partir do momento que você nos mostrar que ela é de confiança. Prometo que confiarei em sua palavra, Aaminah! – falou Aahbran, abaixando a cabeça em respeito.

— Muito bem. – respirou fundo – Se isso fará com que vocês me ouçam, não me oponho.

— Obrigado, minha irmã! – falou Aahbran, e, abaixando o tom de voz, aproximou-se dela – Agora... Será que pode me tirar daqui?

— Verei com Phoebe o que ela pode fazer. Fique aí, por enquanto. Mais meia hora não vai matá-lo.

Celebriant estava sentindo um cansaço tão absurdo que achou que não conseguiria abrir os olhos. Parecia que havia apanhado muito, pois seu corpo latejava e implorava que continuasse deitada. Mas sua mente não queria deixá-la descansar. Havia algo mais importante a ser feito. Algo que esperara seis meses e precisava de atenção imediata: Saori.

No momento em que o rosto da irmã apareceu em seus sonhos, despertou e levantou-se, assustada. Olhou em volta e percebeu que estava em uma cela de prisão. Sem compreender muito bem, encarou a única pessoa além dela que estava ali, sentada em um canto mais escuro.

— Aaminah?

A anciã levantou-se e se aproximou, fazendo com que os guardas na porta da cela se aproximassem também, temerosos. Um pouco surpresa e sentindo uma raiva crescer lentamente em seu peito, Celebriant encarou-a com firmeza, até ela estar em sua frente.

— Está se sentindo bem, Celebriant?

Sentiu algo muito grande e terrível dominá-la. Haviam feito um acordo que não fora seguido e, pelo que sabia, Aaminah estava entre eles. Sem se importar de quão rude seria, falou friamente:

— Você está sendo irônica, não é?

— Eu nunca fui irônica com você.— ela falou calmamente, fingindo não notar a grosseria dela – Quero saber como se sente.

— E isso não é uma ironia? – Celebriant deu uma risada de escárnio, levantando-se para ficar mais alta e fazendo com que a anciã apenas a encarasse mais profundamente – Como eu me sentiria? Mesmo sendo quem eu sou, vocês tinham o direito de bloquear minha memória? Confesso que sou meio tapada, mas nosso acordo não era bloquear o meu poder *perigoso*?

— Sim, fomos injustos! – ela exclamou, levantando as mãos em sinal de paz – A minha intenção em mantê-la aqui era justamente o oposto do que aconteceu, mas apenas dois votos foram ao seu favor na reunião que tivemos quando você acordou. – Celebriant abriu a boca para falar, mas ela pediu que esperasse – Mas todas as escolhas têm suas consequências, e você mostrou para todos o que eu havia dito: que iria desbloquear sua memória e poder, e que isso poderia ser um... Problema.

Imagens desconexas tomaram a mente de Celebriant, fazendo com que encarasse

Aaminah um pouco assustada por lembrar o que acontecera.

— Oh, céus! Eu matei o Vandreisen?

— Não... – ela deu um pequeno sorriso indecifrável – Ele está machucado, mas recupera-se.

E então lembrou-se de algo tão doloroso que chegou a arfar. A marca. Ulisses. Como se uma punhalada em sua barriga estivesse a abrindo com força, chegou a pôr a mão para sentir a ferida inexistente. Percebeu que Aaminah se aproximara mais e colocara a mão gentilmente em seu ombro.

— Deixe esse tipo de lembrança para depois, minha querida. Não se martirize à toa.

A raiva que sentia diminuiu ao mesmo tempo em que o aperto em seu peito aumentava. Não queria pensar no que acontecera antes de seu poder a dominar e destruir o bloqueio que o protegia. Em todos os anos de sua vida, aquilo nunca acontecera com ela, toda aquela vazão de sentimentos reprimidos, que estava sendo muito difícil de controlar. Mas, afinal, era uma ótima mentirosa e conseguiu fingir uma melhora para voltar seus olhos para a anciã.

— Eu quero saber: o que vai ser de mim agora? Serei uma prisioneira? – perguntou, incrédula.

— Tenho que lhe informar que os anciões estão temerosos a respeito de uma possível vingança de sua parte. – ela disse aquilo com um inconfundível ar de ironia, que fez com que Celebriant sentisse vontade de rir.

Eram todos idiotas! Tinha uma meta quando chegara ali, e por conta disso perdera seis meses com um namorado que agora queria matá-la por ser uma Oculta. *Grande Celebriant!* Pensou irritada e voltou seus olhos para a mulher. Saori precisava dela e não ficaria ali mais nenhum segundo, prisioneira ou não.

— O que eu mais quero nesse momento é buscar minha irmã, como eu prometi para ela. – resmungou, cruzando os braços, tentando mostrar que não aceitaria a prisão.

— Então, vamos falar com Aahbran. – disse Aaminah, sorrindo e apontando a saída da cela.

Lembrando-se por alguns momentos de que o homem fora o culpado por tudo aquilo, respirou fundo e tentou controlar sua ira.

— Me desculpe, Aaminah, mas falar com seu irmão é algo que eu não desejo nesse momento. – declarou finalmente, encarando-a com ironia – Eu posso anh... Simplesmente esquecer que eu só quero resgatar minha irmã e resolver... Hum, como posso dizer isso sem parecer estranho? Talvez eu tenha vontade de *machucá-lo*.

Apesar de tudo, Aaminah aproximou-se novamente, segurando-a pela mão.

— Eu sei que está irritada e magoada, mas ele é a única pessoa que pode ajudá-la a trazer sua irmã com segurança para a Base.

— E quem disse que eu quero voltar para cá? – exclamou, afastando-se com grosseria.

— Você não quer, mas para onde iria? – Aaminah perguntou, fazendo com que Celebriant abrisse a boca e fechasse, sem saber o que dizer – Podemos ajudá-la e, desta vez, não iremos esconder nada.

Sua *Intueri* confirmou a veracidade das palavras da Anciã, mas seu coração não queria nem pensar na possibilidade de voltar para aquela Base. Não queria mais ficar entre pessoas que a odiariam por ser quem era, pois sabia que logo sua real identidade seria descoberta.

— Certo, Aaminah. Discutiremos isso depois que falarmos com Aahbran. – suspirou, irritada, mas seguiu a mulher para fora da cela, que fora aberta a um sinal dela.

Aaminah levou Celebriant pela Base até o que parecia ser uma grande sala de reuniões. Sentada em uma das cadeiras estava Phoebe, que correu assim que as viu entrando.

— Oh, Celebriant! – a médica exclamou e abraçou-a fortemente – Fico feliz que esteja bem.

O aperto no peito aumentou em instantes. Olhar para o rosto da médica fez com que se lembrasse de Ulisses e aquilo era algo que não estava preparada para sentir. Aaminah pediu que Celebriant aguardasse ali, que ela traria os Anciões para discutirem a melhor forma de resgatar sua irmã. Sentindo-se um pouco incomodada com aquilo, sentou-se ao lado da médica, que parecia feliz, mas não disse nada.

Depois de alguns minutos, no entanto, a sala começou a se encher. Celebriant estava sentada em uma das cadeiras da primeira fila, portanto não precisou ver os olhares que lhe lançavam, apesar de conseguir senti-los mesmo assim. Aquelas pessoas a temiam e, principalmente, elas temiam o que seu poder era capaz de fazer.

Assim que todos chegaram, Aaminah levantou-se e se colocou em um pequeno palanque à frente de todos os presentes. O olhar que ela lançava não podia ser descrito de outra forma além de júbilo. Podia ver que a mulher esperara por aquele momento há muito tempo.

— Novamente, depois de seis meses, eu estou aqui. — ela disse com um tom de voz neutro — Há seis meses eu implorei que me escutassem e não foi suficiente. Agora peço que escutem Celebriant Devoy e não a julguem pelo que ela foi, mas sim pelo que ela é. E pelo que ela mostrou ser a todos vocês nesses últimos seis meses.

Celebriant levantou-se de sua cadeira e subiu ao lado de Aaminah no palanque, que

fez menção de descer, mas ela segurou a mulher. Não gostava de falar em público e nunca sentira vontade de discursar, mas naquele momento, se quisesse dizer algo que fizesse com que aquelas pessoas escutassem o que ela tinha para dizer, precisava do apoio de alguém. Ao perceber o que sentia, a anciã postou-se um pouco atrás dela, mas não saiu dali.

— Eu fui enganada. — começou, e sentiu as energias da pequena sala de reuniões se tornar mais densa. — Quando fiquei sabendo o que significava a palavra destino, nunca imaginei que seu sinônimo seria sofrimento. O que uma Oculta faria em meio aos Rebeldes? Não sabia como isso influenciaria em minha vida, além de ser algo doloroso e sofrido para mim. Mas eu vim, e fui recepcionada da forma que um Rebelde seria recepcionado pelos Ocultos: com ódio e medo. — encarou Aahbran, que tinha um olhar indecifrável — Nunca esperei que me aceitassem completamente, mas abri meu coração e minha alma para Aaminah, mostrando que tudo o que eu fazia aqui era seguir o meu destino. Quando digo que fui enganada, não digo apenas por vocês, mas por tudo aquilo que me ensinaram. Seguir um destino não é fácil, mas é tudo o que tenho agora. Minha intenção nesse momento é muito clara: resgatar minha pequena irmã, que me ajudou a fugir e que me espera há seis meses em Lander. Se vocês irão ajudar ou não, não faz diferença. Eu vou atrás dela.

— Isso é impossível! — falou um homem já velho que sentava ao lado de Aahbran — Você sabe muito sobre nós! Não podemos deixá-la sair!

— Não se preocupe! – falou, lançando um sorriso de escárnio para o homem – Eu não sou mais uma Oculta, e provavelmente seria morta por eles se soubessem que estou viva. Portanto, não pretendo revelar nenhum segredo de vocês.

— Compreenda que sua palavra não é o suficiente, senhorita. – continuou o homem, fechando sua feição.

— A palavra dela não é, mas e a minha? – inquiriu Aaminah, em um tom de voz obviamente autoritário – Vocês já esqueceram tudo aquilo que eu disse sobre essa menina?

— Eu não me importo que ela vá! – falou Meehiel, levantando-se e encarando os presentes – Acredito nela.

— Mas ela não pode sair daqui levando todas as informações sobre nós assim! – o Ancião continuou, levantando-se também – Ela vai buscar a irmã em Lander, onde o tal Imperador dos Ocultos reside! E se ela for capturada?

— Concordo com ele, minha irmã. – falou Aahbran, finalmente se levantando – Sozinha ela não pode ir. E sendo quem ela é, acredito que sua irmã deverá estar em uma casa bem segura em Lander e...

A porta da sala de reuniões se abriu de repente e Aahbran olhou para trás sem compreender. Ao ver quem entrava, Celebriant sentiu-se travar. O homem estava com várias faixas cobrindo seu corpo e estava caminhando com auxílio de muletas. Phoebe levantou-se

no mesmo momento, horrorizada, e correu até ele, gritando:

— **O que você pensa que está fazendo?**

— Ela *nom* vai sozinha. – falou Vandreisen, parando na frente do púlpito e encarando-a – Eu vou com ela.

— Você vai voltar para a enfermaria, isso sim! – Phoebe tentou segurá-lo e convencê-lo, mas ele era bem mais forte que ela.

— Phoebe, deixe o homem falar. – pediu Aaminah, dando um sorriso – Depois o interne e deixe-o algemado.

— Como assim, Jean? – perguntou Aahbran, auxiliando o homem a sentar em uma cadeira.

— Eu vou ajudá-la a *resgatar* a *irmã*. – ele disse, como se aquilo fosse a coisa mais simples do mundo.

— Assim que você melhorar, é óbvio! – resmungou Phoebe, com um ar incrédulo.

— Eu vou com ele! – falou Meehiel, sem dar maiores explicações.

— Vocês estão todos loucos! – resmungou o velho Ancião de repente – Vão arriscar suas vidas para salvar a irmã dela em Lander?

— Isso será algo a ser discutido! – falou Aaminah, com um tom de voz que fez todos se calarem – Vamos organizar tudo para que, assim que Jean se recuperar, vocês

possam sair daqui para buscar a menina. Estão todos de acordo?

Apesar do velho Ancião resmungar e Aahbran não parecer muito satisfeito, a reunião finalmente fora encerrada. Celebriant iria acompanhada de Vandreisen e Meehiel resgatar sua irmã, e era isso que importava. Logo teria sua irmã ao seu lado.

Phoebe estava terminando de organizar sua casa quando ouviu alguém bater na porta. Largou as roupas que dobrava em cima da cama e foi até a porta da frente, abrindo-a. Ulisses era uma representação do caos. Com olheiras e abatido, ele entrou sem falar nada e parou alguns passos depois, de costas. Sem compreender muito bem, a médica fechou a porta da casa e ficou olhando o irmão, até que ele resolveu se virar.

— Eu ouvi dizer que libertaram a *Oculta*.

— A *Oculta*? – Phoebe repetiu, um pouco chocada.

— Não se faça de boba, irmã! – ele disse, fazendo com que suas orelhas se avermelhassem – Eu sei que você sabia, desde o começo, quem ela realmente era!

— Você está falando da Celebriant? – inquiriu, começando a sentir uma irritação não muito comum.

— Por que você não me contou? – ele grunhiu, encarando-a com raiva – Eu passei meses ao lado de uma *Oculta*!

— Isso é ridículo, Ulisses! – falou em um tom de voz categórico – Você passou meses ao lado da Celebriant, que não mentiu em nenhum momento!

— Não mentiu? – ele deu uma risada de escárnio e apontou o dedo para irmã – Não seja cínica!

— Ela estava sem memórias, Ulisses!

— Mentira! – ele passou por ela e abriu a porta – Eu achei que você fosse minha irmã!

— Céus, Ulisses, não seja tão dramático! – foi atrás dele, revirando os olhos – Você está sendo muito infantil e está fazendo a Celebriant sofrer!

— Ela devia ter pensado nisso, antes de os coleguinhas dela matarem nossos pais! – ele falou, voltando-se da porta para a irmã e encarando-a com ferocidade – Acho que você deveria se lembrar disso também!

— Eu nunca esquecerei! – falou, em um tom de voz tão frio que fez com que irmão abaixasse um pouco sua fúria – A nossa diferença, Ulisses, é que eu sei que nem todas as pessoas são iguais. Quando você perceber isso, com certeza será tarde demais.

E, sem deixar que ele falasse mais, Phoebe empurrou-o para fora de sua casa e fechou a porta, sentindo uma dor no peito. Não queria brigar com o irmão, mas ele havia sido injusto. E ela não aceitava injustiças. Não aceitaria que ele invocasse seus pais

daquela forma para machucá-la. Como se tudo o que passara não fosse suficiente. Tinha dez anos e Ulisses era um bebê. Tivera que cuidar dele enquanto fingia que estava tudo bem. Foi ela quem distraía os pensamentos de um bebê de três anos que perguntava sobre os pais. Ulisses nada sabia sobre sofrimento, pois o que ele conhecia era o sofrimento dela. Sentindo lágrimas escorrerem quentes pelo seu rosto, sentou-se no chão, deixando toda a dor corroê-la novamente.

A semana passou tão rápido que Celebriant nem notou. Vandreisen estava machucado e internado forçadamente e não pôde sair da cama por ordens de Phoebe. Mesmo assim, o homem usou aquilo para montar um plano de base para resgatar Saori, juntamente com Meehiel e ela. Eles lhe disseram que não poderiam formar um plano exato até terem todas as informações de movimento da menina. Quando Phoebe avisou que Jean estaria liberado naquela noite, ele decidiu que partiriam na manhã seguinte e formulariam possibilidades no caminho, assim que tivessem noções mais claras do que enfrentariam.

Celebriant estava muito eufórica em finalmente cumprir o que prometera. Estava arrumando sua mochila quando ouviu a porta da frente abrir e foi até a sala para recepcionar Phoebe.

A médica já havia sentado no sofá. Estava com a cabeça encostada e os olhos

fechados. Havia percebido que ela parecia chateada há dias e fez o possível para não incomodá-la, mas não conseguia mais olhar para o rosto triste dela e resolveu perguntar o que estava acontecendo.

— Phoebe, está tudo bem com você?

Ela abriu os olhos e encarou-a profundamente, dando um suspiro.

— Eu estou chateada.

— Comigo? – perguntou, sentindo seu estômago arder.

— Não! – ela apressou-se em responder, balançando a cabeça e levantando os braços – Eu briguei com... Com alguém.

A imagem de Ulisses veio tão rapidamente em sua mente que Celebriant teve certeza do que acontecera: Phoebe havia brigado com seu irmão por culpa dela. Respirando fundo, encarou o chão, sem saber o que falar. Ao ver que não conseguia encará-la, Phoebe percebeu que tudo se formara em sua mente.

— Isso não é culpa sua! – ela falou, levantando-se e puxando-a para o sofá com ela para se sentarem – Acho que tem horas que é necessário algo drástico para que o outro cresça... Mas, não sei se vai ser o suficiente para mudar aquela cabeça dura.

— Eu acho... – começou e encarou a mulher – Eu acho que você deveria fazer as pazes com ele, Phoebe.

A médica balançou a cabeça, dando um sorriso.

— Às vezes, tenho a impressão de conversar com Aaminah quando falo com você. Sempre querendo ajudar.

O sorriso amargo que a médica lhe lançou foi suficiente para que Celebriant se afastasse, desesperada. Algumas imagens de Ulisses discutindo com a irmã surgiram em sua mente, e fez o possível para não prestar atenção nelas. Não queria saber o teor da discussão dos dois e nem ouvir o que o homem falara dela.

— Eu não queria incomodá-la, me desculpe!

— Não é incômodo. — ela murmurou e a encarou — Mas ele é completamente impulsivo! Nunca pensou, por um momento, no que eu estava passando.

A imagem veio forte na cabeça dela, tão forte que Phoebe respirou fundo. Uma casa em chamas. Dois corpos no chão e muito sangue. Duas crianças ruivas na porta, completamente desesperadas.

— Phoebe... — murmurou, aproximando-se dela com cuidado.

— **Aquele imbecil!** — ela gritou de repente, chorando e vermelha — Como ele pôde? Eu sou a culpada pela morte dos nossos pais e não os Ocultos!

Celebriant não sabia o que fazer. A mulher estava transtornada e completamente destruída. Ela parecia querer sumir... E reconheceu aquele sentimento, pois ela mesma

sentira sempre.

— Você matou seus pais? – murmurou, tentando fazê-la pôr pra fora aquilo que a magoava.

— Não diretamente. – ela fungou e limpou o rosto ao ver a expressão de Celebriant – Os Ocultos vieram me levar para ser uma deles, apesar de eu não saber quem eles eram.. E meus pais não deixaram. Eu escutei que eles viriam dali uma hora me buscar, mas não compreendi a grandiosidade da situação.

— Mas então... Como você os matou?

— Eu disse que queria ir... – ela murmurou, chorando novamente – Eles ficaram chocados, me lembrando do quanto àqueles homens fizeram mal para pessoas como eles, que tinham que se esconder. Mas eu só pensava em como poderia cuidar de mais pessoas indo para Lander. Que lá eu iria ser alguém. Mas eles disseram que dariam... Eles dariam a vida para eu não ser um deles.

Celebriant abraçou a mulher, sentindo o peso dela. Incentivou-a continuar, ao ver que ela parara de chorar.

— Depois que eles foram dormir, eu saí do meu quarto e fugi. Queria ir até o local onde os agentes do governo estavam e me entregar, porque eu achava que era o certo. E então, bem longe de casa, eu percebi: vi que Ulisses estava me seguindo.

“Ele só tinha três anos na época, mas me amava e me idolatrava. Sabia que eu era uma *Curare* e adorava me ver curando as pessoas. Quando viu que eu saí na calada da noite, ele veio junto, sem que eu percebesse. Com três anos, era a criança mais esperta que eu já havia visto. Na verdade, ele ia completar quatro anos dali alguns dias e estava intrigado. Me perguntou o que eu estava fazendo, que ele iria junto. E então, quando eu resolvi voltar para casa e levar o meu irmão para meus pais, vi que havia um clarão muito forte vindo daquela direção. Quando cheguei perto, percebi que a casa pegava fogo”.

Phoebe abraçava Celebriant com força, balbuciando palavras desconexas. Sem saber o que fazer, apenas a apertou com força, deixando-a desabafar.

— Eu os matei... Se eu estivesse em casa, eles voltariam e eu iria com eles! E tudo ficaria bem!

— Não. – Celebriant falou, empurrando-a para longe e encarando seus olhos – Não ia ficar bem, Phoebe! Você não entende?

A médica encarou-a com os olhos marejados, não parecendo perceber o ponto que ela queria chegar.

— Eles iriam levar você sim, mas matariam Ulisses e seus pais, pois eles não deixariam que você fosse. Eles nunca permitiriam aquilo... E, se você não tivesse fugido, quem sabe carregaria a culpa da morte de Ulisses também.

Completamente chocada, Phoebe olhava para Celebriant sem se mexer. Algumas imagens desconexas passaram pela sua *Intueri*, algo que a médica lembrara naquele instante com suas palavras. Eram imagens boas, de momentos felizes entre os dois irmãos e mais alguém que ela não reconheceu, um homem de cabelos castanhos cacheados. E então, a médica começou a chorar e abraçou-a, fazendo com que o casaco de Celebriant ficasse completamente molhado com suas lágrimas. Depois de um bom tempo, ela se acalmou. Levantou-se e limpou o rosto, parecendo completamente acabada. Mesmo assim, ao ver que Celebriant ainda estava sentada no sofá, aproximou-se com um sorriso amarelo.

— Você, com todos seus problemas, e eu enchendo sua cabeça com toda minha culpa. — ela falou, parecendo incrivelmente frágil — Obrigada.

— Você sabe que isso não é culpa sua! — balançou a cabeça, levantando-se e abraçou-a, incrédula — Eu compreendo agora mais do que nunca o mundo em que eu vivia. Sei que, se continuasse a ser quem eu era, em algum momento eu destruiria uma família, simplesmente por destruir. Mas eu consegui sair daquilo e, mesmo tendo que matar meu melhor amigo, eu estou aqui! — olhou para a médica, que começara a chorar — Os Ocultos pegam o que desejam e destroem o restante. E isso jamais será culpa sua.

— E você não é como eles! — a ruiva segurou o rosto dela entre suas mãos — E foi isso que eu tentei dizer a ele, Celebriant! Somente isso! Como ele não viu quem você é?

— Não importa mais, Phoebe. — lançou um sorriso amargo — Agora minha intenção é resgatar minha irmã.

A mulher sorriu entre as lágrimas, parecendo acalmar-se.

— Entendo. Assim como eu fiz, você colocou uma meta em sua vida, e se esforçará para alcançá-la. Mas, mesmo assim, eu não suporto ver o quão injusto ele está sendo com você!

— Na minha vida nunca existiram coisas justas, Phoebe. Ele é só mais uma injustiça.

Sem saber o que dizer, a mulher apenas encarou-a com culpa, o que fez Celebriant dar um sorriso de verdade e abraçá-la com carinho.

— Não sofra por mim, Phoebe. Faça as pazes com ele. E tire esse peso de dentro de você. Afinal, ele é seu irmão. — ela deu um suspiro e virou-se para o quarto — Agora preciso terminar de arrumar algumas coisas.

— Quando vão partir? — a mulher perguntou, ainda fungando.

— Amanhã de manhã.

Celebriant dirigiu-se para o quarto, remexendo em sua mochila e sentindo-se estranha. Percebeu que a médica estava na porta e virou-se, segurando o nó que aparecera em sua garganta.

— Se cuide por lá, Celebriant.

— Não se preocupe, Phoebe. Eu sei cuidar de mim.

E, sem dizer mais nada, a ruiva saiu, fazendo com que Celebriant começasse a chorar baixinho. Por mais que dissesse que se sentia bem com a busca de sua irmã, ainda havia uma dor terrível ao pensar em Ulisses. E, por causa dela, novamente, várias pessoas estavam sofrendo sem necessidade. Deitou-se na cama, mais uma vez com vontade de nunca ter existido.

Ainda estava escuro quando Vandreisen, Meehiel e Celebriant saíram dos estábulos com os três cavalos mais fortes disponíveis da Base. Apesar de a caminhada ser longa e cansativa para os animais, Vandreisen lhe dissera que eles iriam parar em várias Vilas Amigas antes de chegar a Lander, e poderiam trocar de cavalos. Mas provavelmente demorariam uma semana para chegar.

Mesmo com a ansiedade lhe corroendo, Celebriant encarou todos que vieram ali se despedir. Aaminah, Phoebe, a garota pequena e estranha apresentada como Seanna Wila e, incrivelmente, Aahbran, que também estava com um cavalo e mochila de viagem.

— Eu vou também. – ele disse simplesmente, ao ver que ela o encarava.

Celebriant piscou, aturdida, e olhou para Aaminah, que apenas deu de ombros,

lançando um sorriso. Vandreisen ainda estava mancando, mas conseguiu subir em seu cavalo e pediu que Meehiel e Celebriant fizessem o mesmo. Assim que todos estavam montados e prontos para seguir viagem, ouviu passos ecoando pelos corredores de pedra e alguém gritando seu nome. Sem compreender muito bem, pôde ver, ao longe, uma figura se aproximando do grupo, parecendo desesperado. E, quando viu quem era, sentiu seu estômago se revirar.

— Ainda bem que peguei vocês aqui! – Ário falou, apoiando-se nos joelhos e encarando Celebriant diretamente.

Havia passado seis meses ao lado dele, sentindo-se esquisita sem saber o motivo. Agora que conhecia sua real identidade e seu passado, vê-lo fez com que se sentisse muito culpada, pois fugira a semana inteira para não ter que vê-lo. O irmão daquele menino havia sido morto por ela. Iria ele agir da mesma forma que Ulisses quando descobrisse a verdade?

— Vim desejar uma boa viagem! – o menino disse, dando um sorriso – Volte, Celebriant, por favor.

— Eu voltarei. – prometeu, tentando lançar um sorriso e virando o cavalo para a saída.

Dando acenos para os que ficavam para trás, os quatro usaram a saída Oeste, a

mesma que havia sido carregada por Vandreisen há seis meses, e começaram a viagem. Meehiel e Aahbran foram à frente, conversando em tom baixo e Celebriant afastou-se um pouco, sentindo-se bem pela primeira vez desde que acordara. Não havia probabilidade de encontrar Ulisses naqueles dias e muito menos ter que encará-lo. Parecia bobagem, mas sentia um peso gigante em seu peito com tudo o que acontecera, e poder sair ao ar livre para resgatar sua irmã era algo bom.

— Tudo bem com a *senhorrita*?

Celebriant percebeu que Vandreisen estava cavalgando ao seu lado, nitidamente desde que saíram da Base, e a observava com uma intensidade que não compreendera. Apesar de estar agradecida por tudo o que ele fizera, ainda não conseguia sentir-se bem ao seu lado. Ele quase havia morrido com a explosão do seu *Kassan* e sentia-se um pouco culpada.

— Sim. Estou bem, obrigada. Ahn... – encarou-o, dando um sorriso encabulado – Desculpe pelos machucados.

— *Nom* foi nada.

— Não precisa se fazer de forte. – falou, fechando a cara – Eu vi que ainda está mancando.

O homem apenas acenou, sem comentar. Ele parecia não querer discutir com ela. Se aquilo era seu pedido de desculpas aceito, ela não se importava. Sem saber o que fazer, Celebriant apenas continuou cavalgando e olhou para Aahbran a sua frente. Sua mente começara a funcionar antes mesmo de perceber: porque o homem decidira vir com eles? Será que ainda desconfiava dela? Achava que poderia ficar por lá e revelar o segredo tão bem guardado dos Rebeldes?

— Acho que ele simplesmente *perrcebeu* que estava sendo idiota. – Vandreisen comentou, ao ver quem ela olhava, lançando lhe um sorriso estranho.

Mesmo um pouco chocada por Vandreisen praticamente ler seus pensamentos, suspirou e encarou-o:

— E ele percebeu isso sozinho? – ela perguntou, cética, segurando um pouco o cavalo na descida.

— Talvez. O *imporrtante* é que ele nos *ajudarrá* com seus *poderres*.

— Seus poderes? Ele também tem dois? – sussurrou, incrédula.

— Sim, ele tem.

— Uau.

Ao ver que ela parecia completamente aturdida com a informação, Vandreisen deu

um sorriso.

— É algo *rarro* sim, mas *nom* tanto.

Sem compreender exatamente o motivo, Celebriant imediatamente percebeu algo vindo de Aahbran, algo que sempre sentia quando ele a encarava e somente naquele momento pôde perceber do que se tratava: ele a invejava. Por alguma razão, Aahbran tinha inveja dela, e era por isso que não conseguia suportá-la. Então, por que ele viera? Sem responder à pergunta muda dela, Vandreisen afastou-se e foi até os dois homens que cavalgavam logo à frente. Pelo jeito, ela teria uma viagem um pouco solitária.

Capítulo 13 – O resgate de Saori

Uma semana depois.

O sol bateu em seu rosto assim que apareceu do lado de fora da casa, e Nicholas virou-se para o outro lado, irritado. Sabia que deveria levantar, mas não estava com muita vontade. O dia anterior fora extremamente cansativo com todos os preparativos para a chegada de Ocultos dos outros países e ele nem viu a hora em que dormiu. Sabendo que o Imperador o esperava para receber os convidados, finalmente sentou-se na cama e respirou fundo, tomando coragem.

Lune já não estava mais na cama e ficou contente por isso. Não gostava de ter que dividi-la, mas depois que se casaram não tinha muita escolha. Achava que ela era uma ótima companheira com todo seu poder e inteligência, mas não conseguia olhar para Lune sem se lembrar... *Dela*. Apesar de terem passado seis meses e ela estar definitivamente morta, não conseguia tirar da cabeça que a mulher escapara entre seus dedos.

Depois de fazer sua higiene e vestir-se adequadamente, saiu de seu quarto pronto para enfrentar os Ocultos, que chegariam para ajudar o Imperador com seu plano. No

começo, Nicholas não acreditara que conseguiriam encontrar o esconderijo dos Rebeldes, mas não contava com a perspicácia de seu Imperador. Sendo um plano audacioso, o homem precisava dos melhores do mundo, e nada como chamar Ocultos dos países vizinhos.

Sua esposa estava sentada à mesa juntamente com seus pais, tomando uma xícara de café. Seus pais o cumprimentaram assim que chegou, mas ela nem levantou o olhar. Estranhando a reação da mulher, encarou os pais, perguntando com o olhar o que havia acontecido.

— Estávamos conversando sobre um assunto sério, meu filho. — começou seu pai, dando um sorriso que lembrava muito sua infância: era o prenúncio de algo grande — Lune não pareceu muito contente.

— Não é essa a questão. — ela falou, finalmente levantando o olhar de sua xícara e encarando os sogros — Estamos no princípio de algo importante e esse... — ela engoliu em seco — Esse *assunto* parece irrelevante.

— Estamos em uma sociedade, Lune, e isso impõe certas regras nos casamentos.

— Do que estão falando? — perguntou Nicholas, sem entender, sentando-se a mesa ao lado de Lune.

— De vocês terem um herdeiro. — seu pai disse simplesmente, encarando os dois com veemência.

Nicholas não pode deixar de se engasgar e começar a tossir. Um *herdeiro*? Isso implicava... Não queria nem pensar nisso.

— Mas está muito cedo, não acham? – conseguiu falar depois de alguns minutos, tentando parar de tossir.

— Quanto antes provar que pode dar um herdeiro para a sucessão do Império, melhor. – falou seu pai, sério.

— E o que o Imperador acha disso?

— Conveniente. – disse seu pai, tomando seu chá despreocupadamente – Sei que vocês dois se casaram por isso, portanto, agora a conveniência é um herdeiro.

Olhou para esposa, que fazia o possível para não encará-lo. Ela parecia muito encabulada e, principalmente, irada. Provavelmente, ela não imaginara essa *conveniência* quando fez a proposta.

— Nós vamos conversar sobre isso, eu e Lune. – disse, fazendo com que a mulher o encarasse – Sei que é importante, mas, nesse momento, minha cabeça está em outro lugar.

— É hoje que chegam os Ocultos? – perguntou seu pai, curioso.

— Sim, e nós já deveríamos estar lá, Lune. – disse, pegando um pão e o enfiando na boca.

A mulher levantou-se no mesmo instante e disse que ia ao seu quarto rapidamente

colocar um sapato e o encontraria junto aos coches. Nicholas despediu-se de seus pais, e seguiu calmamente até a porta de entrada. Não gostara da ideia de ter que fazer um herdeiro com Lune, mas aquilo era o esperado. Eles estavam casados há pouco tempo e nada melhor do que ter um filho antes de a guerra estourar. Sim, o Imperador lhe dissera que não demoraria muito tempo para isso acontecer.

Assim que entrou no coche negro, Lune se juntou a ele e o cocheiro pôs os cavalos para andar. A esposa o encarou longamente, parecendo ansiosa, e então começou a falar:

— Acha que é mesmo necessária essa história de filho?

— Sim. — lançou-lhe um olhar sério — Apesar de eu não estar interessado, é algo que você deveria ter esperado de um casamento. Nossos pais foram assim.

— Então, acha melhor ter logo esse herdeiro para que eu possa lutar?

Ele a encarou com um sorriso cínico.

— Oh, sim. Quanto antes nós tivermos um herdeiro, antes nos livramos desse pequeno fardo.

— Certo. — ela disse, revirando os olhos.

Os dois não conversaram mais nada até chegarem à saída de Lander, onde ficava a Ponte de Pedra. Apesar de não ser conhecida por todo mundo, grande parte dos Ocultos e da Classe Alta conheciam aquela passagem. Há muito tempo, se alguém queria atravessar as

montanhas levava meses para conseguir, graças à dificuldade em encontrar um caminho entre os rochedos. Porém, um Oculto conseguiu fabricar um caminho dentro da montanha, que chegava até Lander. E assim, com o passar dos anos, o local foi aumentado e restaurado, podendo ser usado como passagem.

Depois da recepção dos recém-chegados, a pequena comitiva se dirigiu para a casa dos Moringan, aonde iriam se instalar. Havia quase dez Ocultos formados no estado de Selene, com poderes especiais ou diferentes dos que eles tinham em Lander. O Imperador não chegou a comentar quais poderes eram, mas para ele achar que eram especiais, deveriam ser importantes. Um deles, um homem alto e negro, com o rosto mais redondo e os lábios grandes o encarava, provavelmente sabendo quem ele era, portanto, não se importou muito. Segurou Lune gentilmente pelo braço e a encaminhou para o coche.

O salão estava organizado e enfeitado (provavelmente obra de sua mãe), e havia uma mesa grande no meio, onde os convidados poderiam comer e conversar. Nicholas sentou-se ao lado do Imperador e Lune sentou-se ao seu lado.

Nicholas prestava atenção no que acontecia a sua volta, ouvindo atentamente tudo o que os recém-chegados falavam. Havia apenas uma mulher entre eles, com os olhos tão escuros quanto seus cabelos, mas, ao contrário da maioria, era muito branca. Ela estava comentando sobre as Bases Rebeldes, em como desconfiava que houvesse mais de uma

espalhada pelo mundo, e todos estavam focados nela quando o Imperador tocou seu ombro levemente.

— Acompanhe-me, Nicholas.

Sem pestanejar, levantou-se e foi atrás do Imperador. Juntamente com eles estavam os seguranças do chefe dos Ocultos e outro homem, aquele negro que o encarara quando chegou a Lander. Em silêncio, eles foram pelos corredores da mansão até chegar ao escritório de seu pai.

— Vamos conversar aqui mesmo. – o Imperador disse para os seguranças, que se posicionaram nas portas, e virou-se para os outros dois – Entrem e sentem-se, por favor.

Assim que todos se acomodaram, o Imperador soltou um longo suspiro.

— Desculpe a demora, Gahiji, mas a recepção era algo que não podíamos deixar de lado.

— Senhor Imperador. – ele murmurou com um sotaque estranho, abaixando a cabeça em deferência – Ficar muito honrado receber nós em Lander e necessitar apoio.

— Fui eu que fiquei feliz com a ajuda de vocês. Os mais poderosos do país Selene! – ele falou com orgulho – Um título como esse, com certeza não deixa a desejar!

— Dispor. – ele falou, parecendo se esforçar para pronunciar a língua.

— Iremos repassar o plano de ataque nas próximas semanas. Eu queria apenas ter

essa conversa a sós com vocês dois, por conta do que você me informou na recepção.

Nicholas encarou os dois homens, que o olhavam atentamente.

— O que aconteceu?

— Fale para ele, Gahiji. – disse o Imperador, sereno.

— Senhor Moringan. Meu poder um pouco diferente. Pequeno controle sobre a mente, mas poder Gahiji tem particularidade: habilidade farejar mentes invadidas.

— Mentes invadidas? – Nicholas os encarou, sem compreender.

Ao ver que Gahiji parecia pensar nas palavras a serem usadas, o Imperador acenou e sorriu para o sucessor.

— Deixe que eu o ajudo, Gahiji. Toda vez que nosso cérebro recebe uma invasão, algo que nosso poder *Imperi* faz, dentro dele fica algo como uma assinatura, uma marca. Em todas as pessoas que usamos nosso poder há uma dessas. E ele percebeu que você, Nicholas, tem uma marca dessas. Eu fiquei um pouco preocupado, a princípio. – explicou o Imperador, fazendo um sinal para que o homem continuasse.

— Sim, Imperador preocupado. Poder usar senhor para informações ou até refém.

— Espere aí. – murmurou Nicholas, ainda chocado – Está dizendo que alguém usou *Imperi* em mim?

— Sim, Nicholas. – murmurou o Imperador, novamente ajudando o homem negro –

Você nunca teve brancos na memória? Algumas lacunas em que não se lembra do que aconteceu?

Nicholas pensou um minuto, ainda sem compreender muito bem, quando uma suspeita brotou em sua mente. Fazendo um leve sinal ao Imperador, mostrando que aquilo era um assunto sigiloso, o chefe dos Ocultos encarou Gahiji e deu um sorriso.

— Assim vemos o quanto alguém nos é fiel! – ele deu um sorriso e levantou-se, esticando a mão para o homem – Fico muito feliz por ter alguém do seu calibre ao meu lado, Sr. Gahiji. Agradeço suas informações e com certeza irei pesquisar a fundo quem manipulou meu sucessor.

— O senhor generoso, Imperador. – ele levantou-se também, fazendo uma reverência para os dois presentes – Agradecido por ouvir. Dispor.

O Imperador acenou com um sorriso e, assim que o homem saiu e fechou a porta da sala, Nicholas encarou o Imperador significativamente.

— Lembra-se que eu lhe disse sobre o episódio da... Da fuga? – quando o Imperador acenou em afirmação, continuou – Na época eu não tinha ideia, mas eu já lhe passei minhas suspeitas sobre minha pequena cunhada, Saori.

— Você me disse que acha que o poder dela não é somente o *Speede*? É isso? Acha que ela tem *Imperi*?

— Desde que ela se mudou para minha casa tenho percebido que, além de mentir muito sobre grande parte do que faz, também tem algo a mais que ela faz o possível para esconder. — balançou a cabeça, incomodado — Não faço ideia do que seja exatamente, mas naquele dia ela deve ter feito algo comigo, pois a... A *outra* não tinha capacidade de modificar memórias. E, com a prova de que os seguranças não se lembravam de ter visto ninguém entrar ou sair da propriedade, parece muito com o que um *Imperi* faz.

O Imperador passou alguns minutos parecendo pensativo, apenas encarando algo, além do que Nicholas poderia ver. Então o encarou profundamente:

— O que sugere Nicholas?

— Bem... Eu pensei em fazer alguns exames nela, para verificar qual é realmente seu poder.

O homem pareceu pensar alguns segundos, compenetrado. Nicholas percebeu que a mente dele maquinava alguma coisa, mas não quis incomodá-lo.

— Posso chamar pessoas confiáveis aqui amanhã. — disse finalmente, parecendo mais relaxado.

— Seria excelente, senhor. Quanto antes descobriremos isso, melhor.

— Então, traga ela aqui, depois da escola, e faremos os testes necessários.

— Certo, senhor.

O Imperador deu um pequeno sorriso e levantou-se, e seu sucessor fez o mesmo.

— Agora, voltaremos à festa e você à sua esposa. – ele comentou, abrindo a porta e caminhando com Nicholas pelos corredores.

— Oh... Sim. – resmungou, desconfortável.

— Algum problema? – o homem perguntou, preocupado.

— Bem... Meus pais comentaram hoje a respeito do nosso herdeiro.

— Acho uma boa notícia, Nicholas! – o Imperador colocou a mão no ombro dele, puxando-o para perto – Faça-o logo. Quanto antes tiveres um, antes poderemos ensiná-lo.

— Certo, senhor.

E os dois voltaram à festa para desempenhar o papel de anfitriões.

Saori desenhava muito bem, e, assim que pôde, fez aquela gravura dela, para nunca se esquecer de seu rosto. Sua irmã sorria, algo que era muito raro. Não que ela não soubesse sorrir, mas quando Saori a via com os outros Ocultos, geralmente ela estava séria. No máximo, quando as duas estavam sozinhas, ela se soltava e sorria mais, mas com o tempo ela perdeu a vontade até de sorrir. Não conseguia parar de pensar no dia em que a ajudou a fugir, sempre esperando que ela voltasse uma hora ou outra para buscá-la. O que teria acontecido? Ela realmente havia morrido?

A gravura estava tão bem escondida que, para vê-la, tinha que ser de madrugada, quando já estava presa em seu quarto. Após o jantar sempre estava livre e, geralmente, fazia o possível para poder fugir e se esconder. Não gostava de morar com os Moringan, mas não tivera muita escolha. Era aquilo ou um abrigo.

Logo após o enterro do caixão vazio de Celebriant, seus pais aguardaram julgamento. Apesar de tudo o que seus pais fizeram e doaram para os Ocultos, o Imperador culpou seus pais pela negligência a respeito da filha, em deixá-la escapar e não ter controle sobre as atitudes dela. Saori sentia arrepios ao se lembrar do julgamento, onde participara como testemunha. Sua sorte foi que não usaram *Imperi* para descobrir o que realmente havia acontecido e que acreditaram em suas palavras, senão estaria presa naquele momento. Contudo, seus pais foram julgados por juízes do Imperador e suas chances de saírem livres eram mínimas.

Lune se responsabilizou pela irmã e seus pais foram exilados de Lander, não podendo voltar novamente à cidade. Perderam seus bens para os Moringan e foram proibidos de usar seu poder, com a ameaça de morte caso não fosse cumprido. Saori não sabia para onde eles haviam sido enviados, mas Lune lhe dissera que seus pais nunca mais pisariam fora de onde estavam sem um Oculto a vigiá-los. Portanto, seus pais perderam tudo o que tinham por conta da irmã, e Saori fez questão de não vê-los mais depois do

juízo.

A espera foi longa. No começo, esperava todo dia com uma mochila pronta, Celebriant vir buscá-la. Mas, mesmo sentindo que não deveria se preocupar, que logo a irmã viria, estava há seis meses trancada com todos aqueles Ocultos. Sua irmã, Lune, assim que seus pais foram presos e ela se casou com Moringan, resolveu que Saori deveria saber mais sobre o mundo onde viviam. Passou todas as informações possíveis sobre o mundo dos Ocultos que podia, e ainda disse que colocaria um professor para dar aulas de luta para ela.

Saori fazia o possível para usar somente seu *Speede* quando estava na *aula*, mas, às vezes, não conseguia controlar seu real poder. Naqueles momentos se lembrava de tudo o que Erik lhe dissera e mostrara, no que pareciam ser anos atrás. Por alguma razão, antes mesmo de sua irmã começar a treinar com ele, ele já estava mais próximo de Saori. Sempre que podia a ajudava com lições, e quando ele e sua irmã começaram a ficar mais próximos, ele finalmente pôde se abrir.

Apesar de ela ser jovem, o homem foi muito sincero com ela. Disse que estava ajudando sua irmã a crescer seu poder para que pudesse cumprir seu destino. E foi quando Saori descobriu que ela também tinha um destino, mas nunca conseguiu descobrir qual era exatamente, pois Erik ficou mais preso às obrigações de Celebriant e não falou nada, até que chegasse a noite em que foi preso.

Não gostava de pensar na possibilidade de a irmã realmente estar morta, mas tinha que imaginar tudo o que era possível. Sua vida não seria fácil dali em diante, e precisava de uma forma de escapar de Lune e aquela *nova* família dela.

Alguém bateu na porta três vezes e Saori se assustou, guardando a gravura rapidamente.

— Sim? – perguntou.

— Saori. – a voz do cunhado soou um pouco abafada atrás da porta, mas era completamente reconhecível – Eu preciso conversar com você. Pode descer até a biblioteca?

— Ahn... Claro. Logo estarei lá.

Sentindo um comichão no seu estômago, ficou atenta. Começara a sentir essas sensações logo após a *Intueri* de Celebriant voltar, e percebeu que conseguia usar o poder *Intueri* também. Era meio estranha a forma como conseguia usar os poderes, pois só conseguia aprendê-los depois de senti-los nela. Era algo como um “roubo”, e Saori não se sentia bem fazendo aquilo. Mas com a *Intueri* de Celebriant, aquela sensação minimizava, pois era uma forma de se sentir mais perto da irmã.

Engolindo em seco, calçou o sapato e saiu do quarto, descendo as escadarias da mansão com um peso no peito. Assim que chegou à biblioteca, viu que o cunhado estava

sentado em uma poltrona e havia outra na frente dele, provavelmente para ela. Naquele instante, sentiu que aquilo não seria bom. Finalmente chegara o momento que ela esperava: teria que fugir.

— Queria conversar comigo?

— Sim. – ele apontou o lugar vazio – Sente-se, por favor.

Fazendo o possível para não demonstrar sua aflição, sentou-se, encarando-o o mais calma possível.

— Bom, Saori... Desde que você mudou para nossa casa, não tivemos muito contato, mas eu me preocupo com sua saúde.

— Minha saúde? – perguntou, sentindo-se estranhamente sem ar.

— Sim. Desde que veio para cá não fez nenhum exame, e eu gostaria de ter certeza de que está tudo bem com você.

— Hummm... Mas, eu estou bem! – disse, tentando lançar um sorriso – Não tive nem uma gripe.

— Quero a palavra de um médico. Amanhã, depois que você chegar da sua aula, será examinada.

Vendo que não tinha escolha, acenou, fingindo submissão. Seu silêncio era tudo o que poderia usar de escudo. Antes que pudesse dar a conversa como encerrada, Lune

apareceu impetuosamente na biblioteca, lançando um olhar de poucos amigos para o marido.

— Eu estou à sua espera.

— Um momento. – ele grunhiu e voltou os olhos para Saori – Estamos entendidos?

— Sim. – falou, levantando-se e saindo da biblioteca.

Sua cabeça começou a funcionar no momento que saiu de lá e dirigiu-se para seu quarto. Aquilo não era algo normal. Não seria um exame médico, mas algo bem diferente. Algo que não estava disposta a cooperar. E, sem cooperação da parte dela, provavelmente iriam usar *Imperi* para coagi-la, algo que ela suspeitava que já tivessem feito nela, visto que pôde usar *Imperi* para controlar Nicholas. Não deixaria aquilo acontecer.

Assim que entrou em seu quarto, deitou-se na cama e pôs-se a pensar em como faria para fugir daquilo. Tinha planos de sair daquela casa e correr pelo mundo, aprendendo tudo o que precisava para ser uma cientista. Não queria e não iria ser uma Oculta. Já havia implorado para sua irmã mais velha, pois não queria seguir o mesmo caminho de Lune. E, pensando nisso, adormeceu com sonhos conturbados.

A Mansão do Imperador, um local que parecia um castelo muito antigo, ficava atrás da propriedade dos Moringan, fechada e protegida no mesmo terreno. Apesar de não serem

parentes, há muitos anos os Moringan eram muito próximos dos Imperadores, e, portanto, considerados protetores. Quando Eurico, o atual Imperador, não conseguira ter filhos, Nicholas foi o sucessor mais indicado por ter *Imperi* e ser de uma família tão privilegiada, o que somente intensificou os laços entre as duas famílias.

Nicholas caminhou rapidamente pelo gramado, cumprimentando os guardas ali postados, sem nem esperar resposta. O Imperador solicitara que fizesse aquilo, e precisava ser longe de olhos curiosos. O saguão de recepção era decorado com estátuas e quadros dos últimos Imperadores, e os móveis eram todos finos e requintados. Seguiu diretamente para a sala de reuniões ao lado, onde estava um grupo selecionado por ele próprio, juntamente com o Imperador, e que teriam uma missão importante a partir do dia seguinte.

Assim que entrou na sala, os cinco homens se levantaram com um cumprimento e, então, se sentaram à mesa de reuniões, esperando sua palavra. O Imperador não se levantou, mas o cumprimentou com um aceno silencioso.

— A missão de vocês é muito simples, e eu não quero entrar em muitos detalhes, portanto, prestem atenção.

Os cinco homens presentes o encararam com deferência, e o Imperador parecia orgulhoso da atitude de seu sucessor.

— A partir de amanhã, vocês irão vigiar Saori Devoy vinte quatro horas por dia.

Não a quero descuidada em momento algum, e qualquer coisa que ela faça de diferente deve ser relatado diretamente para mim. Caso sejam reconhecidos, ou que ela ameace fugir, capturem-na. Não me importo de ter uma prisioneira a mais. Alguma pergunta? – ao ver que ninguém se mexia, dispensou-os.

Os homens anuíram com deferência e saíram da sala. O Imperador olhou com orgulho para seu sucessor e mandou que ele se aproximasse.

— Venha, vamos tomar alguma coisa e conversar.

Celebriant sentou-se no chão e encostou suas costas na parede empoeirada, agoniada. Depois de uma semana viajando sem parar e escondidos, eles finalmente chegaram a Lander, e ela finalmente descobriu o que havia acontecido ali nos últimos seis meses.

Seus pais estavam exilados em algum lugar que não tinha ideia e Saori estava morando com Lune. O mais impressionante, contudo, era o fato de que Lune estava casada com Nicholas.

O problema em si não era o casamento ou sua irmã ter *roubado* seu noivo, mas o que aquilo trazia para o futuro dela e dos demais. Lune não era alguém decente, e não agia sem ter algo planejado em sua mente. Todas as suas ações eram calculadas, e aquilo com certeza

era algo muito maior do que simplesmente ficar com a vida que Celebriant roubou dela. Havia uma mistura de inveja e ódio, mas nunca era somente isso. Tudo tinha um propósito quando se tratava de Lune.

Meehiel sentou-se do lado dela, parecendo um urso de tão grande. O homem ficara com ela, aguardando enquanto Aahbran e Vandreisen verificavam se Saori estava na escola e como a trariam com eles. Apesar de todas as descobertas, Saori ainda estudava todo dia, e a única chance deles a resgatarem seria nesse horário, longe da casa dos Moringan.

- Está preocupada? – ele perguntou, encarando-a com um sorriso animador.
- Um pouco. – resmungou, nada a vontade.

Celebriant não estava se sentindo muito à vontade no meio de três homens, e estar com o mais simpático deles não melhorava em nada sua situação. Eles pareciam ter muitos assuntos em comum, e ela ficava um pouco perdida. Apesar disso, Meehiel era o único que se empenhava em ajudá-la ou tentava ser uma companhia nos últimos sete dias. Vandreisen geralmente conversava também, mas parecia tão incomodado quanto ela pela proximidade. Celebriant atribuía isso à culpa que sentia por ter quase matado o homem que salvara sua vida. Já Aahbran não a olhava ou lhe dirigia a palavra desde que saíram da Base. Ela não compreendia muito bem o motivo, pois toda a vez que tentava entender seus sentimentos ele se fechava e fugia.

— O que foi? – o homem perguntou, encarando-a – Por que está com esse olhar?

— Ainda estou pensando em porque Aahbran veio conosco.

— Não o julgue tão severamente. – murmurou Meehiel.

— Não o julgo. Compreendo o lado dele, mas ele deveria ser um pouco menos rude comigo. – deu um suspiro, tentando acalmar seus ânimos – Por que Aahbran veio, afinal?

— Veja pelo outro lado: ele veio. Sem ele não conseguiríamos chegar em uma semana. Teríamos que andar somente à noite e ainda correremos o risco de um de nós ou, pior, você ser reconhecida.

— Huuum... – resmungou, torcendo a cara.

O homem deu uma pequena risada e Celebriant se admirou pela alegria dele. Não ouvia uma risada dessas desde que estava com Ulisses. Evitava ao máximo pensar nele e não o vira novamente desde a noite em que suas memórias explodiram o bloqueio que as prendia. Sentia a falta do homem e sabia que estava apaixonada por ele, mas, mesmo assim, era capaz de sentir todo o peso negativo pelo modo como ele falara com ela naquele dia. Na verdade, sentia-se um lixo: perdera mais uma pessoa de quem gostava para os Ocultos.

Olhou novamente para a porta, ansiosa. A casa onde eles passaram a última noite estava abandonada há muito tempo e os poucos móveis que restaram eram sujos e cheios de traças. Era uma pequena casa de quatro peças, provavelmente de uma pessoa de classe

baixa, mas que, pelo menos, serviria de esconderijo. Respirando fundo, pensou em como seria o reencontro com a irmã e sentiu-se tremer: com tudo o que acontecera, não sabia se Saori compreenderia quando fosse resgatá-la. Agora só restava aguardar o sinal vindo de dois homens que diziam saber o que faziam.

A porta se abriu de repente e eles entraram, sem nem se preocupar em fechá-la.

— Temos que *irr*. Logo ela *estarrá* saindo. — Vandreisen disse, apontando para fora — *Aahbrran*, nos bloqueie.

Cada minuto que passava era uma tortura para Saori. Não conseguia olhar para o relógio de tanta agonia que sentia. Estava com sua mochila pronta para viagem, com provisões e roupas suficientes para uma pequena fuga. O único problema era saber para aonde ir. Não poderia fugir até muito longe se não tivesse uma rota, e ficar andando em círculos não era sua intenção.

Apesar de todo o esforço para que tudo passasse lentamente, o tempo nunca perdoava. Quando queria que passasse rápido, ele demorava a passar, mas naquele dia, simplesmente evaporara. O sinal da última aula tocou e ela ficou ali na carteira, sem saber o que fazer.

Para onde iria? Mesmo com toda sua força de vontade, só tinha doze anos. Quando

Celebriant fugira, ela já era adulta, mas Saori era apenas uma criança, e com certeza iriam interceptá-la. Respirando fundo e dominando seu medo, levantou-se da mesa em sua sala, esperando que aquela fosse a última vez que levantaria. Teria que fugir para algum lugar.

Como nunca usava o coche da família Moringan para ir embora, não estranhou que ele não estivesse esperando. No princípio o ignorava, como sua irmã fazia quando estudava ali, portanto, com o tempo, o coche desistiu de esperar por ela e simplesmente não aparecia mais para buscá-la. Olhou para o lado das Montanhas Azuis e deu um suspiro. Sua casa ainda estava ali, completamente abandonada. Lune não se importava com a casa e nem tinha pretensão de usá-la, e muito menos Saori. Se ela fosse afastada da cidade o suficiente para se esconder poderia utilizá-la, mas seria um local muito óbvio.

Começou a caminhar lentamente para a casa dos Moringan. Apesar de toda a sua vontade, queria que um milagre acontecesse, pois sabia que, sozinha, nunca conseguiria fugir. Sua cabeça fervilhava a cada passo e parecia que a casa se aproximava muito mais rápido do que gostaria. Foi quando sentiu uma movimentação muito estranha a sua volta.

No primeiro momento teve a certeza de que o que vira foi sua imaginação, mas logo percebeu que não era. Havia cinco homens atrás dela, todos em posição de combate e com o uniforme dos Ocultos. Sem compreender muito bem, olhou para o que eles viam e seu coração parou: havia três homens e uma mulher, vestidos como... Rebeldes.

Celebriant viu a irmã se aproximar do ponto onde a esperava. Ficava próximo da casa dos Moringan, mas longe o suficiente para que não percebessem a movimentação do grupo. Era um dos becos que Nicholas adorava passar, para mostrar o quão superior ele era e que um dia governaria tudo aquilo. Lembrava-se daquilo com raiva, porém, no momento em que Aahbran decidiu que iria tirar-lhes a proteção do *Bloqueio*, sentiu seus sentidos se aguçarem e olhou para um ponto além de Saori.

Cinco homens estavam ali, com o uniforme dos Ocultos, em formação de ataque. Nenhum deles percebera de onde os Ocultos vieram, e os quatro colocaram-se em posição também, mas ninguém se mexia. Saori olhava de um lado para o outro sem compreender. Celebriant, sabendo que precisava tirar a irmã dali a qualquer custo, olhou de lado para Meehiel, pedindo cobertura.

No mesmo instante, Meehiel pulou. Quando seus pés tocaram o chão, no entanto, a terra tremeu. Sem esperar por isso, Celebriant ia cair quando sentiu que Vandreisen a segurara de pé, mas a mesma sorte não acontecera com Saori ou os Ocultos ali presentes. Correu na direção da irmã, sentindo seu *Kassan* dominar-lhe, como nunca antes acontecera: apesar de ele ter ficado preso por seis meses, com a evolução de sua *Intueri*, conseguia controlar suas ações muito mais facilmente do que antes.

Antes que pudesse alcançar a irmã, percebeu que os Ocultos não estavam mais no chão, e sim lutando com os outros três homens, que já os haviam alcançado, dando cobertura para que pudesse retirá-la em segurança. Deixando seu poder ativado e com serpentes de fogo percorrendo seus braços, correu até Saori, que ainda estava caída em choque, olhando a cena. Ao chegar bem próxima foi jogada longe, pelo que parecia um jato de água quente. Defendendo-se do calor com as serpentes de fogo, não chegou a se queimar, mas rolou no chão de pedra e bateu em uma das casas velhas de madeira dali, destruindo-a parcialmente. O mais rápido que pôde, ela levantou-se de novo e encarou o homem com quem lutava.

Era um homem de estatura mediana, mas que emanava força e domínio completo de seu poder. *Acqua*. Já havia estudado sobre eles, mas não fazia ideia de que ainda existiam pessoas capazes de usar a água como arma. Sentindo a eletricidade percorrer seu corpo juntamente com o fogo, deixou que o *Kassan* se soltasse. O homem não esperou e avançou, tentando detê-la.

Desviou-se de vários golpes de água que ele mandava e tentava, em vão, acertá-lo. Sua perícia havia diminuído depois de seis meses sem utilizar seu *Kassan*, e estava recebendo vários cortes e machucados graças àquilo, mas sabia que podia vencê-lo. Quando ele jogou um jato maior de água, ela estava bem próxima dele e se desviou no último segundo. Enquanto ele ainda tentava ver o que havia acontecido, jogou uma serpente

de fogo no homem e chutou-o com força na canela, sentindo que havia conseguido quebrar o osso.

O homem caiu no chão com dor, e ela não pensou duas vezes: deveria matá-lo. Ele havia visto seu rosto e poderia avisar ao Imperador que Celebriant Devoy estava viva. Levantou os braços em forma de cruz, mas antes que pudesse fazer algo, viu que alguém se aproximara do homem e o encarava com firmeza.

— Você não vai lembrar quem o atacou e nem como. — Saori falava com ele, com os olhos vermelhos.

— Sim. — ele resmungou, não parecendo contente com a ideia.

— Agora durma.

Ele desmaiou, fazendo com que Celebriant encarasse a irmã com lágrimas nos olhos.

— Prove que é você. — Saori disse, simplesmente.

— Pergunte o que quiser, Saori.

— Por que você matou Erik Otto?

Celebriant sentiu seu peito se apertar com a pergunta, mas encarou-a, sentindo-se empalidecer.

— Porque ele me pediu.

O choque do abraço da irmã fora tão forte que quase caiu no chão, mas sua *Intueri*

lhe avisou e, em um segundo, empurrou a irmã para o lado e puxou a espada que carregava, segurando outra espada que descia para cima dela. Outro Oculito estava ali, com uma espada que ela nunca vira antes: feita com algo meio azul e brilhante... Algo como energia.

Jean atacou o primeiro Oculito que vira na frente, usando golpes de ar cortante para poder se aproximar mais e lutar corpo a corpo, mas, assim que se aproximou o suficiente para enxergá-lo, um lobo apareceu na sua frente e pulou na sua direção.

Rapidamente se desviou, crendo que aquilo era uma ilusão, mas o homem não parecia ilusionar. O lobo voltou e atacou-o novamente, por pouco não conseguindo mordê-lo. Sentindo que aquilo era mais do que um animal interferindo na luta, começou a lutar com ele. Sendo um animal, o lobo teria somente o instinto de atacar, mas Jean começou a perceber que o lobo tinha sempre um atraso antes de atacar, o que denunciava que alguém o estava controlando.

Viu, atrás dele, Meehiel lutando com outro Oculito, que lançava potentes lanças do que parecia ser energia, mas que desapareciam se não encontravam seu destino. Voltando sua atenção para o lobo, percebeu que o Oculito que o controlava estava mais atrás, protegido pelas duas lutas que ocorriam e pelo seu pequeno lobo controlável. Não querendo machucar o animal, fingiu estar lutando, sempre se desviando para a direção onde o

controlador estava.

Quando estava a alguns metros do Oculto, lançou um golpe de ar e percebeu que o lobo correu para tentar alcançá-lo, antes que acertasse em seu controlador, mas Jean mandou outro para ele, fazendo-o voar longe e sujando o chão com respingos de seu sangue. Correu na direção do controlador com a espada desembainhada em suas mãos, porém, o Oculto, confiante, nem se mexeu.

Quando estava muito próximo, o lobo saltou de seu esconderijo e mordeu seu braço esquerdo com força. Manejando a espada com habilidade, virou-a de forma que parecesse um punhal em sua mão e avançou no controlador, mesmo com o lobo preso em seu braço.

Não esperando essa reação, o Oculto simplesmente tentou se desviar, mas no momento em que perdeu a concentração, o lobo soltou o braço de Jean, que o matou em um golpe de ar, cortando-lhe a cabeça. O Oculto desembainhou sua espada e começou a lutar ferozmente, parecendo bem irritado por seu lobo ter sido morto. Quando o homem foi tomado pela raiva, e não conseguia mais atingi-lo, Jean conseguiu acertar a espada diretamente em seu coração.

Virou-se para trás, ofegante, e percebeu que Aahbran e Meehiel ainda lutavam com outros dois Ocultos e sentiu-se agoniado. Olhou mais para o fundo da cena e percebeu que mais alguém lutava: as duas Devoy tentavam acertar um Oculto que parecia ter uma espada

muito brilhante em sua mão.

Correu até lá o mais rápido que suas pernas permitiam. Assim que chegou mais perto, percebeu que Aahbran havia lançado uma bolha de proteção em volta deles e Meehiel fizera novamente o chão tremer. Ele conseguiu se manter em pé, mas o Oculto e as duas Devoy caíram.

O tremor atingiu-a como uma bomba e a fez ir para o chão, juntamente com Saori e o homem com quem lutava. Apesar de conseguir se levantar rapidamente, o Oculto foi muito mais rápido e se concentrou alguns segundos.

A cabeça de Celebriant explodiu. Era como se mil agulhas corroessem seu cérebro, não a deixando pensar. Sem saber o que fazer, concentrou-se em segurar sua espada, mas o homem empurrou-a e a espada rolou longe. A dor ainda não havia passado, e não sabia muito bem como se livrar dela.

Um pouco perdida, viu o homem se aproximar com a espada de energia, mas percebeu que ele parou. Subitamente, a dor desapareceu e o que viu a deixou desesperada: Saori estava lutando com o homem.

Alguém se aproximou dela e puxou-a pelo braço, levantando-a rapidamente.

— *A senhorita se ferriu?*

Apenas resmungando alguma coisa, que com certeza era um palavrão, correu na direção onde a irmã e o Oculto duelavam. Percebeu que Vandreisen a seguira com a espada na mão, e então parou. Saori estava encarando o homem com um sorriso feliz, enquanto ele exibia um espanto terrificado: a menina tinha nas mãos uma espada de energia muito parecida com a do homem, mas pela cor, menos brilhante, deveria ser um pouco menos poderosa.

Saori lançou-se para cima do homem, que, ainda atordoado, mal conseguiu se defender. Celebriant aproximou-se dos dois e sentiu o poder de *Kassan* novamente fluir pelo seu corpo. Seis bolas de fogo surgiram e se elevaram em diagonais, esperando seu comando para serem lançadas. Um pouco surpresa com aquilo, lançou-as no Oculto que duelava com sua irmã, que, sem compreender, recebeu o impacto de fogo e voou longe.

Quando Celebriant virou-se para a irmã, porém, percebeu que o Oculto, o qual a menina fizera dormir, estava agora segurando-a firmemente e apertando um pequeno punhal em seu pescoço.

- Saíam daqui ou ela morre.
- Largue-a e me leve no lugar! – grunhiu Celebriant, sentindo seu *Kassan* mandar serpentes de fogo pelo seu corpo.
- Acha mesmo que vou trocar a protegida dos Moringan por uma Rebelde?

Abriu a boca para falar, mas Saori fez um não com a cabeça tão forte que chegou a cortar lhe um pouco do pescoço. E, de repente, tudo ficou estranho. Em volta dela podia perceber que algo estava acontecendo, mas não tinha certeza do que era.

— O que *querr* que veja, *nom acrrredite*. – a voz de Vandreisen se sobressaiu – Ou *entom*, feche os olhos e veja com sua *Intuerri*.

Sua visão se abriu em um lindo jardim verde. Sem compreender, ela viu que alguém estava amarrado e muito machucado no alto do morro. Correu até lá, desesperada, e então percebeu que era Saori, completamente destruída. Ainda em estado de choque, sentiu a aproximação de alguém e virou-se, dando de cara com Ulisses. Naquele momento, compreendera o que Vandreisen falara e fechou seus olhos físicos, olhando com seu poder e tentando compreender o que acontecia. Parecia que estava dentro de uma bolha, pelas vibrações que emanavam em volta, completamente invisíveis, mas completamente fáceis de sentir. Estarrecida, virou-se para olhar de onde vinha toda aquela energia e viu Aahbran. E então compreendeu.

Abriu os olhos novamente, mas não estava mais no jardim verde. O Oculto estava preso na ilusão que Aahbran lançava, mas Saori também parecia estar. Percebeu que Meehiel estava ao seu lado, encarando-a com um sorriso.

— Quer fazer as honras e matá-lo antes que ele mate sua irmã?

— Eu... — encarou-o, sem saber o que fazer, quando percebeu que mais alguém olhava para ela com entusiasmo.

— Mate-o. — Aahbran falou, pela primeira vez diretamente com ela.

Apesar de querer mandar o homem ir para um lugar não muito bonito, foi até as costas do Oculto e colocou seus braços em forma de cruz. Meehiel, Vandreisen e Aahbran a encaravam, parecendo esperar ansiosos pelo que ela iria fazer. Sem pensar duas vezes, levantou os braços e sentiu quando o poder de morte alcançou o homem e o fez cair no chão, como um boneco de pano, levando Saori consigo.

— Saori! — gritou desesperada.

A irmã, contudo, apenas abriu os olhos e deu um sorriso, aliviada.

— Que bom que você está bem!

— Nós temos que sair daqui! — falou Meehiel — O Oculto que recebeu as bolas de fogo fugiu antes que pudéssemos impedi-lo! Vamos sair, antes que venham mais desses... Precisamos chegar à Base! Vamos pegar os cavalos!

Nicholas estava almoçando tranquilamente com Lune em casa quando ouviu a porta da sala abrir com força e seus seguranças tentando conter algo. Preocupado, correu até a entrada, com Lune em seu encalço. Assim que chegou ali, porém, ficou estático.

Killian, um dos homens que selecionara para vigiar sua cunhada, estava muito machucado e com as roupas chamuscadas. Sem saber exatamente o que fazer primeiro, viu que o homem tentou se aproximar e foi impedido pelos seguranças.

— Deixe-o. – resmungou Nicholas e aproximou-se do homem – Killian, o que aconteceu?

— Havia Rebeldes, senhor. – ele falou um pouco ofegante.

— Mas como ficou nesse estado?

— Eles apareceram bem no momento em que estávamos seguindo sua cunhada, e então percebemos que eles a queriam. E nós lutamos com eles.

— Saori? – perguntou Lune, olhando para o homem e parecendo chocada.

— Sim, senhora. – o homem falou, largando-se no chão e encarando os braços queimados com horror – A mulher me lançou bolas de fogo, eu nunca havia visto aquilo!

— Bolas de fogo? Como elas eram exatamente? – Lune estava mais próxima do homem.

— Grandes e quentes! – Killian falou com ironia, lançando seu olhar para Nicholas – Eles conseguiram levá-la e mataram os outros quatro. Eu consegui fugir porque fingi que havia morrido, e quando eles se distraíram eu corri para avisá-los.

Nicholas encarou o homem um pouco preocupado, mas fixou seu olhar em Lune. Ela

parecia pensar em algo maior.

— O que houve, Lune?

— Isso. – ela apontou para os ferimentos do homem – São ferimentos de *Kassan*.

Nicholas encarou a mulher, sem compreender, mas balançou a cabeça e olhou para os seguranças.

— Levem esse homem ao hospital. Quero todo o cuidado com ele! – encarou o ferido – Não se preocupe, Killian, nosso *Curare* irá deixá-lo bem. Descanse e conversaremos melhor depois. Vocês dois. – apontou para os dois Ocultos que estavam de segurança – Quero que levem mais Ocultos com vocês e achem Saori. Peça para os mensageiros avisar os outros estados sobre a garota. Assim, eles não vão muito longe.

Assim que os homens saíram, indo cumprir suas ordens, chamou Lune e os dois subiram para o quarto que dividiam. Em silêncio, os dois fecharam a porta e se encararam.

— O que significa isso, Lune?

Ela pareceu pensar um pouco no que ia dizer e suspirou, caminhando lentamente pelo quarto.

— Lembra-se do que comentei com você a respeito de Saori, Nicholas?

— Do poder dela ser mais do que simples *Speede*? Sim, era isso que iríamos ver hoje com o Imperador.

— Se ela pôde, de alguma forma, usar o *Imperi* em você, então... E se ela puder usar o *Kassan*? – ela encarou-o mais profundamente, como para ter certeza que o marido havia entendido – Não há outra explicação.

Nicholas abriu a boca, um pouco chocado. Sem compreender muito bem, ele respirou fundo e olhou para o teto do quarto.

— E agora me responda algo, Lune: o que os Rebeldes querem com ela?

Por um instante, Nicholas percebeu que Lune escondia algo dele, mas ela logo cortou seu pensamento:

— Se eles desconfiam desse poder misterioso de Saori, só há uma explicação: usá-la para a guerra.

Sem resposta para a afirmação da mulher, Nicholas calou-se, preso em pensamentos.

Capítulo 14 – O Manuscrito

Assim que eles pegaram os cavalos e Celebriant acomodou a irmã, seguiram galopando em direção à saída. Aahbran os ilusionou, mas avisou que poderiam ser ouvidos, portanto, era muito importante ficarem em silêncio.

Conseguia sentir a movimentação da cidade com sua *Intueri*. Algo sutil, mas ainda assim perceptível. Nada como Aaminah, mas tinha certeza de que, se fossem seguidos, saberia. O homem que havia fugido com certeza já havia avisado aos Moringan sobre o sequestro de Saori, e logo eles seriam perseguidos. O quanto antes conseguisse chegar à Base, melhor.

Mesmo depois que eles saíram de Lander, contudo, Celebriant ainda sentia a tensão invadi-la. A viagem de ida havia sido tranquila, pois ninguém estava sendo procurado e não havia tantas patrulhas nas estradas. Mas agora, com certeza, Saori seria procurada por todo o mundo, e aquilo seria um problema para acampar ou conseguir mantimentos.

A partir do momento em que alcançaram a neve das Montanhas Azuis, Aahbran avisou-os de que estavam seguros e poderiam conversar, e Saori começou a lhe contar o que acontecera enquanto ela estivera na Base Rebelde. Quando ela contou sobre o exame

médico que faria naquele dia, porém, Celebriant sentiu seu sangue gelar. O que eles poderiam querer com a irmã?

A noite chegou sem problemas. Meehiel resolveu que eles deveriam acampar mais próximos de uma pequena vila na divisa entre Brand e Eutrute, chamada Pequeno Paraíso, mas que, ao menos naquele dia, não deveriam fazer contato, pois ele percebera, ao se aproximar, que as buscas por Saori estavam a todo o vapor e qualquer pessoa diferente que chegava era interrogada.

Como eles ainda tinham um pouco de comida, e Saori também trouxera algumas coisas, fizeram um lanche e se acomodaram embaixo de um pedaço de lona amarrado entre as pedras, para passar a noite. Naquele momento, Celebriant sentiu-se acalmar. Estava com sua irmã e nada mais importava. A menina ainda contava sobre o que acontecera quando parou repentinamente e a encarou com um olhar preocupado.

— O que foi, Saori?

— Eu estou aqui falando e você nem me contou!

Ela parecia tão irritada que Celebriant apenas a encarou com a boca aberta.

— Oras, Celi! Como foi que você sobreviveu? O que aconteceu nesses seis meses?

Celebriant respirou fundo e deu uma pequena risada. Olhando em volta, percebeu que os três homens estavam um pouco afastados e não pareciam muito interessados em coisa

alguma que não fosse dormir. Como se prontificara a ficar vigiando nas primeiras horas da noite, e eles com certeza iriam descansar, encarou a irmã e começou a falar. Não estava com muita vontade a princípio, mas, quanto mais ia falando, mais tinha vontade de pôr para fora. Tudo o que passara era algo muito recente e muito forte ao mesmo tempo, e nunca imaginara que estar segurando aquilo somente para ela estava fazendo tanto mal.

Após quase uma hora contando, entre sussurros, o que aconteceu, desde que abandonou seu cavalo coberto de sangue na pequena vila em Eututre, finalmente chegara à parte que não queria falar: Ulisses. Enrolara durante uma hora e dera algumas pinceladas sobre o homem, mas não sabia se conseguiria contar o que havia acontecido. Olhou novamente para os homens, porém estavam todos dormindo, algum deles, inclusive, roncando (que, pela altura do ronco, deveria ser de Meehiel).

Então, continuou falando sobre Ulisses e tudo o que passara, mas parou abruptamente. Sua *Intueri* estava mais aguçada do que antes e sentia uma presença se aproximar há muitos metros de distância. Vendo que os três homens estavam dormindo, olhou para Saori.

— Saori, junte tudo *rapidamente*.

A irmã compreendeu no mesmo instante e arrumou a mochila de todos. Como não havia barraca, somente a lona, ela conseguiu organizar em segundos com seu *Speede* e parou

do lado da irmã, inquieta.

— O que aconteceu? – a menina sussurrou.

— Há alguém aqui, muito próximo. – disse, aproximando-se dos homens.

Meehiel levantou-se no mesmo momento em que o tocou, sacando sua espada e cutucando os outros.

— O que houve? – o homem sussurrou.

— Alguém, muito próximo. – sussurrou para todos, o mais baixo que conseguiu – Saori já juntou nossas coisas.

— Sim, vamos. – murmurou Meehiel, e todos subiram em seus cavalos, voltando a cavalgar.

Depois de quase três horas cavalgando, e com a certeza de que seu perseguidor não estava mais na pista deles, colocaram a lona entre duas pedras e deitaram-se embaixo dela, exaustos. Celebriant colocou Saori gentilmente com algumas roupas a mais que trouxera, e sentou-se ao seu lado. Mesmo sendo a única que não havia dormido um pouco (Saori dormira no cavalo mesmo), não conseguia fechar os olhos. Aahbran disse que ficaria na guarda e os outros dois homens adormeceram instantaneamente, deixando apenas ela e o pequeno garoto de cabelos brancos acordados.

Nunca havia tido tanta chance de observar Aahbran como naquele momento. Ele

parecia um menino, provavelmente pelo seu poder de *Illuniom*, mas sabia que ele deveria ser bem mais velho. Apesar de tudo, vendo-o encarar o horizonte, com o sol quase se pondo, não conseguia imaginar no que ele a invejava, por não querer falar com ela. Sem saber o motivo, levantou e sentou-se ao lado dele, encarando-o veementemente.

Ele a olhou, fingindo indiferença, mas não pôde fazer isso por muito tempo, pois estava do lado dele visivelmente encarando-o e mostrando que estava ali para ser notada. Um pouco irritado, ele virou-se novamente para o horizonte e falou:

— O que você quer?

— Eu estava pensando no que poderia fazer alguém como você me invejar.

O rosto de Aahbran ficou torcido por alguns instantes, como se uma fumaça houvesse passado por ele e então voltou a ter o rosto de menino, mas ele não disse nada. Só ficou encarando-a com um olhar estranho.

— E como chegou a essa conclusão? – ele perguntou.

— Não tem como não chegar a essa conclusão, quando você grita isso toda vez que me vê.

— Ah... Esqueci que você também é *Intueri*. – ele comentou, nada satisfeito.

Celebriant deu uma risada leve ao perceber que seus pensamentos voaram para Aaminah.

— Não me compare com sua irmã, ela é bem mais poderosa que eu.

— Sim, eu concordo. – ele respirou fundo e a encarou – Eu não quero sentir isso, mas é bem maior do que eu.

— Se você me dissesse o motivo, quem sabe ajude.

— Eu queria estar no seu lugar. – ele disse simplesmente, ainda com os olhos azuis irritados – Queria que fosse eu a ajudar o Escolhido, e não você.

— Como assim, ajudar o Escolhido? – perguntou, descrente.

— Se Aaminah não te contou ainda, não sou eu quem vai contar. – ele voltou a olhar para o horizonte, que começava a clarear – Acho melhor você ir descansar. Teremos um dia cheio hoje.

Ele ficou em silêncio, fingindo não notar a presença dela e mostrando que a conversa havia terminado. Com a cabeça rodando com o que ele dissera, deitou-se ao lado da irmã, preocupada. O que ela poderia fazer pelo Escolhido? Será que aquilo fazia parte do que Erik chamara de destino?

Na noite seguinte, Celebriant não conseguia dormir. Ouvia a respiração suave de sua irmã ao lado, mas mesmo sabendo que ela estava bem, não conseguiu fechar os olhos. Sua *Intueri* não lhe mostrava nada demais, somente o silêncio, mas aquilo a incomodava mais

do que suas visões. No fundo, sabia do que se tratava. Estava voltando para a Base, mesmo não querendo. Para onde levaria sua irmã? Depois que estivessem lá, poderia decidir melhor, mas estava com medo. Não queria ter que enfrentar seu ex-namorado e todos os moradores, que já deviam saber sua real identidade.

Sentou-se, irritada, e percebeu que do lado de fora da lona um dos homens estava se mexendo sem parar, parecendo tentar fazer algo que não conseguia sozinho. Sem pensar muito bem, levantou-se e se aproximou com cuidado.

Vandreisen tentava inutilmente colocar um pedaço de pano no que parecia ser um machucado bem feio. À luz da lua, não tinha muita certeza, mas aquilo parecia completamente infeccionado. Foi até sua bolsa, pegando um vidrinho azulado que Phoebe lhe dera. Era uma erva muito boa para ferimentos, ela lhe dissera, que curava todo tipo de infecção. Colocou o vidro no bolso e aproximou-se do homem novamente, dessa vez fazendo-se ser notada.

Ao ver que era ela que estava ao seu lado, ele bufou e continuou sua tentativa frustrada, sem lhe dirigir uma palavra.

— Isso foi um ferimento da batalha? – perguntou, ao ver que ele não fazia questão de conversar.

— Sim... – ele grunhiu, voltando ao seu pano – O que está fazendo *acorrada*? É

meu *turrno*.

— Eu não consigo dormir, por alguma razão. — murmurou, sentando-se do lado esquerdo dele e tendo total visão do ferimento.

Estava infeccionado. Parecia que alguma coisa havia mordido o braço dele de uma forma nada amigável e, naqueles dois dias, ele apenas colocara um pano em cima, para esconder dos seus companheiros de viagem.

— Está infeccionado. — declarou, encarando-o com veemência.

Ele parou o que estava fazendo, olhando-a com irritação. Fez o possível para passar no seu olhar, quão irritada se sentia com ele também. Estava preocupada com aquele ferimento e ele, como sempre, fazia o possível para sair de perto dela. Sentindo uma raiva surgir de seu peito por conta disso, pegou o pano da mão dele e saiu dali sem dizer nada. Lavou-o com um pouco de água que tinha, deixando-o molhado o suficiente para lavar o ferimento e pegou um pouco de sabão. Foi até sua mochila e pegou um pano limpo também, para enfaixar o braço do homem. Quando estava voltando para onde ele estava, percebeu que o homem vigiava o que ela fazia, incrédulo.

— Eu vou limpar seu ferimento. — disse, mas ele puxou o braço para longe.

— *Nom prrecisa*, eu faço isso.

— Olha... Eu não deveria ajudá-lo mesmo! — retrucou, sentindo sua raiva crescer

ainda mais – Não deveria ajudar quem não gosta de mim, mas eu aprendi algumas coisas com Phoebe, e, se eu não ajudar a cuidar desse seu ferimento, é dela que vou ter que ouvir! E ela é importante para mim, então me dê aqui esse seu braço, antes que eu o deixe apodrecer e a Phoebe tenha que amputá-lo!

Terminando de falar, sentindo-se vermelha de raiva, puxou o braço dele com força, e ele fez um esgar de dor. Ele parecia muito irritado e emburrado com tudo o que ela falara, mas não ousou abrir a boca. Fingindo não perceber que ele sentia dor, limpou todo o ferimento com cuidado, passou a erva no braço dele e o enfaixou com um pano limpo. Da mesma forma que vigiava seus movimentos antes, agora ele parecia nem piscar os olhos. Olhava para o rosto dela e para suas ações com uma firmeza que a deixou sem graça. Assim que terminou, sem esperar que ele falasse alguma coisa, pegou o vidro e o guardou. Estava se levantando quando ele segurou seu braço, parecendo menos irritado, e, novamente, sentiu aquela coisa estranha vindo dele, como se estivesse tentando fechar sua mente para ela não ver o que estava se passando com ele.

— *Obrrigado.*

Anuiu, incomodada, e levantou-se, guardando suas coisas. O homem continuou parado no mesmo lugar, sem se mexer. Entendendo que aquilo seria o máximo de gentileza que receberia, resolveu tentar dormir novamente. Com um pressentimento de que iria se

arrepender no futuro por ter feito isso, respirou fundo e deitou, evitando pensar demais no assunto.

Depois de uma semana de viagem, fugindo dos Ocultos e conseguindo se esconder sempre pela ajuda da sua *Intueri* e o *Bloqueio* de Aahbran, eles finalmente chegaram a Base Rebelde. Saori não conseguia esconder o assombro ao ver a Base por dentro e de ouvi-la contando sobre como tudo funcionava ali. Apesar de ser tarde da noite, ainda havia pessoas acordadas, mas muitas delas nem olharam para eles, continuando seus afazeres.

Aaminah e Seanna Wila os encontraram no meio do caminho, parecendo muito felizes, e logo depois apareceu Phoebe, que parecia muito empolgada com a chegada de todos. Aahbran logo se despediu e foi para sua casa, seguido de Vandreisen. Este fez um aceno imperceptível com a cabeça para ela, que revirou os olhos, mas retribuiu. Meehiel cumprimentou Wila assim que a viu, mas ela não estava muito interessada. Estava do lado de Celebriant, encarando, com o que parecia ser admiração, a única pessoa nova ali: Saori.

— É incrível. – ela murmurava, ainda olhando ávida para a menina.

— Eu preciso ter medo? – sussurrou Saori para a irmã, um pouco chocada.

— Você está assustando a menina, Seanna. – falou Aaminah, aproximando-se delas e lançando um sorriso – Bem-vinda, Celebriant.

— Hum, obrigada. – resmungou um pouco embaraçada – Nós precisamos descansar.

— Claro! – Phoebe falou, dando um abraço forte em Celebriant e fazendo-a ficar sem jeito – Arrumei uma cama para Saori lá em casa, assim vocês não precisam sair de lá.

— Então, amanhã venham até minha casa. – falou Aaminah, segurando Seanna, que parecia querer falar algo.

Depois de se despedirem, Celebriant e Saori seguiram Phoebe até sua casa. Era muito bom ter sua irmã tão próxima dela. Sentira falta dessa presença amigável que a deixava sempre de bom humor. Não se sentia mais tão agoniada quando pensava em Ulisses, pois sabia que naquele momento teria Saori do seu lado. E com certeza conseguiria se controlar melhor do lado dela.

Assim que se acomodaram para dormir, Saori ficou sentada na cama que era de Ulisses, olhando para Celebriant, que agora estava deitada no chão.

— Tem certeza de que você vai dormir aí?

— Claro que sim, Saori. Está muito bom aqui, fique com a cama.

Ela ficou alguns minutos em silêncio e deu um sorriso meio triste.

— Pensei que nunca mais a veria. – ela falou, em um muxoxo, parecendo ainda triste.

— Achou mesmo que eu havia morrido?

— Por algum tempo, eu tive a certeza de que apareceria... Mas o tempo continuou passando, e você nunca vinha me resgatar. Naquele dia que fui resgatada, eu estava me preparando para fugir. Eu sei que eles queriam saber mais sobre meu poder. Eu sabia que aquilo seria um problema. Eles poderiam descobrir o que eu fiz na sua fuga.

Saori parecia completamente concentrada e Celebriant sentiu-se arrepiar.

— O que você sabe sobre seu poder, que não me contou?

— Bom... Eu não sei bem. Não sei como consegui usar o *Imperi*, mas eu sabia como usá-lo. Como se eu já houvesse sido manipulada, entende? E... Eu também tive ajuda de Erik. – ela falou, dando de ombros – Ele me contou que meu poder seria uma grande chave no mundo, mas que eu precisava fazer você seguir o caminho certo, para que então eu pudesse fazê-lo. Não deu maiores explicações, porque ele também não sabia muito bem sobre meu poder... Só sabia o que a *Intueri* dele dizia.

— Seu destino? – resmungou, torcendo a cara.

— Sim, Celi. O destino de nós duas está ligado de alguma forma, e eu fico feliz porque não quero me separar de você nunca mais.

— Eu também não quero.

A menina deu um bocejo enorme, fazendo com que sorrisse e deitasse-a na cama.

— Agora vamos dormir. Teremos bastante tempo para conversar.

E, em instantes, a menina apagou, deixando Celebriant aliviada. Podia finalmente dormir com um pouco de paz.

No dia seguinte, as duas acordaram cedo e foram passear na Base. Celebriant fez o trabalho de mostrar tudo para ela, fazendo o possível para não passar em lugares que sabia onde Ulisses poderia estar. Mesmo estando certa de que não faria diferença encontrá-lo, pois ele provavelmente a ignoraria, não queria dar esse gostinho de vê-la sofrer. Sabia fingir muito bem, e se era uma Oculta, como ele esperava que ela fosse, era daquela forma que agiria com ele.

Depois de ver tudo o que Saori queria conhecer, as duas foram andando vagarosamente até a casa de Aaminah. Quando estavam quase chegando, percebeu que alguém se aproximava e olhou para trás.

— **Celebriant!** – a voz gritou, aproximando-se dela ofegante – Como você não me avisa que está de volta?

— Ahn... Olá, Ário.

— Quando vocês chegaram? O que aconteceu por lá? Como foi que... – ele parou de falar quando viu que Saori o olhava, admirada.

Esquecera-se completamente de dizer para Saori sobre o irmão de Erik, que era

muito parecido com ele. Provavelmente, naquele instante, ela estava estarrecida ao ver um Erik mais jovem na frente dela.

— Saori, esse é Ário Otto. Ário, essa é minha irmã, Saori Devoy.

— Eu sabia que seu sobrenome não era aquele! Devoy combina mais com você e...

— ele olhou para Saori, e seu rosto se avermelhou — É... Olá.

— Prazer. — ela disse, encarando o chão imediatamente.

— Igualmente. — resmungou Ário, também olhando para o chão.

Achando graça na situação, Celebriant afagou a cabeça de Ário, sorrindo.

— Bom, nós temos que ir para a casa da Aaminah agora, Ário.

— Nos vemos depois. — ele resmungou, ainda evitando encará-las e saiu, sem nem olhar para trás.

Estranhando a atitude do menino, ficou olhando ele se afastar quando percebeu que Saori a encarava em choque.

— Irmão do Erik?

Celebriant anuiu e contou toda a história que conhecia sobre Ário. Sentiu um nó crescer em sua garganta. Metade da família dele foi destruída por ela e ele com certeza a odiaria também se soubesse da verdade. Porém, antes que pudessem comentar mais alguma coisa, chegaram à casa de Aaminah, onde ela e Seanna, a menina pequena, esperavam na

porta.

— Que bom que vieram. – falou Aaminah, dando um sorriso e olhando com diversão para Seanna – Seanna quase morreu ao pensar que vocês não viriam. Entrem.

Todas entraram na pequena casa de Aaminah e sentaram-se no sofá. Depois de tomarem um chá e conversarem sobre a viagem, Celebriant percebeu que Seanna estava quase surtando, tentando segurar sua voz.

— Acho que você quer falar algo, não? – murmurou, assim que viu que a mulher começara a ficar vermelha.

— Ufa! Finalmente alguém me compreende! – ela encarou Aaminah com um olhar acusador.

— Eu não estava impedindo-a de falar. Só achei que elas mereciam uma noite de paz.

Celebriant sentiu uma tensão invadir o ambiente e não gostou nada daquilo.

— O que está acontecendo? – murmurou, fazendo com que todas tomassem ar mais sério.

— Celebriant, você sabe o que são os Escolhidos? – a anciã perguntou, séria.

Aquela era a pergunta que mostrara que ela era diferente de tudo o que conhecia. A mesma pergunta que Terêncio Otto falou em sonho por anos a fio, com a esperança de que

ela seguisse seu destino. Quando a ouviu da boca de Aaminah, porém, era como se seu destino estivesse sendo completamente selado, e a partir daquele momento não poderia mais fugir dele. Instantaneamente sentiu seus ossos gelarem.

— São aqueles que nascem sem poderes. – falou, sem muita vontade.

— Correto. – ela deu um sorriso – E o que sabe sobre o Manuscrito Milenar?

— Manuscrito Milenar? – repetiu, tentando encontrar alguma referência àquele nome – Nunca ouvi falar.

— Eu vou ter que esperar você explicar tudo para poder falar, né? – resmungou Seanna, nitidamente contrariada.

— Tudo ao seu tempo, Seanna. Já disse que você deveria ter mais paciência.

— Eu tenho! Mas quando a vi... – ela apontou para Saori e seus olhos brilharam.

— Certo, deixe-me tentar explicar sobre isso. – Aaminah começou, ignorando a garota – Esse manuscrito é tão antigo, que eu não tenho ideia de quando foi feito, mas conheço a história que era passada de geração em geração.

“Naquela época, o mundo vivia dividido. Havia guerras constantes, pois todos queriam governar seu pedaço de terra e nunca havia um modo pacífico de fazer isso. Foi quando uma *Intueri* de uma família comum recebeu um aviso: deveria comparecer em jejum, ao amanhecer do próximo dia, às margens do rio Polla, que fica na divisa de Brand

com Olimp, para receber o Manuscrito. Nesse ponto há muitas lendas e histórias que não temos certeza de qual é a verdadeira, mas o que foi contado era que essa profetisa recebeu de um ser iluminado, que posteriormente foi chamado de Divino, orientações exatas, e com isso ela escreveu um manuscrito”.

Aaminah deu um suspiro e continuou:

— Sendo um Manuscrito que continha algo muito poderoso, capaz de mudar o destino do mundo, a profetisa decidiu guardar entre os seus, para que ninguém, além dos sábios, soubesse sobre aquilo; e começaram a desvendar seus mistérios. A descoberta de que existiam os Escolhidos, aqueles que nasciam sem poderes, mas tinham um poder maior que todos, mobilizou aquela vila, que começou a buscar sem cessar essa criança especial. Os cultos e orações ao Divino, que passou o Manuscrito a essa profetisa, foram aumentando em proporções tão grandes que o segredo de que havia um Manuscrito não era mais guardado. E, então, como tudo que é poderoso e misterioso, todo esse barulho foi ouvido por aqueles que hoje são nossos governantes. Eles ficaram curiosos para saber quem era esse Divino e sobre o que se tratava o Manuscrito. Naquela época não havia governantes, mas os grupos mais fortes resolveram que deveriam obter o Manuscrito para eles e iniciaram uma guerra. Após anos de luta e desespero, e vendo que não havia outro jeito, a profetisa decidiu destruir o Manuscrito na frente das pessoas que guerreavam, para assim

tentar obter a paz, mas, antes disso, deixou uma única cópia com uma jovem *Intueri*, que fugiu, levando-a consigo.

“A guerra estendeu-se até certo ponto, mesmo com a destruição dos Manuscritos na frente de todos os clãs, mas subitamente parou. Em minha opinião, acredito que esses homens conseguiram uma parte do Manuscrito, pois eles não estavam dispostos a parar sem ter algo em mãos, mas, oficialmente, não se sabe exatamente o que aconteceu para a guerra cessar. Obviamente, todos ficaram aliviados com o fim de uma guerra sangrenta e aceitaram prontamente os governantes que se apossaram do mundo, crentes de que com eles não haveria mais guerras. Esses governantes são aqueles que decidiram quais poderes pertenceriam às quais classes. E como eles sabiam que os *Intueris* eram os *culpados* por esse Manuscrito, os colocaram como lixo, mostrando à população, ainda com medo de que outra guerra se propagasse, que os *Intueris* haviam feito aquela guerra ocorrer, e que eles não deveriam ter espaço em uma sociedade normal. E, assim, os *Intueris* foram banidos, e todo o culto ao Divino destruído”.

Aaminah abaixou a cabeça, parecendo triste. Sem saber o que fazer, Celebriant sentiu seu peito se apertar. Aquilo parecia doer demais para a mulher, mas ela continuava contando.

— Veja bem... — ela disse, levantando a cabeça e mostrando os olhos lacrimejados

– Hoje ninguém sabe quem é o Divino. Ninguém compreende a imensidão do que vivemos! Nosso mundo está perdido e governado por mãos estranhas! – ela respirou fundo e balançou a cabeça – Desculpem-me. Eu ainda não suporto essa injustiça!

— Isso vai mudar... – comentou Seanna misteriosamente.

— Os *Intueris* foram afastados e se uniram, formando bases móveis pelo mundo, pois nunca conseguiam ficar muito tempo no mesmo lugar. Eram perseguidos e exterminados se fossem encontrados, e isso fez com que se escondessem cada vez mais. Mas, de alguma forma, o Manuscrito foi passado de mãos em mãos. – ela apontou para si mesma.

— Você... Você tem esse manuscrito? Aqui? – perguntou Celebriant, ainda processando tudo o que recebera de informação.

— Uma parte dele sobrevive escondida nessa Base, sim. – a anciã falou, parecendo consternada – Eu aprendi, com a antiga Protetora desse Manuscrito, que havia três partes. Minha *Intueri* me ajudou a desvendar algumas coisas referentes a essa parte. Por alguma razão, esses Escolhidos vêm ao mundo. Não se sabe se é obra do Divino ou algum tipo de azar, mas os Escolhidos nunca estão sozinhos. Há os assessores, aqueles capazes de ajudá-los a libertar o poder que está dentro deles. Algumas vezes o Escolhido consegue libertar seu poder sozinho, mas se não houver os assessores, ele morrerá. E aí voltamos a pergunta: o que são os Escolhidos?

“Como não possuo o Manuscrito completo não tenho acesso a tudo, mas eu sinto que é a verdade, portanto, vou explaná-la a vocês: o Escolhido vem ao mundo para trazer equilíbrio, transformando-o da melhor forma que seu coração permitir. Geralmente, são pessoas de boa essência e com uma ética muito forte. Vocês, mas principalmente Celebriant, participaram ativamente dentro do mundo dos Ocultos. Vocês acham que aquilo está certo? Que esse é o caminho que este mundo deve percorrer? Nunca se perguntaram quem nos criou? Quem foi que nos deu esses poderes maravilhosos?”.

— Isso me parece tão fantasioso e ao mesmo tempo tão estranhamente conhecido! — murmurou Celebriant, sentindo sua *Intueri* deixá-la enjoada — O que significa tudo isso?

— Eu acredito em muitas coisas que as outras pessoas não acreditam, mas sempre soube quem você era, antes mesmo de você entrar carregada por Jean nessa Base: você é uma assessora. Bom, tenho quase certeza de que você é. — Aaminah falou, dando um sorriso — Foi isso que eu disse a todos os Anciões, desde que a vi chegando. Obviamente, eles acharam que uma Oculta jamais poderia ser alguém destinado a ajudar o Escolhido em sua caminhada, mas ninguém consegue ter acesso ao coração de uma pessoa somente por uma marca. E, então, eles decidiram bloquear seu poder de morte e suas memórias, acreditando que isso resolveria o problema.

— Eles realmente acreditaram que eu não seria capaz de destruir o bloqueio de

Aahbran? – perguntou, sem compreender.

— Entenda... O poder do meu irmão é muito desenvolvido. É ele que protege essa Base inteira e sem ele não estaríamos aqui há tanto tempo. Mas eu não os culpo, pois acredito que aconteceu da única forma que poderia ter acontecido. Com isso você desenvolveu uma Celebriant que estava perdida dentro de você, alguém leve e sorridente, alguém capaz de amar.

Sentindo um nó súbito na garganta, Celebriant respirou fundo. Não queria chorar na frente delas, mas a ferida ainda estava muito aberta e sangrenta, e qualquer menção a ela fazia doer.

— E também mostrou a Aahbran que o poder dele não é totalmente impenetrável, como ele achava.

— Como assim? – perguntou Celebriant, limpando as poucas lágrimas que ousaram sair.

— Hum... Quando você estava libertando seu poder, Jean pediu ajuda, mostrando que não poderia contê-la sozinho. Apesar disso, você se afastou da Base, lançando toda a carga de poder em volta de você e, felizmente, não atingindo um ser vivo. Mas... – Aaminah encarou-a profundamente – Você quebrou o bloqueio de Aahbran em sua mente... Consequentemente, a explosão atingiu o bloqueio que Aahbran fez para essa Base.

— Eu destruí o bloqueio? – perguntou, chocada – Isso quer dizer que vocês estão sem bloqueio?

— Na hora da explosão o impacto foi muito grande dentro da Base, e todos nós caímos no chão, mas Aahbran não se levantou. Depois que ele saiu da enfermaria e Phoebe não soube explicar o porquê de ele ter desmaiado, ele resolveu checar seu bloqueio e descobriu que havia uma grande falha onde a explosão de seu *Kassan* havia acontecido. Assim que descobriu ele passou uma semana inteira reparando, mas conseguiu consertar.

— Hum, que bom. Pelo menos assim não pareço uma destruidora de Bases.

— Aaminah! – Seanna falou de repente, encarando a mulher com exasperação – Minha vez de falar! – ela encarou Saori com um olhar brilhante – Você é a peça que faltava para o quebra cabeça! Agora, ele finalmente está completo!

— Seanna, não as assuste.

— A Saori? Como assim? – perguntou Celebriant, ao ver que a irmã ainda estava meio perdida.

— Ela tem algo diferente. – falou a menina, aproximando-se, maravilhada – O que você sabe sobre seu poder?

Saori encarou-as e piscou um pouco.

— Bom, não muito. O máximo que eu sei é que eu consigo usar alguns poderes,

quando são usados em mim.

— Qualquer um?

— Até hoje não achei um que não conseguisse usar.

— Isso é muito interessante. – falou Seanna, quase grudada em Saori – Eu gostaria de estudar seu poder. Você estaria interessada em viajar comigo para a Base Tecnológica?

— Existe uma Base Tecnológica? – exclamou a irmã, com os olhos brilhantes.

Ao perceber que Seanna encarava a irmã com um olhar devorador, e Saori parecia feliz com a ideia, não teve certeza do que aquilo significava.

— Como assim? – perguntou, finalmente, fazendo com que Seanna a encarasse.

— Você também seria interessante de estudar. Posso levar as duas? – ela perguntou para Aminah, que deu uma pequena risada.

— Desculpe-me por isso, Celebriant. Seanna pode ser um pouco insensível às vezes. O que ela quer dizer é que gostaria que Saori fosse até a Base Tecnológica para poder ajudá-la a construir seu poder e compreendê-lo melhor.

— Quem tem que decidir isso é ela. Mas, independente da decisão de Saori, eu vou junto com ela.

— Por mim, sem problemas! – falou Seanna, quase pulando de felicidade.

— Eu também não me importo. – falou Aminah, lançando um sorriso para as duas.

— Eu... — Saori olhou para todas as mulheres e fez uma careta — Eu não sei, Wila.

— Tudo bem, eu espero. — disse ela, parecendo um pouco decepcionada — Podem me chamar de Seanna.

Aaminah deu um sorriso e segurou a mão de Saori, que ainda parecia confusa.

— Não se sinta pressionada, menina. Temos todo o tempo do mundo.

Saori acenou, dando um pequeno sorriso, o que fez Celebriant sorrir também.

— Bom... Além disso, há mais algumas coisas que eu quero ensinar a vocês duas e que será de grande ajuda. Combinaremos um dia essa semana e as duas vêm aqui. Certo?

— Com certeza. — falou Celebriant, dando um sorriso maior para a mulher.

— Bom, agora podemos articular um jantar aqui em casa... O que acham? — Aaminah disse, levantando-se e fazendo com que todas fizessem o mesmo.

— Eu não sei cozinhar. — Seanna disse, compenetrada em seus pensamentos — Eu posso chamar o Meehiel?

— Claro. E Celebriant poderia chamar Phoebe também.

Celebriant acenou, contente, e segurou a mão de Saori.

— Vamos lá?

As duas saíram, e Celebriant percebeu que a irmã estava muito quieta. Enquanto caminhavam de mãos dadas, olhou para a irmã e suspirou.

— Está tudo bem, Saori?

A menina a encarou e sorriu, tentando parecer normal.

— Claro. – ela disse, não sabendo mentir – Estava pensando... Mas, não se preocupe!

— Bom, Saori... Sabe que estou aqui, se precisar.

— Eu sei, Celi. Você sempre estará.

Elas sorriram uma para outra e continuaram a caminhar. Celebriant teve certeza que Saori estava pensando na proposta de Seanna. Apesar de saber que a irmã era jovem e que seu poder era mais do que aparentava, perceber que ela havia crescido e havia desenvolvido esse poder sozinha a fez sentir-se perdida. Talvez nem sempre sua irmã precisasse dela para resolver seus problemas e, naquela situação em particular, ela não parecia precisar de sua ajuda. Por alguma razão, não estava gostando nada daquilo.

Capítulo 15 – A resposta de Saori

Uma semana depois.

Saori estava sentindo a cabeça ferver. Mesmo fazendo o possível para não mostrar para a irmã quão chateada e confusa se sentia, sabia que em algum momento ela perceberia. Sua confusão não se tratava apenas em decidir se iria com Seanna à Base Tecnológica ou não, mas a junção disso com o que Erik lhe falara antes de morrer, e toda a confusão se instalara.

Ele lhe dissera, com todas as letras, que o destino dela estava ligado com o que chamava de *futuro próximo*. Mesmo que não entendesse muito de suas palavras, ele lhe explicou que devia sempre seguir seu coração, ainda que a decisão parecesse terrível e assustadora.

Respirou fundo e olhou em volta. Estava sentada do lado de fora da casa de Phoebe, enquanto a médica e a irmã faziam o jantar. Desde que Seanna oferecera a oportunidade de ir à Base Tecnológica, há uma semana, sentia um aperto no peito com o conflito que ocorria dentro dela.

Durante seis meses, Saori viu sua vida mudar drasticamente: seus pais foram exilados, foi obrigada a morar com a irmã e o cunhado, começou a ter aulas para um dia se tornar uma Oculta e teve que lidar com o desaparecimento da irmã. Mesmo com esperanças de que Celebriant viesse buscá-la, cada dia sem ela por perto a fazia se sentir isolada. Lune ainda tentou uma aproximação no começo, mas percebeu que Saori não queria conversa e desistiu. Sua intenção era que, quando sua irmã mais velha viesse buscá-la, Lune demorasse a notar sua falta.

Com o passar do tempo, porém, seu cunhado notou que havia algo a mais nela e começou a sondá-la. Ora fazia perguntas estranhas, ora mandava criados para segui-la. E como Saori nunca fora uma boa mentirosa, seu segredo logo começou a ser percebido.

Lembrava-se todo dia das últimas palavras de Erik, antes de ir para a festa onde foi descoberto: *Não tenha medo do seu destino*. Mas como não ter medo? Era uma menina, havia acabado de reencontrar sua irmã, e sentia, lá no fundo, que deveria ir com Seanna... Sozinha.

Estava com um aperto tão grande no coração que levou um susto quando sentiu que alguém se aproximava e levantou-se, assustada.

— Ah, eu te assustei?

Ário Otto estava à sua frente e Saori sentiu seu corpo se arrepiar. Aquele menino era

idêntico ao falecido irmão, e ver aquilo ainda lhe dava aquela sensação estranha: era desconcertante ter na sua frente um Erik mais novo.

— Desculpe... É que eu vim para o jantar e... Me desculpe.

Saori deu um sorriso e balançou a cabeça.

— Está tudo bem.

— Eu vim jantar com vocês. – ele repetiu, parecendo encabulado.

— Que bom. – falou, olhando automaticamente para o chão.

Os dois ficaram em silêncio alguns segundos, quando Saori olhou novamente para o garoto. Não estava se sentindo muito bem, mas estar do lado daquele menino a deixava estranhamente feliz. Ele pareceu perceber que ela não o achava um incômodo e os dois se sentaram, ele olhando-a mais de perto.

— Você é bem diferente da sua irmã.

— É, eu sou. – riu, achando aquilo engraçado.

— Mas não deixa de ser tão bonita como ela.

Sem saber o que fazer, Saori encarou o menino e deu outro sorriso.

— Você também é bonito.

— Você deveria ter conhecido meu irmão... Ele sim era bonito. Eu sou desengonçado.

Saori abriu a boca e fechou, sem saber o que dizer. Será que deveria contar que conhecera Erik?

— Ah, vocês estão aí! – exclamou Phoebe, abrindo a porta e mostrando o interior – Está quase pronto! Vamos entrar?

Dando um sorriso para ela, Ário entrou na casa com Saori o acompanhando. Aquele menino parecia ser uma pessoa boa e gostara de sua companhia.

Desde que Saori voltara com ela para a Base, Celebriant estava grudada nela. Mesmo sabendo que podia incomodá-la ou irritá-la pela sua proximidade, não conseguia impedir. Depois de seis meses sem memória, finalmente buscara sua irmã, e não iria deixar de ficar com ela.

Aaminah chamara as duas para sua casa e começou a explicar o que ensinaria: comunicação mental, ou telepatia. Não era algo fácil de conseguir, mas como as duas eram muito ligadas e tinham *Intueri* – Saori por conta do poder diferente dela – poderiam conseguir com algum esforço. Celebriant estava bastante ansiosa, pois aquilo era muito necessário, caso Saori estivesse em perigo ou precisasse chamá-la à distância.

Assim que chegaram a casa dela, a mulher pediu que se sentassem no chão. Celebriant não teve como não perceber quão abatida ela estava: havia olheiras em seus

olhos, sua pele conseguia estar mais pálida do que o normal e seus cabelos estavam um pouco desorganizados. Ao perceber que a analisava, a mulher deu um sorriso cansado.

— Tive uma noite muito problemática, mas não se preocupem. – ela segurou a mão das duas e fechou um pouco os olhos – Bem, vai ser mais fácil do que vocês imaginam, creio eu.

— Como assim? – perguntou Saori, assim que ela abriu os olhos.

— Bem... Comentei com vocês da última vez em que nos encontramos que eu queria ensiná-las algumas coisas. Vou tentar explicar de uma forma mais simples. A conexão de mentes é algo completamente normal. Duas pessoas que têm *Intueri* e que têm afinidade conseguem se comunicar pela mente com muito treino, mas somente aquelas com real conexão podem se comunicar independente da distância. – ela deu um sorriso – Vocês duas têm uma conexão muito grande, e mesmo Saori tendo apenas algo como uma nuance de seu poder, ela pode comunicar-se com você sem problemas, com um pouco mais de treino.

Aaminah juntou as mãos de Saori e Celebriant e soltou-as.

— Fechem os olhos.

Assim que fechou os olhos, Celebriant sentiu sua *Intueri* explodir. O mundo tornou-se uma junção de cores e misturas, mostrando a ela tudo que não conseguia ver normalmente. Via perfeitamente a aura amarelo-clara de Saori na sua frente e a aura dourada

de Aaminah ao seu lado.

— Saori, abra sua *Intueri* e encontre sua irmã.

Sentiu que a irmã explodiu em luz à sua frente e de repente parecia estar tão próxima dela que podia ver seus pensamentos passando como pequenas bolhas.

— Agora, Celebriant, conecte-se com sua irmã.

Nem precisava de explicações. Sua *Intueri* sabia perfeitamente o que fazer: aproximou-se das bolhas e entrou dentro delas, juntando suas mentes. Instantaneamente começou a ler os pensamentos e emoções de uma forma tão perfeita que se assustou e a conexão se fechou. Abriu os olhos e percebeu que a irmã também estava com os olhos abertos, encarando-a com um pouco de temor.

— Isso foi... Muito diferente. – falou Celebriant, sorrindo.

— E esquisito. – completou Saori.

— Sei que é estranho... Mas é assim mesmo. Treinem mais um pouco estando próximas, que logo vocês treinarão à distância. Quanto mais se aperfeiçoarem, não importa o quão longe estejam, conseguirão se comunicar.

Celebriant fechou os olhos e a irmã fez o mesmo. Precisavam estar conectadas, se queria ter sua irmã sempre por perto. Apesar de não querer nunca mais se separar da irmã, achava que aquilo era importante. Sua *Intueri* lhe dizia aquilo, mas estava com medo do que

aquilo queria dizer.

Uma semana depois.

Saori estava sentindo-se cansada, mas ao mesmo tempo muito feliz. Depois de uma semana treinando com sua irmã, as duas conseguiam se comunicar em espaços afastados. A partir do dia seguinte começariam a treinar em distâncias maiores, para ter mais experiência. Aaminah estava muito contente com a evolução delas e Saori também. Apesar de não ter certeza, desconfiava que Aaminah já sabia de sua dúvida a respeito da ida à Base Tecnológica e por isso estava ensinando aquilo.

Celebriant estava conversando com um homem que Saori só vira uma vez, mas não fazia ideia do seu nome. Percebeu quão incomodada a irmã ficava perto dele, apesar de perceber isso por conhecer bem a irmã, pois ela não demonstrava isso visivelmente. O homem parecia bem mais incomodado, mas não conseguiu compreender o motivo. Alguns minutos depois, Celebriant acenou e foi até ela.

— O que ele queria? – perguntou, assim que a irmã sentou-se ao seu lado.

— Eles vão fazer um treinamento com o pessoal da Base e Vandreisen estava pedindo minha ajuda.

— Sua ajuda?

— Sim... — ela pareceu um pouco encabulada — Como eu passei anos com os Ocultos, sei de algumas táticas e formas de ação que eles não conhecem. Assim, vou me fazer de inimiga para testar o pessoal em uma luta.

— Uau! Uma luta! — Saori riu, ao ver a expressão de desagrado de sua irmã — Você não gosta de lutar, não é?

— Não, mas é necessário. Você fica aqui, certo? Não saia! — ela disse, apontando o dedo enquanto se levantava. — Não sei quanto tempo demora, mas se você precisar sair, me chame!

— Sim, senhora! — fez uma cara séria e a irmã sorriu, se afastando.

Depois de alguns minutos falando com todos os presentes, Saori viu o homem e Celebriant entrarem no meio do círculo, e em segundos eles começaram a lutar. Encarou admirada enquanto sua irmã lutava ferozmente com ele, mostrando aos outros Guerreiros situações com as quais poderiam se deparar enquanto lutavam com Ocultos. Ela parecia muito adulta daquela forma, ensinando, confiante do que falava. Tinha melhorado bastante suas técnicas de luta, mas mesmo assim ainda não conseguia se desviar totalmente dos golpes do homem.

Saori estava completamente concentrada no que via, quando sentiu que alguém estava parado ao seu lado.

Parecia ridículo depois de três semanas na Base ainda levar um susto toda a vez que via Ário Otto, mas não conseguia segurar seu coração. Toda a vez que via o irmão de Erik se assustava com sua semelhança, pois eles eram muito parecidos. O que mais impressionava, porém, eram seus olhos, que emanavam a mesma energia bonita que Erik.

— Posso sentar? – ele perguntou, apontando o banco do lado dela.

— Claro. – murmurou, sentindo seu rosto esquentar.

Apesar de associar essa reação ao fato de saber sobre Erik, não tinha certeza do motivo pelo qual seu coração palpitava. O menino sentou-se e olhou para o centro da clareira, onde o homem agora falava com os presentes, explicando alguma coisa.

— Celebriant é ótima, não acha?

— Sim... Ela melhorou muito!

— Ela tem talento para isso. – ele virou-se para ela e sorriu.

— É, sempre teve. Ao contrário de mim. – suspirou, resignada.

— Você não sabe lutar? – ele se virou no banco, ficando de frente para ela e parecendo chocado.

— Eu sei, mas não sou tão boa como ela.

Ele deu um suspiro de alívio e voltou a se sentar normalmente.

— Não fique se comparando. Sua irmã parece ter anos de experiência.

— É... – resmungou, sentindo-se estranhamente pouco à vontade.

Celebriant havia explicado como Ário a tratava bem e como ele gostava dela. Sabia que a irmã sentia-se culpada toda a vez que o menino ia falar com ela e Saori percebeu que sentia o mesmo, já que sabia que sua irmã havia matado o irmão dele.

— Eu estou incomodando você, não é? – ele perguntou, parecendo constrangido.

— Não! – exclamou, dando um sorriso – Eu só estava pensando... Talvez eu devesse treinar também. Sabe, melhorar minha técnica de luta.

— Se precisar de um instrutor, eu posso ajudar! – ele sorriu, animado – Podemos combinar em um horário que sua irmã esteja em treinamento, ou quando puder!

— Vou conversar com ela, então. – concordou, feliz – Olha, eu acho que a Celi terminou por hoje.

— Parece que sim! – ele disse, acenando ao ver que Celebriant se aproximava – Eu vou ver se o Jean me deixa treinar também! – levantou-se num pulo e sorriu – Até mais, Saori.

— Até mais, Ário. – despediu-se, acenando para o menino e sentindo seu coração continuar a bater descompassado.

Zandra estava sentada no sofá de sua casa, tentando ler um livro que emprestara de

um dos tecnólogos, mas não conseguindo mais do que uma dor de cabeça em forçar seu pensamento a se focar. Não estava conseguindo pensar em mais nada, além de uma única coisa: a maldita Oculta voltara para a Base, com toda a glória e pompa, e ninguém, além dela e Ulisses, sabia sobre quem ela realmente era. Aaminah havia sido categórica sobre esse assunto.

Ainda não havia compreendido o que aquela mulher fazia ali e porque ninguém estava preocupado com o fato de ela ter a marca. Mesmo se ela realmente não tivesse vindo para fazer o mal, não poderia atrair Ocultos para a Base em busca de uma Oculta fugitiva? Estava remoendo essas perguntas quando alguém bateu em sua porta audivelmente. Balançou a cabeça, espantando seus pensamentos e abriu a porta.

— Olá! – exclamou Ulisses, dando um sorriso de tirar o fôlego – Posso entrar?

— Claro! – disse, também sorrindo e afastou-se para que ele entrasse.

Os dois se sentaram lado a lado no sofá e Zandra segurou na mão do homem, encarando-o com doçura. Estava esperando ansiosamente o momento em que Ulisses ia perceber que deveriam ficar juntos, e talvez fora por esse motivo que ele estava ali.

— E então, a que devo essa visita logo cedo?

Ulisses deu um sorriso amarelo e apertou a mão dela com força.

— Eu estava ontem à tarde na clareira enquanto os Guerreiros eram treinados. – ele

disse, desviando o olhar e parecendo se perder em pensamentos.

— Algum problema?

— Com os Guerreiros? – ele perguntou, encarando-a.

— É... Não é disso que estamos falando?

— Ah, claro. – ele sorriu e olhou novamente para o outro lado.

Ao ver que o homem ficara em silêncio e não parecia que falaria mais, chamou-o:

— Ulisses?

O homem soltou a mão dela e colocou a cabeça entre as mãos, parecendo arrasado.

— Eu sei que você não vai concordar com o que eu vim dizer, mas eu acho que você deve saber.

Apenas o encarou, não sabendo que reação ter. O que teria de tão importante para ele falar com ela daquela forma? Pelo jeito, ele não iria se declarar.

— Veja bem... Talvez eu tenha cometido um... – ele engoliu em seco e olhou para ela – Um erro em relação à Celebriant.

— Um erro? – exclamou, começando a ficar nervosa – Você viu a marca, Ulisses! Aquilo não foi ilusão!

— Eu sei que a marca está lá, Zandra. Mas isso não quer dizer nada.

— Não quer dizer? – disse, chocada – Ulisses, olhe o que você está falando! Uma

Oculto, Ulisses, como aquela que matou seus pais!

Ele respirou fundo e olhou para o chão, parecendo perdido. Zandra não podia deixar que ele se iludisse sobre aquela mulher. Não agora, que conseguira afastá-los.

— Mesmo que ela não se lembrasse de nada quando você a conheceu, esse lado dela ainda está lá! Um lado Oculto, Ulisses!

— Eu sabia que ia ser difícil. – ele disse, simplesmente, encarando-a com ternura – Zandra, eu vou conversar com a Celebriant. Eu preciso ter certeza disso que você está falando. O que eu vi hoje na clareira não condiz com isso!

— O que viu na clareira? – perguntou subitamente, sem compreender.

— Eu os vi treinando, e Celebriant estava lá. Ela estava... Ajudando todos. Realmente ajudando. Em nenhum momento pareceu se importar em estar ao lado de um monte de Guerreiros... A Celebriant de quem eu gosto ainda é ela. Eu não posso ser idiota o bastante para largar tudo por causa de uma marca.

Zandra abriu a boca, mas fechou-a em seguida. Tudo o que dissesse naquele momento seria em vão. Não queria parecer uma louca sedenta por vingança na frente dele, mas sentia aquela ansiedade percorrer-lhe o corpo. Estava perdendo Ulisses novamente.

— Não fique chateada comigo, certo? – ele pediu, segurando a mão dela.

— Claro que não, Ulisses. Se você acha que fará diferença para você, eu apoio. –

disse, lançando um sorriso que esperava parecer gentil.

— Obrigado. Você é realmente uma pessoa maravilhosa.

Sem dizer mais nada, ele beijou as mãos dela e levantou-se, dando um sorriso.

— Assim que puder vou conversar com ela.

— Certo. – resmungou, levantando-se também.

— Nos falamos depois, Zandra. – ele disse, saindo pela porta da frente.

— Até mais. – acenou.

Ao ver o homem se afastar, sentiu uma dor instalar-se em seu peito. Aquela maldita Oculta! Sempre se fazendo de inocente para que os outros acreditassem nela! Claro que havia a possibilidade de ela ser quem parecia ser antes, mas ter aquela marca significava muita coisa no conceito de Zandra, e nenhuma delas era boa.

Saori quase caíra no chão pela milésima vez, desde que começara a treinar com Ário. Não conseguia acertar nenhum golpe nele e mesmo que tentasse não usar seus poderes, a cada vez que “quase” caía no chão, sentia mais vontade de usá-los.

— Me desculpe, Saori, eu não queria derrubá-la! – ele disse, segurando o braço dela e ajudando-a a se firmar – Quer parar por hoje?

— Não! – disse, sorrindo – Eu preciso acertar você, nem que seja de raspão!

Ele deu um sorriso alegre.

— Muito bem. Lembre-se do que eu disse: não confie totalmente em seus poderes. Eles podem falhar. Você tem que ter treinamento corporal!

— Certo! – sorriu, e voltou a tentar atacar o menino.

Há uma semana havia conversado com sua irmã, que a apoiara completamente em treinar com Ário. Nos outros dois dias, Celebriant viera com eles, os ajudando com o treinamento. Porém, naquele dia ela tinha ido conversar com Aaminah, que solicitara sua presença.

Quando percebeu que Ário parecia distraído, jogou-se para cima dele e sentiu o poder de *Energia*, copiado daquele Oculto em seu resgate, tentar formar uma espada em sua mão. Mesmo sabendo que não deveria usar seus poderes, parecia que seu corpo agia por conta própria, lutando para ganhar. Mas antes que pudesse sequer formar a espada em sua mão, Ário desviou-se e atacou, conseguindo imobilizá-la com um abraço. Os dois ficaram por alguns instantes se encarando, não sabendo o que fazer.

— Você está muito confiante com seu poder. – ele disse, soltando-a e encarando o chão.

Saori percebeu o quão vermelho Ário estava e teve certeza de que estava tão vermelha quanto.

— Ahn... Acho que por hoje foi o suficiente. – murmurou, dando um sorriso encabulado – Desculpe por ser uma péssima aluna.

— Até parece! – ele deu um sorriso também, aproximando-se um pouco. – É só você não pensar somente com seu poder... Aí você conseguirá desenvolver seu corpo.

Saori parou um pouco e encarou o menino. Por alguns instantes percebeu que em nenhum momento Ário teve a menção de usar seus poderes e ficou curiosa.

— Ário, posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Qual é seu poder?

O menino piscou um pouco e a encarou, parecendo não compreender.

— Você não sabe quem eu sou?

— Quem você é? Como assim? Você não é o Ário?

— Bem... – ele respirou fundo e mostrou o banco – Quer sentar?

Depois que eles se sentaram, Ário ficou olhando para a clareira como se pensasse no que deveria falar.

— Eu nasci sem poderes. – ele disse, simplesmente.

Saori o encarou profundamente, juntando algumas peças do seu quebra cabeça. Aquele menino, o irmão de Erik, era o Escolhido. Não sabia ao certo o que aquilo

significava, mas pelo que Aaminah contara na reunião da qual participou e pelo que sabia, através dos Ocultos, podia entender o panorama geral.

— O Escolhido? – murmurou, ainda chocada.

— Então, você conhece a história. – ele sorriu, aproximando-se um pouco dela – Parece esquisito, né? Eu não me vejo como o Escolhido. Às vezes, eu tenho a impressão de que tenho um poder e estão me enganando, sabe?

— Deve ser esquisito. – concordou.

— É.

Os dois ficaram em silêncio e então Saori olhou para ele novamente.

— Você... Você sabe por que nasceu sem poderes?

— A história, você diz? – ele perguntou e ela acenou em afirmação – Sim, eu conheço a história. E não é algo épico e cheio de emoções... Eu devo simplesmente seguir meu destino.

Ao ouvir aquela palavra, Saori sentiu seu peito gelar por dentro. Assim como sua irmã tivera medo um dia de enfrentar e seguir seu destino, ela percebeu que também tinha medo.

— Você parece confusa. – ele disse, sorrindo – Vou tentar explicar de um jeito menos difícil de compreender. Veja, eu sou o Escolhido e, pelo que me disseram, já nasci

com um destino pré-traçado. Mesmo se eu quisesse não conseguiria fugir dele, entende? Então, simplesmente o sigo. Se não tenho poderes é por uma razão... E eu vou segui-la.

— Mas você não tem medo? Não gostaria de poder escolher qual caminho percorrer?

— Bom... Eu não acho que vai ser algo fácil e sem complicações, mas eu não tenho medo.

— Parece tão fácil ouvindo você falar. – resmungou, sentindo um peso se instalar em suas costas.

— Mas não é fácil, Saori. É simples. Essa é a diferença.

Encarou o menino e sentiu seu coração pular novamente. Se fosse tão simples, por que sentia aquele medo lhe corroer e aquela dor apertando seu peito?

— Eu estou com medo, Ário. Com medo e receio.

— De seguir seu destino? – ele se aproximou mais dela, ficando a centímetros de seu rosto.

— Sim. – respondeu, encarando os olhos castanhos dele e sentindo suas pernas tremerem – Existe algo que eu devo fazer, mas eu não sei se consigo.

— Saori... – ele colocou a mão no ombro dela gentilmente – Se você sente que é seu caminho, por que não conseguiria?

— Porque não sei se consigo deixar minha irmã sozinha.

Ele encarou-a profundamente, parecendo compreender um pouco do que se passava com ela.

— Tem medo de que ela fique brava porque você tem que seguir seu destino?

— Ela odiaria ouvir isso da minha boca. Ela odeia a palavra destino!

— Então use outra palavra, oras. — ele disse, dando um sorriso e fazendo Saori rir —

Ela é sua irmã! Mesmo não gostando de sua decisão, ela vai compreender. Uma pessoa que foi atrás de você, mesmo sabendo os riscos que isso implicaria na vida dela, não vai ficar chateada por tão pouco.

Encarou Ário e sentiu seu estômago embrulhar. Sabia que o menino passara pela mesma situação, provavelmente quando Erik deixara a Base. O único problema é que ele morrera nas mãos de Celebriant. Sentindo-se subitamente mal, levantou-se, evitando encará-lo.

— Você está certo, Ário. Eu tenho que... Seguir meu coração.

— Isso! Você sabe que mesmo que pareça errado, se você seguir seu coração vai ficar tudo certo.

Saori engoliu em seco e percebeu que ele se levantara e estava com a mão no seu ombro e o rosto na sua frente, fazendo com que o encarasse.

— Está tudo bem?

— Sim... – resmungou, tentando sorrir – Vamos?

Ário caminhou do seu lado alguns segundos em silêncio e então começou a conversar, repassando todas as técnicas que ele tentou mostrar para ela. Apesar de acenar e dar sorrisos esparsos, Saori estava concentrada em seus pensamentos.

A semelhança entre Erik e seu irmão aumentava a cada instante. Mesmo sendo bem mais novo que Erik, ele já tinha a força e a determinação do homem. Encarou-o de repente, tomando coragem, e ele parou de falar.

— Eu estou falando demais?

— Não. – sorriu – Eu só estava pensando no que você me falou. Acho que vou enfrentar meu medo, Ário, mesmo que isso seja doloroso para minha irmã.

— Ela vai compreender. – ele disse e sorriu, segurando a mão dela – Até porque você também a compreenderia, né?

Saori sorriu e respirou fundo. Não era nada agradável seguir seu destino, mas Erik sabia disso e mesmo assim o seguiu, portanto, não queria decepcioná-lo. Havia tomado a decisão: iria para a Base Tecnológica com Seanna. Sem Celebriant.

Capítulo 16 – A assassina

Celebriant estava sentada no sofá da casa de Phoebe lendo um livro, quando alguém bateu na porta. Ia se levantar quando Saori passou por ela como um furacão.

— Pode deixar que eu atendo!

Ela viu a irmã abrir a porta e deixar entrar Aaminah e Seanna. Sem compreender muito bem, largou o livro e encarou a irmã e as outras duas, desconfiada.

— O que está acontecendo?

As mulheres se sentaram e Saori ficou de pé, constrangida.

— Celi... Eu queria conversar com todas vocês.

— Certo. – Celebriant resmungou e engoliu em seco – O que houve, Saori?

— Bem, eu... Tomei minha decisão a respeito do convite de Seanna.

— Sério? – perguntou a irmã, dando um olhar preocupado para Saori.

— Sério. – a menina respirou fundo e encarou as três mulheres – Eu decidi que vou à Base Tecnológica.

— **Sim!** – Seanna exclamou, muito feliz.

— Sem problemas. Podemos arrumar tudo. – falou Celebriant, dando um sorriso

para a irmã – Em quanto tempo você quer partir, Seanna?

— Quanto antes melhor! – a mulher exclamou bem empolgada.

— Certo! – sorriu Celebriant, e então percebeu que Saori olhava para o chão, sem se mexer – Saori? Tudo bem?

— Celi... Eu... – falou a menina, encarando a irmã com olhos pesarosos – Me desculpe, Celi. Mas eu tenho que ir sozinha.

O coração dela apertou instantaneamente, sem compreender.

— Saori? – olhou imediatamente para a irmã – Como assim?

— Me desculpe, Celi. – a menina encarou a irmã – Eu não sei como falar isso, mas não me odeie. Eu quero muito ficar do seu lado, mas dessa vez eu sinto que você não deve ir comigo.

Celebriant sentiu uma raiva dominar-lhe tão rapidamente que não conseguiu se controlar.

— Isso é impossível! Eu não vou deixar você sozinha de novo! – apontou o dedo para a irmã, que segurou sua mão e abraçou-a.

— Você vai me odiar porque vou dizer a palavra que você sempre odiou ouvir. – os olhos de Saori marejaram instantaneamente e ela soltou um pouco do abraço – Eu preciso seguir meu destino, Celi. Você seguiu o seu e eu respeitei, apesar de querer muito fugir com

você, e agora terá que respeitar o meu. Eu preciso ir com a Seanna para a Base Tecnológica. Eu *sinto* isso, entende? Eu não quero seguir sem você, mas acho que você sabe melhor do que eu, esse sentimento... De que eu devo seguir sozinha.

— Mas, por que você tem que ir sozinha? – soltou a irmã e balançou a cabeça – Eu não consigo... Me imaginar sem você de novo.

— Celi... Eu realmente preciso ir, e você deve ficar por enquanto. Eu sinto que esse é meu caminho.

Mesmo sentindo uma vontade de falar para Saori que ela não iria sozinha, sua *Intueri* instantaneamente interviu. A menina sabia o que estava fazendo. Sua pequena irmã sabia o que estava fazendo e, se era aquilo que ela queria, nunca iria contra sua vontade.

— Tudo bem, Saori, se for isso que você acha o certo. Mas tem uma condição! – então encarou a irmã com firmeza – Me prometa que, qualquer coisa, vai me avisar! Qualquer coisa de nada eu corro até onde você está!

— Eu prometo, Celi! – ela disse, dando um sorriso enorme e então fazendo uma careta – Ainda não dominamos completamente essa história de transmissão de pensamentos, não é?

— Iremos nos esforçar! Até vocês partirem temos algum tempo... Quanto tempo, Seanna?

— Se conseguirmos arrumar tudo, em uma semana partiremos. – falou Seanna, parecendo pensar sem parar – Não quero perder muito tempo por aqui.

— Uma semana... Acha que conseguiremos em uma semana? – perguntou Saori, meio desconfiada.

— Bom... Quanto a isso, eu posso ajudar. – falou Aminah, levantando-se – Venham comigo.

Saori e Celebriant se levantaram e seguiram a mulher pela Base, enquanto Seanna correu para arrumar tudo o mais rápido possível. Assim que chegaram à casa de Aminah, ela pediu que as duas entrassem e sumiu em um dos quartos. Enquanto esperavam, Celebriant fazia o possível para que sua irmã não percebesse a dor que sentia em imaginar a partida dela. Mesmo sabendo que aquilo era uma decisão importante e que Saori parecia saber o que fazia, sentia-se irritada e triste com a situação, e percebeu que era daquela forma que a irmã se sentira seis meses atrás, quando a deixara para seguir seu destino.

Aminah voltou para a sala com algo nas duas mãos e mostrou para elas. Eram dois pedaços de cristal, lapidados e presos em um colar de tecido de algodão.

— São cristais energizados. Vão dar mais amplitude ao poder de vocês, e vai ajudar a aumentar a capacidade. Eu pedi a Seanna para fabricá-los e ela conseguiu terminá-los ontem. É só colocar no pescoço.

As duas colocaram os colares e sentaram no chão da sala de Aaminah.

— Agora, ao trabalho! – falou Celebriant, com entusiasmo.

Se aquilo faria com que as duas se conectassem a longas distâncias, iria se esforçar em fazer a vontade da irmã.

Depois de uma semana treinando, com a ajuda dos cristais que Aaminah lhes dera, um dia antes de ir embora com Seanna, Saori havia finalmente conseguido se comunicar à distância com sua irmã. A mensagem que ela mandava chegava clara e sucinta, mesmo que sua *Intueri* não fosse tão desenvolvida quanto a de Celebriant. A *Intueri* da irmã conseguia captar muito mais, e, obviamente, conseguia receber melhores informações do que ela própria.

Estava há algumas horas na clareira conversando, mas Celebriant e Aaminah falavam sobre algo que Saori não conseguia acompanhar e decidiu sentar-se em um dos bancos, ainda perto das duas. Quando estava chegando ao seu caminho, viu que Ário se aproximava dela. Não pôde deixar de sentir um calor gostoso emanar de seu peito. Desde que fora decidido a data da partida, os dois passavam a maior parte do tempo livre juntos. Ele e Celebriant estavam disputando seu tempo e não estava triste com isso. Ário era um menino muito atencioso e gentil e, quanto mais eles conversavam, mais suas ideias se

complementavam.

— Olá! – ele falou, acenando com a mão, mesmo estando próximo dela.

— Olá! – acenou também e os dois riram.

— Que bobeira a minha acenar.

— Tudo bem.

— Olha... – ele disse e sentou-se do lado dela – Eu queria entregar isso amanhã, antes de você viajar, mas acho que vai estar preocupada com outras coisas.

Ele tirou do bolso uma pulseira de couro trabalhado, onde ela conseguira distinguir alguns traçados muito finos e bonitos, e puxou a mão dela, abrindo-a levemente.

— Eu sei que você é nova e eu também. – ele disse, colocando a pulseira na mão dela – Mas aceite isso como prova dos meus sentimentos.

Saori ficou olhando para a pulseira, com o coração aos saltos. Era isso então o que sentia. Agora tudo fazia sentido.

— É muito bonito. – murmurou, segurando a pulseira e olhando-o nos olhos – Fez isso para mim?

— Claro! – ele encarou-a, preocupado – Você não gostou?

— Eu amei. – esticou o pulso, pedindo que ele colocasse a pulseira.

Um pouco encabulado, ele pegou a pulseira da mão dela e colocou em seu pulso.

Saori admirou-a em si mesma por alguns instantes e sorriu.

— Obrigada.

— Eu queria dizer algumas coisas bonitas para você, mas não achei que fosse o suficiente. Então resolvi fazer a pulseira. Assim estarei sempre com você.

Saori sentiu seu peito apertar. Gostava muito de Ário e, mesmo com o curto contato, sentia a mesma coisa que o menino.

— Fico muito feliz. – deu um sorriso sincero.

— Saori. – ele disse, segurando sua mão e dando um sorriso também, lembrando Erik em alguns gestos, mas ao mesmo tempo parecendo uma pessoa completamente diferente – Eu sempre estarei com você. Mesmo longe, se precisar, eu vou buscar você, junto com sua irmã. Mesmo se você não sentir o mesmo que eu...

Ela levantou a mão, pedindo que ele parasse. Sorriu abertamente, com o peito em chamas.

— Eu quero estar sempre com você. – disse, olhando para sua pulseira com doçura – Pena que eu não tenha feito nada para lembrar-se de mim.

— Não preciso disso. Eu tenho você aqui. – ele apontou para o próprio peito e deu um sorriso.

Ficaram se olhando alguns instantes, até que Ário soltou a mão dela e virou-se para

o lado, envergonhado.

— Sua irmã está vindo para cá, então vamos parar de falar sobre isso.

— Por quê?

— Acho que ela pode pensar mal de mim. – ele deu de ombros – Não quero que ela não goste de mim.

Saori sentiu o calor sumir repentinamente. Ário iria descobrir alguma hora a respeito da morte de Erik e ela precisava fazer algo para ajudar sua irmã. Não poderia contar a verdade naquele momento, mas sua *Intueri* não lhe deixou dúvidas sobre o que falar.

— Ário... Posso pedir um favor?

Ele encarou-a profundamente, parecendo compreender a seriedade do pedido.

— Claro.

— Mesmo que pareça esquisito o que vou dizer, acredite na minha irmã. Acredite na Celebriant.

— Não se preocupe, Saori. – ele deu um sorriso ao ver Celebriant se aproximar – Eu sempre acreditei nela.

A semana passou mais rápido do que ela queria. Quando percebeu, estavam na saída

Sul, prontos para se despedir de sua pequena irmã.

Saori estava montada em um dos cavalos menores, juntamente com Seanna. Elas haviam conseguido manter comunicação telepática tranquilamente e sabia que, se a irmã precisasse, poderia chamá-la em instantes. O único problema era a distância que teria que percorrer, caso isso acontecesse, mas não queria pensar sobre isso naquele momento.

Apesar de sentir-se triste por ter que deixá-la ir, sabia que aquilo era necessário. Sua irmã sempre fora mais esperta e madura do que muitas crianças, e talvez aquilo se devesse a sua companhia, pois Saori nunca tivera colegas de sua idade e sempre fora muito apegada a ela. Dessa forma, a menina sabia exatamente o que queria e ficou um pouco chateada com sua influência.

— Então, estou indo! – ela disse, lançando lhe um sorriso contente – Se cuide por aqui, Celi.

— Você se cuide muito mais! Eu prometo que logo estarei perto de você... Quando você achar que for a hora, me avise!

— Pode deixar! – ela olhou para o lado e sorriu para Ário – Até mais, Ário.

— Nos vemos logo. – ele murmurou, não tirando os olhos de Saori.

Assim que terminaram de se despedir, o grupo foi andando pela saída Sul, levando seus cavalos ao lado, e fazendo com que o peso no coração de Celebriant aumentasse.

Estava sozinha novamente.

Uma semana depois.

Zandra estava sentada na clareira por horas. Já havia com certeza amanhecido, mas não conseguia dormir. Seus pensamentos iam e vinham com várias ideias e incertezas e tudo se misturava dentro dela. Não tinha uma noção exata de quando ser um Oculto se tornara algo bom, mas não gostava da sensação de estar possivelmente errada.

Depois de quase uma semana que a irmã da Oculta fora embora, passara todo aquele tempo conversando com Ulisses e ele parecia sinceramente arrependido de ter tratado a Oculta mal. Apesar de mostrar para ele quão mal aquela gente fez aos conhecidos Rebeldes, ele disse que havia algo a mais do que somente a Oculta na mulher, e ele queria conversar com ela e ter certeza de que não estava cometendo um erro. Mas, para sorte de Zandra, ele estava se enrolando e ainda não havia conversado com a Devoy.

Sentindo-se um lixo, virou-se para o lado e viu que havia alguém mais na clareira. Assim que percebeu que estava sendo observado, a pessoa se levantou e caminhou até ela, parecendo feliz em encontrá-la.

— Loures? – perguntou Zandra, assim que conseguiu enxergá-lo.

— Petry! O que faz por aqui essas horas?

— Estou com insônia. – disse simplesmente, dando um lugar para o homem sentar do seu lado – E você?

— O mesmo... Não consigo dormir há mais de uma semana.

Mesmo sem querer, Zandra se identificara com aquele homem. Ele parecia ter passado pelas mesmas situações que ela e, naquele momento, teve a certeza de que ele se batia com a mesma coisa: incertezas a respeito de sua própria vida.

— Está incerto sobre o que pensar? – perguntou, encarando as árvores da clareira, que começavam a perder as folhas ao entrar na Estação das Folhas Caídas.

— O problema está ao contrário disso! – ele exclamou, parecendo acabado – Não quero incomodá-la com meus problemas, Petry.

— Não se preocupe. Eu estou com muitos problemas internos também... Ouvir o dos outros pode ajudar a desanuviar.

Ele pareceu respirar fundo por alguns instantes e encarou-a com seus olhos de cor violeta.

— Veja bem... Eu sempre soube quem havia matado meu amigo.

— Seu colega na casa onde trabalhava?

— Sim... – ele respirou fundo, tentando controlar-se – Eu o vi morrendo, entende?

Sentindo um desconforto passar pelo seu corpo, Zandra pensou se aquilo realmente a

ajudaria. Ele parecia ter passado por problemas bem maiores do que ela.

— Eu estava lá, olhando aquela Oculta matá-lo! – ele escondeu o rosto entre as mãos e Zandra percebeu que ele chorava – E não podia fazer nada!

— Eu... Sinto muito! – disse, colocando a mão no ombro dele.

— Mas não é por isso que eu estou acabado, Zandra... – ele encarou-a nos olhos e arregalou-os – Eu posso chamar você de Zandra?

— Claro... – falou, dando um sorriso – Continue. Coloque para fora.

— Lembra que eu lhe disse que queria muito matar essa Oculta com minhas mãos?

— Sim... Eu também gostaria de fazer isso! – grunhiu, pensando no que aquela possibilidade faria com ela.

— Mas eu achava que ela estava morta! Tinha certeza! – ele encarou-a profundamente – E agora... Céus, eu nem sei como te dizer isso.

— Dizer o quê? – perguntou, preocupada – Do que está falando?

— Há uma semana eu a vi aqui dentro.

Zandra sentiu seu peito se apertar instantaneamente.

— De quem você está falando?

— Eu não sei se todos sabem, e se sou somente eu que não entendo o motivo dela estar aqui... Mas, ela é uma Oculta! E eu estou morrendo por dentro, porque ela matou meu

melhor amigo e está viva! Aqui dentro!

— De quem você está falando? – repetiu a pergunta, um pouco áspera.

— Daquela mulher... Celebriant Devoy.

Sentindo uma explosão de ódio dominá-la, encarou o homem e abriu a boca, chocada.

— Você sabia! – ele disse, se afastando um pouco dela – O que ela está fazendo aqui? Uma Oculta! Dentro da Base!

— Não, não é nada disso que está pensando! Eu sou contra ela! Eu a odeio! – exclamou, subitamente levantando-se – Não sei como nossos superiores a deixaram aqui! Ninguém me explica nada!

— Bom, pelo menos em você eu posso confiar! – ele falou, levantando-se também e lançando-lhe um olhar firme – Essa mulher matou meu melhor amigo! E sabe por quê?

Encarou-o, sentindo uma pressão no peito.

— Por quê?

— Porque ele estava tentando salvar alguém preso na casa dos Moringan! – ele balançou a cabeça e lágrimas caíram de seus olhos – Fiquei sabendo depois que era seu pai, mas não imaginei... Ele nunca havia contado!

Zandra travou. Aquela história estava tão familiar que sentiu sua cabeça rodar.

— O que... O que disse?

— O que aconteceu, Zandra? – ele perguntou, ao ver a expressão de terror dela.

— Como você disse que era o nome desse seu amigo?

— Eu não disse... – ele encarou-a, preocupado – Era Erik... Erik Otto.

Sem conseguir pensar direito, caiu no chão. Ainda conseguia ouvir a voz de Loures ao fundo, perguntando o que havia acontecido, mas não conseguia responder. Não se mexia, sua mente trabalhava ferozmente. Então, era ela. **Era ela!**

— Zandra! – ele chacoalhou-a, desesperado – Fale comigo! Está passando mal?

— Eu... – murmurou, encarando-o com terror – Você está dizendo que Celebriant Devoy matou Erik?

— Sim! – ele grunhiu, com ódio – Aquela maldita que está entre nós, foi quem matou ele em público. Você o conhecia?

Lágrimas rolaram pelo rosto dela sem que desejasse. Não conseguia mais falar nada. O ódio que sentia era enorme. Sempre quisera saber quem havia matado seu amor, mas nunca imaginara que chegaria a ter a possibilidade de encontrar-se com a pessoa que o assassinara.

— Céus... Não me diga que... – Loures a encarou, horrorizado – Seu amigo?

Acenou em afirmação, chorando copiosamente. A dor voltara completa e só queria

uma coisa: vingança. Queria vingar a morte de seu único amor, aquele que prometera viver com ela para sempre.

— Você sabe o que devemos fazer, Zandra. – ele disse, colocando ambas as mãos em seus ombros – Devemos expulsá-la daqui. Mostrar o que ela fez! Você acha que alguém permitiria que a assassina de Erik ficasse entre nós? Eu não consigo olhar para o rosto dela sem tentar matá-la, Zandra! Ou nós a matamos, ou a mandamos embora... Temos que fazer alguma coisa!

— Eu quero matá-la! – gritou de repente, sentindo seu ódio sobrepujar a dor – Quero vê-la morta!

— Eu também! – ele disse, seus olhos brilhando em ódio – Mas se sujarmos nossas mãos por causa dela, seremos expulsos. Temos que mostrar quem ela é... E, quando ela estiver longe, podemos segui-la e nos vingar!

Zandra acenou, compreendendo perfeitamente. Depois que a Oculta fosse expulsa, poderiam matá-la do lado de fora da Base, onde ninguém se importaria em vê-la morta.

— Eu vou agora procurar aquela maldita! – disse, levantando-se e encarando Loures – Você vem comigo?

— Acho que o melhor é você ir sozinha, Zandra. Ela vai me reconhecer... – ele suspirou e olhou seriamente para ela – Eu a ajudo na segunda parte do plano.

— Feito. — resmungou, correndo da clareira.

Precisava achar aquela maldita e mostrar quem ela era para todos da Base. Se Ulisses soubesse daquilo, com certeza a ajudaria a expulsar definitivamente aquela mulher da Base. E depois... Zandra acabaria com a vida dela com suas próprias mãos.

No momento em que Zandra virou as costas e correu, deixando Ivan sozinho na clareira, ele sorriu sinistramente. Mandaria, naquele dia mesmo, a mensagem para a pessoa responsável. Com certeza, logo não seria somente Celebriant Devoy que deixaria aquela Base, mas todos os Rebeldes que ali estavam. E, de preferência, deixariam de viver também.

Capítulo 17 – O Escolhido

Uma semana depois que Saori partira, Celebrant passara a maior parte do seu tempo com Aaminah, aprendendo o que mais ela podia ensinar sobre sua *Intueri*. Naquele dia, porém, pedira a Vandreisen para lhe ensinar alguns golpes de ar, para que pudesse usar sua *Intueri* para batalha. Apesar de achar que, tendo seu *Kassan* seria pouco produtivo aprender a usar seu poder primário na luta, sabia que nem sempre deveria contar com seu poder de morte e que deveria evoluir sua *Intueri*.

Já havia anoitecido quando Vandreisen deu por terminado o treinamento com golpes de ar. Lembrou-se, enquanto lutava, do que Erik tentara ensinar, mas perdera vergonhosamente para o homem todas as vezes que lutara.

— Eu não sei se vou conseguir usar minha *Intueri* assim. – murmurou, ofegante.

— Tudo é uma questão de *treino*. – ele disse, aproximando-se dela – Se a *senhorita quiserr*, posso ensiná-la mais.

— Vou querer sim. – deu um sorriso, agradecendo – Obrigada pela ajuda.

O homem acenou, parecendo encabulado, e os dois saíram da clareira. Apesar de saber que seu cansaço se devia ao uso excessivo de sua *Intueri*, também estava há várias

noites sem dormir por conta dos pesadelos que voltaram com intensidade. Depois de tomar um banho e deitar, caiu em um sono profundo, mas coberto de pesadelos.

Apesar de não ter vontade de levantar, acabou acordando bem cedo e resolveu dar uma caminhada antes que Phoebe acordasse. Quando pôs os pés para fora da casa dela, no entanto, percebeu que havia mais alguém ali e sentiu seu coração pular do peito.

Seu estômago instantaneamente se retesou, seu corpo travou e ela não sabia o que fazer. O homem finalmente percebeu que ela estava na porta e abriu a boca, mas não disse nada. Ficaram se encarando por alguns instantes, quando Celebriant sentiu a raiva lhe dominar. Lembrava cada palavra que ele lhe dissera na noite que desbloqueara suas memórias e não conseguia esquecer o olhar de desprezo que ele lhe lançara.

Sem perder a pose, levantou o rosto, parando de encará-lo, e caminhou para o lado oposto de onde ele estava.

— Ei! — ouviu-o gritar, indo atrás dela.

Não parou, sentindo suas mãos começarem a suar e seu peito arder. O que ele queria com ela, afinal? Não achava que era uma Oculta simples e puramente? Continuou caminhando, mas sentiu ele se aproximar e caminhar ao lado dela. Não queria encará-lo nos olhos e preferia que ele estivesse ao seu lado, falando.

— Algum problema? — perguntou friamente, sem nem olhá-lo nos olhos.

— Eu queria fazer uma pergunta. — ele disse com a voz neutra.

— Então faça.

Ele segurou o braço dela e a virou, um pouco forte demais, fazendo com que se encarassem nos olhos. Celebriant engoliu em seco, sem saber o que fazer. Os olhos negros dele a devoravam por dentro, mas não estavam frios. Pelo contrário, pareciam dolorosos, muito diferentes do que ela esperava ver.

— Pare um pouco e olhe para mim. Você... Realmente estava sem memórias?

— Não, Lynx. — falou, extremamente sarcástica e sentindo a raiva acumulada invadi-la — Eu lembrava de todas elas e todo mundo sabia, menos você!

— Sério? — ele perguntou, ainda segurando o braço dela.

— Eu estava sendo sincera quanto aos meus sentimentos por você, se é isso que você quer saber. — falou, soltando seu braço — Não vou ficar implorando para que acredite em mim.

— Não quero que implore. — ele disse, passando a mão nos cabelos ruivos e encarando-a com um olhar pesaroso — Eu gosto de você, Celebriant.

Abriu a boca para falar, mas ficou sem voz. Não esperava que o homem percebesse seus erros e se desculpasse, mas aquilo era quase como um pedido de desculpas. E ela ainda gostava dele também, o que a deixava perdida. Deveria perdoá-lo?

— Fico feliz... – disse, engolindo em seco – Mas isso não muda o que aconteceu.

— Não, não muda. – ele disse, aproximando-se dela – Me deixe provar que eu não sou tão idiota?

Começou a rir, mas sua mente deu uma guinada tão grande que não conseguiu se concentrar em nada mais. Tudo girou e ela estava em algum lugar completamente diferente do que havia visto.

“Celi! – gritou Saori, desesperada – Finalmente eu consegui te contatar!”.

Viu que a irmã estava no que parecia ser próximo das montanhas, pelo tanto de pedras e o ar gelado que a envolvia. Ali não parecia haver neve, mas havia uma densa floresta a sua volta.

“Fomos atacados. – ela falou – Os Ocultos sabiam que estávamos vindo, não sei como! Eu consegui fugir e me esconder, mas não vai ser por muito tempo. Sei que não vai conseguir chegar aqui a tempo de me resgatar, mas eu irei fazer o possível para te esperar... Senão, eu terei de achar um plano de emergência”.

“Eu estou indo buscar você! – gritou, desesperada – Não ouse morrer!”.

A conexão rapidamente se desfez e Celebriant percebeu que estava no chão. Ulisses estava em cima dela, encarando-a com preocupação.

— Saori! – gritou, desesperada, levantando-se num pulo – Eu estou indo, Ulisses.

— Indo aonde? O que aconteceu? – ele perguntou, mas ela começou a correr o máximo que conseguia.

— O grupo de Seanna Wila foi atacado! – falou, ao ver que ele a seguia – Eu preciso falar com Aaminah e ir buscar minha irmã... Antes que os outros a encontrem!

Celebriant continuava correndo, desesperada, quando sentiu a aproximação de alguém e se defendeu. Apesar de parecer insano, essa pessoa lutava ferozmente, e somente quando conseguiu empurrá-la para longe que percebeu quem era.

— Que foi agora, Petry? – grunhiu, aproximando-se da mulher e sentindo seu *Kassan* crescer em seus braços.

Sem responder à pergunta dela, Petry avançou novamente, tentando acertar nela de qualquer forma, quando Ulisses a segurou.

— Pare, Zandra! O que está fazendo?

— **Maldita!** – ela gritou, se debatendo – **Eu nunca gostei de você, mas agora eu te odeio! Você é a culpada de tudo!**

Ela continuou gritando todos os palavrões que conhecia e algumas casas começaram a se iluminar. Percebeu que já havia algumas pessoas, com o rosto amassado de quem foi acordado, olhando para os três com curiosidade.

— Eu não preciso ficar aqui ouvindo suas loucuras! – resmungou, sentindo seu peito

se apertar quando se lembrou de Saori – Tenho algo mais importante para fazer!

— Lembra-se disso? – ela gritou, soltando uma de suas mãos do aperto de Ulisses e mostrando algo para ela.

O colar que Erik lhe dera e pedira que cuidasse com todo o carinho estava nas mãos dela, balançando o pingente de um lado para o outro. Sem compreender, por um segundo esqueceu completamente de Saori. Sua mente estava confusa, mas lembrava-se de colocar o colar antes de recuperar a memória.

— O que está fazendo com isso?

— Eu é que pergunto! – ela deu uma risada histérica – **Como conseguiu o colar que eu dei para o Erik?**

— Que você... Você deu? – Celebriant sentiu um peso se instalar em seus ombros e prestou mais atenção.

— Você não fazia ideia, não é? – ela continuou, rindo com histeria – **Você matou Erik, sua maldita! Você realmente o matou!**

Agora, a rua onde Zandra gritava estava cheia. Percebeu que mais alguém se aproximara deles rapidamente e Ulisses soltou a mulher, chocado.

— O que está acontecendo aqui? – perguntou Vandreisen, contendo Zandra, ao ver que ela aproveitara que estava solta e ia atacar novamente.

— Do que está falando, Zandra? – perguntou Ulisses, finalmente falando alguma coisa – Da onde tirou essa ideia?

— Diga que não é verdade! – ela exigiu, apontando o dedo para Celebriant – Minta novamente!

— Pare com isso, Zandra! Você enlouqueceu! – disse Ulisses, encarando as duas, não sabendo o que fazer.

Percebeu que Vandreisen segurava Zandra e a encarava com veemência, como se implorasse para ela tomar cuidado com suas palavras. Em volta deles parecia que grande parte da Base estava ali, de tantas pessoas que acordaram e vieram ver o que era aquela gritaria pela manhã.

— Eu não tenho porque mentir, Petry. Agora eu me lembro de tudo. – falou, sentindo seu estômago se revirar e encarou os dois – Eu o matei.

Ulisses instantaneamente travou, encarando-a com o que parecia ser um misto de descrença e nojo. Mesmo estando segura nos braços de Vandreisen, Zandra conseguiu se soltar e avançou para Celebriant, enquanto chorava desesperada. Estava muito fácil evitar os golpes da mulher, de tão perdida que ela estava. Assim que conseguiu, porém, mandou-a para o chão com um golpe de ar (aprendido no dia anterior), sem recorrer ao seu *Kassan*. Quando ela ficou parada no chão, chorando, Ulisses ajudou-a a se levantar.

— Veja bem, eu não tenho que explicar nada para você! – falou, sentindo seu coração apertar novamente – Já disse que tenho coisa mais importante para fazer!

— Então explique para ele! – ela gritou, apontando para alguém atrás dela.

Sentindo seu corpo se retesar, virou-se e encarou dois olhos castanhos conhecidos. Ário passava no meio das pessoas e estava muito próximo dela, para que pudesse fugir. Seu corpo afundou em algo parecido com horror. Não conseguiria ver os olhos decepcionados e raivosos de Ário. Antes que aquilo acontecesse, iria sair dali.

— Eu tenho mais o que fazer! – gritou, sentindo o desespero invadi-la.

— O que está acontecendo aqui? – murmurou Ário, aproximando-se deles.

— Você tem vontade de saber quem matou seu irmão, Ário? – falou Petry, se soltando de Ulisses e com um ódio terrível no olhar. – Aliás, todos vocês querem saber quem matou Erik Otto?

Um burburinho passou pelos presentes. Vandreisen caminhou lentamente para o lado de Celebriant, parecendo ter o intuito de protegê-la. Não que ele fosse conseguir segurar todas aquelas pessoas, mas ele parecia disposto a tentar. Ário pareceu perceber a situação também e se aproximou dela como proteção.

— Do que estão falando?

— Você acredita realmente nela, não é Ário? – a morena deu uma risada, mostrando

a todos a situação – Mas essa mulher foi quem matou seu irmão! Essa Oculta maldita!

— *Petrry, controle-se! Não sabe do que está falando!* – grunhiu Vandreisen, encarando a mulher com o que parecia ser raiva, enquanto ainda estava do lado de Celebriant.

— Não se meta, Vandreisen! Isso não é assunto seu!

Sem saber o que fazer, Celebriant encarou o chão. Iria sair dali em alguns minutos, mas não queria ver o olhar de Ário. Precisava sair antes, ou nunca mais se perdoaria. Havia feito coisas de que não se orgulhava, e aquilo era a grande ferida de sua vida. Jamais esqueceria o dia que tivera que matar a única pessoa, além de sua irmã, que se preocupava com ela.

— É verdade? – a voz de Ário chegou aos seus ouvidos, parecendo horrorizada – Você matou meu irmão? Matou o Erik?

Não podia mentir para ele, pois devia aquilo a Erik. Levantou os olhos e encarou Ário, sentindo as lágrimas escorrerem abundantes pelo seu rosto. Havia prometido que nunca mais iria mentir. Desde que saíra do mundo dos Ocultos, não havia necessidade de se esconder. Tinha que ser firme, pois precisava correr e salvar Saori.

— Sim, Ário. Eu matei seu irmão.

O menino ficou parado alguns instantes, encarando-a com um olhar indefinido.

Todos que presenciavam a cena a olhavam, chocados, sem mover um músculo. Percebeu que Ulisses e Petry se aproximaram de Ário, querendo ver de perto a reação que ele teria. Celebriant não sabia o que faria se ele resolvesse lutar com ela. Não podia lutar com mais um Otto.

— Viu só, Ário? Como você não pode confiar em qualquer um? – Petry falou, aproximando-se dele e segurando seu ombro.

— Sim, eu vejo. – ele murmurou e Celebriant percebeu a mudança nos olhos dele – Vejo melhor do que você imagina, Zandra.

No mesmo instante, ele tirou as mãos dela de cima de seu ombro e aproximou-se de Celebriant, encarando-a firmemente. Apesar de estar com quatorze anos, o menino já estava quase da altura dela e podia ver seus olhos diretamente. Sentindo todo seu corpo se retesar, decidiu que não iria lutar. Não poderia deixar Saori novamente, mas não conseguiria se defender de Ário, caso ele resolvesse lutar.

— Eu vejo quão amargurada você é, Zandra. – ele falou, simplesmente, voltando os olhos para a mulher e Ulisses – E vejo o quão fácil de manipular é você, Ulisses.

Os dois abriram a boca, incrédulos. Um burburinho voltou a se instalar entre eles, fazendo com que Ário tivesse que falar alto para ser ouvido. Viu que Vandreisen deu um sorriso irônico ao seu lado, parecendo orgulhoso.

— Vocês dois são patéticos! – ele disse, não com raiva, mas com veemência – Eu sei de muito mais do que vocês imaginam! Ou vocês acham que meu irmão simplesmente me deixou, sem me dizer nada?

Ele voltou os olhos para Celebriant, encarando-a com o que parecia ser respeito. Sem saber o que fazer continuou olhando Ário, esperando o pior.

— Essa mulher, essa Oculta como vocês chamaram! – ele exclamou, voltando os olhos para todos – Ela sim, é digna de respeito! Vocês têm ideia do que ela deve ter passado?

— Você não sabe do que está falando, Ário! – murmurou Ulisses, parecendo preocupado com a reação do menino.

— Você é que não tem ideia do que fala! – ele voltou-se para o ruivo, parecendo completamente decidido – Antes de sair, meu irmão me contou algumas coisas. – o menino voltou os olhos para Zandra, que começara a chorar – Ele se despediu de verdade de mim, Zandra, porque sabia que podia contar a verdade para mim. Sabia que eu não surtaria como você!

— Do que está falando? – ela resmungou, ainda chocada demais para se mexer.

— Ele me disse que nunca mais voltaria. – os olhos dele instantaneamente marejaram, mas continuaram firmes – Ele me disse que sua missão era muito mais do que

somente salvar nosso pai! Ele me disse que provavelmente nosso pai também nunca voltaria...

Ário respirou fundo e encarou Celebriant, fazendo com que começasse a sentir o estômago revirar terrivelmente. A vida de Ário nunca fora um mar de flores, e grande parte de seus problemas e tristezas fora marcada por ela. Aquilo era um motivo perfeito para ele destruí-la, sem nem pensar duas vezes.

— Ele me disse que morreria, mas de uma forma digna! Sabia que seu destino não era aqui! E me disse com todas as letras: mas não se preocupe, Ário! – o menino começou a chorar, fungando – Quando eu morrer será pelas mãos de alguém muito importante para mim! Alguém digno de respeito! Ele me disse que sua *Intueri* lhe dizia isso, e eu acredito nele!

Ele abraçou Celebriant no mesmo instante, chorando. Sem conseguir se conter sentiu as lágrimas começarem a escorrer pelo seu rosto também e abraçou o garoto, completamente perdida.

— Eu sei quem você é, Celebriant. – ele soltou-a e olhou nos seus olhos – Eu acredito em você. Obrigado por ser a pessoa que você é! Eu jamais esperaria isso de alguém, além de você!

Ário então se virou e encarou Petry, Ulisses e todos os presentes, que ainda não

pareciam ter compreendido tudo o que se passara.

— Vocês são cegos ainda, mas vão perceber o erro que cometeram. — ele voltou-se para ela e deu um sorriso — Enquanto isso, eu vou com Celebriant salvar Saori.

— Como assim? — resmungou Ulisses, finalmente saindo de seu estado de choque — Você não vai a lugar nenhum! Muito menos com ela!

Sentindo uma raiva dominá-la novamente, encarou os olhos negros de Ulisses e levantou a cabeça. Por mais que gostasse de Ulisses, era a segunda vez que ele não ouvia a verdade. Há poucos minutos atrás, ele se arrependera de ter desconfiado dela e pedira perdão. Mas, se ele preferia daquela forma, deixaria como estava. Não iria mais sofrer por alguém como ele.

— Eu vou para onde eu quiser! — Ário disse, se aproximando do homem — Ulisses, eu não sou seu filho e muito menos seu irmão! Eu agradeço tudo o que fez por mim.. — ele disse, dando um sorriso para o homem — Mas a única pessoa aqui, que eu posso considerar como sendo minha irmã, é a Celebriant. E eu vou com ela, você querendo ou não!

— Mas isso é ridículo, Ário! Como você pode viver com a assassina de seu irmão? — falou Petry.

— É por não saber perdoar ou compreender que você trará problemas maiores do que simplesmente a expulsão de Celebriant dessa Base! — ele exclamou, nervoso — Eu não

quero mais ouvir nada de vocês. Celebriant – ele encarou-a, com preocupação – Saori.

Acenou e virou-se, sendo acompanhada por Ário e Vandreisen, que silenciosamente juntou-se a eles.

— **Você nunca mais pisará aqui, Devoy!** – gritou Petry, desesperada, ao ver que os três saíam – **Eu farei o possível para isso!**

Sentindo um peso enorme se dissipar, ao ver que Ário dera uma risada com o que a mulher falara, começaram a correr para a casa de Aaminah. Precisavam ser rápidos. Enquanto corriam, porém, Celebriant não pôde deixar de sentir a culpa lhe percorrer e encarou Ário, preocupada.

— Ário, como você soube sobre Saori?

— Eu senti. – ele disse simplesmente, enquanto eles continuavam correndo para a casa de Aaminah – Senti algo ruim relacionado a ela e corri atrás de você... E te achei com eles.

— Eu... Você tem certeza de que quer ir junto?

Ele parou de correr e Celebriant se deteve também, pouco mais de um metro dele. Vandreisen parou do lado dos dois, preocupado.

— Eu sou o Escolhido, Celebriant. – ele sorriu amargamente, mas continuou – Aquele que tem um futuro traçado e um destino imposto. Eu sei que devo segui-lo e não vou

fugir dele... Mas, nesse momento, meu desejo é salvar Saori e ficar perto de você, como eu imagino que meu irmão gostaria. Não posso mais me esconder. – ele disse misteriosamente e a alcançou – Agora o mundo deve saber que o Escolhido está vivo. Mas, antes, devemos salvar Saori.

O peso das palavras do menino foram tão fortes que ela se sentiu uma idiota. Ele parecia ciente de tudo o que queria e deveria fazer, mesmo sendo tão jovem. Respirando fundo e dando um sorriso, ela assentiu.

— Vandreisen... – encarou o homem, que estava ao lado dela – Você virá conosco?

— *Nom* sei. Mas levo vocês até a saída *parra* o país de Selene.

— Então, vamos salvar Saori! – Ário disse, empolgado, correndo com ela para a casa de Aaminah.

Aaminah estava aguardando na frente da casa, parecendo completamente ansiosa. Assim que os viu correndo, abriu a porta e Ário entrou, mas ela fez com que Vandreisen e Celebriant aguardassem com um gesto.

— Jean, vá chamar Meehiel e Aahbran e os dois me encontrem aqui imediatamente.

— Eu devo me *arrumarr parra irr* junto, Aaminah?

— Sim, Jean. Vai acompanhá-los até a saída Sul.

O homem acenou e saiu correndo pelos corredores de pedra e Aaminah encarou-a estranhamente.

— Entre, precisamos ser rápidos.

Celebriant entrou na casa de Aaminah e ela fechou a porta e as cortinas. Ário estava sentado no sofá e encarou as duas com um pouco de receio, assim que Celebriant se sentou ao lado dele.

— O que aconteceu? – perguntou ela, quando se sentou de frente para os dois.

— Saori me avisou que foram atacados, e que ela está precisando de ajuda.

— Sim, eu recebi ao mesmo tempo um aviso de Seanna, que havia perdido Saori. – Aaminah falou, parecendo muito preocupada.

— E a Zandra gritou para a Base inteira que a Celebriant matou o Erik! – contou Ário, parecendo irritado – Por isso mesmo que meu irmão não falava nada sério para ela!

— Não julgue, Ário. Ela está sofrendo. – falou Aaminah, pensativa – Bom, eu temia que isso aconteceria um dia, mas nunca imaginei que fosse tão próximo.

— Que descobrissem que eu... – Celebriant começou, mas não pode continuar.

— Não exatamente. – ela suspirou – Ninguém que realmente sabia sua identidade contou a Zandra sobre a morte de Erik, eu tenho certeza, pois eu não contei essa parte aos Anciões. Achei meio insensato contar, e isso só faria com que eles tivessem mais medo de

você. Além de mim e Aahbran, Jean e Phoebe, ninguém mais sabia sobre a morte de Erik. Como tenho plena confiança neles, isso nos leva a pergunta: quem contou a ela? – Aaminah se levantou, ainda pensativa, e se aproximou de uma bela pintura que cobria uma das paredes de sua sala.

Antes que ela pudesse perguntar para a mulher quem ela achava que poderia ser a pessoa que contou, Aaminah ergueu as mãos sobre a pintura, que havia reparado de passagem: uma estrela brilhante e lilás, pulsante, o símbolo da *Intueri*.

Assim que suas mãos se levantaram a certa altura, alguma coisa na pintura começou a se mover para fora, como se houvesse algo mais. E então um pedaço de papel fino e com uns trinta centímetros saiu, levitando suavemente. Aaminah segurou aquilo com reverência e voltou-se para os dois, que a encaravam atônitos.

— Nossa, que legal! – Ário falou, admirado.

— O que é isso? – perguntou, já imaginando o que era.

— Isso, Celebriant, é a parte do Manuscrito que está comigo há muitos anos. Depois de hoje, eu tenho certeza de que ele não pode mais ficar nessa Base. Ário, Celebriant – ela se aproximou e se ajoelhou na frente deles – Eu imploro que cuidem do Manuscrito Milenar e que ele possa ser um guia para vocês. A partir de hoje, vocês serão os Protetores dele e de tudo o que nele está escrito.

Os dois ficaram em silêncio, encarando a mulher, chocados.

— Como assim? – perguntou Celebriant.

— Está nos pedindo para ficar com o Manuscrito? – Ário parecia tão assombrado quanto ela – Isso é impossível!

— Sim, é possível Ário. – a anciã balançou a cabeça em afirmação – Você é o Escolhido e sabe de tudo o que eu sei. Lembra-se quando contei a respeito de seus acessórios? Celebriant é uma acessora. Não tenho certeza de quem é o outro acessor, mas terão que descobrir. Esse Manuscrito ainda não foi completamente decifrado e eu tenho alguma ideia de como fazê-lo, mas agora não posso mais segurá-lo. – ela olhou para Celebriant, mas não parecia vê-la – Essa Base não é mais segura. Nesse momento, eu tive a certeza... O importante é: vocês vão levar essa parte do Manuscrito com vocês em sua viagem. – ela suspirou, nervosa, voltando a olhá-los – Eu sabia que isso iria acontecer e estava esperando o momento certo. Por favor, Celebriant, pegue-o e esconda-o em suas vestes. Phoebe está trazendo suas mochilas com mantimentos e medicações importantes, já a avisei para nos encontrar aqui também.

Celebriant encarou o Manuscrito e respirou fundo. Aquilo era algo muito importante para todos os Rebeldes e fora aquilo que causara toda a perseguição contra os *Intueris*. Sentiu o peso daquela responsabilidade corroê-la, mas sabia que aquilo era o certo a se

fazer.

— Mas... Aaminah? – chamou-a, incerta, enquanto a mulher a encarava – E quanto às outras duas partes?

— Eu tenho uma ideia de onde uma está... – ela disse, aproximando-se dos dois e falando quase num sussurro – Acredito que o Imperador dos Ocultos possua uma das partes.

— O Imperador? – Celebriant perguntou, cética – O que ele faria com algo tão... Tão inútil aos olhos deles?

— Lembra-se que eu contei sobre como a guerra cessou de repente? Como logo depois a perseguição do Escolhido começou? Eu tenho quase certeza que, naquela época, eles conseguiram pegar uma parte do manuscrito... E por isso querem tanto destruir o Escolhido. Querem tanto nos encontrar. Eles sabem que uma parte do Manuscrito está conosco em algum lugar, ou pelo menos, eles sabiam há muitos anos. Agora, talvez, eles apenas sigam essa luta sem pensar naquilo que lhes foi passado. Se realmente souberem, precisam encontrar isso para ter tudo em suas mãos. Somente assim podem deixar a população completamente alienada... – ela respirou fundo – O Escolhido vem para equilibrar o mundo e esse equilíbrio não é benéfico aos olhos deles. Nesse momento, Celebriant, os Ocultos não sabem que Ário está vivo.

— Eles não sabem?

— Não... Ário poderá contar essa história algum dia, mas hoje não temos tempo. Vocês dois vão cuidar desse Manuscrito. Esconda-o nas vestes, Celebriant. – a mulher falou e ela o escondeu dentro do casaco de pele – Serão responsáveis por ele agora, e tentem decifrar... Deixei algumas instruções.

— Mas porque você não pode cuidar dele fora daqui, Aaminah? – perguntou Ário sabiamente, parecendo perdido.

— Eu não sei até quando poderei ser uma boa guardiã. – ela falou simplesmente, olhando para a porta com um suspiro de alívio – Ah, finalmente eles chegaram! – a anciã exclamou ao ver a porta se abrir e por ela entrarem Meehiel, Aahbran, Vandreisen e Phoebe – Entrem e fechem a porta.

— O que está acontecendo, Aaminah? A Base está movimentada e Jean não quis explicar o que está acontecendo! – Aahbran perguntou, não parecendo feliz pela situação.

— Agora que estamos todos aqui, podemos conversar, Aahbran. – ela respirou fundo enquanto todos sentavam pela sala, com os olhos atentos nela – Alguém contou a Zandra sobre Celebriant ter matado Erik. Foi algum de vocês que contou isso à Zandra?

Todos negaram no mesmo instante e Aaminah olhou para o irmão, preocupada.

— O que está insinuando, minha irmã?

— Há um espião aqui dentro, Aahbran.

— Um espião? – ele parecia completamente incrédulo – De onde tirou essa ideia?

— Você não percebeu ainda? – ela deu um pequeno sorriso e levantou-se, encarando a todos com um ar sombrio – Nunca alguém havia encontrado essa Base, a não ser que tivesse acesso ao mapa completo. Seu *Bloqueio* é exemplar, meu irmão.

— Mas eu consegui... – Celebriant falou – Como consegui achar a Base?

— Você teve acesso a visão além do meu *Bloqueio*. – falou Aahbran, encarando-a – Terêncio lhe mostrou todo o mapa da Base sem o poder, portanto, você pôde ver além. Qualquer outra pessoa que se aproxime e não faz ideia do que tem aqui, não consegue enxergar...

— Assim como eu consigo ver Aahbran exatamente como ele é, se eu realmente quiser ver. – Aaminah disse e voltou os olhos para o irmão – Aahbran, há pouco tempo um Oculto conseguiu atravessar as barreiras do seu poder, e não conseguimos descobrir como ele fez isso, pois ele conseguiu se matar antes que descobrissemos. E agora, Zandra sabe de toda a vida de Celebriant, sem que nenhum de nós tenha contado!

— Mas como esse espião entrou, Aaminah?

— Não tenho ideia, mas, nesse momento, Saori está precisando da ajuda da irmã. O grupo de Seanna foi atacado por Ocultos na divisa dos estados Jaker e Egort. Seanna conseguiu escapar, mas parece que Saori se perdeu do grupo e continua sendo perseguida. –

ela virou-se para Phoebe, que entregou as mochilas na mão de Celebriant – Muito obrigada pela sua ajuda, Phoebe.

— Salvem Saori. – a ruiva disse simplesmente, abraçando os dois. – Os cavalos estão preparados.

— Meehiel... – a anciã murmurou, encarando o homem.

— Vou junto com eles e farei o possível para ajudá-los. – ele levantou-se, dando um sorriso – Depois seguirei para a Base Guerreira.

— Muito bem. – ela deu um sorriso e encarou Jean – Vá com eles até a saída Sul e leve-os pelo caminho entre as montanhas. Espero você novamente aqui, Jean. Temos um espião para encontrar.

— *Estarrei aqui o mais rápido que puderr.*

— Temos que ir. – falou Celebriant, sentindo seu coração se apertar ao pensar na irmã.

Meehiel e Vandreisen abriram a porta, e Celebriant e Ário os seguiram. Aaminah e Aahbran os acompanharam, enquanto sentia-se cada vez mais incomodada. Havia algo errado e não era referente à Saori. A Base estava emitindo uma energia estranha, e assim que se aproximaram do centro da Base, na clareira, Celebriant compreendeu o motivo.

Toda a Base estava ali, emanando uma energia furiosa. Ao ver que eles se

aproximavam, todos silenciaram, encarando-os com ódio. Sabendo exatamente para quem era aquela linda recepção, Celebriant pôs-se à frente do grupo, fazendo com que toda a comitiva parasasse.

— Aí está ela! – grunhiu Petry, tomando a frente de todos os presentes.

— O que significa isso, Zandra? – perguntou Aaminah, aproximando-se de Celebriant e claramente indignada.

— Significa que não vamos mais aceitar suas opiniões, Aaminah! Essa Oculta matou Erik Otto, e quem sabe quantos mais? Não a queremos aqui!

Uma onda de urros e gritos de aprovação passou pela multidão, que parecia muito enfurecida.

— Eu estou indo embora! – gritou, fazendo com que todos se calassem – Estou deixando essa Base e não pretendo voltar.

— Finalmente percebeu seu lugar, Oculta? – desdenhou Petry, desdenhosa.

— Vamos. – falou, simplesmente, ignorando a mulher e voltando a caminhar em direção a saída Sul.

— Não volte mais! – Petry gritou, irritada, ao ver que Celebriant simplesmente a ignorara.

As outras pessoas começaram a gritar insultos e a chamá-la de assassina enquanto

passava. Imediatamente Vandreisen, Meehiel e Ário se colocaram em volta dela, para protegê-la, e Aaminah e Aahbran ficaram para trás, acalmando o ânimo dos presentes. Assim que conseguiram sair da multidão, Celebriant respirou fundo. Esperava que aquilo acontecesse. Não pretendia mesmo voltar para a Base, mas a onda de ódio que recebera a deixou abalada. Mesmo não tendo visto o rosto de Ulisses ali no meio, sabia que Petry já o envenenara contra ela, e decidiu que não iria mais se importar. Já havia mostrado e exposto toda sua vida para ele, agora não poderia mais fazer nada.

Rapidamente chegaram até a saída Sul, onde os cavalos preparados por Phoebe estavam esperando inquietos. Em silêncio, os quatro começaram sua jornada.

A saída Sul era diferente de todas as que Celebriant havia visto. Pouco iluminada, dava para um túnel dentro da montanha e, pelo que Vandreisen dissera, terminava perto da divisa entre os países Jaker e Ígalo.

- Foi por esse caminho que Seanna e Saori seguiram. – falou Meehiel, ao ver o espanto dela – Irei com vocês dois até certo ponto. Depois disso vou para a Base Guerreira.
- Obrigada, Meehiel. – falou Celebriant, lançando um sorriso para o homem.
- Sempre que precisar. – disse ele, fazendo seu cavalo diminuir o passo e ficar para trás.

O primeiro dia de trajeto passou silencioso. Vandreisen ia à frente do grupo, guiando-o pelos caminhos tortuosos enquanto Celebriant e Ário eram escoltados por Meehiel, que ficou para trás como proteção. Mesmo não tendo noção de quanto tempo se passara, por estarem dentro da montanha, sabia que já estava muito tarde, pois Ário não conseguia mais se manter em pé no cavalo.

Depois de encontrarem um espaço um pouco mais largo e acenderem uma fogueira com algumas toras deixadas ali e se alimentarem, Ário deitou-se no colchonete e dormiu instantaneamente. Vandreisen se ofereceu para vigiar no primeiro turno e Meehiel também se deitou, adormecendo. Mesmo sentindo o cansaço por todo o estresse que passara, Celebriant não sentia um pinga de sono. Sua cabeça maquinava furiosamente, passando e repassando planos para resgatar Saori.

Assim que saíram da Base, Celebriant contatou a irmã. Ela ainda estava escondida e fugindo, mas avisou que seus perseguidores pareciam saber exatamente onde ela estava, o que a fez pensar que não eram simplesmente Ocultos caçando um Rebelde, mas alguém que sabia exatamente quem Saori era. Sua irmã ainda disse que sua *Intueri* a ajudava a escapar no último instante, e que, por enquanto estava a salvo. Mesmo sabendo que a irmã a avisaria, caso tivesse que se esconder em outro lugar, de hora em hora Celebriant sintonizava com ela para ter a certeza de que ainda estava viva.

Olhou para a fogueira, que diminuía suas chamas graças ao vento frio que passava no túnel, e levantou-se para atizar o fogo e não deixá-lo apagar. Pegou um pedaço de pedra pontiaguda e comprida que viu Meehiel manuseando antes no fogo, e começou a mexer nas brasas.

— Ainda *acorrhada*?

Celebriant pulou com o susto. Vandreisen estava sentado a alguns metros dela, escondido pela sombra de uma pedra, e parecia estudá-la avidamente. Um pouco incomodada, voltou seus olhos para a fogueira e continuou a mexer nas brasas.

— Estou sem sono. — resmungou.

— *Deverria descansarr*. Amanhã mesmo *irremos alcançarr* a saída do túnel.

— Como disse, estou sem sono. — falou com rispidez, aproximando-se dele.

Apoiou suas costas na parede, sentando ao lado de Vandreisen. Não gostava muito daquela proximidade, mas se ficasse mais longe poderia acordar os outros. Respirou fundo, fechando os olhos. Mesmo sem sono, estava completamente preocupada com sua irmã, sem saber exatamente quanto tempo ela aguentaria.

— Está *prreocupada*?

— Claro. — respondeu, suspirando — Eu não sei o que faria sem a minha irmã.

Ele pareceu pensar um pouco, e então perguntou:

— Vocês são bem *próximas*, *nom*?

— Sim. Sempre fomos. – disse, dando um sorriso.

O homem não falou nada, apenas a encarou estranhamente. Mesmo ele querendo esconder, sentiu algo como... Bem, não sabia explicar. Lembrava-se de como ele a encarara da mesma forma na primeira vez que a vira e não compreendeu. Parecendo perceber o que ela estava notando, ele balançou a cabeça e suspirou, fazendo com que seus pensamentos se dissipassem. Celebriant pensou, então, por alguns momentos, em tudo o que passou desde que chegou à Base e sentiu-se um pouco estranha. Apesar de ser um arrogante e antipático, completamente diferente de Ulisses, aquele homem na sua frente havia salvado sua vida, depois quase morreu pela explosão do seu *Kassan* – e, mesmo assim, foi com ela resgatar sua irmã – e agora ele viera com eles pelo túnel, mesmo sabendo que havia um espião na Base e que precisavam de todo o apoio lá. Nunca havia agradecido por tudo aquilo, mesmo sabendo que ele não gostara dela quando se conheceram e, naquele momento, sentiu que deveria fazê-lo.

— Eu... – começou, sem saber exatamente o que dizer – Obrigada, Vandreisen.

— *Obrrigado*? – ele pareceu estranhar e encostou-se à pedra atrás dele, se escondendo ainda mais nas sombras – *Porr* quê?

— Bem... Você salvou minha vida. – começou, encarando a fogueira, completamente

sem jeito – E depois, me ajudou com minha irmã, mesmo depois de eu quase matá-lo. – pensou um pouco, tentando achar uma palavra que combinasse com seus sentimentos – Acho que é meu dever ao menos agradecer.

O silêncio dele aturdiu-a mais do que achava possível. Não esperava que o homem compreendesse tudo sobre ela, mas, naquele momento, abria seu coração e agradecia sinceramente por toda a ajuda que ele prestara. Mesmo assim, o silêncio continuava e sentiu-se perdida. Por um momento, a imagem de Ulisses lhe pedindo para não ser salva por mais ninguém veio em sua mente e a deixou desconcertada. Por que pensar nele agora? Naquele momento, ele provavelmente estava nos braços de Petry, achando que expulsá-la da Base foi a melhor coisa a se fazer. Mesmo sabendo disso, ainda sentia um aperto toda vez que se lembrava dele. E naquele momento percebeu que só lembrou-se do homem porque minutos antes de Petry revelar quem matou Erik Otto a todos da Base, inclusive Ulisses, ele havia tentado se desculpar com ela. O que a fizera se sentir muito mal. Olhou para onde estava Vandreisen e percebeu que ele a encarava novamente, mas o sentimento de ódio estava tão grande que ela se assustou.

— *A senhorita nom* deve nada *parra* mim. – ele falou, ainda escondido, mas com um tom arrogante.

— Não, eu não devo. – grunhiu, começando a se irritar – Mas eu achei que deveria

agradecer.

— *Agrrradecimento* aceito. – ele disse secamente.

Sabendo que não conseguiria aguentar mais muito tempo com aquele idiota sem machucá-lo seriamente, respirou fundo e encarou-o, tentando mostrar o quanto ela se incomodava com aquela situação.

— Por que está sendo tão... Por que sente tanta raiva de mim?

— *Raiva?* – ele comentou, aproximando-se da luz – *Nom* sei do que está falando.

— Porque... – começou, mas parou no meio do caminho ao perceber que ele estava sendo cínico – Esquece! Eu vou dormir que eu ganho mais do que ficar discutindo com você!

— Boa noite, *senhorrita*. – ele resmungou, voltando a encostar-se à parede e se escondendo.

Aquele Vandreisen era um grande estúpido e arrogante mesmo! Não era à toa que todos sabiam o quão antipático ele era! Sentindo uma fúria muito grande invadi-la, simplesmente virou de costas e foi para seu colchonete. Não deveria ter agradecido a alguém que não se importava com os outros. Não entendia porque ele havia a salvado, afinal, mas de qualquer forma fizera sua parte. A partir daquele momento não devia mais nada para aquele grosso e antipático.

No dia seguinte, depois de mais algumas horas cavalgando, Celebriant viu uma abertura na parede da montanha. O vento que entrava por ali era muito forte e gelado, e ela apertou ainda mais o casaco de pele que usava no corpo. Assim que chegaram à abertura, Vandreisen parou e encarou-os.

— Tem um caminho *estrito* que leva *dirretamente* a uma pequena vila de *Jakerr*.

— Certo. Depois disso temos que achar a Saori. – falou Ário, olhando para Celebriant com determinação.

— A partir dali acharemos nosso caminho. – murmurou Meehiel, apertando a mão de Vandreisen com firmeza – Obrigado por nos acompanhar.

— Sem *prroblemas*.

Celebriant não sabia bem como agir naquele momento e apenas acenou para o homem em agradecimento, mas ele simplesmente fingiu que não a viu e voltou pelo mesmo caminho, sem dizer nenhuma palavra além. Sentindo-se estúpida, virou o cavalo para a saída e encarou Ário e Meehiel.

— Vamos. Saori está para aquele lado.

Os três desceram o caminho íngreme e estreito ao lado da montanha, vagarosamente, tomando todo o cuidado para não cair. Apesar de estar muito frio, eles ainda conseguiam

ver que havia um vilarejo iluminado logo abaixo deles, e era provavelmente onde deveriam ir.

Algumas horas depois, o vento finalmente diminuiu e a neve já não cobria todo o lugar. O sol começara a aparecer ao longe e um ar morno e abafado já começava a alcançá-los. Celebriant tirou seu casaco, sentindo o calor percorrê-la com alegria. Percebeu que os outros fizeram o mesmo, e então pôde ver a visão de montanha acima. O estado de Jaker, como ela estudara na escola, ficava no país Selene, considerado o mais quente de todo o mundo. Por ficar entre o vale das duas montanhas, os ventos que passavam por ali afetavam as cidades tão severamente quanto nos outros países, mas as terras eram mais férteis e produtivas. Quase toda a produção era vendida para os outros estados e seus governantes não precisavam se preocupar com questões financeiras. Mas o que ela via abaixo dela não parecia ser exatamente um local próspero.

Havia muitas árvores, pomares e terras para plantio, repletos de cultivos. Apesar de ver algumas depressões e cânions pela extensão, o local era todo muito mais verde do que seu país. As pequenas casas de madeira preenchiam o restante da pequena vila ao lado das Montanhas Azuis, e as pessoas trabalhavam. Apesar de tudo, podia ver a pobreza em cada um ali, e um sentimento de raiva a preencheu.

— Não fique com raiva por eles, Celebriant. — falou Meehiel, percebendo no que

ela estava pensando – Eles estão assim porque querem. Já oferecemos milhares de vezes a nossa ajuda, mas eles não acham que estão sendo explorados. Nós não iremos parar nessa vila, pois não somos bem-vindos. Nossa parada é mais à frente, na Vila de Ester, onde os Rebeldes são aliados.

— Mas eles não percebem que estão sendo explorados? – perguntou Ário, um pouco perplexo.

— Eles não conhecem outra forma de viver, Ário. Para eles, é assim que todos vivem, por isso não devem se rebelar. Essa vila é um bom exemplo do que encontraremos daqui para frente. São todos bem controlados pelo governo. Se algum deles perceber quem somos, seremos entregues sem piedade.

Olhou para sua camiseta de manga comprida e suspirou. Estava sentindo cada vez mais calor, mas não podia correr o risco de ser reconhecida. Seus cabelos estavam bem presos debaixo de uma touca de pele, fazendo-a parecer um menino em cima do cavalo.

— Não se preocupe, Celebriant! – falou Ário do seu lado, ao ver que ela se escondia sob suas roupas – Ninguém irá reconhecer você.

— Eu espero que não. – resmungou, baixinho.

Celebriant olhou mais uma vez para aquelas pessoas abaixo dela, sentindo algo como tristeza. Saber que o Governo explorava essas pessoas não era novidade, mas ver isso

com seus próprios olhos a fez sentir certeza de que estava no caminho certo. Se era para salvar essas e outras pessoas exploradas, mesmo que elas não concordassem com isso, iria até o fim com os Rebeldes.

Estava anoitecendo quando eles chegaram a Vila de Ester e Meehiel logo conseguiu um lugar onde pudessem passar a noite e descansar. Celebriant estava se sentindo exausta. Quase não dormira na noite anterior e estava tão preocupada com Saori que não conseguira dormir mais do que três horas. Assim que chegaram ao quarto, Meehiel pediu que aguardassem, pois iria buscar comida, e deitou-se na cama.

Foi quando sentiu um formigamento em sua cabeça, e teve a certeza de que algo estava errado. Concentrou-se nele e viu sua irmã.

— **Saori!** – gritou, assim que a visão desapareceu.

— O que houve? – perguntou Ário, ao vê-la pegar todas as coisas e juntá-las rapidamente.

— Eles vão encontrá-la! Vá chamar Meehiel e me encontrem nos estábulos! Eu arreio os cavalos!

— Certo! – falou o menino, correndo pela porta com Celebriant atrás.

Saori estava se sentindo imunda e incomodada. Apesar de estar conseguindo se

esconder de seus algozes, alguma coisa estava muito errada. Tudo aquilo estava tão estressante que ela não pôde parar um segundo para compreender o que estava acontecendo, mas naquele momento sentia-se apta apesar da exaustão.

Assim que alcançaram uma vila maior, perto do que eles chamavam de Ruínas, percebeu que todos os tecnólogos relaxaram e começaram a se sentir melhor. Pelo que Seanna lhe contara, ali era uma das Vilas Amigas, um lugar em que eles poderiam confiar sem perigo nenhum. Foram alojados numa pequena estalagem e Seanna ficou com ela no mesmo quarto, enquanto os outros tecnólogos dormiram em quartos próximos. A noite estava tranquila, quando sentiu alguém a balançando furiosamente.

— Rápido Saori! Se vista! — murmurou Seanna, desesperadamente.

Com seu poder de *Speede*, rapidamente se vestiu e juntou tudo o que podia com Seanna, que também usava seu *Speede*. Os outros tecnólogos rapidamente apareceram e se juntaram a eles, numa corrida desabalada para fora da cidade, cada um pegando seus mantimentos e cavalos o mais rápido possível. No momento em que estavam conseguindo se afastar da cidade, Saori sentiu a aproximação. Não eram simplesmente moradores ou qualquer tipo de pessoas. Aqueles que estavam ali sabiam exatamente quem eles eram, pois o ataque foi preciso.

No momento em que percebeu o ataque, Seanna segurou Saori pelas vestes e a

empurrou do cavalo, fazendo-a cair no chão, assustada.

— Fuja! Rápido! — ela jogou uma bolsa de mantimentos para a menina e voltou-se para os atacantes, sem nem olhar para trás.

Mesmo confusa com tudo aquilo, Saori correu o máximo que podia, e quando achou que estava segura, parou um pouco para tomar água e descansar. Foi quando sua *Intueri* começou a funcionar e lhe mostrou que havia alguém a seguindo muito rapidamente, como se soubesse exatamente onde ela estava. E então começou a fugir e se esconder, em uma brincadeira macabra de esconde-esconde.

Até então não compreendera como aquelas pessoas sabiam exatamente como encontrá-la, mas sua *Intueri* sempre a avisava com antecedência, então não estava tão preocupada. O único problema era se eles conseguissem capturá-la. Mesmo sabendo que poderiam ser apenas caçadores de recompensas ou ladrões, não podia deixar que todas as informações em sua mente dessem a chance para as pessoas saberem que Celebriant estava viva, de saberem onde era a Base Rebelde e, principalmente, confirmar que existia um Escolhido vivo.

Não compreendera muito bem a história do menino e como todos achavam que não existia um Escolhido vivo nessa época, mas imaginou que ele estava tão bem escondido entre os Rebeldes que ninguém nunca tivera acesso a isso. Naquele momento, precisava,

antes de se salvar, salvar todos os que poderia denunciar, caso seu cunhado usasse seu *Imperi* nela. Ele jamais deixaria de buscar Celebriant se não tivesse ouvido um veredicto de César de que ela estava morta. Sabia o quanto ele a odiava e não podia deixar que aquilo interferisse no destino de Ário e sua irmã.

Alguém se aproximava dela sorrateiramente. Apesar de sentir que seus algozes estavam mais afastados, havia alguém ali, escondido. Quando se levantou para fugir novamente, percebeu que a pessoa se revelara e se chocou com quem via. Estava mais velha, diferente de quando a via na sua casa, há muitos anos atrás.

— Pare de fugir, priminha.

— Ceres. — grunhiu, preparando-se para lutar.

A prima foi rápida e usou seu poder de *Bloqueio*, tentando prendê-la. Saori sentiu aquela vibração, a forma como o poder se mantinha, e sabia que aquilo seria importante para ela. Antes que Ceres percebesse, Saori sugava o poder dela, fazendo-a enfraquecer e cair no chão. Quando ela finalmente se recuperou, Saori estava bem longe dela, correndo desesperada.

Tentando raciocionar, lembrou-se de como Celebriant foi bloqueada na Base e teve uma idéia. O plano se formou antes que pudesse pensar melhor, mas teria que ser daquela forma. Não sabia se daria certo, ou se teria como retornar ao normal depois, mas faria o

possível para que tudo fosse milimetricamente planejado. Aprendera várias coisas na Base Rebelde sem que ninguém soubesse, e aquilo seria seu trunfo se algo acontecesse. Pois sabia que, mesmo tentando ao máximo, não conseguiria fugir para sempre.

Foi então que os outros perseguidores a encontraram. Eram três homens e um deles ela reconheceu como sendo um dos Ocultos de Lander. Sentindo uma urgência invadi-la, correu muito rápido, mas um deles também tinha o *Speede* e fez o mesmo que ela, emparelhando em centímetros em sua corrida. Não fazia ideia de como faria seu plano, mas, em primeiro lugar, precisava desaparecer.

Concentrou-se no poder de *Bloqueio* e conseguiu reproduzi-lo, apesar de ser muito mais fraco do que o da prima. Então, criou uma bolha em volta de si, sumindo parcialmente na escuridão. Sentiu que sua irmã tentava falar com ela, mas não podia se desconcentrar naquele momento. Algo como “*estamos próximos*” chegou à sua mente, e teve a certeza de que a irmã estava a caminho.

Sentindo um pânico sem sentido a dominá-la, parou um pouco, enquanto olhava em volta. Havia despistado seus seguidores, mas seria por pouco tempo. Eles deveriam ter um *Seeper* entre eles, e, como este tem o poder de rastrear pelo sangue, mesmo com sua bolha não podia impedir que eles a encontrassem. E então o plano se montou em sua mente, e sabia exatamente o que deveria fazer. Conectou-se com sua irmã e sentiu seu desespero.

“Saori! Onde você está?”.

“Eles estão muito próximos de mim, Celi! Eu juro que eu tentei, mas se eu não fizer nada, eles vão me capturar!”.

“Eu estou chegando. – ela grunhiu”.

“Celi... Eu estou desaparecendo”.

E então, se desconectou da irmã, tirou o colar do pescoço e o jogou no chão. Viu alguém se aproximando e, em segundos, pôs seu plano em prática, e então tudo desapareceu.

— **Saori!** – Celebriant gritou, no momento em que sua irmã desconectou sua *Intueri* dela.

— O que houve? – Ário perguntou, desesperado ao ver a feição de Celebriant.

Sem explicações, pôs seu cavalo para correr. Sua irmã estava muito próxima e não conseguia mais encontrá-la. Ela disse algo como desaparecer, mas não conseguira compreender seu significado. Até que ela simplesmente desapareceu. Não queria pensar no pior, mas era como se ela... Como se ela estivesse morta.

Meehiel era muito mais hábil do que Celebriant no cavalo e foi à frente, com suas instruções. Mesmo sentindo seu peito se apertar ao pensar em qualquer possibilidade, não iria aceitar que sua irmã estivesse morta até que visse seu corpo. E se ela realmente

morrera, quem iria enterrá-la deveria ser ela e não seus perseguidores.

Assim que chegou ao local onde Saori deveria estar, Celebriant tentou novamente se conectar com a irmã, sem sucesso, e sentiu suas pernas tremerem. O colar com o pequeno cristal, que Aaminah havia dado a elas, estava caído no chão, perto da árvore onde a irmã deveria estar.

— Ela não está aqui! – falou Ário, desesperado ao olhar em volta.

— Tem alguém vindo. – falou Meehiel, puxando-os – Vamos nos esconder atrás daquelas árvores até que eles desapareçam.

Enquanto Meehiel ficou de guarda, esperando quem quer que fosse desaparecer, Celebriant sentou-se no chão e pôs a cabeça entre as pernas, sentindo-se morta por dentro. Sua irmã não estava ali, mas a última vez que se sintonizaram, era naquele lugar que ela estava, sentada no chão e sabendo que seus algozes se aproximavam. Se eles houvessem tentado capturá-la ou tido sucesso em seu plano, saberia disso, pois mesmo inconsciente, Celebriant conseguia sintonizá-la e saber onde estava. Olhou para o colar, tentando decifrar se aquilo era um sinal deixado por Saori, de que ela estava viva. Porém, ela também não compreendia se o colar havia sido arrancado da menina ou se ela própria havia feito aquilo. Contudo, naquele momento, não conseguia sentir a menor vibração da menina em qualquer lugar onde procurasse. Como aquilo era possível?

— Eles foram embora. – ouviu Meehiel falar, descendo do cavalo e parando do lado dela – Pelo jeito eram aqueles três que perseguiam sua irmã, e eles também não a encontraram. Onde ela está?

Os dois ficaram em silêncio, parecendo esperar respostas, mas ela continuava com a cabeça entre as pernas, sem conseguir abrir a boca.

— Celebriant, nos conte o que está acontecendo. – pediu Ário gentilmente, levantando a cabeça dela.

Mesmo sentindo um peso na garganta, contou exatamente tudo que acontecera desde que saíram da Vila de Ester e percorreram aquela distância em menos de duas horas. Sentindo que começaria a chorar se colocasse seus sentimentos para fora, apenas explicou o que aconteceu, deixando os dois perdidos.

— Como ela fez isso? – perguntou Ário, perplexo – Quer dizer... Foi ela quem fez, certo?

— Eu não sei... Ela somente disse que estava desaparecendo, e foi isso que aconteceu!

— Eu nunca ouvi falar em alguém simplesmente desaparecer sem deixar rastros. – resmungou Meehiel, confuso.

— Temos que procurá-la! – falou Ário para Celebriant com determinação.

— E por onde começamos? – resmungou, sentindo um peso nas costas.

— Acredito que agora devemos ir imediatamente para a Base Tecnológica. – falou Meehiel, olhando para o céu e suspirando – Estamos próximos, e lá poderemos encontrar equipamentos e pessoas capazes de rastreá-la.

— Não, Meehiel. – balançou a cabeça, preocupada – Você disse que precisava ir para sua Base.

— Não seja boba, Celebriant. – ele disse, segurando a mão dela e puxando-a para cima. – Eu tenho alguém na minha Base que cuida de lá enquanto eu estou fora. Mesmo eu querendo voltar, nesse momento sua irmã é mais importante! Agora vamos!

Sem conseguir resistir à determinação dos dois, Celebriant montou em seu cavalo e sentiu seu peito arder. Sua irmã estava em algum lugar e iria encontrá-la, viva ou morta.

Capítulo 18 – O início do plano

Nicholas estava sentado no escritório de seu pai, revendo alguns documentos que ele lhe passara, quando um criado do Imperador pediu que ele o acompanhasse. Sentindo um arrepio percorrer-lhe a nuca, o acompanhou pelos corredores.

Havia um mês que o Imperador estava com uma doença muito estranha. Ele não chegou a comentar nada demais com Nicholas, provavelmente porque não queria preocupá-lo, mas tinha certeza de que havia alguma coisa muito errada. Algumas semanas depois de começar a adoecer, o Imperador mudou-se para sua casa por tempo indeterminado, o que fez Nicholas passar seu escritório para o homem. Aos poucos, todos os pertences do Imperador dos Ocultos estavam em sua casa, e ele parecia que ficaria ali até melhorar. Ia a todas as reuniões, mesmo estando fraco e debilitado, e insistia em dizer que aquilo era passageiro. Nenhum médico conseguiu descobrir o que se passava e o *Curare* de confiança do Imperador não encontrara nada que pudesse explicar o acontecimento.

Assim que entrou na sala, porém, sentiu seu corpo tremer de forma inexplicável. O Imperador, antes imponente e forte, estava pálido e com olheiras, evidenciando seu estado avançado de doença. O homem pediu que Nicholas se aproximasse e sentou-se na cadeira

em frente à mesa.

— Que bom que veio, Nicholas.

— O senhor está bem, Imperador? – perguntou, sem saber exatamente o que fazer.

— Estou sim, meu sucessor. Eu só precisava... Conversar um pouco com você. – ele fez um sinal para o criado, que ainda aguardava ao lado de Nicholas – Feche a porta e não deixe que ninguém nos incomode.

— Sim, Imperador.

Depois que o criado saiu, o Imperador ficou alguns minutos em silêncio, parecendo pensar no quealaria para seu sucessor, e então se levantou. Sem saber o que fazer, Nicholas viu o homem pegar uma escada usada para alcançar livros mais altos das prateleiras e começou a subir.

— Senhor, o que está fazendo?

— Um momento, eu já mostro para você.

Mesmo parecendo cansado e com dificuldade, ele subiu até o último degrau e pegou o que parecia ser uma caixinha de ferro. Desceu, então, com muito mais dificuldade, e então Nicholas se levantou e foi ajudá-lo, não aguentando imaginar o que faria se o homem caísse. Segurou a caixa de ferro e colocou-a na mesa, e depois ajudou o homem a descer e sentou-o em sua cadeira.

— Obrigado, meu filho.

— Você está bem mesmo?

— Por que toda essa preocupação, Nicholas? – ele disse, parecendo irritado, e então puxou a caixa de ferro para mais perto dele – Eu tenho algo para falar com você e isso é muito mais importante do que minha saúde.

Sentindo o peso das palavras do homem, ficou em silêncio, avaliando a caixa. Era do tamanho de um pequeno livro, mas com uma fechadura no lugar onde deveria estar as folhas. Sem compreender muito bem, encarou o Imperador com olhos interrogativos.

— Há algum tempo eu venho pensando quando seria o melhor momento para entregar isso a você, meu filho, e agora vejo que esse momento finalmente chegou. – ele puxou a gola das vestes pelo pescoço e tirou uma pequena corrente de ouro dali.

Muito curioso, Nicholas aproximou-se do Imperador ao vê-lo tirar a correntinha de ouro do pescoço, com uma pequena chave no lugar de um pingente. Sem falar nada, o homem apenas destrancou a caixinha com a chave, mas não a abriu.

— Nicholas, você conhece a história do Escolhido?

— Do Escolhido? – perguntou, e o Imperador confirmou – Conheço sim. Meu pai me contou algumas vezes.

— Conte-me, então.

Sem compreender muito bem, Nicholas começou a contar sobre o Escolhido ser uma pessoa que nasce sem poderes, mas, por alguma razão, ele tinha mais poderes do que os outros, e eles sempre se rebelaram contra o Governo, quando o Imperador o silenciou com uma mão.

— Essa história é uma parte dela. Vou reformular a pergunta: você conhece a história do Manuscrito Milenar?

— Do... Do que, senhor?

— Bom Nicholas... Vejo que fiz mal em não lhe explicar isso antes. – ele respirou fundo e recostou-se à cadeira – Há muitos e muitos anos, quando nosso mundo não tinha governante, tudo era caótico. As guerras pela posse de terra e dominação eram frequentes, e muitos tentavam organizar e pacificar o mundo, sem sucesso. Foi quando nossos ancestrais, Nicholas, as tribos mais fortes, se uniram para trazer paz e um reino para um mundo despedaçado. Apesar de tentarem arduamente, nossos ancestrais pareciam perder cada vez mais com o crescimento de uma população do interior, onde hoje é o estado de Jaker. E então eles ouviram a história sobre o Manuscrito.

“Apesar de escutarem várias histórias fantasiosas e diferentes a respeito do que era esse Manuscrito, nossos antigos ancestrais perceberam que aquilo era uma fonte de poder valiosa, que poderia pôr o mundo nos eixos e que eles deveriam obtê-la. Depois de muitas

lutas, eles conseguiram encontrar o local onde o Manuscrito era mantido guardado, mas aqueles que guardavam esse Manuscrito fizeram um teatro quando nossos ancestrais chegaram à sua tribo, fingindo que o haviam destruído. Apesar disso, nosso ancestral direto, um *Imperi*, percebeu a mentira e foi com os mais fortes buscar a pequena *Intueri*, que fugira com aquele poderoso objeto em suas mãos”.

O Imperador suspirou e sua feição se transformou em algo dolorido e sofrível.

— Senhor? Quer que eu chame um médico?

— Cale-se, Nicholas! – ele resmungou, suspirando – Deixe-me continuar. Nossos ancestrais encontraram a menina e pegaram o Manuscrito dela. O que leram ali fez com que percebessem porque deveriam governar o mundo e ajudá-lo a evoluir. Todos ficaram aliviados com o fim de uma guerra sangrenta e aceitaram prontamente nossos ancestrais como governantes, cientes de que com eles no comando, o mundo seria um lugar de paz e estabilidade.

“Lembra-se das histórias a respeito do Escolhido ser sempre alguém que feria os princípios do Governo e que sempre buscava desestabilizar o Presidente, querendo o poder para si? Foi isso que nossos ancestrais leram no Manuscrito, Nicholas. As guerras entre *Intueris* e Ocultos duram muitas centenas de anos por conta disso aqui”.

Ele abriu a caixinha e Nicholas se aproximou, extremamente curioso. Ali dentro

havia um papel velho, mas completamente legível. Mesmo não entendendo o que estava escrito, percebeu que estava com algo muito poderoso na sua frente, pelo olhar que o Imperador lançava àquela caixinha.

— Isso, Nicholas, é a razão dos Rebeldes nos atacarem. Isso é a razão pelo qual queremos sempre exterminar o Escolhido. Aqui dentro está a chave para desbloquear os poderes do Escolhido e fazê-lo dominar o mundo, trazendo sua tirania e ditadura. E é contra isso que estamos lutando todos esses muitos anos. Há mais de dez anos nós exterminamos o Escolhido que nasceu em uma Vila próxima a cidade de Priori, no país Molokinu. Até então não tivemos mais informações a respeito de um novo nascimento, mas você deve prestar atenção, meu filho. Se alguma criança sem poderes nascer em qualquer parte do mundo, você será avisado e deverá exterminá-lo quanto antes, ou poderá ser um problema futuramente.

Nicholas encarava o Manuscrito a sua frente, um pouco chocado. A quantidade de informação que recebeu fora grande e assustadora, mas nunca imaginara que o motivo pelo qual os Ocultos queriam exterminar os Rebeldes era aquele fino e delicado pedaço de papel, guardado pelo próprio Imperador.

— Você compreende agora, Nicholas, a responsabilidade de um Imperador?

— Eu não... Não sei. – murmurou, ainda em choque. – Não podemos simplesmente

destruir isso?

— Meu filho... — ele disse, aproximando-se da mesa e lhe lançando um sorriso — Isso é a parte essencial da nossa história. É algo muito poderoso. Em mãos erradas ele é um problema, mas em nossas mãos é a solução. Sabemos que o Escolhido não é nada mais do que um problema para nosso governo, graças a isso.

O Imperador fechou os olhos, parecendo lutar contra uma dor maior do que aquela que ele poderia suportar, e então fechou a caixa do Manuscrito e abriu os olhos, trancando-a com a pequena chave dourada.

— Nicholas... Eu estou morrendo.

— Senhor?

— Essa doença, que ninguém consegue encontrar o motivo, e a fraqueza, estão anunciando a minha partida, Nicholas. E além de lhe mostrar o Manuscrito, eu estou passando hoje, não oficialmente, o meu cargo de Imperador. Já falei com seus conselheiros e eles estão a par.

Nicholas simplesmente travou, sem saber o que fazer. Sabia que o dia em que deveria assumir o posto de Imperador não estava longe, mas assim parecia muito mais difícil de digerir.

— Isso não... — começou, ainda chocado — Você não está morrendo!

— Eu não disse que vou morrer amanhã, Nicholas. Mas acho melhor eu colocá-lo como Imperador e ajudá-lo por trás. Minha época já passou. — ele suspirou e encostou-se à cadeira, encarando-o com um sorriso — O que mais tenho medo é de morrer e não poder orientá-lo.

— Eu... Estou confuso.

— Eu imagino que esteja, meu filho, mas não se preocupe com isso. Tome. — ele entregou-lhe o colar com a chave — A partir de hoje, esse Manuscrito está sob sua responsabilidade. Vou guardá-lo lá em cima, e você, e somente você e eu sabemos onde está. Nunca mostre essa chave para ninguém e nem diga onde está. Não podemos confiar em ninguém, além de nós mesmos.

— Sim, senhor. — Nicholas falou automaticamente, pegando a chave e colocando em seu pescoço.

— Que bom. — ele disse, lançando lhe um sorriso cansado — Agora vou deitar. Eu aconselho você a fazer o mesmo. A partir de amanhã terá muito a aprender.

— Sim, senhor.

Lune estava em seus aposentos, pensativa. Sabia que naquele dia chegaria uma mensagem para ela, mas a noite já havia chegado e ainda não fora avisada. Respirou fundo,

mantendo sua mente ativa.

Mais Ocultos chegavam de fora todo dia, se preparando para a grande batalha que ocorreria. O Imperador estava muito orgulhoso da ideia de Nicholas, em atacar a Vila Sol Poente e aproveitar para infiltrar um dos Ocultos entre os Rebeldes. Ele só não contava com um pequeno detalhe: quem estava manipulando cada detalhe daquela missão era ela.

Fora Lune quem fizera Nicholas passar a ideia do espião para o Imperador, que o fazia manter contato direto com os Ocultos e repassar as informações necessárias para a batalha. O que o Imperador também não sabia era que o espião mandava informações parciais a ele, e que somente ela recebia o relatório completo.

Duas batidas na porta fizeram com que se levantasse, excitada. Finalmente! O criado entrou em seus aposentos e ela fechou a porta, pegando o que parecia ser uma travessa de comida, mas que continha somente uma pequena carta escrita às pressas. Sem se importar com seu criado, sentou-se em sua poltrona e começou a ler.

Deu um sorriso assim que terminou e queimou a carta com sua mão.

— O Imperador já recebeu a mensagem?

— Sim, senhora.

— Muito bem. Não quero mais ser incomodada hoje.

— Sim, senhora.

O criado saiu do quarto, deixando-a sozinha novamente. Seus planos estavam totalmente de acordo com o que imaginara. Olhou para as poucas cinzas que caíram no chão e deu um longo sorriso. Lembrou-se da primeira carta que recebera há meses atrás. Não fora nenhuma surpresa para ela saber que Celebriant estava viva e morando entre os Rebeldes. Nunca acreditara na morte da irmã, mas, naquele momento, ela deveria continuar morta para todos os Ocultos.

Seus planos foram aos poucos tomando forma. Com um espião dentro da Base Rebelde, que lhe passava todas as informações possíveis, sabia que precisava fazer com que a irmã estivesse longe da Base quando o ataque ocorresse. Aquilo deveria ser um segredo. E, assim, viu com orgulho seu espião descobrir o que precisava para fomentar uma revolta contra sua irmã.

Mas o que com certeza nem seu espião sabia era que, mesmo que ele não conseguisse expulsar a irmã da Base, Lune faria com que ela saísse por conta própria. Assim que ela soubesse que a pequena Saori havia sido sequestrada pelos Ocultos, Celebriant correria atrás da irmã. O único problema do seu plano foi que a irmã caçula foi caçada e desapareceu sem deixar vestígios. Os Ocultos que tentaram capturar a menina a seu pedido não souberam explicar, mas eles seguiram o rastro dela e em certo ponto ela simplesmente desapareceu. Talvez Celebriant houvesse encontrado a menina antes dela,

pouco importava, pois ela estava longe da Base Rebelde. Mas aquilo já não era problema: Ceres se encarregaria de encontrá-la, viva ou morta.

A porta do quarto se abriu e Nicholas entrou, parecendo um pouco confuso. Ele sentou-se na cama, ficando de frente para ela, encarando-a estranhamente.

— O que houve, Nicholas?

Ele respirou fundo e encarou o teto momentaneamente.

— Eu estava com o Imperador. – ele disse, franzindo o cenho e encarando-a nos olhos.

— Ele está melhor?

— Não. Está piorando cada vez mais.

Lune segurou um sorriso e concordou com a cabeça, fingindo pesar.

— E os médicos não descobriram nada sobre essa doença dele?

— Não. – ele falou, um pouco irritado – Estão fazendo novos exames, mas não sei se isso vai adiantar. – ele suspirou e encarou a esposa profundamente – Lune, você já ouviu falar no Manuscrito Milenar?

Lune fez o possível para encarar o marido com surpresa, mas sempre esperara que esse momento chegasse. Em suas pesquisas, relendo todos os documentos que os Ocultos guardaram durante muito tempo, descobrira muitas coisas. Entre elas, a história desse

Manuscrito e a ciência de que, pelo menos, uma parte dele estava com os Rebeldes. Sabia, também, que o Imperador estava com alguma parte desse Manuscrito e onde se encontrava.

— Já ouvi, sim, Nicholas. – murmurou, fingindo descrença – Minha mãe me contou a real história dos Escolhidos e mencionou esse tal Manuscrito. Mais como uma lenda, é claro, mas mencionou.

— Eu também conhecia como história. – ele disse e sentou-se ao seu lado – Mas é real.

— Como?

— O Imperador me passou, não oficialmente é claro, seu cargo hoje, Lune. Ele acha que está morrendo.

— Mas ele é jovem! – fingiu perplexidade.

— Sim, mas tem medo de morrer e não me orientar. Por isso, hoje ele me mostrou uma parte do Manuscrito, Lune. Sendo Imperador, eu serei o guardião daquilo.

Lune ficou em silêncio enquanto Nicholas se remexia inquieto na poltrona ao lado da sua. Sua cabeça maquinava perfeitamente e sabia exatamente como agir. Estava somente esperando que o Imperador temesse tanto a morte que adiantasse a passagem do cargo para Nicholas.

— Você está confuso. – disse, segurando a mão dele – Vá deitar e eu vou buscar um

copo de água para você.

Ele acenou com a cabeça e tirou os sapatos, jogando-se na cama, enquanto Lune saía do quarto com um sorriso nos lábios. Naquele momento, iria por em prática seu plano.

O Imperador estava sentado em seu aconchegante escritório na casa dos Moringan, sentindo-se fraco. Depois que Nicholas saíra da sala, piorara ainda mais, talvez pelo seu esforço ao subir e pegar o Manuscrito. Havia-o colocado ali depois que mudara para a casa do sucessor, pois sabia que não precisava escondê-lo tão bem. A casa era completamente segura.

Há um mês, começara a passar mal e nenhum médico conseguiu encontrar o motivo. Todosos dias os mais fortes *Curares* tentavam, em vão, retirar a moléstia que o afligia e sugava sua vida, mas quase nunca aliviava aquela sensação que o consumia. Mesmo procurando acreditar que poderia melhorar, sabia que estava morrendo.

Já era tarde da noite e resolveu que iria se deitar e tentar dormir, se assim os rumores dentro de si permitissem. Sempre fora um homem destemido e ambicioso, mas tinha que reconhecer que neste momento estava temeroso. O cansaço e a falta de forças não lhe abandonavam nunca e o deixava acabado pela manhã, mas à noite, as dores e o mal-estar não lhe deixavam dormir. Havia começado a se levantar quando ouviu alguém bater na

porta. Sentou-se novamente e pediu que a pessoa entrasse.

Lune Devoy adentrou na sala, com suas roupas negras costumeiras, andar altivo e confiante, mas com os olhos baixos por estar em sua presença, embora sempre pudesse perceber naquele olhar a firmeza e ambição, algo que ele via em si mesmo sempre.

— Com licença, senhor Imperador. – Lune disse, fazendo uma mesura.

— Entre e sente-se, Lune. – falou, sentindo sua voz começar a falhar, e viu que ela se sentou na sua frente – A que devo essa visita tão tarde?

— Grande Imperador, perdoe-me por lhe incomodar, mas imagino que o senhor deva ser o primeiro a ser informado.

— O que houve?

— Bom... Eu estou grávida, senhor.

— Oh-ho! – o Imperador sorriu, muito feliz – Fico muito contente com essa notícia! Nicholas já sabe?

— Eu acabei de informá-lo e ele pediu que eu contasse ao senhor.

— Estou muito feliz! Isso merece um brinde! – falou, tentando se levantar, mas sentiu uma tontura e sentou-se novamente, cerrando os olhos em uma expressão de dor.

— Senhor, está tudo bem? – ela aproximou-se, parecendo preocupada.

— Estou sentindo-me um pouco mais frágil hoje, mas logo estarei melhor.

- Deixe que eu sirva a bebida, senhor.
- Sirva um pouco de uísque para mim.
- Sim, senhor.

Lune rapidamente dirigiu-se para o armário de bebidas e o Imperador fechou os olhos, cansado. A cada dia que passava, ele sentia menos vontade de viver, e aquela notícia deixou-o feliz. Poderia passar o cargo oficialmente ao seu sucessor ainda naquela semana, fazer sua iniciação e depois deixá-lo reinar, enquanto apenas o ajudava por trás dos panos. Ouviu quando Lune depositou o copo de cristal em sua frente e abriu os olhos. Ela parecia feliz também, e estava com uma pequena taça de vinho tinto nas mãos.

- Não posso exagerar. – ela falou, ao ver o que ele olhava.
- À saúde do herdeiro do Império! – disse, erguendo seu copo.

O Imperador bebeu o uísque em um gole só e apreciou o gosto amargo dele. Sabia que não podia beber, dado ao seu estado de saúde no último mês, mas, naquele momento, deu-se ao luxo de sentir o gosto da bebida.

- Sabe, Lune, fico muito feliz que meu sucessor tenha encontrado alguém com suas especificações para desposar.
- Verdade? – ela deu um sorriso estranho e sentou-se à frente dele – Por quê?
- Apesar de ter minha relutância em relação aos Devoy, graças ao acontecido,

agora vejo que nem todos foram afetados pelas más influências. Você demonstrou ser esperta, inteligente, um soldado leal e exemplar, isso faz de você esposa ideal para um Imperador. – disse, olhando seu copo e admirando o cristal.

— Nessas circunstâncias, eu posso dizer que sim. – ela falou, encarando-o com os olhos brilhantes e inclinando-se para frente. – Mas não será por muito tempo.

— Como? – perguntou, tirando os olhos do seu copo e olhando-a com cuidado, sentindo dentro de si uma desconfiança. – Creio que não compreendi o que está querendo dizer.

— Veja bem, meu senhor. – disse Lune, brincando com o dedo indicador aparentemente machucado na borda da taça de cristal – Mudanças ocorrerão...

Lune olhou dentro dos olhos do Imperador com um olhar decidido, ambicioso, como uma cobra preparada para dar o bote. O Imperador momentaneamente sentiu-se gelar por dentro, paralisado. Era como a sensação de que uma grande tempestade estava se formando. Viu os lábios de Lune abrirem-se em um sorriso de canto e ela continuou a falar:

— O mundo de hoje não precisa somente de um líder, como Nicholas poderia ser, mas de alguém que veja mais longe, que pense acima dos Ocultos.

O Imperador cerrou as duas mãos, com ódio. Que audácia daquela mulher! O que ela estava tentando dizer? Aquele sorriso, já o havia visto, era experiente demais para não

perceber o perigo onde quer que ele estivesse.

— Não estou entendendo o que quer dizer, mas para seu bem, ordeno que pare por aí mesmo! – disse enfaticamente o Imperador que, mesmo com as poucas forças que restavam, levantou-se e gritou – **Guard...**

Não conseguiu terminar a frase, pois sentiu sua voz esmorecer e uma dor quente e compressiva explodiu em suas entranhas, uma vertigem e suor frio o fizeram sentar-se com a mão agarrando o peito e olhou com ódio para Lune.

Lune riu docemente, com um sorriso malicioso.

— Poupe suas poucas forças, ninguém vai escutá-lo no momento. Digamos que eles estão resolvendo um pequeno problema do lado de fora da mansão. Parece que... Alguém estava tentando invadir a propriedade. Mas não fique preocupado, só quero conversar com o senhor! Ou mantê-lo informado, pelo menos... – Lune aproximou-se do Imperador, ainda com aquele sorriso terrível.

Tentou reunir energias para usar seu *Imperi* se necessário, mas a náusea golpeava seu corpo, e o máximo que conseguira foi uma dor mais forte.

— Compreenda, Imperador, que eu não queria fazer isso, mas você é descartável na atual situação.

Os olhos do Imperador arregalaram-se, seu estômago revirou e ele segurou-se na

cadeira.

— Maldita... O que está fazendo? – tentou gritar, mas sua voz saiu como um gemido.

Seu corpo tremia, como se houvesse algo o devorando por dentro. Lune levantou-se e encarou-o com olhos frios.

— Sabe, Imperador... – ela disse, aproximando-se da janela do escritório e parecendo olhar o céu estrelado – O mundo está parado no seu governo. Parado e incompleto. **Você** não tem capacidade de evoluí-lo, pois está muito apegado ao mundo perfeito que pensa que construiu. Mas eu percebo os defeitos e o perigo disso. – ela virou-se para ele, tomando um gole do seu vinho, e começou a caminhar lentamente como um tigre, seus longos cabelos negros balançando ao longo do seu corpo, deixando sua imagem, apesar de linda, mordaz– Nicholas é um ótimo sucessor para o que o senhor deseja para o mundo. Mas eu tenho total e completo poder sobre ele! Veja bem.. A ideia do espião foi minha, isso deixa o senhor feliz, não é mesmo? Resumindo: seu sucessor é o que é, por que eu o manipulo.

Lune inclinou-se para frente e apoiou uma das mãos na mesa. O Imperador, supremo comandante, sentiu-se acuado e com um ódio que jamais sentira por ninguém. Lune disse firmemente com o olhar fixo:

— Mas eu sou a esposa de seu sucessor e carrego neste instante o filho dele no

ventre.

O Imperador contorceu-se em dor e vomitou. Por mais que tentasse estava com dificuldade de usar seu *Imperi* para poder parar aquela louca. O que ela estava dizendo? O que ela queria com tudo aquilo, afinal? Procurando ganhar tempo para buscar uma escapatória, olhou em volta tentando achar uma saída, ou algo que lhe ajudasse, mas não havia nada ali que pudesse detê-la, a não ser seu poder, e resolveu falar com ela até ter forças.

— Que espião? – sua voz estava rouca e dolorosa.

— Estou falando que tudo o que aconteceu com sucesso até agora só foi possível porque eu arquitetei. Eu organizei todas as peças para chegar a esse ponto. Eu sou a responsável! – ela disse, abrindo os braços – Me dê os parabéns, Imperador!

— Você ficou louca? – murmurou, batendo o punho na mesa e juntando todas suas forças em direção a sua mente.

— Louca? Obviamente que não! – disse rindo – Louco é você, por deixar algo tão valioso quanto o Manuscrito Milenar, em um local tão fácil de achar! – ela apontou para onde ele colocara o Manuscrito – Sim, eu sei sobre ele! A raiva por ter crescido à sombra de outros me deu forças para ser a melhor, em todos os sentidos. Eu imaginei que vindo morar aqui você otraria... Mas não imaginei que o deixaria tão exposto! Tão fácil de

encontrar... Porém, não se preocupe. Nicholas vai pensar em um jeito eficaz de guardá-lo... E com certeza terá minha ajuda.

O Imperador sentiu a tontura invadi-lo tão forte que caiu da cadeira. Viu que Lune se aproximou dele lentamente, com um sorriso terrível em seu rosto, e finalmente percebeu que seria sua única chance de destruí-la. Concentrado, usou seu *Imperi*, no nível mais alto, algo que jamais precisara usar em toda sua vida. Chegou a ver as conexões do cérebro da mulher se abrirem, sentiu que entrava em seus pensamentos, mas antes que pudesse sequer congelar suas ligações, uma dor gigantesca percorreu todo seu corpo e ele percebeu que a mulher lhe dera um choque com seu *Kassan* para se defender.

— Que indelicadeza, senhor Imperador! – ela falou, docemente, mas não havia nada de doce no olhar que ela lhe lançava – Não há ninguém nesse mundo capaz de me deter... A não ser, quem sabe, você, se não estivesse assim... – Olhou para o Imperador como alguém que vê algo grotesco – Mas não sou tola em não perceber que tem seus contatos, portanto, não me leve a mal, mas eu tenho que matá-lo.

— Sua maldita! – ele grunhiu, começando a xingá-la de todos os insultos que se lembrava, mas ela rapidamente cortou sua mão com um pequeno punhal que tirou do bolso e colocou-o na boca do homem, segurando sua cabeça firmemente com a outra mão para que não conseguisse tirá-lo de lá.

Sem compreender, o Imperador sentiu algo viscoso e agri-doce descer pela sua garganta, e então ela tirou o braço. No mesmo instante, a visão dele ficou turva, seus membros pareciam não obedecê-lo, sentiu vagorosamente seu corpo precipitar-se com um baque surdo no chão. Estava nauseado, seu corpo ardia em uma dor na qual jamais pensou que pudesse ser sentida, seu coração batia rapidamente e fora do compasso e sentiu suas veias do pescoço incharem. Sabia que estava quase no fim e encostou a cabeça no chão, enjoado.

— Você e seu ridículo poder! Como se o *Imperi* fosse melhor ou mais poderosodo que o *Kassan*! — ela sorriu, encarando-o com superioridade e mostrando o braço ensanguentado — Você deveria cuidar melhor de sua segurança. Eu consegui diminuir sua força com veneno em um mês e planejei o necessário para estarmos nesta cena, sozinhos.

— Ve-veneno? — murmurou, passando a mão em sua boca e vendo sangue nela.

Lune ergueu a mão e lambeu seu próprio sangue. Seus olhos eram os mais cruéis que o Imperador já havia visto. Ele, que se julgava o mais sábio, não percebera que a mais letal das serpentes estava sendo criada a um passo de sua própria mão.

— Nunca imaginaria, não é? Qual venenopassaria despercebido pelos mais poderosos *Curares*? — ela limpou sua mão com um lenço e enrolou-a no pequeno corte que fez — Todos vocês consideravam aCelebriant uma joia rara... — ela grunhiu, encarando-o

com ódio, e sua voz ficou fria – Pensou que meus pais tinham um *Kassan* evoluído! Mas eles nunca chegaram ao ponto que eu cheguei! Eles nunca serão tão poderosos quanto eu sou! Tive que sacrificar muito, mas consegui! Você sabia, Imperador, que um dos poderes de destruição do *Kassan* é o envenenamento? E você sabia que o veneno que corre em minhas veias, quando puro, pode matar com apenas algumas gotas?

Lune sorriu, apontando o dedo para a taça.

— Agora você compreende como meu poder é muito melhor, Imperador?

Uma sensação de desespero percorreu seu corpo como ondas de choque. Veneno de *Kassan*! Foi assim então que ela conseguiu. Mesmo não sentindo o corpo, o Imperador queria lutar. Desejou com todas suas forças poder levantar e destruir aquela mulher maldita, mas, naquele momento, seu corpo retorceu-se, uma náusea cortante emudeceu seus mais desesperados pensamentos e o vômito explodiu para fora de sua boca com um jorro de sangue. Seu corpo perdeu os movimentos precisos e sentiu sua consciência ser levada para longe vagarosamente.

— Você está morrendo, Imperador, mas saiba que não há motivo para desespero! – ela deu um sorriso irônico e afastou-se, olhando novamente pela janela – O mundo será um lugar bem diferente daqui por diante. O mundo precisa de mudanças, e você já não fará mais parte disso.

O Imperador abriu a boca para falar, mas sua voz não saía. Sua respiração estava fraca, o ar não entrava em seu corpo. Sentia como se houvesse uma bola prendendo sua voz e respiração. Lune voltou seus olhos para ele, aproximando-se lentamente. Abaixou-se ao seu lado e encostou os lábios em seu ouvido, sussurrando algo. Os olhos do Imperador se arregalaram com o que a mulher dissera. Tentou se mexer, sair daquilo e se salvar. Não podia deixar que aquilo acontecesse! Mas a mulher apenas lançou-lhe outro sorriso, levantou-se, pegou o copo e a taça e levou-os consigo. Antes de sair, contudo, ela parou na porta e deu uma última olhada para trás:

— Eu irei cuidar bem do seu cargo, daqui por diante. Bons sonhos, Imperador.

Assim que ela saiu da sala, o Imperador fechou os olhos, temendo o que Lune Devoy faria com todos os Ocultos. E então, tudo se perdeu na escuridão.

Rabiscos da autora:

Olá leitor! Muito obrigada por acompanhar a história de Celebriant até aqui! Me sinto honrada com você, pois o livro 2 é, antes de tudo, uma realização para mim como escritora e ele nada seria se não fosse você leitor! Espero que tenha gostado!

Quer dar sua opinião sobre o livro? Aprovou? Odiou? Curta a [fanpage da Série](#) e deixe uma autora feliz com seus comentários xD

Série Devoy – livro III

CURARE

Depois dos acontecimentos anteriores, Nicholas é finalmente nomeado Imperador dos Ocultos, passando pela Iniciação que todos os antigos Imperadores passaram. Sua esposa, Lune, finalmente mostra do que é capaz, orientando seu marido a algo que nem ele imagina. Enquanto isso, os Rebeldes têm que correr contra o tempo com um ataque à sua Base e Celebriant procura desesperadamente sua irmã Saori pelo mundo, ciente de que algo terrível pode ter acontecido com a pequena.

[Acesse o site oficial da série e acompanhe as novidades!](#)

Devoy tem uma série-irmã, conhece?

Poucas pessoas sabem e a maioria delas ainda confundem pensando que Lhaisa Andriaie eu somos a mesma pessoa. Não, não somos! Mas, nesse universo literário, praticamente fazemos tudo juntas.

Lhaisa e eu nos conhecemos na época da escola (2001 – Foz do Iguaçu) e desde então escrevemos juntas. Começamos com as fãfics e depois de uma década de amizade nos aventuramos nos originais. Por essa proximidade que temos, uma é leitora-beta a outra

Então, se você gostou da Série Devoy, não deixe de conhecer a [Série Almakia!](#)

SELO LUMUS

Mundos de fantasias parecem não ter limites.

Através do folhear das páginas, embarcamos em jornadas mágicas, épicas, sombrias, repletas de aventuras e perigos. Mesmo que elas fiquem apenas na imaginação e na empolgação pela leitura, foi um momento de nossas vidas que valeu a pena. Essa magia é única.

A nossa proposta com o Selo Lumus é buscar essa magia nas histórias dos nossos escritores nacionais. Entretanto, não procuramos apenas pelo elemento fantástico. Acreditamos que as histórias precisam ter um algo a mais, que nos conquiste ao ponto de arrastarmos aquele amigo-leitor até a vitrine de uma livraria e exclamarmos cheias de razão “Você precisa ler esse livro!”

Você também procura leituras assim?

Então conheça os outros lidos do Selo Lumus!

- Lhaisa Andria e Paula Vendramini –

Caçadoras de histórias fantásticas nacionais da Editora Modo.

Acesse nossos links e saiba mais sobre o Projeto Selo Lumus:

<http://modoeditora.com.br>

<http://selolumus.com.br>

blog: <http://selolumus.wordpress.com>

Fanpage: <http://fb/selolumus>